



PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

WELTON VALE PEREIRA

**SABERES HISTÓRICOS INTERDISCIPLINARES: História e Ensino da Pesquisa para
formação de pesquisadores no bairro do Anjo da Guarda**

São Luís

2024



WELTON VALE PEREIRA

**SABERES HISTÓRICOS INTERDISCIPLINARES: História e Ensino da Pesquisa para
formação de pesquisadores no bairro do Anjo da Guarda**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção de título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, na Linha de Pesquisa Sabres Históricos.

Orientador(a): Profa. Dra. Marize Helena de Campos.

São Luís

2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Pereira, Welton Vale.

Saberes Históricos Interdisciplinares : História e Ensino da Pesquisa Para Formação de Pesquisadores No Bairro do Anjo da Guarda / Welton Vale Pereira. - 2024. 220 p.

Orientador(a): Marize Helena de Campos.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Rede - Mestrado Profissional em Ensino de História, Universidade Federal do Maranhão, São Luis, 2024.

1. Saberes Históricos. 2. Ensino de História. 3. História. 4. História Local. 5. Interdisciplinaridade. I. de Campos, Marize Helena. II. Título.

WELTON VALE PEREIRA

SABERES HISTÓRICOS INTERDISCIPLINARES: História e Ensino da Pesquisa para formação de pesquisadores no bairro do Anjo da Guarda

Dissertação apresentada como requisito para obtenção de título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, na Linha de Pesquisa Sabres Históricos.

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Marize Helena de Campos (Orientadora)

Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Telma Bonifácio dos Santos Reinaldo (1º Examinador)

Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Antônio Evaldo Almeida Barros (2º Examinador)

Universidade Federal do Maranhão

São Luís

2024

Dedico este trabalho a Deus, sempre ao Criador, toda honra. Também, a extensão vai a todos os meus alunos e ex-alunos que passaram pelo processo de formação de alunos-pesquisadores, assim como a cada professor e toda a coordenação e diretoria do Instituto Educacional Menino Jesus, ao bairro do Anjo da Guarda e toda a região do Itaqui-Bacanga. Dedico este, a minha querida Universidade Federal do Maranhão – UFMA e ao PROFHISTÓRIA.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos são fiéis aos meus familiares por inteiro e amigos diversos, irmãos sem exceções.

Abro uma ênfase em meus três sobrinhos que nasceram nessa jornada, Agnes Monteiro Castro, Jordan Willas França Pereira Silva, e os amigos Janaína de Jesus Rabelo Mendonça, Inaldo Garcia de Melo e Heleno Cassiano Mendonça Filho, pelo apoio e pela consideração que tiveram em todos os dias dentro e fora do ambiente escolar.

Faço valer o sentimento de gratidão à minha querida orientadora, Marize Helena de Campos, a quem devo a maternidade científica e a confiança no processo de formação de graduação e pós-graduação; aproveitando para agradecer à Universidade Federal do Maranhão e ao Programa de Mestrado do PROFHISTÓRIA/UFMA, assim como a todos os professores que ali participaram da minha formação.

Ao meu querido campo de pesquisa, o Instituto Educacional Menino Jesus; espaço que implantei o Seminário Interdisciplinar de Incentivo à Pesquisa, elevando a gratidão aos alunos, professores coordenadores e toda a direção escolar, seguindo nesse ensejo de agradecimentos aos ex-alunos que sempre estão presentes.

Aos meus queridos pais, em registro e o biológico, respectivamente, José de Jesus Pereira (obrigado por tudo) e Ademar de Castro Pereira, o qual me concedeu, junto à sua esposa, a querida tia Ana Raimunda França Pereira, a morada e um lar e toda a conjuntura para que pudesse alçar novos voos e horizontes.

À minha mãe, uma mulher de fé e confiança em Deus, Luzimar dos Santos Vale, uma guerreira que mora eternamente em meu coração.

Não esqueço aqui cada entrevistado, cada morador que me deu ouvidos no Anjo da Guarda.

E, claro, sempre em primeiro e mais importante lugar, a Deus, o soberano Pai esteve sempre comigo, nas lágrimas, nas dores e nas conquistas, a cada luta, o Espírito Santo me acompanhou e lutou em meu favor, meu Deus, meu Senhor, sempre gratidão!

RESUMO

Trata-se da análise das rotinas dos docentes de professores (as), alunos (as), de uma escola no bairro do Anjo da Guarda, no centro da região do Itaqui-Bacanga, em São Luís – Maranhão, fundamenta-se no conceito de Interdisciplinaridade de Fazenda (1993), Freire (1996), Santos (2019) com vista à formação de uma consciência histórica de Rüsen (2001), entendida como forma da consciência humana que está relacionada imediatamente com a vida humana prática. Utiliza-se a metodologia de análise descritiva de cunho qualitativo ancorado em um Projeto de intervenção na escola campo da pesquisa, oportunizando romper os muros da escola participando do Seminário de Interdisciplinar de Incentivo à Pesquisa – SEMIP, socializando as experiências e os experimentos desenvolvidos por professores (as) alunos (as) da referida escola. Coleta-se os dados desse exercício de extensão pedagógica através de observação, entrevistas e questionários aplicados ao público alvo para quantificar os resultados objetivados inicialmente. Encontram-se resultados que motivaram a sugerir através de um Caderno Pedagógico, complemento dessa dissertação de Mestrado, oferecer orientações básicas para que os sujeitos, em outros contextos educativos, possam replicar tais experiências e experimentos, pressupondo-se que essa metodologia possa ser de valor imensurável para a melhoria do ensino e das aprendizagens dos alunos (as) do Ensino Fundamental – Anos Finais na escola; campo de pesquisa.

Palavras-chave: saberes históricos; ensino de história; história; história local; interdisciplinaridade.

ABSTRACT

This analysis focuses on the routines of teachers and students at a school in the Anjo da Guarda neighborhood, located in the Itaqui-Bacanga region of São Luís, Maranhão. It is based on the concept of interdisciplinarity as presented by Fazenda (1993), Freire (1996), and Santos (2019), with the aim of developing a historical consciousness as defined by Rüsen (2001), which is understood as a form of human consciousness directly related to practical human life. The study employs a qualitative descriptive analysis methodology anchored in an intervention project at the research school. This approach allows for breaking the boundaries of the school by participating in the Interdisciplinary Research Incentive Seminar – SEMIP, where the experiences and experiments developed by teachers and students from the school are shared. Data for this pedagogical extension exercise is collected through observation, interviews, and questionnaires applied to the target audience to quantify the initially intended results. The findings prompted the suggestion, through a Pedagogical Notebook, which complements this master's dissertation, to offer basic guidelines so that individuals in other educational contexts may replicate these experiences and experiments. It is assumed that this methodology could be of immeasurable value for improving teaching and learning outcomes for students in the final years of elementary education at the research school.

Keywords: historical knowledge; history education; history; local history; interdisciplinarity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Discussão sobre o projeto pesquisado do Grupo 1 do 7º B	33
Figura 2 - Banner da exposição da pesquisa.....	40
Figura 3 - Formação do bairro do Anjo da Guarda	51
Figura 4 - Representante comunitário da Rádio Bacanga FM	54
Figura 5 - Teatro Itapecuraiá	56
Figura 6 - Encenação da Via Sacra no Anjo da Guarda em São Luís	57
Figura 7 - Fachada da ACIB.....	59
Figura 8 - Mappa da Ilha de S. Luiz do Maranhão (1820)	62
Figura 9 - Avenida José Sarney	63
Figura 10 - Mapa da extensa avenida José Sarney	64
Figura 11 - Morro do Coiote com vista a nova São Luís	65
Figura 12 - Ermida Guia.....	66
Figura 13 - Ruínas da Ermida da Guia	67
Figura 14 - Vista da Camboa de Pedras	69
Figura 15 - Camboas de Pedras na Praia da Guia.....	70
Figura 16 - Rampa de passagem dos Carmelitas na Ponta do Bonfim.....	71
Figura 17 - Pesquisa sobre o Bonfim	73
Figura 18 - Banner sobre a pesquisa ambiental.....	75
Figura 19 - Fachada do Instituto Educacional Menino Jesus	79
Figura 20 - Parte interna da escola	81
Figura 21 - Autor do Projeto.....	88
Figura 22 - Professores e monitores no IV SEMIP em 2019	89
Figura 23 - Atuação da Monitoria no processo avaliativo.....	97
Figura 24 - Apresentação do aluno-pesquisador	102
Figura 25 - Alunos-pesquisadores apresentando sua pesquisa.....	103
Figura 26 - A Diretoria e os convidados do SEMIP.....	105
Figura 27 - Apresentação do SEMIP.....	115
Figura 28 - Entrega da Placa de Gratidão ao professor-coordenador do SEMIP	116
Figura 29 - Entrevista na Rádio UFMA	117

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Objetivos e resultados esperados.....	42
Quadro 2 - Etapas da pesquisa.....	43
Quadro 3 - Espaços de possível plantio no Anjo da Guarda	76
Quadro 4 - Disciplinas do IEMJ	82
Quadro 5 - Metas da escola	84
Quadro 6 - Questionário Avaliativo do Seminário Interdisciplinar de Incentivo à Pesquisa...	96
Quadro 7 - Quadro dos beneficiários.....	106
Quadro 8 - Quadro de fases	107
Quadro 9 - Dados da Organização Escolar.....	107
Quadro 10 - Eixos Temáticos	108
Quadro 11 - Distribuição das Turmas e Equipes	109
Quadro 12 - Grupos de estudos do SEMIP.....	110
Quadro 13 - Dados da Pesquisa Bibliográfica.....	111
Quadro 14 - Modelo os itens dos pôsteres.....	113

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - A relação da pesquisa e o SEMIP	14
Gráfico 2 - Passo a passo da pesquisa sobre a Feira do Anjo da Guarda	38
Gráfico 3 - Resultados dos questionários do 6º ano em 2024	94

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACIB – Associação Comunitária do Itaqui Bacanga

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

COLUN - Colégio Universitário da Universidade Federal do Maranhão

EMAP - Empresa Maranhense de Administração Portuária

IEMA - Instituto de Energia e Meio Ambiente

IEMJ - Instituto Educacional Menino Jesus

IFMA - Instituto Federal do Maranhão

FAPEMA – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Maranhão

LDB – Leis das Diretrizes Básicas

SEMAPA – Secretaria Municipal de Abastecimento, Pesca e Agricultura

SEMIP - Seminário Interdisciplinar de Incentivo à Pesquisa

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 HISTÓRIA, O ENSINO DE HISTÓRIA E A PESQUISA: INSTRUMENTOS DE UMA FORMAÇÃO CIDADÃ PARTICIPATIVA	17
2.1 O ensino de História discutindo a História e a pesquisa como fundamentos do professor-pesquisador	17
2.2 Reflexões sobre a consciência histórica para atuação do professor-pesquisador na formação do aluno-pesquisador	26
2.3 A interdisciplinaridade e a metodologia de projetos fundamentando a pesquisa como instrumento de ensino de História	35
3 UMA BREVE APRESENTAÇÃO DO bairro do ANJO DA GUARDA	46
3.1 História Local e sua relação com a história nacional	47
3.2 Anjo da Guarda, um lugar de História conectada a outras Histórias do eixo Itaqui- Bacanga	60
3.3 O Anjo da Guarda, um lugar de pesquisa e pesquisadores	72
4 UM OLHAR SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DE PESQUISA NO ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS.....	78
4.1 O Instituto educacional Menino Jesus, uma escola de Projetos, um espaço de formação de pesquisadores	78
4.2 Experiências na aplicação do Seminário Interdisciplinar de Incentivo a Pesquisa ...	88
4.3 Conhecer para semear o Projeto Seminário Interdisciplinar de Incentivo à Pesquisa	101
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	118
REFERÊNCIAS	123
ANEXOS	130

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como pressuposto apresentar a importância do Ensino de História com uma metodologia fundamentada em um Projeto Interdisciplinar que apresenta a formação de alunos-pesquisadores no Ensino Fundamental – Anos Finais da Educação Básica. Nele, consta a pesquisa científica como instrumento da formação do sujeito histórico na sociedade na qual é partícipe; além de proporcionar aos alunos o desenvolver da consciência histórica.

A pesquisa é fruto ou continuidade da atividade trabalhada na monografia do Curso de História da Universidade Federal do Maranhão, que apresenta um teórico-prático de levar os alunos a reconhecerem-se a como pesquisadores, e aos professores de História a didática do ensino por pesquisa. Nesse sentido, foi desenvolvida sob uma perspectiva na qual o professor é estimulado e levado a participar de um projeto de interdisciplinaridade de incentivo à pesquisa.

O uso de projetos para o processo de ensino-aprendizagem é apreciado como o eixo norteador que tende a levar os professores a se identificarem e entenderem o método ensino por pesquisa, encaminhando meios e ferramentas capazes de despertar no estudante (criança ou adolescente) que se forma pesquisador a sua consciência histórica, levando-os à percepção do seu papel sociocultural e histórico, assim como a reconhecer a pluralidade existente dentro da região em que está inserido.

O aprendizado revelado no trabalho de conclusão de curso, de fato, consolidou inúmeros resultados e, principalmente, a formação de alunos-pesquisadores no Ensino Fundamental – Anos Finais. No autor da pesquisa, tal aprendizado deu, novamente, a certeza incontestável da importância de implantar e desenvolver o Seminário de Incentivo à Pesquisa (SEMIP), seja pelo profundo desejo de despertar o interesse dos alunos de outros espaços nos conteúdos trabalhados na disciplina de História, seja na busca de inseri-los no ambiente escolar de forma ativa e nas demais disciplinas por meio da interdisciplinaridade pelo prazer de fazer e não pela obrigatoriedade existente; por apresentar a importância de ser um professor-pesquisador.

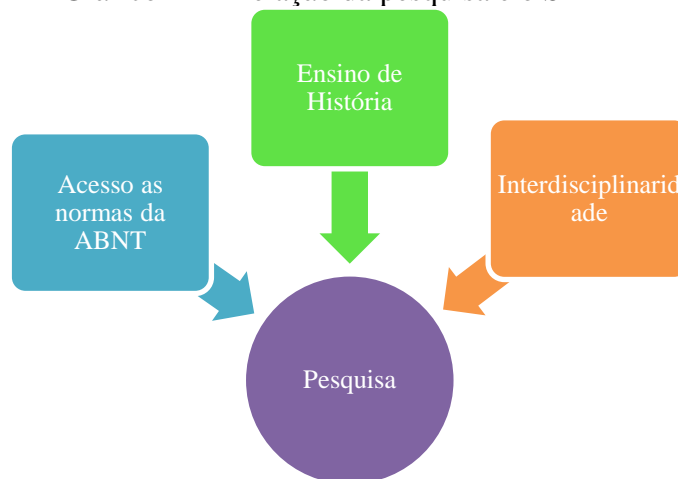
Nessa lógica, este trabalho apresenta a vivência e a produção profissional como professor da disciplina de História no Instituto Educacional Menino Jesus, localizado no bairro do Anjo da Guarda, somado ao aprendizado no meio acadêmico voltado aos Saberes Históricos, pois foram a base para que a implantação de um projeto interdisciplinar, cuja finalidade é uma educação com pesquisa científica na Educação Básica, com o olhar dos alunos que assumem o papel de pesquisadores em sua própria comunidade, trabalhando em uma lógica a partir do que aponta Certeau (1982), quando afirma que o real que se institui na falação historiográfica

provém dos assentamentos de um lugar; logo, o ensino poderá e deve se voltar para a compreensão do espaço onde o sujeito se encontra inserido.

Ressalta-se, ainda, como justificativa, que o fruto do desejo desta produção nasceu da relação do conhecimento adquirido da formação em História com o Projeto Seminário Interdisciplinar de Incentivo à Pesquisa (SEMIP) e das novas propostas que surgiram nas discussões realizadas no Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), investigando as edições do Projeto com base na perspectiva da ação do Ensino de História aplicada à visão do alunado e voltado para compreensão de sua realidade e o seu espaço, considerando o incessante fazer de caracterização (entre eventos, entre tempos, entre informações ou entre alas, etc.), pois é, em história, a categoria de todo relacionamento dos subsídios distintos e, portanto, de sua compreensão (Certeau, 1982).

Observou-se, nesta dissertação, os resultados do Seminário de Incentivo à Pesquisa, em seis edições (2016-2022), e suas propostas de expansão para outros espaços. Por isso, novas discussões sobre os Métodos e a Metodologia de Ensino de História por meio desse Projeto que tem relação direta com o ensino de História. Deve-se pensar a respeito do incentivo à pesquisa e ao investimento para o desenvolvimento de novas práticas educativas para as escolas inserindo projetos edificantes. O Seminário Interdisciplinar de Incentivo à Pesquisa em suas ações propõe que o aluno-pesquisador tenha acesso direto aos instrumentos de pesquisas.

Gráfico 1 - A relação da pesquisa e o SEMIP



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Deve-se criar novas práticas de ensino para que seja possível mobilizar ações para a introdução dos investimentos necessários na educação. É a ação do professor/pesquisador de História possibilitando novas ferramentas para a educação, inserindo o aluno-pesquisador nas práticas de pesquisa que só teria acesso no Ensino Superior. O SEMIP é uma alternativa que

faz do estudante o protagonista do processo de ensino-aprendizagem e do professor; bem como para mudanças na vida de alunos que se tornam protagonistas também do seu processo de aprendizagem, trabalhando com aluno em atividades de campo ou bibliográfica.

Para isso, utiliza-se do que aponta Freire, Demo e Schmitd, em que relacionam o ensino de História e a pesquisa propondo buscas na plataforma do Profhistória, em seus bancos de dissertações que fundamentaram teoricamente este trabalho. Nesse aspecto, a reflexão apresentada em torno da temática deste projeto se encontra de forma bastante direta embasada no ensino de História, somando ao ensino por pesquisas e a visão do aluno-pesquisador desenvolvidas na área do Itaquí- Bacanga, ampliando estudos no seguimento do Ensino Fundamental - Anos Finais (Educação Básica), pensando, assim, em como oportunizar aos alunos de criar ou desenvolver habilidades, optou-se por apresentar o tema que baliza esta dissertação: Saberes Históricos e o Ensino de História: projeto de incentivos à pesquisa no segmento de Ensino do Fundamental – Anos Finais, discutindo a formação do aluno-pesquisador. Sob esse prisma, sua estruturação dá-se em três capítulos.

No primeiro capítulo, pretendeu-se permear com a temática História, o Ensino de História e a Pesquisa como instrumentos de uma formação participativa, discutindo pontos-chaves divididos em três tópicos: História e a pesquisa em História; O Ensino de História na formação do aluno-pesquisador. A Interdisciplinaridade e a Pesquisa como instrumentos de Ensino de História objetivam reconhecer a importância de contribuir para a formação do aluno-pesquisador e o sujeito histórico que participa ativamente da sua sociedade, e isso dotado de autonomia e responsabilidade.

Sendo assim, buscou-se apresentar a relevância para o ensino de História na Educação Básica e os trabalhos interdisciplinares que sejam direcionados ao campo da pesquisa. Para tanto, é preciso considerar a visão do educando e em como ele vê seu processo de formação; em contrapartida, quanto ao docente, este precisa enxergar e considerar efeitos e defeitos de suas metodologias aplicadas em sala.

Para o Segundo Capítulo, a discussão se pauta no reconhecimento do processo histórico na região e seus conglomerados, apresentando com breves tópicos sobre História e Memória na perspectiva das vivências dos residentes do Anjo da Guarda e das Histórias conectadas; intitulado *Uma Breve apresentação do bairro do Anjo da Guarda, um lugar de pesquisas e pesquisadores*. Todos os tópicos ligados diretamente ao processo de formação do aluno-pesquisador, com o objetivo de conhecer a região e entender seu processo de interferência e ação internos, sabendo como as pesquisas podem contribuir para o reconhecimento histórico da região.

O Terceiro Capítulo, intitulado *Um olhar sobre as experiências para aplicação da Alfabetização Científica no Ensino Fundamental – Anos Finais*, apresenta a iniciação científica no Instituto Educacional Menino Jesus, buscando discutir como um projeto interdisciplinar de incentivo à pesquisa aplicado na escola, decorrente da disciplina de História com a finalidade de formar alunos-pesquisadores na região, tem promovido resultados na vida dos seus alunos e ex-alunos. Destaca-se a apresentação da escola e a visão dos alunos-pesquisadores e dos professores finalizando o olhar dos monitores que participam do projeto.

Como produto, foi proposto um Caderno Pedagógico em que o professor possa ter acesso ao Seminário Interdisciplinar de Incentivo à Pesquisa (SEMIP), aplicando-o em suas escolas por meio de oficinas histórica. A oficina histórica 1, “Pelos olhares do ensinar e aprender História a partir da pesquisa”, na qual foi trabalhada um pouco a História, relacionando com a pesquisa, constituindo como realizar a pesquisa no ensino de História. Enquanto isso, na Oficina 2, a “História Local: memórias que ensinam a aprender”, trabalhou-se a história local apresentando a importância de trabalhar as atividades de pesquisas seguindo as normas da Associação Brasileira de Normas e Trabalho (ABNT). Na Oficina 3, a proposta foi com a “Implantação do projeto/Ação Museu em sala”, com os alunos do 6º ano e 7º ano, desenvolvendo ações de reconhecimento dos espaços da região do Itaqui-Bacanga. Para finalizar, utilizou-se o caderno com a “Aplicação do Seminário Interdisciplinar de Incentivo à Pesquisa (SEMIP)” como instrumento formador de alunos-pesquisadores.

Dessa forma, esta dissertação é um trabalho contínuo que reforça o papel do aluno-pesquisador com a atuação do professor-pesquisador, o qual reforça, induz e cria estratégias a fim de que o sujeito aprenda e também transmita suas informações reforçando o ensino e a importância de História para confrontar as negações que surgiram neste século.

2 HISTÓRIA, O ENSINO DE HISTÓRIA E A PESQUISA: INSTRUMENTOS DE UMA FORMAÇÃO CIDADÃ PARTICIPATIVA

Pode-se definir apontamentos que competem em compreender os processos históricos e os elementos fundamentais para a atuação do historiador no processo historiográfico e do professor de história no processo de ensino-aprendizagem, localizando fatores essenciais que podem se configurar como históricos sem apresentar a História como uma vitrine de encantamentos do passado que ainda resiste no presente; pois, no que afirma Bloch, a História não faz parte/não é uma relojoaria. Nesse caso, torna-se ainda mais desafiador o ensino da História.

Destarte, neste primeiro capítulo, partiu-se de algumas considerações relevantes para este estudo, das quais se destacaram a História, o ensino de História e a pesquisa em História. Tais discussões nortearam problemáticas da interpretação da História e o professor de História como pesquisador para reflexões de viés metodológico do ensino de História, enquadrando a interdisciplinaridade e as relevantes práticas do professor-pesquisador no ensino da História na formação integral do aluno-pesquisador.

2.1 O ensino de História discutindo a História e a pesquisa como fundamentos do professor-pesquisador

A História sempre provocou na humanidade certa inquietação pelo que ela é, por sua existência. Tal qual não pode ser destituída, porém, em uma visão eurocêntrica, poderá ser apresentada aos olhos dos imaginários com as perspectivas políticas e sociais silenciadas, exceto se aquele que busca for um investigador histórico, um pesquisador da História determinado em seu ofício.

O historiador Marc Bloch, em *Apologia da História*, afirma que:

A palavra história é antiqüíssima: [tão antiga que às vezes nos cansamos dela. Raramente, é verdade, chegou-se a querer riscá-la completamente do vocabulário.] os próprios sociólogos da era durkheimiana lhe dão espaço. Mas é para relegá-la a um singelo cantinho das ciências do homem, uma espécie de calabouço, onde reservando a sociologia tudo que lhes parece suscetível de análise racional, despejam os fatos humanos julgados ao mesmo tempo mais superficiais e mais fortuitos (Bloch, 1944, p. 51).

A História não é um instrumento que se usa apenas para julgar, reter ou aprovar a ação do homem, tampouco aprovado apenas como uma ciência do passado ou que estuda o passado. Ela vai muito além de fatos humanos; recolhe experiências, o tempo histórico, a marca, as

rupturas e as continuidades. A História apresenta os fenômenos e se dispõe à crítica da interpretação do passado no presente ou para entendimento do futuro.

O termo história é convertido em instrumento normativo da luta política e será objeto de disputa entre proposições mais ou menos revolucionárias que compreendem a si mesmas como intérpretes fiéis dos verdadeiros propósitos desse processo universal. Se as histórias (no plural) guardavam a sabedoria acumulada pelos exemplos do passado para servir de guia à conduta presente, evitando a repetição dos erros e estimulando a reprodução do sucesso, a História (como um singular coletivo) tornou-se uma dimensão inescapável do próprio devir, obrigando toda ação social a assumir horizontes de expectativa futura que a inscrevam como um desdobramento consoante com o processo temporal. Não se trata tão-somente de uma alteração nos significados tradicionais, mas de uma verdadeira revolução nas maneiras de se conceber a vida em geral, de imaginar o que nela é possível ou não, assim como o que dela se deve esperar (Koselleck, 2006, p. 11).

Reconhecer o processo temporal para compreender a História e seus conceitos é fundamental, pois assim se constitui uma estrutura ao conhecimento histórico como um via para compreender o tempo presente e antecipar o futuro (Rüsen, 2001). E, ao inserir essa questão ao próprio tempo em que se vive, faz-se um contorno de um ponto importante, pois supõe que uma experiência individual de vida seja também vista como uma experiência coletiva; ainda que, em certo sentido, isso possa ser verdade (Hobsbawm, 1998).

O trabalho com a temporalidade no ensino da História não significa que o tempo seja, em si mesmo, o conteúdo a ser trabalhado, mas implica, sim, um pressuposto metodológico essencial para a compreensão e o raciocínio históricos (Schmidt, 2004, p. 80).

Configura-se, assim, como inevitável a compreensão do tempo para entender a História, de modo que o trabalho com as noções temporais precisa incluir, de maneira clara e explícita, a compreensão dessas temporalidades (Schmidt, 2004, p. 8). Koselleck (2006) faz despertar sobre as fontes do passado, apresentando-as como capazes de dar notícia rápida sobre acontecimentos e conceitos, sobre planos e fatos, mas não a respeito do tempo histórico em si.

Nos tempos contemporâneos, em especial, neste século, a concepção de História e o historiador passam por uma ação que promove quem se apresenta e fala da História como um campo lúdico e imaginário, perdendo a função do processo historiográfico. Tornou-se algo que um sujeito é promovido ao publicar, sem intenção da reflexão, um passado por passado, uma notícia, uma curiosidade, algo que poucos sabem.

A História do tempo presente que se encontra na intersecção do presente e da longa duração coloca o problema de se conhecer como o presente é construído no tempo (Dosse, 2012). Quem tornasse público e se sustentasse como dominador da História, não como pertencente a ela, mas como um sujeito que vivesse dos links que são promovidos por meio do que fala de História, não conhece como a História é construída.

Tem-se como exemplo inúmeros canais de História promovidos de forma aleatória para a transmissão de assuntos históricos polêmicos. Os famosos *youtubers* que propõem uma História sem a função do historiador ou sequer a necessidade deste. Os meios midiáticos dominam uma informação que, por muitas vezes, estão vazias de fundamentos e até mesmo da reflexão histórica.

Para Malerba (2017), no esforço de se fazer da História uma ciência social, perdeu-se muito do vínculo com a literatura, ou seja, a escrita se prende em uma linguagem formalmente técnica; uma linguagem que compreende apenas aqueles que entendem as correntes historiográficas. Logo, historiadores e letrados que têm por vontade o desejo de compreender a historiografia, a escrita é para pares, assim, afastada do grande público.

Quando o historiador era o profissional treinado na pesquisa crítica e documental e o leitor era o homem educado, o leigo letrado. Mas será ainda assim? Nos dias de hoje, a equação historiador/historiografia/público tornou-se mais complexa. A “história pública” surgiu no contexto dessa amplificação dos públicos: não como exclusivamente “audiências”, consumidores de história, mas, em alguma medida, como debatido a seguir, público gerador de história (Malerba, 2017, p. 141).

Nesse caso, uma nova visão da escrita é essencial para se discutir a atuação do historiador que tem a necessidade, bem como o direito de analisar essa nova maneira de promoção da informação por meio das mídias, na qual delega na mesma língua que o consumidor que a aprecia. Dessa forma, o aprendizado e o entendimento da História não exigem a reflexão sobre o que se expõe. Dosse (2012, p. 12) diz que “a história do presente ou a história no presente exige uma reflexão sobre o ato de escrever a História, sobre a equação subjetiva do historiador”. Então, o historiador ou aquele que escreve sobre a História deve compreender o tempo em que está sendo investigado, não apenas lançar mão de meios de comunicação e traçar uma informação solta sem fundamentos afirmando que é História.

Para Galvão (2020, p. 40), “O ser humano possui a incrível capacidade de refletir acerca do passado, bem como de planejar o futuro. Dessa forma, tanto o passado como o futuro participam ativamente do presente”. E se a informação do passado não é reflexiva, sequer será daquele que teve acesso a ela, ferindo o direito do outro ao conhecimento dos fatos. Uma vez que “(...) o homem tem o direito de obter o conhecimento histórico, para entender o passado na compreensão do presente” (Nascimento, 2015, p. 33). Sendo assim, o historiador segue em um novo compromisso em sua função, na qual deve inserir o grande público.

Os modelos anteriores da apresentação da história entram em conflito aguçado com os tempos atuais. Entende-se que novas questões metodológicas relevantes da relação entre o historiador e seu público é inevitável e, necessariamente, importante destacar quando se considera o que a mídia apresenta e a própria História.

A história não mais se produz somente na academia, muito menos se veicula apenas por meio do livro impresso. As plataformas digitais subverteram as bases da produção e circulação das narrativas sobre o passado. Existe uma longa discussão, já antiga e mais técnica, sobre as potencialidades da internet para a prática historiográfica: como depósito de fontes ou ela mesma como fonte – e que tipo de problemas cada uso desses acarretaria (Malerba, 2017, p. 142).

Malerba (2017) chama a atenção para uma realidade clara sobre os dias que a mídia toma frente do papel do historiador. Tal realidade desprende da visão de que a forma de tratar a História tem que mudar e atender os diversos públicos. Para isso, os historiadores conscientes das mudanças que avançaram radicalmente os moldes da escrita e das percepções deste século tomam um norte e um sul para dar-lhes suas considerações sobre a História.

Mas os historiadores que atualmente tomam consciência de um enxugamento necessário de suas explicações não pretendem mais restituir uma verdade total sobre a realidade tal como ela acontece, pois eles são mais conscientes que sua investigação é sempre mediada pelo discurso e deve, então, levar em conta todas as mediações que permitem restituir algo de real (Dosse, 2012, p. 12).

Compreende-se, dessa maneira, que não somente na função do historiador, mas também no trabalho do professor de História e no ensino de História, torna-se discutível cada vez mais aprimorada a indução do sujeito à pesquisa para a construção do conhecimento histórico e para assimilar a forma de aprender e de ensinar. Sobre o ensino de História, revê-se “a História como uma matéria a ser ensinada e aprendida tem de passar por um exame didático referente à sua aplicabilidade de orientar para vida” (Rüsen, 2016, p. 14), buscando estar diante de um ensino que tem tendência a uma reflexão utilizando o conteúdo exposto e propondo uma investigação em outras fontes que possam aguçar o entendimento do sujeito aos tempos do passado, do presente e do futuro.

Para Maria Schmidt (2004), a questão é elaborada pela complexidade do ensino de História a levar o aluno à compreensão das diversas temporalidades que podem coexistir nas sociedades. E isso é um dos desafios encontrados. O trabalho com as noções temporais precisa executar de forma clara a compreensão dessas temporalidades. O aprender da História requer uma interpretação do próprio tempo, das mentalidades e estruturas; para isso, o ensino de História ofertado tem que abarcar a multiplicidade temporal.

No ensino da História, o trabalho com a multiplicidade do tempo mobiliza, de maneira efetiva, a noção de duração: a da história lenta, com períodos muito longos, uma história estrutural, como a história das mentalidades; a de média duração, uma história conjuntural, com ondas relativamente curtas, como a história da vida social; e uma história do tempo breve, episódica, a história das biografias e dos acontecimentos (Schmidt, 2004, p. 79-80).

O ensino de História, nessa lógica, considera argumentos organizados e fundamentados de forma coerente e direcionado para o entendimento do objeto ou da discussão histórica. Um aventureiro que sabe apenas o que é reproduzido sobre o passado continua a entender somente

isso, complementando com informações que instigam a História apenas como curiosidades. Não entendem a ocorrência dos eventos; ao contrário, resumem o evento exclusivamente a um grande personagem, rodeado de poucos outros segundos e terceiros que fazem parte da narrativa.

Sobre isso, pontua-se que:

Os eventos são provocados ou sofridos por determinados sujeitos, mas as estruturas permanecem supra-individuais e intersubjetivas. Elas não podem ser reduzidas a uma única pessoa e raramente a grupos precisamente determinados. Metodologicamente, elas requerem, por essa razão, determinações de caráter funcional. Com isso, as estruturas não se tornam grandezas extratemporais; ao contrário, elas adquirem frequentemente um caráter processual — que pode também se integrar às experiências dos eventos cotidianos (Koselleck, 2006, p. 138).

Revela-se, aqui, a importância de um profissional com habilidades e instruído para prover a argumentação e o diálogo com o passado, o presente e o futuro com o tempo, além de entender e levar o aluno a conhecer o processo historiográfico. O professor de História é esse profissional entre os demais que se apresenta habilitado com metodologias direcionadas para o Ensino de História.

Schmidt (2004, p. 89) aponta que “para o ensino da História o trabalho para entender e desvelar o discurso histórico impõe uma atividade incessante e sistemática com o documento em sala de aula”. Sendo assim, é lógico que a indagação promovida pelo professor/historiador expande, naturalmente, o ensino de História; acionando, até mesmo, uma interdisciplinaridade em sala de aula. Isso ocorre quando este relaciona o tempo do passado com o tempo presente vivenciado pelo aluno.

O professor de História, ao colocar como central a compreensão das ideias históricas aos alunos, aplica a metodologia da Educação Histórica, pensando o ensino de História a partir das próprias elaborações do pensamento histórico. Destarte, “a forma pela qual o conhecimento deve ser aprendido pelo aluno deve ter como base a própria racionalidade histórica, e os processos cognitivos devem ser os mesmos da própria epistemologia da ciência da História” (Schmidt, 2009, p. 210).

A pesquisa em História permite que as pessoas sejam capazes de interpretar e serem “fluidas” para que possam adaptar-se, constantemente, a novas tecnologias e aos contextos que surgem sem perder a noção do entendimento histórico e nos desafios deste século. Trata-se de um desafio impulsionado pelo uso das tecnologias que têm acelerado mudanças sociais e culturais, transformando as relações sociais contemporâneas. Incentivar o aluno a ser pesquisador transforma tais questões em algumas visões ainda mais amplas e fora da realidade de sala de aula.

Sobre isso, Pedro Demo (2015) afirma que a questão a ser resolvida não está na motivação da emancipação do aluno, que deixa de ser visto como um objeto e passa a ser sujeito, e este encontra no instrumento de mediação ou do conhecimento a alavanca principal para que ele mesmo possa intervir nos contextos ético e solidário. E, assim, nesse espaço que surge, visivelmente, a amarração entre educação e pesquisa, fazendo da educação pela pesquisa a forma específica escolar de educar.

Logo, o sentido de pesquisar pode ser considerado como:

[...] uma forma natural, biologicamente evoluída, de aprender, de conhecer. E a tradição da investigação/pesquisa em sala de aula vem ao encontro dessa disposição inata do ser humano de conhecer a partir do seu interesse e de perguntas próprias, relacionadas ao seu dia a dia, ao seu contexto material e social e, em última instância, a sua sobrevivência (De Paula; Harres, 2015, p. 159).

Percebe-se, então, que a pesquisa enquanto recurso didático para o processo de ensino-aprendizagem pode ser visto em determinado ângulo como um meio eficaz e inovador. No entanto, a aplicação desse ensino ao chão escolar e à realidade das salas de aula deve ser reconhecida pelo professor, pois não se pode deixar de analisar os entraves que existem para que o(a) professor(a) possa tomar mão de sua autoria como pesquisador(a) e aplicar a ação da pesquisa em sala de aula (Stivanello, 2020).

Destarte, no que tange ao significado de História, começa a ter protagonismo nesta discussão a pesquisa em História, no qual o interesse é destinado para o trabalho em sala de aula um conceito além das representações, por vezes, eurocêntricas obtidas em alguns livros didáticos. Haja vista, faz-se necessário ter fundamentos que venham pesar para chamar a atenção dos alunos a fim de discutir e, principalmente, pesquisar.

As principais metas do ensino de história por pesquisa é ativar o professor-pesquisador a conduzir seus alunos à busca da informação, ou seja, é orientá-lo em levantamentos de dados para constituir e identificar os conhecimentos e valores iniciais sobre a relação entre ser humano e ambiente; assim como estimular os alunos à reflexão sobre sua ação como interventores e autores da História local. A pesquisa, então, é vista como instrumento de formação do aluno como pesquisador.

Como os historiadores do século XIX se esforçaram para tornar a história uma ciência, este público foi esquecido ou redefinido para incluir apenas um pequeno grupo de profissionais especialistas treinados. A didática da história não era mais o centro da reflexão dos historiadores sobre sua própria profissão. Ela foi substituída pela metodologia da pesquisa histórica. A “cientifização” da história acarretou um estreitamento consciente de perspectiva, um limitador dos propósitos e das finalidades da história (Rüsen, 2006, p. 8).

O professor-pesquisador em História é aquele capaz de romper essa concepção equivocada de que pesquisar é somente idealizado, promovido e realizado por grandes

cientistas; de modo que trabalhos são produzidos em universidades, centros de estudos considerados importantes, passando a introduzir a pesquisa histórica em sua sala de aula. As transformações explícitas nas formas de colher informações e as alternativas encontradas no cotidiano dos alunos refletem diretamente do desejo de aprender tão quanto discorrem reflexos no ensino de História.

Reafirma-se, assim, que o professor de história é incontestavelmente professor-pesquisador, logo, inevitavelmente, este considera que deve haver uma relação do ensino com a realidade do aluno para que se aprofunde no desejo de aprender a História. Para o professor, o ensino tem diálogo entre o conhecimento acadêmico e a realidade concreta propõe superar as práticas tradicionais ainda existentes, nas quais consistem na transmissão e na reprodução de conhecimento.

Devemos repensar/criar constantemente mecanismos de ensino, de pesquisa, de leitura, de orientações que nos auxiliem nos processos educativos na atualidade e, especialmente, no ensino de História. Necessitamos de mecanismos/práticas para trabalharmos com a apresentação de conceitos complexos que necessitam ter significados e integrem a vida e as ações cotidianas dos/as alunos/as (Stivanello, 2020, p. 25).

Isso significa uma reflexão na perspectiva da formação do aluno e um ensino de história que se consolide comprometido de respostas à sociedade. Para tanto, o ensino de História que aciona uma sintonia com as pesquisas teóricas ocorre em uma relação com o ambiente, proporcionado pela investigação histórica do espaço.

O percurso em direção ao método da pesquisa pressupõe, entre outros, que na relação ensino e aprendizagem deve ser percorrido o mesmo processo constitutivo da produção do conhecimento histórico. Neste caso, por exemplo, o trabalho com fontes históricas torna-se fundamental como princípio do método de ensino. A educação bancária, ou seja, o método em que o aluno é mero depositário de conteúdos previamente selecionados, precisa ser definitivamente abandonada (Schmidt, 2017, p. 63).

A teoria apresenta o conhecimento já produzido e a aprendizagem pela ação de investigação de campo, ocorrendo por entrevistas, análises experimentais e outros. Assim, é reconhecida teoricamente pelos pesquisadores como fundamento básico da pesquisa e consolida com a observação do próprio espaço, promovendo uma retirada de todos aqueles que estão presos apenas em uma sala de aula para o ensino em movimento, sendo um movimento de pesquisa e também no ensino de História.

O professor de História ativo na formação do aluno-pesquisador sabe que é possível aprender a produzir seu próprio material de trabalho e indiciar os seus alunos a contribuírem em sua própria construção, incentivando de forma simultânea os próprios alunos a obterem o seu material de trabalho por meio da aprendizagem. E isso significa aplicar em sala de aula uma prática de ensino significativa de aprender o aprender e o aprender o ensinar. Faz-se necessário

sempre lembrar que aqueles querem atuar com a pesquisa método de ensino que “O charme do uso da pesquisa não é o de ensinar, mas aprender. No entanto, para quem imagina aprender como penduricalho de ensinar, pesquisa acaba no calabouço instrucionista” (Demo, 2018, p. 40).

Assim, acrescenta-se que o professor-pesquisador em História, quando compreende seu papel, entende que aprende quando ensina e para ensinar tem que aprender, sendo que não é de qualquer forma, tampouco difícil de promover. Demo (2018, p. 23) afirma que “é fundamental ter a experiência bem concreta de que aprender não implica aula: implica atividades de aprendizagem que foram extintas na escola, porque foram extintas na faculdade”. O aprender com o aluno, para ensiná-lo, deve fazer parte da definição da metodologia do ensino do professor.

Não existe ensinar sem aprender e com isto eu quero dizer mais do que diria se dissesse que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende. Quero dizer que ensinar e aprender se vão dando de tal maneira que quem ensina aprende, de um lado, porque reconhece um conhecimento antes aprendido e, de outro, porque, observando a maneira como a curiosidade do aluno aprendiz trabalha para aprender o ensinando-se, sem o que não o aprende, o ensinante se ajuda a descobrir incertezas, acertos, equívocos (Freire, 1997, p. 19).

O professor ensina porque aprendeu e aprende ensinando; aprende estudando para ensinar; aprende com os próprios alunos; aprende com o tempo em sala de aula; aprende com regaste da memória; aprende sendo professor e atuando no mundo da pesquisa aprende ainda mais. Ao ensinar, o aprendizado do professor não se dá, necessariamente, por meio da retificação que o aprendiz lhe faça de erros cometidos. O aprendizado do professor, ao ensinar, examina-se na medida em que ele, humilde, acessível, encontra-se, permanentemente, disponível a repensar o que já foi pensado na lógica do professor rever suas posições; em que busca ser atrelado com a curiosidade dos discentes e as diferentes passagens e os atalhos que ela os faz percorrer (Freire, 1997).

E, claro, por mais uma vez, isso leva a replicar que se deve considerar a formação dos professores de História como pesquisadores nesse processo de ensino, pois estes são elementos-chave para que possa ocorrer a formação do aluno-pesquisador.

O fato, porém, de que ensinar ensina o ensinante a ensinar um certo conteúdo não deve significar, de modo algum, que o ensinante se aventure a ensinar sem competência para fazê-lo. Não o autoriza a ensinar o que não sabe. g responsabilidade ética, política e profissional do ensinante lhe colocam o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente. Esta atividade exige que sua preparação, sua capacitação, sua formação se tornem processos permanentes. Sua experiência docente, se bem percebida e bem vivida, vai deixando claro que ela requer uma formação permanente do ensinante. Formação que se funda na análise crítica de sua prática (Freire, 1997, p. 19).

Ressalta-se, nesse momento, um ponto singular que facilita a visão do que quer ser transmitido, ou seja, o aluno é apresentado como o protagonista no processo de ensino-aprendizagem, mas é o professor que promove esse protagonismo, sendo uma figura que deve ser olhado e, principalmente, assistido nas literaturas científicas e ações governamentais. O professor é o responsável em determinar as atividades que provocam a aproximação dos alunos aos conhecimentos históricos e sociais por meio da pesquisa, uma vez que o ensino deve ter uma estreita relação com a pesquisa.

O professor não pode ser apequenado, amarrotado ou substituído porque, na verdade, assume seu lugar próprio de mediação, tal qual ocorre com os pais com relação ao filho. É estranho imaginar que pai é apenas “facilitador”, sem falar que o termo é infeliz, porque traduz frequentemente uma mania instrucionista: facilitar as coisas para o estudante, implicando diminuir a qualidade da aprendizagem, nivelando por baixo. Assim como o pai não pode viver a vida do filho, o professor não pode entender pelo aluno – isso não significa secundarizar o docente. A variedade de contribuintes ao desenho do aprender pela pesquisa tem a vantagem de desviar a atenção sobre “donos” da teoria e da prática, realçando o que realmente importa: cuidar da autoria do estudante (Demo, 2018, p. 40).

Nesse contexto de relação de ensino, o professor deve estar constantemente atento e buscando meios para que enfrente as dificuldades com o ensino de pesquisa. Stivanello (2020) conduz a refletir sobre o ensino por pesquisa, afirmando em seu trabalho que a pesquisa é um princípio educativo, assim como um caminho promissor na investigação firme da melhoria na qualidade da educação. Todavia, alerta para a falta de suporte, pois, apesar do inegável efeito do ensino por pesquisas, o que se tem não é suficiente.

Ainda estamos longe de receber os aportes e suportes necessários nas escolas para que os/as professores/as, recuperem sua competência, como para que os/as alunos/as possam desenvolver a habilidade do questionamento reconstrutivo e aprender a refazer/aprender a aprender com autoria (Stivanello, 2020, p. 68).

Aproveita-se para afirmar que tal situação não é apenas uma realidade vivenciada nas escolas públicas, porém muito peculiar na rede. Abre-se o caminho para falar que certo sofrimento para as escolas comunitárias também ascendeu o ensino por pesquisas, assinalando que as instituições estão situadas, em grande parte, nas periferias das cidades. Por isso, o professor de História que queira trabalhar com o ensino por pesquisas deve ter a legítima noção da realidade escolar.

Sendo assim, mesmo com os desafios encontrados nesse contexto de relação do ensino fundamentado em pesquisas e no próprio aprender do professor, há resultado de suma importância no ambiente escolar para o aluno, o qual atua como professor e se coloca na sociedade com autonomia e visão construída com a sua ação na pesquisa.

Conclui-se essa abordagem afirmando que novas discussões sobre os métodos e a metodologia de ensino de História emergem devido à posição diante de uma inovação no

conceito de ensino e de aprendizagem, em que o(a) aluno(a) deve ser considerado em seus interesses e necessidades, em que a reprodução de conhecimento via transmissão direta pelo(a) professor(a) já não se aceita mais (Stivanello, 2020).

Usar esses instrumentos de trabalho não é como às vezes se pensa, uma perda de tempo. O tempo que eu uso, quando leio ou escrevo ou escrevo e leio, na consulta de dicionários e enciclopédias, na leitura de capítulos, ou trechos de livros que podem me ajudar na análise mais crítica de um tema é tempo fundamental de meu trabalho, de meu ofício gostoso de ler ou de escrever (Freire, 1997, p. 24).

Para o processo de ensino-aprendizagem com o uso da pesquisa, ocorre um aprender diferenciador, ou seja, “o aprender deixa de ser um simples ato de memorização e ensinar não significa mais repassar simplesmente conteúdos prontos” (Moura, 2010, p. 1). O professor-pesquisador aglutina ações ativas e o aluno-pesquisador ganha possibilidades de alargar a compreensão da História e discutir o seu tempo como sujeito histórico, promovendo o seu olhar à sociedade de forma a entender o seu papel como cidadão.

2.2 Reflexões sobre a consciência histórica para atuação do professor-pesquisador na formação do aluno-pesquisador

A partir deste estudo, que tem em suas veias de escrita defender a formação do aluno pesquisador, pois entende o resultado deste na sociedade, acrescenta-se, fielmente, que não poderia o aluno ser pesquisador sem antes um professor-pesquisador atuar com metodologias efetivas, principalmente no Ensino Fundamental – Anos Finais, em que o estudo efetiva seu produto e as análises de campo. Partindo desse pressuposto, reitera-se que para a formação do aluno-pesquisador atua o professor-pesquisador que pesquisa, induz e prestigia o aluno com o campo de pesquisa. Para isso, espera-se que o professor tenha o conhecimento teórico; item fundamental na compreensão da História.

História propicia a formação da consciência histórica, sendo esta um pré-requisito para a orientação em uma situação presente que demanda ação, ou seja, funciona como um modo de orientação nas situações reais da vida presente, ajudando a compreender a realidade passada para entender o presente (Fernandes, 2016, p. 16).

E, em relação ao ensino, partindo de uma autorreflexão sobre o seu exercício profissional, o professor tem a competência de conceber uma resposta ao seu processo de ensino-aprendizagem (Silva, 2021). A professora Adriana Dikel (1998, p. 43) expõe que “a prática reflexiva somente tem sentido para os professores que desejam pensar sobre as dimensões sociais e políticas da educação e do contexto que ela se insere”. Se o sujeito não pensar a lógica em que a educação está enquadrada, buscando investigar a realidade política e social que lhe é aferida, não terá exercido tal prática e sequer suas práticas têm tido reflexões

sobre o ensino. Ou melhor, sobre sua atuação como professor no processo de formação do aluno-pesquisador.

As investigações e reflexões que têm ocorrido no âmbito do domínio teórico da Educação Histórica circunscrevem-se nas questões relacionadas aos estudos da consciência histórica como objeto e objetivo da didática da História, tendo como foco principal a aprendizagem histórica. Nesse sentido, a consciência histórica passa a ser uma categoria que serve para a autoexplicação da História como disciplina escolar, para a sua identificação como uma matéria específica e com uma metodologia própria (Schmidt, 2014, p. 42).

Almeja-se que a discussão sobre o ensino de História tenda a buscar compreender sua consciência histórica. São esses pontos estratégicos com foco na aprendizagem histórica e com a finalidade de promover a pesquisa em História e a atuação do aluno-pesquisador de forma reflexiva. Entende-se que essa interface entre a consciência histórica e a História é basilar para a ciência de um tempo significativo, para uma compreender as diferenças entre as temporalidades e cooperar para a reflexão do professor que considera o perfil dos estudantes, norteando-os com orientações da vida prática (Silva, 2021).

A consciência histórica aplicada em sala de aula “pode ser compreendida como o trabalho intelectual que tem como objetivo relacionar as experiências vivenciadas pelos seres humanos ao longo da história às expectativas geradas nesse mesmo processo” (Alves, 2011, p. 49). E, para Silva (2021, p. 27), “o ato relacionado às operações mentais estariam envolvidas competências relacionadas à experiência, criando intenções a serem colocadas na vida prática, articulando as temporalidades na vida do sujeito”.

Dessa forma, o esperado é o próprio aluno, ao pesquisar, construir-se enquanto sujeito histórico de modo que desenvolva o intelectual e as capacidades de analisar, comparar, refletir e levantar hipóteses com base nos seguimentos investigativos e filosóficos. Além disso, estabelecer relações, sintetizar, generalizar em diferentes campos do conhecimento; logo, desenvolver, por meio da História, a formação da consciência histórica. O professor-pesquisador cria estratégias e aplica as ações para que o aluno possa ter consciência histórica, ou seja, “apropriar-se das intervenções mentais do pensamento histórico com o objetivo de ter uma reflexão sobre as experiências concebidas no presente ou mesmo criar novas perspectivas a serem veiculadas no futuro” (Alves, 2011).

Nesse sentido, Rüsen (2006) contribui condizendo que a consciência histórica pode ser ponderada como um anexo lógico de intervenções mentais que definem a característica particular do pensamento histórico e a função que ele desempenha na cultura humana. Pode-se dizer que a consciência histórica é parte da função didática da História e não pode ser

considerada como algo distante da sala de aula. Na verdade, deve ser aplicada e, principalmente, explorada. Complementa-se a esse ensejo que:

A História tem uma função didática de formar a consciência histórica, na perspectiva de fornecer elementos para uma orientação, interpretação (para dentro – apropriação de identidades, e para fora – fornecendo sentidos para ação na vida humana prática). Esses pressupostos podem ser referenciais para concepções de aprendizagem que orientem propostas curriculares de história na sociedade contemporânea, incorporando, também, o pressuposto inegociável de que qualquer aprendizagem é autoeducação e inseparável da prática significativa da auto-gestão, em que os jovens e crianças sejam agentes ativos de sua própria educação (Schmidt, 2017, p. 64).

Corroborando com a autora, afirma-se que o professor não precisa esperar que se promova um manual ou uma cartilha para conduzir o ensino de História que busque ter em sua prática a reflexão histórica. A disponibilidade de recursos didáticos para que os trabalhos possam ou não ser executados, pois o próprio ensino de História já propõe a busca da autonomia do aluno em sua própria educação.

Traz como objetivo da História no Ensino Fundamental, fazer com que os/as alunos/as tenham autonomia de pensamento, além do reconhecimento de que o modo de agir dos indivíduos está estritamente relacionado com o tempo e o lugar em que vivem, identificando a diversidade de sujeitos e histórias para o estímulo ao pensamento crítico, à autonomia e cidadania (Stivanello, 2020, p. 46).

Esse movimento que instiga a compreensão da memória e do próprio espaço revela que é necessária a compreensão da consciência histórica. O ensino de História como um conjunto de um acoplado de intervenções da consciência no campo emocional, cognitivo e pragmático. Assim, corrobora-se que:

Torna-se necessário compreender a consciência histórica como um processo mental, como um conjunto de operações da consciência (emocional, cognitivo e pragmático), que difere de outros conjuntos conceitualmente claros e que, em sua especificidade, podem ser explicitados. Esse processo mental se expressa, essencialmente, por meio da “narrativa histórica”, que sintetiza as três dimensões do tempo na representação de um sentido global. “Continuidade” ou “decorrer do tempo” é a definição categórica desta determinação contínua fundamental, que combina o processo de formação histórica de significado da experiência temporal das três dimensões para a unidade de um sentido consistente de coerência, na comunicação social e autocompreensão humana, sendo importante forma de socialização e individualização (Schmidt, 2017, p. 65.)

Destarte, salienta-se a necessidade da compreensão histórica, tal qual, muitas vezes, encontra-se distante das páginas dos livros didáticos, mas extremamente importante sua aplicação em sala de aula pelo professor de História. Dessa maneira, a invisibilidade da consciência histórica no ensino continua a promover visões distorcidas, uma vez que os alunos e consumidores da História tenderão a reproduzir por meio dos discursos vazios ou itens vinculados pela mídia etc.

É preciso deixar claro que não se trata de pensar que a consciência histórica é algo que se tem ou não se tem, ou ainda que exista uma forma certa ou errada da mesma, baseando-se na utilização de determinados saberes históricos como a narrativa e a problematização de histórias de vida. Trata-se de entender que a consciência histórica

pode ser mais ou menos aprofundada. A conscientização, dessa maneira, não seria uma doação de um sujeito para o outro; surgiria, porém, através do diálogo. Ao trabalhar com saberes históricos em sua complexidade e em vista das contradições presentes na realidade das temáticas a serem abordadas, abrimos espaço para a construção de processos de conscientização (Galvão, 2020, p. 40).

Dessa forma, a consciência histórica pode ser empregada para a concepção da identidade histórica, haja vista que os sujeitos (individuais e coletivos) têm a capacidade de ultrapassar as fronteiras de seu tempo de vida e, ao mesmo momento, colocá-los na modificação do tempo que eles estão contidos. Com isso, ganhar, simultaneamente, uma subjetividade permanente (Schmidt, 2017). Para entender o presente e analisar o futuro, é essencial para a desconstrução de uma História exclusiva do passado que não carrega consigo a reflexão para o tempo presente, em que não se exponha uma sociedade em uma singularidade fixada em uma única figura heroica, de vista eurocêntrica. Mas, ao contrário disso, que desenvolva uma elucidação humana do mundo e de si próprio ao estudar a História e compreender como a ação ocorrida no passado permeia o seu tempo.

Pode-se configurar a relação de poder ocorrida no processo colonial, buscando resgatar o contexto histórico da luta do negro e suas habilidades para a constituição da liberdade e do direito à vida, transportando, para os dias atuais, na própria vivência dos alunos e sua experiência por serem negros e descendentes de povos negros, mesmo aqueles que são de pele branca ou clara, que se entendem como oriundos de povos africanos por meio de um resgate da ancestralidade. Destacam-se os trabalhos, os conhecimentos e a tecnologia desses povos conduzindo para as questões sociais de hoje.

Alguns questionamentos são apontados, a exemplo: como ser negro ou se aceitar como descendentes dos sujeitos de África ainda sofrem rejeição? Qual a perspectiva para o futuro do homem que ainda aceita explorar as atividades do racismo e o negacionismo histórico como algo comum e natural? Como o aluno vê a atividade de resistência negra nos quilombos, assemelhando-se com suas práticas? Quais mudanças e permanências ocorrem entre o século XVI e o XXI que englobam esses questionamentos?

Pode-se, ainda, suscitar o aluno a buscar a história de sujeitos do passado e investigar sua experiência de vida por meio da pesquisa, pois, dessa forma, é possível relacionar a teoria da consciência histórica com o ensino; além da interpretação essencial na procura de ressignificar o passado a partir do processo do presente. Na bússola que se depararia no ato de descrever em que o sujeito se empregaria das operações mentais para isso (Silva, 2021).

Da consciência histórica, afirma-se que:

A consciência histórica dá estrutura ao conhecimento histórico como um meio de entender o tempo presente e antecipar o futuro. Ela é uma combinação complexa que contém a apreensão do passado regulada pela necessidade de entender o presente e de

presumir o futuro. Se os historiadores vierem a perceber a conexão essencial entre as três dimensões do tempo na estrutura da consciência histórica, eles podem evitar o preconceito acadêmico amplamente aceito de que a história lida unicamente com o passado: não há nada a se fazer com os problemas do presente e ainda menos com os do futuro (Rüsen, 2006, p. 14).

Nessa perspectiva, não pode ocorrer uma aprendizagem histórica se não houver uma apreensão dos procedimentos de assimilação da própria experiência, o que implica em uma educação estabilizada na experiência do tempo que acione, expanda e transforme a definição acerca dessa experiência por meio da narrativa histórica (Schimdt, 2017).¹

É importante destacar que não se pode homogeneizar o ensino de História. Na verdade, antes se deve refletir sobre a postura que implica dar a valorização da atuação dos próprios alunos nos processos históricos da aprendizagem nos quais eles se inserem. Tendo em vista a pesquisa como fonte que contribui na formação desse aluno; pois o objetivo não é somente entender a História pela História, agora o ensino de História buscar acionar para a reflexão do tempo estudado e os entrelaçamentos do passado, do presente e do futuro (Stivanello, 2020).

Assim, sob esse argumento, discute-se o aprendizado histórico apresentado por Rüsen (2006, p. 16) como “um processo fundamental de socialização e individualização humana e forma o núcleo de todas estas operações”. Para ele, “o aprendizado histórico é uma das dimensões e manifestações da consciência histórica”. Explanando que “a questão básica é como o passado é experienciado e interpretado de modo a compreender o presente e antecipar o futuro” (Rüsen, 2006, p. 16).

O ensino de História objetiva a formação de um pensamento histórico a partir da produção do conhecimento, sendo este provisório, configurado pela consciência histórica dos sujeitos. Assim, a finalidade da História é a busca da superação das carências de orientação humanas no tempo, fundamentada por meio de um conhecimento constituído por interpretações históricas (Fernandes, 2016, p. 17).

Com a construção do ideal de formação de alunos-pesquisadores, o professor de história terá de relacionar o conteúdo do material didático com a realidade da escola, dos alunos e da sua própria. O professor terá que investigar em sala de aula o seu próprio tempo, sua realidade e propor alternativas. Em nenhum momento, ele será acomodado; longe disso, será o primeiro a se deslocar do conforto para que o aluno-pesquisador obtenha o aprendizado histórico e o acesso a diferentes espaços de abordagens para a construção de sua própria reflexão.

Por isso, é imprescindível que o professor reconheça e analise as suas metodologias, pois, teoricamente, a didática da história consagrada pelo professor visa conceituar a

¹ Dessa forma, retorna-se à problemática do ensinar e escrever sobre a História. Entende-se que não se constitui uma tarefa fácil, pois requer entendimento do ofício de historiador ter o domínio de um conjunto de conhecimentos sobre a escrita e a construção da História e dos saberes históricos. A respeito disso, indica-se a leitura de Bloch para contextualizar o ofício do historiador.

consciência histórica como uma estrutura e um processo de aprendizado (Rüsen, 2006). Nessa perspectiva, em breve percurso, o professor apresenta os principais meios que iria trabalhar em sala relacionados ao material didático de História impostos pelo sistema e como será o dialogar com as interpretações dos alunos permeadas de contradições e afirmativas que serão debatidas em classe.

Metodologicamente, a didática da história pode usar métodos estabelecidos da psicologia e sociologia e reestruturá-los de acordo com a peculiaridade da consciência histórica. Com respeito às reflexões sobre o processo específico sobre ensino e aprendizagem em sala de aula, a didática da história pode escolher os elementos da pedagogia pertinentes à peculiaridade da consciência histórica. O que deve ser lembrado aqui é que o ensino de história afeta o aprendizado de história e o aprendizado de história configura a habilidade de se orientar na vida e de formar uma identidade histórica coerente e estável (Rüsen, 2006, p. 16).

Assim, o ensino de História é direcionado a ensinar o aluno a pesquisar, entender o que são fundamentos, quem diz e o que diz, como fala, qual sua lógica e visão, apresentando de onde fala e como fala. Logo, identificando as falas silenciadas não promovidas pelos tempos das Histórias dos heróis unitários, sem partícipes comuns, sem lutas de muitos, reanimando a História a partir de si mesmo. É importante destacar que a consciência histórica não contém sua existência vinculada a certo período da história, nem se encontra limitada a determinados grupos de seres humanos. Ela se oferece na essência do ser humano fora a parte de sua cultura e de seu posicionamento social, simplesmente a partir do instante que este ser prova uma reflexão sobre o tempo e suas ações presentes nesse tempo e no espaço que está fincado diante de suas narrativas e de suas formas de operar (Silva, 2021).

Para isso, inclui-se, nesse contexto, relações cotidianas para propiciar ao aluno a pesquisar, edificar, buscar mediante a produção de narrativas escritas próprias, identificar as suas visões de mundo utilizando para orientar-se no tempo e perspectivar seu futuro. Nesse viés, o professor intenta valorizar as construções mentais dos sujeitos no ambiente escolar, contribuindo com o fortalecimento da formação do aluno-pesquisador, levando-o a compreender o sentido da consciência histórica.

O agir humano tampouco pode ser tão esperto que ache que já esteja voltando do lugar para onde vai, quando ainda se encontra no caminho da ida. Só a consciência histórica, mediante seu recurso rememorativo às experiências do tempo passado, fornece ao presente uma orientação no tempo, que, no movimento mesmo do agir não é percebido (Rüsen, 2001, p. 80).

Após essas reflexões sobre o que seja a consciência histórica, traz-se o contexto-luz do momento como o papel do professor é essencial para o ensino de História. Deixa-se claro, aqui, que é esse profissional que, ao pesquisar sobre as reflexões históricas trazidas para aplicar em sala de aula, não se limita apenas em estudantes dos conceitos de consciência histórica e suas

percepções relacionadas à disciplina de história, mas faz com que estes venham valer no ato do ensino.

E tal ensino se vale de pesquisas para conduzir uma reflexão histórica, de modo que a investigação histórica não pode estar separada do ensino de História, pois, após a compreensão da consciência histórica, tanto professores como alunos são investigadores que rompem o ensino tradicional e podem superar a dicotomia “ensino-aprendizagem”. Dessa forma, necessita-se exercitar a capacidade de observação, registrando o que se observa (Freire, 1996). Necessita-se, no ensino de história, induzir os alunos à competência da consciência histórica que incumbe aos conceitos abstratos que arquitetam significados para a ação humana em uma reflexão de que tal ação é histórica, pois ocorre a superação dos limites acomodados em que o agir humano realizado sobre o tempo concebe uma transformação de ordem natural (Silva, 2021).

Ressalta-se que o objetivo é executar um trabalho consciente de todo esforço e demanda que ele causará quando é adotado o tripé teoria–pesquisa–ação prática, haja vista que requer a consciência histórica. Pelo viés do ensino por meio da pesquisa, estrutura-se o formato que tal consciência tem de adentrar no passado a partir da experiência com o presente e de dialogar na atualidade.

O ponto de partida da reflexão deste trabalho se concentra na concepção de Freire (1997, p. 81) de que “saber e crescer – tudo a ver, tomada como objeto de minha curiosidade epistemológica. Isto significa procurar, num primeiro momento, apreender a inteligência da frase que, por sua vez, demanda a compreensão que as palavras têm nela, em suas relações umas com as outras”. Tudo antes se deve aprender e crescer nesse aprendizado, porque, ao ensinar, é importante que sempre se esteja pronto para continuar a aprender. O aprender requer a prática, assim como o próprio ensinar propõe uma reflexão crítica sobre a prática do professor, o qual é aquele que, para atingir seus objetivos ao propor a reflexão histórica, tem um diálogo aberto com os alunos; um acordo em que todos participem, porém este deve cumprir sua metodologia com rigorosidade para alcançar uma formação com o olhar crítico.

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica não tem nada que ver com o discurso “bancário” meramente transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo. É exatamente neste sentido que ensinar não se esgota na “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes (Freire, 1996, p. 13).

Trata-se, nesse contexto, de condições que fazem parte do aprender criticamente, sendo possível, a pressuposto por parte dos alunos. A experiência do educador é contínua, mas se propõe que se coloque no tabuleiro a experiência da produção de certos saberes dos educandos que não são simplesmente transferidos, mas relacionados pelo processo de aprendizagem em que o ensino é reflexivo. Os educandos são partícipes do processo de ensino-aprendizagem (Freire, 1996).

Figura 1 - Discussão sobre o projeto pesquisado do Grupo 1 do 7º B



Fonte: Acervo do projeto (2022)

Propõe ao aluno uma condição de sentir-se sujeito histórico, presente e atuante na história trazendo a reflexão necessária para tornar possível que este antes de tudo seja o construtor da sua educação, tomando compreensão das temporalidades na reflexão histórica. Freire (1996) faz repensar sobre as condições de verdadeira aprendizagem para os alunos que vão se modificando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, na companhia do educador, igualmente integrante do processo. Somente dessa forma é viável falar, de fato, do saber ensinado, em que o componente ensinado é alcançado na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos.

Nesse contexto, no ensino de história em sala de aula, a consciência histórica é utilizada não para um acumulado de informações sem sentido algum. Na verdade, são orientações mentais empregadas com a finalidade de direcionar as atitudes necessárias do cotidiano e para interpretação de determinados fatos dos dias atuais que tendem a interferir diretamente no contexto social e pessoal da vida dos sujeitos conectados à história.

Após essas reflexões sobre o que seja a consciência histórica, acrescenta-se o espaço onde este trabalho propôs investigar, apresentando o Instituto Educacional Menino Jesus (IEMJ); uma escola comunitária, de caráter privado, do bairro do Anjo da Guarda, na cidade de São Luís, capital do Maranhão. A escola é dedicada à Educação Infantil e ao Ensino Fundamental – Anos Iniciais (1º ao 5º ano) e Anos Finais (de 6º a 9º ano), reconhecida pelas Resoluções n.º 038/2008 e n.º 013/2005 do Conselho Estadual de Educação e possui Código INEP: 21253420 (Pereira, 2021).

Traz-se à realidade do ensino projetos da escola, em especial, de incentivos à pesquisa, que ocorrem no Ensino Fundamental–Anos Finais, principalmente, o Projeto criado e coordenado pelo professor de História, a quem, por meio desta pesquisa apresenta o Seminário Interdisciplinar de Incentivo à Pesquisa (SEMIP), cujo tema e finalidade é trabalhar com o professor pesquisador com a educação por pesquisas.

Sendo assim, a Didática da História aponta que a disciplina de História no âmbito da sala de aula da Educação Básica precisa se caracterizar, não apenas pela sua operação historiográfica, mas pela sua função de orientação existencial. Ao atender referenciais teóricos, formas de apresentação e funções de orientação existencial, a disciplina História aciona experiências de ensino-aprendizagem que remontem à atividade própria dos historiadores, adequada ao nível de ensino (Fernandes, 2016, p. 17).

A disciplina de História não se limita apenas a ela, pois caracteriza sua existência provocando os estudantes e professores a obterem a consciência crítica, participando do projeto de pesquisa interdisciplinar em que as assimilações dos contextos de vivências do espaço local estão relacionadas aos elementos que compõem a consciência histórica. Explana-se um ponto importante para que o projeto interdisciplinar com viés histórico seja acordado na edificação do SEMIP: a afinidade que a escola tem com a própria História. Dessa forma, busca introduzir métodos que venham acentuar o sujeito como responsável de sua educação; aquele que produz e tem noção de sua responsabilidade com a sua História.

Nesse sentido, o professor cumpre o papel de educador e orientador, pesquisando para poder orientar, ensinar e refletir no seu próprio tempo e no futuro.

Destacadamente, o Seminário Interdisciplinar de Incentivo à Pesquisa – SEMIP tem o intuito de compreender e analisar a história do espaço geográfico onde a escola está inserida. Nesse sentido, as pesquisas e os projetos do Instituto Educacional Menino Jesus – IEMJ estão voltados em grande parte para a região do Itaqui-Bacanga. Isso se dá, em larga medida, pela vontade manifestada pelos alunos em pesquisarem e discutirem sobre o seu lugar de vivência e pertencimento. Soma-se a isso o fato de o Projeto SEMIP propor que seus participantes se apresentem como alunos pesquisadores (Pereira, 2021, p. 43).

Os alunos que pesquisam, estudam e investigam se reconhecem como sujeitos ligados diretamente à História de sua comunidade. As pesquisas apresentadas no SEMIP projetam não só o espaço e a História em que a escola e os alunos fazem parte, mas traduzem e emergem os

sentimentos de pertencimento destes na construção histórica no tempo presente. Toda a ação que se realiza na dinâmica da reflexão histórica da ação humana, fixando na vertente de valorização e investigação do bairro, da região e do espaço geográfico do Itaqui-Bacanga.

A educação histórica e a didática da história desempenham esse papel na compreensão da representação temporal, factual, didática, fazendo a conexão necessária entre os tempos e direcionando o pensamento para um futuro. Dessa forma, tanto a educação histórica, como a didática da história visam trazer para dentro do ensino de história a possibilidade de aproximação entre o que se vive e o que se estuda, a relação que há pura e transparente entre o sujeito, enquanto ser histórico, presente e transformador do meio e da sociedade, com sua própria história de vida (Silva, 2021, p. 35-36).

Defende-se o posicionamento que a teoria do ensino por projetos de incentivo à pesquisa facilita não somente a compreensão da consciência histórica, mas promove o gosto pelo estudo da disciplina em História por fazer o estudante reconhecer sua relação histórica com a sua vida e o seu cotidiano, indo além como construtor da História presente local e das perspectivas relações com a História do futuro. Adicionado a isso, a tomada de responsabilidade do professor que se enxerga como um sujeito histórico que se constrói, pesquisa e se vê como essencial para ajudar a compor experiências significativas para os seus alunos promovidos a pesquisadores, compreendendo sua responsabilidade como interventor e participante da História.

Compreendê-la é tomar para si a responsabilidade de se enxergar como um sujeito histórico que se constrói em meio ao universo social que lhe rodeia e que ajuda a compor a sua trajetória humana. É saber refletir que a história e os sujeitos históricos estão atrelados, que se constituem, e reconhecer que suas reflexões sobre o tempo e suas ações dentro dele leva-os a colocar em prática a chamada consciência histórica, uma forma de dar sentido ao tempo vivido e de refletir sobre os aspectos de outros tempos passados, que por sua vez, os levam a ter uma perspectiva de um porvir, do que chamamos de futuro (Silva, 2021, p. 21).

É saber refletir que a história e os sujeitos históricos estão atrelados à necessidade de um novo olhar, voltado não apenas para a disciplina de História, mas também balizado pela disciplina para toda a escola, ou seja, para todos os alunos, professores e seus campos de saberes em um exercício interdisciplinar dos componentes curriculares que resultaram em dinâmicas, interatividades e colaborações de ensino e aprendizagem.

2.3 A interdisciplinaridade e a metodologia de projetos fundamentando a pesquisa como instrumento de ensino de História

Aqui, vale destacar o aprendizado obtido com os mestres na graduação e no Mestrado Profissional em Ensino de História, de modo que se deve, sobriamente, livres de encantamentos, realistas e sensatos, reconhecer o chão escolar para se ter como experiência e norte. Assim, analisar a instituição é um item peculiar do professor que tem por finalidade agir com responsabilidade com um ensino que propicia investigar de forma reflexiva para propor a ação

de forma democrática.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (Freire, 1996, p. 14).

Não é possível pensar na ação do ensino sem pensar em pesquisa, não em termos, e sim por completo. O professor trabalha por pesquisa e sua atuação se baseia no constante aprender, em buscas incessantes, pois faz parte do seu desejo, a ponto de nunca se sentir completo. A pesquisa tanto implica em inovação, criação e recriação quanto em resgatar, visitar, reconhecer e repensar o processo de ensino-aprendizagem. É com esse olhar sobre a pesquisa que se adota a interdisciplinaridade como instrumento que contraria o paradigma dominante que já não mais se sustenta.

É nesse sentido que o SEMIP, resultado de uma extensão da disciplina de História, que desenvolve a consciência crítica do sujeito, também é aplicado o conhecimento de educação financeira, economia, arte, política e os métodos científicos da pesquisa. Tal realidade, implantada e direcionada a partir do ano letivo de 2016 pelo professor de História, coordenador/organizador de caráter interdisciplinar, na qual relaciona a disciplina e o professor de história com as demais disciplinas e professores do Instituto Educacional Menino Jesus. Afirma-se que mediante a educação não unitária ou exclusivamente dominada ou adotada por uma única ciência, o ensino deve transpor barreiras.

(...) a multiplicação de campos interdisciplinares ou a proliferação de identidades que pareciam diversificar por dentro o saber histórico, surgiu como uma consequência quase natural para os historiadores que abriram seus horizontes interdisciplinares, que ampliaram seus objetos de estudo, e que passaram a trabalhar com novos tipos de fontes e problemas (Barros, 2012, p. 107).

Todo conhecimento aplicado por meio da interdisciplinaridade sustenta diálogo com outros. Nessa lógica, é preciso identificar os setores de interseção de maneira que as disciplinas se deparem e venham atingir seus pontos em comum. O uso da interdisciplinaridade, nesta dissertação, constitui-se na ideia de que as disciplinas não se enquadram mais como territórios isolados e conhecimentos voltados com fim em si mesmos. As fronteiras que outrora fechavam o cerco estão flexibilizadas para a atuação de um novo ensino ao mesmo tempo em que promove um conhecimento contínuo e desejável ao aluno-pesquisador.

Entende-se por interdisciplinaridade a interação que se estabelece entre as disciplinas. Existem diversos modos de as disciplinas se relacionarem entre si. Pode-se pensar em um grande projeto que abarque especialistas diversos e os coloque a trabalhar em conjunto, cada qual contribuindo com a bagagem proporcionada pelo seu próprio campo de saber. Pode-se pensar em uma interação que se estabelece a partir do interior de uma disciplina que percebe a oportunidade de assimilar aportes teóricos, métodos e pontos de vista da outra (Barros, 2012, p. 104).

A interdisciplinaridade não se limita a pesquisar em sua área específica, não se dedica apenas a um tipo de estudo especializado; mas contribui com aquele estudo enveredando a discussão para as demais disciplinas. Esta provoca a adoção de novos aportes e novas metodologias, novas linguagens e novos conceitos que passam a aproximar uma disciplina da outra, a temática discutida com outras temáticas.

Adriana Stivanello (2020) reforça que professores-pesquisadores devem repensar e criar meios ou mecanismos positivos para favorecer o processo de ensino-aprendizagem para a pesquisa e a leitura, a fim de conceder aos seus orientandos direcionamentos que os auxiliem nos processos educativos em que estão condicionados, especialmente, no ensino de História. Os ensinamentos dos tempos atuais necessitam de estruturas viabilizadas pelas práticas com a finalidade de trabalhar com as apresentações de conceitos complexos que necessitam ter significados para os alunos e integram a vida e as suas ações em seu cotidiano.

Para Demo:

Essa categorização é sugestiva, chamando a atenção para o que se diz ser pesquisa aberta/verdadeira, por tratar-se daquela mais consentânea com habilidade crítica autocrítica do estudante – este não só cultiva senso crítico com os resultados existentes de pesquisa, teorias e explicações da realidade, bem como com qualquer realidade observada via modelagens formais penetrantes, para ir além da superfície, das visões correntes, entrando nas estruturas dos fenômenos; cultiva ainda a capacidade de se autoquestionar, a melhor fonte da autorrenovação permanente, de manter-se aberto a continuar aprendendo, a bordo do mundo (Demo, 2015, p. 41).

Tal argumento leva ao raciocínio lógico sobre o desacerto que existe entre o discurso da educação que é pregado e a prática exercida na escola, cuja situação enquadra o ensino por pesquisa em desafios constantes. Logo, o projeto é reutilizado como afirmativa positiva para o trabalho interdisciplinar que entenda a relação da interdisciplinaridade e os seus desafios. Assim, efetiva o ensino de História que utiliza projetos interdisciplinares para que possa sobressair o processo de ensino-aprendizagem colocando o aluno/pesquisador como um sujeito ativo que reflita sobre sua sociedade, sobre as deficiências causadas a partir de diversas situações, como problemas culturais, políticos e sociais, entendendo que ele é um indivíduo pensante, capaz de produzir e dar resultados satisfatórios do seu aprendizado.

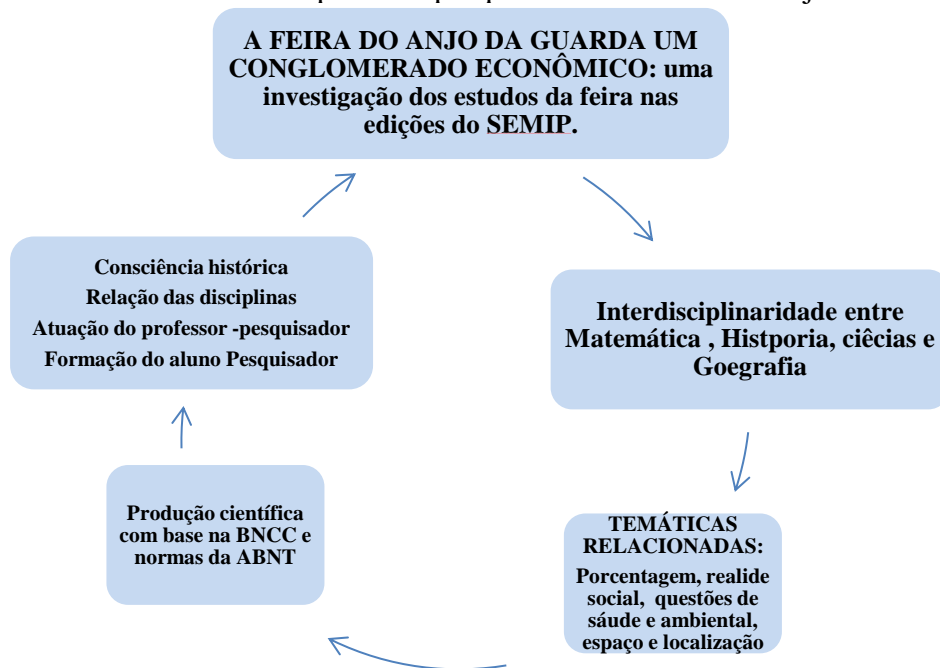
Por acreditar que os projetos criam oportunidades de construir possibilidades interdisciplinares de ensino-aprendizagem, busca-se, por meio do SEMIP, projetar uma escola cidadã, que ensine e promova momentos de discussões nas mais variadas áreas do conhecimento (Pereira, 2021, p. 53).

O ensino por projetos interdisciplinares de pesquisa busca em sua ação sanar as carências relativas à ausência do aluno como promotor do saber e do bom convívio e dos seus compromissos em seu processo de formação como aluno/pesquisador. Dessa forma, propõe ao sujeito conhecer e responder a sua comunidade por meio de uma atividade humanizada de

aprendizagem e ensino capaz de ver como pessoa que o sentido de educar e aprender. É nesse contexto que o SEMIP trabalha, dando luz à própria comunidade e à História Local em suas investigações.

Pode-se justificar a exploração da história local para provocar a consciência histórica do sujeito. Acrescenta-se que, tendo noção da História partindo da própria lógica vivenciada pelo aluno, é possível apresentar que existem muitas marcas do passado no meio que interferem no presente e na realidade. Muitas destas fazem parte do cotidiano, as quais integram situações sociais da própria comunidade onde se está inserido. Exemplifica-se com a pesquisa sobre a Feira do Anjo da Guarda, direcionada pelo professor de Matemática Alcino Barbosa.

Gráfico 2 - Passo a passo da pesquisa sobre a Feira do Anjo da Guarda



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

O professor explorou a Feira do Anjo da Guarda, bairro da região do Itaqui-Bacanga, considerado um dos principais conglomerados de São Luís. A exploração do seu histórico e a vivência dos feirantes se deu pelo professor-pesquisador Alcino Barbosa Silva, da disciplina de Matemática, acompanhado pelo professor de História, coordenador do projeto e os alunos da Turma do 9º ano A, do turno matutino, do Instituto Educacional Menino Jesus. Para efetuação da pesquisa, organizou-se o grupo e se deu início às pesquisas em artigos e na plataforma Google Acadêmico para fundamentação teórica, de modo que a base da pesquisa foi um trabalho já constituído pelo SEMIP no ano de 2017. Dessa forma, a interdisciplinaridade pode

significar uma ação de troca e, ao mesmo tempo, de cooperação, como também uma simples reunião de áreas de conhecimento que se posicionam a partir de suas propriedades e estudos particularizados (Santos, 2019).

Seguindo essa perspectiva do trabalho no SEMIP, a interdisciplinaridade não se ensina e não se aprende, mas é vivenciada e exercida pelos sujeitos partícipes da ação, ou seja, a prática interdisciplinar é própria de cada indivíduo que coloca essa prática em ação, motivado a exercitar a intersecção e a complementação dos saberes a partir de motivações e interesses que lhe são convenientes (Fazenda, 1993).

Destarte, é nesse contexto, acompanhando a equipe, que o professor de Matemática direcionou os alunos para a produção de questionários que pudessem revelar dados sobre a realidade da Feira do Anjo Guarda. Os questionários constituídos em entrevistas ressaltam o pensar e viver dos feirantes naquele cotidiano e como aquele trabalho o marca, constrói e faz parte de sua memória. Encontram-se, ali, alegria e tristeza que os moldam cotidianamente, existindo uma história, talvez silenciada, que passa a ser apreciada pelo aluno-pesquisador por meio da oralidade daquele que vive a História que conta. Ressalta-se que:

Como procedimento metodológico, a história oral busca registrar – e, portanto, perpetuar – impressões, vivências, lembranças daqueles indivíduos que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade e dessa forma permitir um conhecimento do vivido muito mais rico, dinâmico e colorido de situações que, de outra forma, não conheceríamos (Matos; Senna, 2011, p. 97).

Logo, acrescenta-se uma questão para aquele que ensina a História, no trabalho interdisciplinar: deve-se olhar para o ofício do historiador para que nesse ensino de História se promova a história com respeito a quem fala, para que seja do desejo daquele que expressa o tempo e as condições que este lhe proporcionou sem ferir a identidade tampouco a sua memória. A questão é analisar o local e o seu espaço matematicamente; todavia, esse espaço é formado por pessoas e a história que forma a própria feira. A relação interdisciplinar, o estudo sobre a feira, ultrapassa as questões da matemática, História e memória, discutindo a localidade e o contexto geográfico e sanitário abrange a questão da interdisciplinaridade que segundo Genário dos Santos:

A interdisciplinaridade também é, acima de qualquer coisa, uma atitude, uma prática que requer dos sujeitos interdisciplinares constantes buscas pela inovação e pela superação das disparidades existentes nas formas de produção de conhecimento, vigentes na contemporaneidade. É uma práxis pedagógica, científica, filosófica que é alcançada pela aproximação dos sujeitos aos problemas complexos e às realidades cada vez mais distantes de serem pensadas isoladamente. Não apenas a aproximação, mas, sobretudo, o desejo de aventurar-se, o desejo de inovar-se, o desejo de sair do lugar comum e mergulhar na aventura do desconhecido, do novo, do múltiplo, do permissível modo de compreender e conceber as novas realidades. A interdisciplinaridade configura-se, portanto, como um ambiente de complexidade, de múltiplas possibilidades de realizações, seja do ponto de vista teórico ou prático, do trabalho em equipe ou da atitude individual do sujeito diante da complexidade do

pensamento, do ser humano, da natureza e do mundo contemporâneo (Santos, 2019, p. 85-86).

O trabalho interdisciplinar, nessa perspectiva, além de propor do ensino de História para a pesquisa da Matemática que relaciona as demais disciplinas, tais como Ciências e Geografia com a História. No caso da pesquisa/do exemplo apresentada(o), o objetivo era para que os alunos pudessem conciliar o ensino de Matemática utilizando a porcentagem e o conhecimento sobre área e proporção. Mas se utilizou dos espaços geográficos, da História e das questões ambientais e de Saúde.

Nesse sentido, o papel do/a professor/a enquanto mediador/a na construção do conhecimento a partir da metodologia de projetos, é essencial para que no decorrer das etapas de desenvolvimento do projeto, os/as alunos/as não percam de vista seu objeto de pesquisa, consigam vivenciar outras experiências de aprendizagem por meio dos projetos e compreendam que o conhecimento é aquilo que tem a função de operar transformações significativas em sua formação (Stivanello, 2020, p. 76).

Focando nos quesitos que compreendem o ensino de História, no decorrer das entrevistas que buscavam um olhar crítico para a realidade vivenciada dos feirantes, tomando posse das questões temporais quanto às mudanças e permanências ocorridas entre os anos de 2017-2019 sobre o desenvolvimento do mercado, não foi possível negar o espaço de memória discutida pela oralidade. Portanto, reconhecendo que os caminhos dos indivíduos e dos grupos fazem jus para serem escutados, assim como as especificidades de cada sociedade obrigatoriamente devem ser conhecidas e, claramente, respeitadas (Matos; Senna, 2011).

Figura 2 - Banner da exposição da pesquisa

INSTITUTO EDUCACIONAL "MENINO JESUS"
 "PARALELA À EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS
 POR UMA EDUCAÇÃO DE QUALIDADE"

DEPARTAMENTO PEDAGÓGICO: ENSINO FUNDAMENTAL II

COORDENADOR: PEREIRA, Welton
PROF. ORIENTADOR: SILVA, Alcino Silva;
ALUNOS – PESQUISADORES: BASTOS, Suanny; CASTRO FILHO, Josemias;
 COELHO, Jessica; MACEDO, Suzane; MADEIRA, Shayame; MENEZES,
 Raine; MOREIRA, Maria; NUNES, Jhonny; SERRA, Marcus.

A FEIRA DO ANJO DA GUARDA UM CONGLOMERADO ECONÔMICO: uma investigação dos estudos da feira nas edições do SEMIP.

INTRODUÇÃO
 É importante considerar aos jovens e adultos, o privilégio de aprender mais sobre a feira do Anjo da Guarda, com total clareza e de forma importante para a nossa comunidade do Anjo da Guarda. Além de ser um tema local, importante e fundamental para a nossa comunidade do Anjo da Guarda, o Instituto Educacional "Menino Jesus", apresentaram os alunos do 9º ano C, a pesquisa: entender e defender sobre esse assunto, ao pesquisador, através de um texto contendo de pesquisa, e porque não aprender sobre esse local que frequentamos constantemente? Diante disso, decidiu-se ser interessante a exploração de tema para a valorização da feira do Anjo da Guarda.

OBJETIVO:
 • Discutir e analisar que é pouco abordado, quando se trata da feira do Anjo da Guarda;
 • Compartilhar informações, estudar e expor, suas opiniões, as características, seus usos, tornando possível um melhor aproveitamento para o consumidor e também para os vendedores.

O ANJO DA GUARDA:
 O bairro do Anjo da Guarda, um dos bairros conglomerados de São Luís, é referência quando se fala de formação da capital maranhense, por ser um bairro fundador e parte maior do atual São Francisco (MATEO; BARBOSA; CORREA; MENONÇA, 2016). Podemos observar que a feira do Anjo da Guarda tem localização privilegiada dentro da região São Francisco, sendo este um grande centro econômico da Região. O "Anjo da Guarda", como é popularmente conhecido, se tornou palco de um crescimento demográfico bastante intenso, do qual resultam atualmente diversas empresas, escolas, principalmente no âmbito público e comunitário, hospitais, feiras e estabelecimentos, que destacamos ainda mais a feira do Anjo da Guarda (PEREIRA, 2011, 47).

Porém, desde a abertura da feira do Anjo da Guarda como um espaço econômico diversificado em diversos bairros, a mesma, segundo Araújo, Barbosa, Carneiro, Mendonça (2016) dentro da região São Francisco, compõe por aproximadamente 40 (quarenta) bairros e 20 (vinte) comunidades inseridas nas margens e ao lado da rodovia da estrada de Pedrinhas, trecho urbano da rodovia federal BR-155 que tem conexão da capital de São Paulo, no bairro Madre Deus (Centro Histórico) e grande Complexo Portuário de Porto de Itaqui, composto pela terminação do ferry boat, da Ponta da Madeira, a Alameda e o complexo ferroviário-portuário da mineração Vale.

O GRANDE CENTRO ECONÔMICO DO ANJO DA GUARDA:
 Desde de 2017 sobre a feira do Anjo da Guarda, iniciou-se uma discussão com o seguinte questionamento: qual a importância da feira do Anjo da Guarda para a economia da região? A importância da feira para a economia da região é fundamental por que, ela faz parte do progresso e da qualidade de vida da população e também de estudo dos computadores dos dados". – Fabiano Vitorino dos Santos, Presidente da feira do Anjo da Guarda (SEMIP, 2017). A Feira do Anjo da Guarda para consumo de todos os tipos de empresas, direta e indiretamente. Por ser um lugar público, de necessidade de todos, e um local de feira, muitas pessoas vão diariamente à feira, e que acaba fortalecendo a região, e com isso, trazendo mais recursos, mais investimentos, e muitos outros benefícios para toda a região. Em primeiro lugar, estimula o empreendedorismo, isso é a abertura do próprio negócio, a capacidade de iniciativa. Em segundo lugar, dá lugar ao comércio.

METODOLOGIA:
 Para concluir esse artigo realizamos uma investigação sobre pesquisas realizadas exclusivamente para a feira do Anjo da Guarda nas edições anteriores do SEMIP e em seguida uma análise bibliográfica sobre a feira do Anjo da Guarda, onde os dados obtidos foram selecionados. O artigo selecionado foi de maio de 2017, da 2ª edição do Seminário A Feira do Anjo da Guarda, investigando diretamente o ambiente no qual se dá a feira para analisar como a feira hoje, se nega, ou se aproximou de mudanças. As ações desenvolvidas foram de entrevistas, diálogos e visitas à feira. Para os pesquisadores, uma análise detalhada dos dados obtidos, as entrevistas foram realizadas durante os meses de agosto, setembro e outubro durante a feira, para que a coleta de dados seja mais efetiva. Foram realizados vídeos, gravação de voz e fotografias.

RESULTADOS:
 A Feira pode ainda ser um espaço adequado para empresas em busca de novos representantes comerciais. Assim, a Feira constitui educação e negócios. Os lucros maiores (como os lucros da feira) tem [sic] Já os lucros menores (como os lucros da feira) tem [sic] verdadeiros tem aproximadamente 1,80x % em. Em análise aos resultados da investigação do artigo selecionado de 2017 encontramos os seguintes dados sobre a quantidade de lucros:

• MERCARIA: 21
 • AÇÚCAR: 14
 • LEIÃO DE BOTAFOGO: 22
 • FERRARIA: 22
 • SACO DE LÃO: 23
 • OCTONIN TILIZADOS
 Total: 147

FONTE: O IMPARCIAL

Fonte: Acervo do projeto (2016)

Nesse contexto, provocando o desejo dos alunos envolvidos, passa-se a investigar como surgiu o bairro do Anjo da Guarda, onde a feira em foco se localiza. Dessa forma, contribui para que os alunos-pesquisadores olhem para dentro de si, de modo que o desejo de conhecer e discutir a História se revela no aluno que passa a compreender-se como sujeito histórico que tem o poder de intervenção do passado no futuro por meio das pesquisas. Por outro lado, entendem a importância do ouvir para a construção da História e de sua vida como sujeitos históricos. Pontua-se que a fonte da oralidade pode acrescentar uma extensão viva, trazendo novas perspectivas à escrita da História (Matos; Senna, 2011).

Assim, a interdisciplinaridade se consagra como uma proposta aparentemente inovadora por buscar romper com a lógica disciplinar já exaustiva de controle do conhecimento, e se intercalou com outras disciplinas para a promoção de uma pesquisa mais significativa para os alunos-pesquisadores. Ou seja, uma adaptação ao mundo globalizado envolvendo uma diversidade de ensino para confrontar os déficits que permeiam o processo de ensino-aprendizagem.

Compreender as bases epistemológicas da interdisciplinaridade é essencial para o desenvolvimento e a concretização de sua prática, pois permite a evolução do entendimento do "que" (objeto), do "como" (método) e do "porquê" (finalidade) da interdisciplinaridade. Na medida em que a interdisciplinaridade é melhor compreendida, melhor será sua utilização e contextualização, seja na pesquisa, no ensino, na extensão ou em projetos que alcancem as diversas modalidades (Santos, 2019, p. 36).

No que tange ao ensino de História direcionando o SEMIP, a prática pedagógica é determinada pelo grau de consciência de todo o corpo educacional, isto é, demanda a participação comum dos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. E, para o ensino de História, desprende-se a ideia de ensino que não conversa com as histórias, a pesquisa interdisciplinar, apresentada como exemplo, trabalhou a localidade, a oralidade e, principalmente, a consciência histórica, bem como propiciar como resultado o domínio de informação ao aluno-pesquisador, que pesquisa porque busca aprender e aprende continuando a buscar.

No exemplo exposto, observou-se a relação que o Projeto tem com a realidade da comunidade, assim como justifica como o Projeto sob análise, criado no ano de 2016, no segmento do Ensino Fundamental–Anos Finais, mantém-se exemplar para a condução do processo de ensino-aprendizagem. Um projeto que, em sua base, preserva essa relação do aluno-pesquisador com o lugar onde está inserido e como resultado sólido se constitui formando alunos-pesquisadores.

O Projeto Seminário Interdisciplinar de Incentivo à Pesquisa, em sua 7ª edição, mantém sua relação com os estudos históricos, com o olhar de repensar, criar e inovar respeitando a sociedade. O SEMIP atua em 14 turmas da Escola Comunitária Menino Jesus, no bairro do Anjo da Guarda, com um total de 20 professores envolvidos e 3.000 alunos que formam o corpo de alunos-pesquisadores. A edição atual objetiva apresentar a importância da formação do sujeito como histórico e pesquisador, responsável pelas transformações, pelos impactos e pela História que ocorrem em sua sociedade local, sendo estes protagonistas do seu processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, os objetivos específicos do Projeto são relacionados com os resultados esperados (tabela 1).

Quadro 1 - Objetivos e resultados esperados

Objetivos específicos	Resultados esperados
1. Contribuir com o índice de desenvolvimento educacional dos alunos participantes.	Permanência de 80% dos alunos no trabalho de pesquisa na Educação Básica e no Ensino Superior, além de promover a reflexão sobre a importância de projetos no ambiente escolar com a finalidade de contribuir para a constituição projetos no ensino de História.
	Aumento de 70% dos interesses dos alunos na disciplina de História.
2. Aumentar o número de alunos-pesquisadores na região local.	Reconhecimento da região como um espaço de pesquisa e de pesquisadores.
3. Capacitar professores em metodologias de ensino em pesquisas.	Apresentação de métodos pedagógicos realizados a partir de estudos teóricos com base em projetos realizados em uma escola comunitária do Anjo da Guarda.
	Oficinas para organização de projetos de incentivo à pesquisa.
4. Contribuir para a aproximação de professores e alunos das formas como são produzidos os saberes, permitindo que eles se apropriem e/ou construam maneiras pelas quais esses saberes possam ser ensinados e aprendidos.	Apropriação dos alunos e professores da construção das maneiras pelas quais esses saberes possam ser ensinados e aprendidos. Apropriação e recriação da história evidencia a possibilidade que o ensino de história tem de formar a consciência histórica.
5. Proporcionar alternativas metodológicas de apropriação de atividades de pesquisa enquanto atividade organizada em avaliação e planejamento; importante não apenas para o desenvolvimento educacional do aluno, mas também para o desenvolvimento social das crianças/adolescentes.	Conceder resultados sociais à comunidade do Itaqui-Bacanga, em especial ao bairro do Anjo da Guarda, além de promover às crianças e aos adolescentes que participam do Projeto formas de se relacionarem com os outros, trocando experiências, competindo e ajudando uns aos outros.

Fonte: Acervo do Projeto (2023)

Todos os estudos são organizados na dinâmica escolar e buscam, na arquitetura metodológica, que sejam relacionados aos conteúdos aplicados em sala de aula. Assim, a escola, ao prover as ações do SEMIP, promove procedimentos avaliativos formativos que caracterizam

- acima de tudo - a aprendizagem. Também acontecem encontros com os professores para discutir a proposta pedagógica, exemplificar os contextos que levam à relação das pesquisas com a História, além de serem os espaços determinantes das ações e da organização dos eixos temáticos, da estruturação das linhas de pesquisas, dos debates sobre a História da região e sua relação com cada pesquisa. Dessa forma, o professor de História é indispensável em todas as etapas e os encontros desse Projeto.

Em classe, em um processo de seis meses, são constituídos o desenvolvimento e os métodos do trabalho com orientações do que são artigos, citação direta, citação indireta, como tais sujeitos são importantes ao dar respostas sociais à comunidade. Sendo assim, os próprios alunos promovem e constroem seus pensamentos e a sua produção. Logo em seguida, foi-se dado a organização das equipes e as definições das pesquisas que passaram a ser desenvolvidas da seguinte forma:

Quadro 2 - Etapas da pesquisa

1º	Pesquisas dos artigos (Resumos expandidos) pelas temáticas escolhidas.
2º	Análises dos artigos (leituras, fichamentos)
3º	Descartes e aproveitamento dos textos
4º	Confecção dos artigos
5º	Entrevistas nas ruas, em casa, na escola
6º	Observação dos resultados
7º	Pré-apresentação em classe
8º	Confecções dos materiais e revisão dos artigos

Fonte: Acervo do autor (2024)

Após as ações de pesquisas concluídas direcionadas para a revisão e, principalmente, para a aprovação, começa-se, em seguida, a confecção de banners, slides, mesas redondas e de debates. Os alunos-pesquisadores apresentam os dados e resultados aos demais alunos, aos professores e à comunidade local. A apresentação dos dados da pesquisa ocorre em um dia de culminância quando os alunos-pesquisadores explanam o aprendizado e os resultados em cada pesquisa juntamente com os seus professores orientadores.

Na metodologia do projeto, considerando que o ensino de História tem como provocar e possibilitar o pensamento crítico que contribui no processo de formação de alunos para a sociedade a partir de suas próprias reflexões, buscou-se fundamentos em revisão bibliográfica de acordo com Prodanov (2013), apontando que a construção é elaborada a partir de material

que já tenha sido constituído, principalmente, de livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos e outros. E no que, segundo Gil *et al.* (2018).

Nesse universo que se constrói com o Projeto SEMIP, as pesquisas funcionam por meio das ações do professor-pesquisador, como portais ou, simplesmente, como vários autores que tratam de remodelar os conceitos de ensino-aprendizagem, comportamentos e a viabilidade proposta para que o aluno venha a se encontrar em sala de aula. Nesse aspecto, este é um sujeito indispensável para edificar a interdisciplinaridade que trabalha a pesquisa. Na concepção de Maria Auxiliadora Schmidt (2005), trataria de uma busca de professores e alunos que buscam a renovação dos conteúdos.

Professores e alunos busquem a renovação dos conteúdos, a construção de problematizações históricas, a apreensão de várias histórias lidas a partir de distintos sujeitos históricos, das histórias silenciadas, histórias que não tiveram acesso à História. Assim, busca-se recuperar a vivência pessoal e coletiva de alunos e professores e vê-los como participantes da realidade histórica, a qual deve ser analisada e retrabalhada, com o objetivo de convertê-la em conhecimento histórico, em autoconhecimento, uma vez, que, desta maneira, os sujeitos podem inserir-se a partir de um pertencimento, uma ordem de vivências múltiplas e contrapostas na unidade e diversidade do real (Schmidt; Garcia, 2005, p. 299-300).

Já Paulo Freire afirma que é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescenta à de ensinar para que exista o professor-pesquisador. O estudioso afirma que “faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador” (Freire, 1996, p. 13). Isso provoca uma mudança na concepção de ver o momento em que se vive, ou seja, o tempo para o professor rever o passado para transformar as ações do seu presente transformando as trilhas seguidas para um novo; um novo que representa o futuro.

O professor deve compreender as práticas do passado entendendo que o seu alunado se encontra no presente. Tal realidade ainda faz da interdisciplinaridade com pesquisa modelo de desenvolvimento crítico dos alunos. Pondera-se o que diz Marina Garcia de Oliveira:

A escola ainda está marcada por práticas educacionais e valorativas de tempos passados, enquanto os seus estudantes vivem o presente e, nem sempre, conseguem se adequar às exigências escolares. Nesse sentido, a escola tem procurado rever suas práticas e metodologias, no sentido de dar mais voz aos estudantes, desenvolver autonomia e espírito crítico neles (Oliveira, 2017, p. 70).

Aproveitando das colocações da autora para expor o papel da disciplina de História na promoção da autonomia e do pensamento crítico do sujeito. A autora pontua a disciplina de História como aquela que se propõe a estudar as relações do homem no tempo; o qual não é o momento dos alunos, das novas proles de estudantes, marcadas pelo instantâneo e pelo imediato. Um dos maiores desafios é mostrar a esses alunos as permanências e as rupturas

históricas inseridas no processo histórico, de modo que eles consigam compreender estruturas sociais, políticas, econômicas e mentais (Oliveira, 2017).

Isso reforça o posicionamento da interdisciplinaridade que trabalha a metodologia da pesquisa, do trabalho colaborativo e por projetos, sendo que o projeto tem as vantagens de poder contemplar em si as outras metodologias (Oliveira, 2017). Os professores que participaram do projeto de caráter interdisciplinar, que observaram de forma extremamente satisfatória o desempenho dos alunos e seus compromissos com os seus relativos trabalhos, além da produção eficiente de atividades não peculiares do seu cotidiano.

Observa-se que os resultados notificam um grande número de pesquisas que anseiam em valorizar a região e o próprio aluno no meio social, dando-lhes a autonomia para opinar sobre o seu comportamento, elaborar seu posicionamento, além de desenvolver habilidades de apresentação e conhecimento sobre a história local por viés da interdisciplinaridade. Cita-se, ainda, que, pelo Projeto Seminário Interdisciplinar de Incentivo à Pesquisa, é evidente um maior acolhimento da relação profissional professor-aluno. Dessa forma, cumpre compreender como se dá esse método de aprendizagem em que o(a) aluno(a) seja capaz de relacionar a noção prévia à informação mais complexa e a transforma em conhecimento efetivo (Stivanello, 2020).

Conclui-se que a metodologia de ensino de pesquisa por projetos interdisciplinares, como é o caso do SEMIP, visa contribuir para uma visão mais ampla sobre a educação e o modo de educar. Com o objetivo de discutir a prática argumentativa e efetiva de pesquisas e projetos elaborados por alunos do Ensino Fundamental–Anos Finais, a partir da pesquisa que pode criar posicionamento autoral dos alunos, dos escritores e dos estudos realizados no campo da área Itaquí-Bacanga em São Luís e do estado do Maranhão.

Sobre isso, pontua-se que:

Costumamos ouvir cotidianamente que a juventude perdeu a capacidade de pensar o futuro, tornando-se imediatista em sua perspectiva de vida. No entanto, observamos uma força de expectativas e sonhos nesses alunos que, de alguma forma, surpreende quanto à capacidade dos jovens de se organizarem em torno de um plano de vida que ainda aposta na educação escolarizada e no trabalho. Em uma sociedade na qual as pessoas perderam a capacidade de sonhar, esses jovens alunos representam uma esperança (Fernandes, 2016, p. 25).

Ainda que continuassem a ouvir isso, não se deve continuar a esperar. A verdade é que se deve projetar, interdisciplinar e promover a discussão sobre a importância do ensino de História. Ou seja, fazer com que o desejo em História seja apreciado e regozijado pelos alunos que pesquisam pelo motivo de buscarem compreender o seu tempo pela relação do passado com o futuro.

3 UMA BREVE APRESENTAÇÃO DO BAIRRO DO ANJO DA GUARDA

A natureza deste capítulo é demonstrar, metodologicamente, o olhar sobre o local e, posteriormente, o lugar da pesquisa reconfigurada pelo investigador para aproximar a pesquisa qualitativa da pesquisa-ação, envolvendo as características e os objetivos de ambas as abordagens. A pesquisa qualitativa está focada na compreensão de fenômenos sociais, explorando as percepções, motivações e experiências dos indivíduos, sujeitos da pesquisa, enquanto a pesquisa-ação visa resolver problemas práticos gerando conhecimento teórico como modelo de ensino que nele está exposto.

Prodonov (2013) afirma que se emprega na pesquisa qualitativa um método de interpretação enérgica e totalizante do fato, pois considera que os acontecimentos não podem ser relevados externa os de um contexto social, político, econômico etc. Logo, para qualquer pesquisa, existe um lugar ou morada e uma História; conforme apontada na escrita metodológica desta dissertação, a qual não poderia fugir da configuração da História Local do Bairro Anjo da Guarda e, por conseguinte, do lugar da pesquisa, a escola Menino Jesus.

A configuração local da história mantém relações de proximidade com a chamada história nacional, mas, também, de distanciamento. Ela é construída por práticas e relações da chamada história local, nacional e global; essas são relações de força, cuja composição não é de fácil distinção. Isso significa reconhecer que não podemos esperar encontrar, em dada configuração da dimensão local da História, um recorte em miniatura da história nacional ou global, mesmo que encontremos traços e sinais semelhantes. Em outras palavras, a dimensão local da História não é um simples e diminuto pedaço de uma história maior. Não é a consequência daquilo que teria ocorrido na história nacional. Se as tintas com as quais se pinta a dimensão local da História são análogas às que desenham as experiências da chamada história nacional, a tonalidade pode sofrer variação, e a tela, assim, ganhar outros tons, outros traçados e, por que não, outras cores. Entretanto, não podemos tampouco esperar que a dimensão local se constitua como uma história independente ou alheia ao que se passa em dada dimensão macro das relações de poder que constroem, historicamente, as experiências, como se não existissem, entre as dimensões local e nacional, pressões, abalos e ressonâncias (Cavalcanti, 2018, p. 287).

Destarte, dialogou-se, neste capítulo, sobre a História local e a Memória, apresentando a importância da História do povo da região do Itaqui-Bacanga, como lugares de memórias que são apresentados em pesquisas desenvolvidas pelos alunos por meio do Seminário Interdisciplinar de Incentivo à Pesquisa, demonstrando que o se tem e o que se é não pode ser considerado uma história em miniatura da história nacional; conforme afirma Cavacanti (2018), tampouco se é desfocado na história nacional, mas há fazeres e saberes que são específicos desse local.

Para isso, procurou-se apresentar o eixo Itaqui-Bacanga, que possui, entre os seus diversos bairros, o Anjo da Guarda, constituído a partir dos anos 70. Tal região, possui uma

vertente histórica riquíssima, ligada ao centro da cidade de São Luís, sendo caracteristicamente portuária devido a sua localidade, no Golfão Maranhense, especificamente, na parte oeste da capital, entre o Rio Bacanga (leste), o Oceano Atlântico (norte) e a Baía de São Marcos (oeste). De acordo com o que aponta Conceição, Carvalho e Bouças (2012), a região é rica economicamente em razão do seu contexto geográfico e histórico.

O Anjo da Guarda engloba, em suas discussões, a Ermida de Nossa Senhora da Guia, o Sítio do Tamancão, a Igreja do São Joaquim do Bacanga e a Ponta do Bonfim, que antecedem a fundação do bairro. Esses contextos são considerados pontos estratégicos de pesquisas e atuações de trabalhos dos alunos-pesquisadores nessa região, pois, não faltam evidências históricas nessa localidade que testemunham a relação da cidade de São Luís com as atividades laborais e culturais do Itaqui-Bacanga.

3.1 História Local e sua relação com a história nacional

No sentido de expandir o debate acerca do local da pesquisa e com o objetivo de contribuir e ampliar as reflexões, problematizando alguns desafios sobre os usos da chamada história local, segundo Cavalcanti (2018), surge, então, a necessidade de se pensar em estratégias que contribuam para uma mudança não apenas no entendimento de como o conhecimento histórico é construído, mas como o bairro do Anjo da Guarda é fonte de saberes.

Para isso, utilizou-se abordagem no que tange uma pesquisa qualitativa, de acordo com Prodanov (2013), tendo o local como manancial direta dos dados, em que o pesquisador mantém o contato diretamente com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo, ou seja, em uma abordagem qualitativa “existe uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (Prodanov, 2013, p.70). Dessa forma, aborda-se o conjunto de procedimentos humano de forma contínua nas armações, nos métodos, nos subordinados, nos significados e nas reproduções, de acordo com Minayo (2001).

Seguindo essa perspectiva, caracteriza-se o local da pesquisa, apresentando a nascença do bairro Anjo da Guarda, no apogeu de uma História Nacional de Ditadura Militar, nos anos de 1960, constituída na visão de modernidade, significa conceber à luz a experiência individual e coletiva de um povo que formou o Anjo da Guarda; um bairro que desabrocha seus medos e suas dificuldades em um governo de grandes construções de um visionário político, o José Sarney, ex-governador do Estado do Maranhão.

Salienta afirmar que o modelo de governo do José Sarney apresentava o simbolismo nacional de modernidade devido a um marco de construções de grandes obras, símbolos tradicionais dos anos do regime ditatorial no Brasil; aqui designados como um conjunto de experiências e planos para a cidade de São Luís, indiciando a capital na construção de uma “cidade nova”, na visão de superar a fisionomia da antiga cidade ainda enraizada aos anos 1920 e 1930 (Costa, 2020).

Tal marco de modernidade não é um símbolo comum criado em um regime. Na verdade, é adotado acompanhando as forças impulsivas do capitalismo mundial de transformações daquele período. Refere-se, aqui, da terceira fase da História da Modernidade, no que expõe Berman (1994, p. 16): “no século XX, nossa terceira e última fase, o processo de modernização se expande a ponto de abarcar virtualmente o mundo todo, e a cultura mundial do modernismo em desenvolvimento atinge espetaculares triunfos na arte e no pensamento”.

E esses traçados de modernidade avassaladores dos que se diziam progressistas apresentavam ideais que incluíam à nova cidade um espaço para a indústria, a estrutura para as amplas iniciativas de viés imobiliário, a instalação de uma nova Universidade, espaços para o lazer, um “Maranhão Novo”, terra de prosperidade e modernização. Atraídos nesse ideal, formam uma paisagem rica de informações e contam histórias escritas e vividas por alguns autores, os quais representaram o período, mas que deixam de lado a História ou a História Pequena; aquela que é vivida por um povo que formou associações, escolas comunitárias e hospital comunitário para atender as demandas de sua gente, que fizeram da Paixão de Cristo, o maior espetáculo a céu aberto do Maranhão, aquela História daquela gente que se constituiu a partir de chamas que ainda continuam vivas. Erinaldo Cavalcanti aponta que:

Se apresentam na utilização do conceito de história local diz respeito a um conjunto de significados que a institui em uma relação de oposição aos considerados grandes fatos ou acontecimentos. Nesse sentido, a história local seria, por excelência, uma “história pequena”, ou história miúda. Não pequena em importância ou significado, diga-se à exaustão. Por “história pequena” me refiro a uma dada leitura que sugere uma interpretação pela qual uma história (ou várias histórias) é apreendida e percebida pela extensão espacial de seus desdobramentos; que não excederia grandes limites geográficos. O conhecimento de existência dessa história não ultrapassaria grandes alcances, além dos imediatos limites no espaço físico onde ocorrera (Cavalcanti, 2018, p. 277-278).

Como é o caso daquela gente, oriunda do “Incêndio do Goiabal”, o marco histórico que fez surgir a Vila do Anjo da Guarda, ou um bairro que transborda história e memória viva de luta e resistência, mesmo que as propostas indicadas a este povo não o favoreça.

Desde 1966 já existiam propostas para a ocupação da área do Itaqui e a justificativa era a construção de vias de acesso ao novo Porto. Assim, a construção do trecho da rodovia ligando São Luís ao novo Porto do Itaqui alavancou-se com o incentivo propagandístico de um lado e a necessidade dos vitimados pelo incêndio do outro e,

ainda em 1968, se iniciava a ocupação da região até então conhecida como Itapicuruába – histórica nomenclatura do Anjo da Guarda (Costa, 2023, p. 17).

Isso demonstra que a modernidade do Governo Sarney era um tanto da representação de um grande espetáculo da dessemelhança num cotidiano de mudanças e permanências em um cenário montado por encantados discursos de “revolução” e “progresso”, as edificações características do ideal da “nova São Luís” devotavam um contemplar de ilusão para a região do Bacanga. Já se conjeturava a construção de um grande bairro operário para 400 mil habitantes - oriundos dos bairros atingidos pelas intervenções - a ser construído na região, em uma margem distante do centro da cidade, onde nos lugares que se encontravam os casebres, as palafitas, o mangue e a pobreza, cederia espaço ao concreto e ao asfalto (Costa, 2020).

Empregando uma discussão importante, enquadra-se, nesse contexto, a atenuação do historiador Wagner Cabral Costa, ao despertar para a visão de injustiça social do projeto de governo do Sarney que se configuram bem acanhados nas ações realizadas na transferência do povo que vivia na região central para o novo bairro que surgia.

Na realidade o que prevaleceu foi a ótica do desenvolvimento do capitalismo com forte injustiça social. O projeto “Maranhão Novo” é um exemplo típico de uma proposta de modernização conservadora, pois, de um lado, perseguiu o desenvolvimento econômico através de várias iniciativas, tais como: a criação de um organismo de planejamento (a SUDEMA - Superintendência de Desenvolvimento do Maranhão), o investimento em infra-estrutura de transportes e energia (Porto do Itaqui, Rodovia São Luís – Teresina, hidroelétrica de Boa Esperança, petróleo!?), a prioridade dada aos “grandes projetos agropecuários” em detrimento dos pequenos produtores rurais, a “modernização” da estrutura de propriedade fundiária com a Lei de Terras de 1969 (que ampliou o espaço para a grilagem com apoio do governo do Estado e para a venda de terras devolutas a grupos privados) (Costa, 2018, p. 9).

Os discursos preconizavam a prosperidade ao período de transformação em referência à prosperidade vivida, assumindo um compromisso de revitalização econômica e social da cidade por meio das suas inscrições simbólicas e do emaranhado de teias que formaram o imaginário de transformação, negligenciando a realidade de pobreza e exclusão que, às vezes, parecem tão sutis que, de certa forma, teriam sido impregnados como fatos que detinham de valor.

O Estado colaborava no feito de uma das condições fundamentais – agrupamento de trabalhadores – para cobrir a implantação ou a concretização dos projetos econômicos e governamentais em curso (Santos, 2019). Em outros olhares, o projeto de modernização que enquadrava o bairro Anjo da Guarda se materializou como um artifício de segregação social dentro da cidade de São Luís, o que derivava dos almejos de longos tempos pelas elites da cidade (Miranda, 2016). O remanejar de populações para o espaço onde é o bairro do Anjo da Guarda, mediante transferência e ocupação ordenada e delineada, foi uma estratégia discorrida

como formato de soluções, evitando as aglomerações em áreas que ainda eram ocupadas pela pequena elite existente.

Em agosto de 1968 se iniciava a ocupação da Itapicuruá, sob a batuta da CETRAP, Comissão Estadual de Transferência da População⁷, que elaborou um plano de remoção de curto prazo que previa inicialmente a construção de 78 barracos de palha pela Polícia Militar, de forma provisória para, no prazo de 90 dias, todos receberem suas residências de alvenaria. Contudo, o mais revelador daquelas medidas foi que “não mais seria permitida a construção de novas residências no local do incêndio” (O Imparcial 17 de out. de 1968). Doravante apenas as avenidas e os grandes projetos governamentais teriam lugar, pelo menos no centro da cidade, de acordo com os sonhos governamentais (Miranda, 2016).

Para o remanejamento, somando as justificativas de modernização já expostas apresentando como consequências advindas da construção da barragem do Bacanga. Devido a essa obra, algumas extensões resididas por trabalhadores urbanos e subalternos poderiam ser atingidas pelas águas do rio. Mas o incêndio, coincidentemente ocorrido no Goiabal – uma das áreas já previstas para o remanejamento populacional – abreviou a ocupação e a formação da Vila Anjo da Guarda.

Coincidência – ou não – estopim para a remoção dos moradores dos bairros da Madre Deus e Goiabal foi um incêndio de grandes proporções nos casebres que lá existiam, ocorrido na noite do dia 14 de outubro de 1968 às margens do rio Bacanga. Com o desastre, um grande contingente de desabrigados deveria ser rapidamente alojado; nos dias seguintes logo surgiu a proposta para que os desalojados fossem de imediato instalados na região do Itaqui, no futuro bairro do Anjo da Guarda conforme os planos já delineados pelo governo ainda em 1966 – ocupar aquela região distante e deixar disponível uma vasta parcela das margens à direita do Rio Bacanga para assim viabilizar, pelas mãos do Departamento Estadual de Estradas e Rodagem, as obras de viação e infraestrutura, principalmente as vias de acesso ao novo porto, através da construção do trecho da rodovia ligando São Luís ao Itaqui. O incentivo publicitário do governo e a necessidade dos vitimados pelo incêndio indicava a ocupação da região até então conhecida como Itapicuruá – tradicional nomenclatura da região do Itaqui. À medida que as famílias afetadas pelo incêndio deixavam a região central da capital, abriam o caminho para a execução dos grandes projetos de reordenamento do espaço (Costa, 2020, p. 2-3).

As vítimas do incêndio no Goiabal, ocorrido no dia 14 de outubro de 1968, de começo foram asiladas na garagem do prédio da Secretaria de Viação e Obras Públicas (SVOP). Existe uma incerteza no número de pessoas atingidas por tal acidente, os jornais do período veiculavam ter sido, aproximadamente, 100 famílias que foram relocadas à nova área (Santos, 2019).

O trajeto do deslocamento da população para o espaço foi conduzido através do Maracanã, pois a obra da barragem do Bacanga ainda não estava concluída. A população transferida do Goiabal se atrelou a outros trabalhadores e familiares que, oriundos de diferentes localidades de São Luís (Lira, Madre Deus, Fonte do Bispo, Macaúba, Tirirical, Itaqui, São Francisco, Liberdade, Anil), e também do interior do Maranhão, alocaram-se no bairro do Anjo da Guarda (Santos, 2019).

Com a continuidade do remanejamento de populações, o projeto político do governo José Sarney (1966-1970), denominado “Maranhão Novo” apresentava, em suas estruturas, os mecanismos que pretendiam promover no imaginário da sociedade maranhense, a prometida ideia modernidade, e que esse governo se promove como uma ruptura do atrasado e a instauração do “Novo”; um Maranhão que fosse capaz de abrigar não somente a esperança da população, mas a oportunidade de um estado que rompeu com o passado.

Figura 3 - Formação do bairro do Anjo da Guarda



Fonte: O Imparcial (2017)

Todavia, a História Local foi construída pela comunidade, que teve seus anseios resolvidos por meio de muitas lutas e união, instituindo associações, escolas comunitárias, hospitais comunitários, rádio comunitária, teatro e símbolos de arte e cultura. Obras que viessem sobrepôr a ideia de violência e perigosidade que faziam parte das constantes notícias sobre a região, pois o notório crescimento demográfico e industrial também foi acrescido aos problemas sociais. E, nesse contexto, para o enfrentamento dos problemas existentes na comunidade do Anjo da Guarda, que utilizou de estratégias como implantação do terceiro setor.

Ao olhar para o bairro do “Anjo da Guarda”, podemos ver um importante capítulo da história urbana e social de São Luís, sob o entendimento de que a ação do homem no espaço transforma, constrói e destrói, em um sentido de progresso e, ou, retrocesso; em um movimento de ocupação, muitas vezes vinculado às necessidades, vimos que assim também se deu seu processo de formação e desenvolvimento. Ao andar por suas ruas, descortinam-se intensas e diversificadas atividades comerciais em um mosaico formado por lojas, restaurantes, agências de banco e de correio, supermercados, farmácias, praças, teatros, hospitais, postos de saúde, estação ferroviária, praias e parque botânico (Pereira, 2021, p. 48).

A ascensão do bairro foi promovida por uma verdadeira reforma comunitária, cujo plano de reestruturação da infraestrutura cabia ao Estado, mas, na verdade, foram desenvolvidos por várias instituições comunitárias com execuções de projetos. Isso devido ao importante sentimento de pertencimento já dito, pois, à medida que os moradores chegavam, a identificação com o bairro se tornava algo forte e comum, abrigando, inclusive, os que chegavam buscando oportunidades no local.

Observou-se tal identidade de pertencimento à região nas palavras de um dos grandes nomes do bairro, o diretor/radialista, empresário e político Luís Augusto da Silva Nascimento, o qual foi um dos nomes que participou de inúmeras atividades sociais ao chegar à região.

“Erradiquei-me no Anjo da Guarda em 1981, mas na década de 70, já conhecia o bairro, pois tinha conterrâneos de Pedreiras morando aqui. As ruas sem asfalto e esgoto, como é até hoje, me fez sentir a necessidade de me integrar aos movimentos sociais e religiosos na luta por melhores condições de vida desta gente que já tinha sofrido pelo incêndio no goiabal. Quando a gente ver a árvore que plantamos dando fruto, por termos regado, cuidado, nos sentimos parte desta conquista. Minha família está aqui, meus filhos nasceram aqui, meus amigos estão aqui, o que eu tenho conquistei aqui, aprendi e devo aos movimentos sociais, religiosos e políticos daqui, por isto este gesto de pertencimento que eu tanto prego, ao ponto de criar o movimento DESPERTA ITAQUI-BACANGA, me credibiliza a afirmar o meu sentimento de pertencimento a este grande e sofrido Anjo da Guarda.” (Nascimento, 2024).²

Percebe-se, então, com as palavras do morador e ativista do bairro, que o uso da oralidade e da memória como metodologia pode contribuir para a compreensão da história local e ressaltar a sua importância na história nacional, permitindo que fontes documentais sejam experienciadas de forma prática e a memória colaborando para a construção de referenciais teóricos a partir da realidade exposta pelo sujeito. O sujeito revela por meio de sua vivência e memória a história local ao apresentar o processo histórico do que vivenciou. Esse aspecto que explora as relações entre memória e história possibilitou uma abertura para a acedência do valor dos testemunhos diretos (Ferreira, 2002).

Acrescenta-se ponderando tal questão ao se tratar do bairro do Anjo da Guarda, de modo que se deve levar em consideração o misticismo designado a esse polo cultural, já por diversas vezes replicado pela ideia de violência e medo associada à realidade das periferias, condicionando, frequentemente, o silêncio das vozes dos moradores que construíram com espaços de memória e história.

Ao retratar espaços como os bairros populares ou os subúrbios, a mídia opta por uma lógica que prioriza as notícias geradoras de impacto, aquelas relacionadas às demandas ou problemas de caráter social que atingem a população. (...) No que diz respeito, especificamente, à midiática de problemas sociais como a violência, os meios de comunicação exercem grande influência na criação e disseminação das crenças e opiniões da sociedade acerca da temática (Oliveira, 2006, p. 9).

² Luís Augusto, diretor/radialista da Rádio Bacanga FM, um dos principais líderes dos movimentos sociais do Itaquí-Bacanga, em especial, do Anjo da Guarda.

A condição que o grande comércio midiático impôs em sua escrita condiz apenas à função de mercado, um público, um objetivo rápido e vendável. Nas entranhas de informações desse setor, não desvenda os sentimentos de pertencimento e identidade da população, que é o bairro que constrói a cada dia. O bairro do Anjo da Guarda consiste em uma peça real, imutável, e sem ensaios do palco das vivências da cidade de São Luís; um berço de sonhos e desejos. Assim como a História da cidade representa uma memória que brada versus a grafia do que lhes foi imposta e estabelece que seu vozear seja acatado, em que o atravessado possa ser revivido, catado nos seus traçados e símbolos, assim como nas experiências que são representadas pela memória de um povo.

De acordo com a concepção teórica de Berman (1994, p. 15), “existe um tipo de experiência vital - experiência de tempo e espaço de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo”. Por isso, faz-se sumariamente necessário escutar os protagonistas da comunidade. Nessa perspectiva, utilizou-se de Rüsen (2007, p. 118), ao tratar a operação metódica da pesquisa relacionada às questões históricas, apontando “a testemunhos empíricos do passado, que reúne, examina e classifica as informações das fontes relevantes para responder às questões e que avalia o conteúdo informativo das fontes”.

Assim, o percurso do olhar a história local contempla o que fala alguns personagens que vivem no bairro, selecionados em uma classificação considerando a possibilidade de relacionar os fatos narrados com as fontes disponíveis, também se destaca a participação ativa no bairro e na defesa do conhecimento histórico regional como base para a compreensão não só da realidade local como também conectado da realidade municipal, estadual e/ou nacional.

Figura 4 - Representante comunitário da Rádio Bacanga FM



Fonte: Acervo do autor (2024)

O Anjo da Guarda é um lugar de memórias, as quais são tanto materiais como imateriais. Os espaços de memórias materiais e imateriais desperta o anseio de pertencimento e identificação com lugar, estando abotoado inclusive à questão afetiva com o lugar (Oliveira, 2021). A memória é um instrumento que fornece imensuráveis interpretações para os diferentes contextos ou pessoas, contribui para o entendimento da História do Lugar.

Para Ferreira (2002, p. 321), diz que “a memória é também uma construção do passado, mas pautada em emoções e vivências; ela é flexível, e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente”. Assim, foi possível analisar a construção do bairro do Anjo da Guarda no cenário político nacional de progresso, tal qual fez inserção do bairro como próprio para operários, mas que se consolida em torno de uma série de projetos aplicados pela própria comunidade, que buscou, incansavelmente, a melhoria estrutural e a pavimentação das ruas, a criação de escolas, postos de saúde e feira.

Diante da carência dos serviços públicos, a população iniciou um processo de ação solidária, fruto da interação com a Igreja Católica. Em parte, a evangelização dos moradores passava pela realização de grandes reuniões entre os comunitários que se congregavam em igrejas e capelas, denominado “Encontrão”, realizado em diversos bairros: Anjo da Guarda, Vila Nova, Vila Maranhão, Alto da Esperança e Boqueirão, entre outros, nas áreas já urbanizadas e na zona rural, onde as condições de vida eram precárias (Araújo *et al.*, 2016, p. 98).

Ao longo dos anos, um sentimento de pertencimento foi difundido nos seguintes elementos: apoio popular/comunitária, as fundações de instituições comunitárias e, por fim, confiança dos dias melhores – não com a esperança de esperar acontecer, mas com uma série

de ações começava a tomar corpo, tais elementos frutificaram dando melhoria estrutural à comunidade.

Segundo Araújo *et al.* (2016), as ações se davam via mutirões de ajuda, que realizavam construção ou reparo de casas, limpeza de terrenos, orientações sobre saúde, ajuda às pessoas que passavam por necessidades; enfim, uma sistemática e organizada rede comunitária de ajuda mútua objetivando atenuar imediatas que afetavam o cotidiano da sobrevivência na comunidade. Na conjuntura citada acima, muitas dessas ações expandiram e originaram os meios de comunicação do bairro, como foi o caso da Rádio, instrumento fundamental para o desenvolvimento da comunidade.

Proporção que a comunidade crescia e as demandas aumentavam, sentia-se a necessidade de criar um aparato de comunicação que pudesse facilitar o fluxo informativo. Assim, no ano de 1988, nascia a rádio popular do Anjo da Guarda, no sistema de alto falante, instalado na torre da igreja Nossa Senhora da Penha. A criação da rádio popular foi deflagrada a partir de um convite dos padres combonianos para que alguns integrantes da comunidade tomassem a iniciativa de coordenar e administrar o sistema de alto falante (Araújo *et al.*, 2016, p. 102).

O sistema de comunicação do bairro que atuava por aparelho de alto falante se tornou tão significativo que os militantes dos movimentos sociais da comunidade realizaram uma consulta aos residentes sobre a necessidade de transformação da rádio popular em um meio de comunicação com maior capacidade de abrangência. Após a consulta, os resultados foram de amplo apoio dos moradores, de modo que se decidiu criar e colocar em funcionamento uma rádio em frequência modulada (FM). Em 1998, estava no ar a rádio comunitária Bacanga FM (104.1 Mhz), ano de publicação da Lei n.º 9.612/98, ou Lei de Radiodifusão Comunitária, e também da criação da Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária no Estado do Maranhão (Abraço-MA), resultante do I Congresso de Rádios Comunitárias do Maranhão (Araújo *et al.*, 2016).

O Chacrinha já dizia: "quem não se comunica se trumbica". Faltava no Anjo da Guarda um meio de comunicação, pois, os que tinha, como a Voz Tupy e Monte Carlo não funcionava mais. Então fundamos em 1.988 a rádio Popular, sistema de Alto-falantes e contribuimos durante 10 anos com os avanços e crescimento do Anjo da Guarda I. Em 1.988 com a participação da comunidade, nasceu a Rádio Bacanga Fm, sendo considerada a primeira Comunitária da Grande Ilha. A comunicação comercializada, vinda de cima pra baixo, só nos faz ver e agir de acordo com seus interesses, e o contraponto são as Rádios Comunitárias e a Bacanga FM está neste contexto, está ao lado dos menos favorecidos e carentes de informação, da notícia verdadeira, na abertura para o cidadão/ã exercer seu direito de concordar ou discordar dos comentários de seus apresentadores, porque Ela está em sua comunidade e o cidadão/ã sabe do que reclamar, exige, se delicia com músicas que nos deixa mensagens e valorização do artista e escolhe qual programa religioso quer ouvir. Em todos os movimentos acontecidos e atuais da Área Itaqui-Bacanga, a comunicação Comunitária estava lá, contribuindo, transmitindo pra nossa comunidade em tempo real suas reivindicações ao poder público. Traz ao conhecimento da sociedade o nome e propostas de candidatos nas 3 esferas, principalmente vereadores, promove debate dos candidatos aos conselhos tutelares de nossa região, além da pluralidade de sua programação (Nascimento, 2023).

A rádio não foi o único instrumento implantado pela comunidade do Anjo da Guarda. Assim como surgiu a Rádio, promovida de ações de jovens da Igreja Católica Nossa Senhora da Penha, também se formou um dos maiores grupos teatrais independentes, o Grupo Grita, que protagoniza uma das maiores expressões artísticas da localidade, a Via Sacra.

Alguns jovens e veteranos moradores do bairro congregavam-se na igreja Nossa Senhora da Penha e desenvolveram um núcleo de teatro, agregando a dimensão artística às mobilizações da comunidade. A prática cênica disseminou-se junto à organização política do bairro, nos encontros e mutirões. Dessa forma, a atuação dos jovens atores, participando das ações e encenações no Anjo da Guarda deu origem ao teatro Itapicuruá (Araújo *et al.*, 2016, p. 99).

O bairro que detém aspectos culturais muito ricos iniciou a construção de sua riqueza em regime de mutirão. O Teatro Itapicuruá, um dos pontos artísticos da cidade, formou-se nessa conjuntura; assim, o exercício cênico dos jovens atores da Vila Anjo da Guarda evoluiu dando forma para a criação do Grupo Independente de Teatro Amador (Grita), em 1975, sendo como marco histórico a construção de um espaço próprio de apresentações (Araújo *et al.*, 2016).

Figura 5 - Teatro Itapicuruá



Fonte: Acervo avulso (?)

O Teatro Itapicuruá, basilar na concepção cultural e política do Anjo da Guarda, consistindo no fundador do maior espetáculo a céu aberto do Maranhão, a Via Sacra, baseado na Paixão de Cristo encenado há mais de 25 anos nas ruas do bairro (figura 6); uma arte concebida, organizada e encenada pelos moradores. A valorização estética do bairro e a política desenvolvida a partir do Teatro são as duas principais dimensões de mobilização e articulação popular local ampliadas na comunicação (Araújo *et al.*, 2016).

Figura 6 - Encenação da Via Sacra no Anjo da Guarda em São Luís



Fonte: O Estado (2018)

As instituições comunitárias e religiosas promoveram o desencadeamento de formações partidárias no Anjo da Guarda. A juventude influente no teatro e nos movimentos populares que reivindicavam melhorias para o bairro formou a principal base do núcleo do PT no Anjo da Guarda, um dos mais agentes importantes de representação comunitária na região metropolitana de São Luís (Araújo *et al.* 2016). O partidarismo e a política efervescente no bairro fizeram o núcleo se tornar um dos principais polos políticos da cidade de São Luís. Vários Partidos da atualidade contêm seus representantes na comunidade.

A discussão política faz parte da História Local, pois se entrelaçou com a política para buscar seu desenvolvimento. O Anjo da Guarda, em seu aparato histórico, é considerado como um lugar que agrega pessoas de diversos lugares. Ao conferir essa informação, obteve-se uma conversa com o suplente do Deputado Federal; o qual chegou ao bairro do Anjo da Guarda no ano de 1989, ainda criança, com apenas sete anos de idade, mas já consciente capaz de interpretar a realidade daquele período. Oriundo do Estado do Ceará, abraçou o bairro o qual recebeu abraço e cidadania, sendo um morador de destaque na atualidade, destacando-se um contexto social e político. Em suas palavras, afirma que:

O Anjo da Guarda ainda vivia uma espécie de comunidade em formação, a Rua do México e Nicarágua que estão em torno do mercado do Anjo da Guarda sequer eram asfaltadas, a forma rudimentar e o aspecto rural ainda eram muito presentes nessa época. O Anjo da Guarda iniciou seu processo de formação como uma grande comunidade a partir das ocupações que foram surgindo na década de 1990 aos 2000. A negação de direitos básicos por parte do poder público sempre foram os combustíveis para a criação e formação de lideranças comunitárias aguçadas em solucionar os problemas estruturais que até hoje não foram solucionados, como saúde,

educação, segurança e principalmente saneamento básico. Foi neste cenário que vou me inserindo no movimento estudantil tanto na escola Carlos Madeira como no antigo colégio Cema, épocas do tele-ensino, da falta de estrutura e, sobretudo de professores, o que naturalmente colocava todos os estudantes da rede pública em um atraso colossal quando se comparado a rede pública. Além da militância política partidária e nos movimentos sociais, atuei na ACIB por dez anos, sendo seis deles como diretor e presidente, e foi como presidente da associação comunitária que liderei uma das maiores campanhas de arrecadação e distribuição de cestas básicas na época da pandemia, onde conseguimos arrecadar e distribuir mais de 65 mil cestas básicas para o Anjo da Guarda e adjacências³.

Pode-se salientar sobre o bairro dois pontos importantes, um deles fomenta o lugar sendo edificado pelos seus moradores que engajaram nas lutas políticas como já citado anteriormente, abraçando causas e movimentos que remetem importantes resultados da área do Itaquí-Bacanga. O bairro é um lugar de marcas históricas, pois foi feito por pessoas que interferem na História e sofrem com a interferência histórica. O então entrevistado Ivan Júnior apresenta as balizas vivenciadas nesse lugar.

O que mais me marcou no Anjo da Guarda foi o processo de urbanização do bairro e revitalização das praças da comunidade, na década de 90, onde todas as praças foram "transformadas" em teatro de arena para atender o crescimento do grupo Grita e a via sacra do anjo da guarda. Após o incêndio do goiabal, às famílias que foram acertadas e as que foram ocupando o território tinham uma característica em comum, a negação de direitos e de políticas públicas, e é neste cenário que dezenas de comunitários e através de mutirões construíram a maternidade, o clube de mães e o teatro Itapicuruaba. A feira já foi uma obra da prefeitura municipal ainda na década de 70, justamente para atender as necessidades da comunidade que crescia significativamente. O mercado do anjo da guarda é o maior patrimônio histórico e cultural desse bairro, pois é a partir dele que nasce e cresce esse grande complexo econômico que fica em torno do mercado. Hoje o Anjo da Guarda é o maior bairro da região denominada Itaquí-Bacanga, a comunidade "neologicamente" rebatizada de "complexo do Anjão" compreende os bairros Gancharia, Alto da Vitória, Prohab, Vila Verde e Fumacê. Foi a partir desse mesmo Anjo da Guarda que outras ocupações foram surgindo e se consolidando, como Mauro Fecury I e II Vila Ariri, São Raimundo e Vila São Luís entre outras. Se a área Itaquí-Bacanga fosse um município, o que politicamente é impossível, de acordo com a legislação atual, certamente o Anjo da Guarda seria a sede. Se fosse um Estado, o Anjão seria a capital. Justamente por seu Comércio, por sua infraestrutura consolidada e por toda a força cultural acumulada nessas mais de seis décadas.

Observa-se, na fala, as transformações no bairro e, sobretudo, um questionamento em transformar a área em um município independente da capital, apresentando, de certa forma, o bairro e seu conglomerado como um grande centro da região. Realçou-se como a população não vivia silenciada à espera de um possível milagre, no Anjo da Guarda, os moradores faziam os milagres acontecerem por meio do segundo ponto, a formação das associações, entre as quais a Associação Comunitária do Itaquí-Bacanga (ACIB).

³ Entrevista de Mauro Ivan Farias de Santiago, Advogado, Professor, Político, Suplente de Deputado Federal no pleito 2022-2026, Ex-presidente da ACIB, Ex-Diretor da ACIB-Polo Anjo da Guarda, Ativista Social, Ativista Ambiental, Representante Comunitário, morador do bairro do Anjo da Guarda (35 anos).

A ACIB atua desenvolvendo importantes projetos sociais, ambientais e educacional, sendo um dos principais instrumentos de conquista de toda região. Nela, concentraram-se grandes nomes do bairro, como Luís Augusto; a historiadora e psicóloga Leila Andreia Brito Pereira; o ex-vice prefeito de São Luís, Júlio Pinheiro; o grande Paêta, o Secretário adjunto da Secretaria Municipal de Abastecimento, Pesca e Agricultura (SEMAPA), River Valdemir. O grande ativista da região, Raul Fagner, um dos principais nomes políticos da região; o comunicador e escritor Maciel Gomes, considerado um dos maiores defensores da literatura e resistência do Itaqui Bacanga. A ACIB se tornou uma das maiores referências do terceiro setor no Maranhão, destacando atividades que promovem a sociabilidade e espaços para pesquisas, inclusive congregou as culminâncias das atividades do SEMIP em 2021.

Figura 7 - Fachada da ACIB



Fonte: Acervo do autor (2024)

A ACIB, situada no centro do bairro, foi palco de importantes exigências ao poder público, subdivididas em polos divididos entre os bairros interligados ao Anjo da Guarda. A Instituição referência em projetos sociais, com parceria com a Vale, a Prefeitura Municipal de São Luís, a Empresa Maranhense de Administração Portuária (EMAP) e diversas outras empresas que ocupam o eixo Itaqui-Bacanga. As estratégias criadas por uma população que não baixa a sua cabeça para imposições externas, construindo a sua história por diversos meios de conquistas. Frisa-se que no terceiro setor, um dos principais instrumentos para o desenvolvimento social, destaca-se o Hospital Comunitário Nossa Senhora da Penha, as escolas

comunitárias que são distintas no bairro, a Feira que recentemente passou a administração à gestão municipal, o Clube de mães e outros, como a recente Academia de Letras Saberes e Agremiações, uma instituição em que os congregados têm como principal dever produzir as artes, a ciência e os estudos históricos, filosóficos e literários.

Hoje, olha-se para o bairro do Anjo da Guarda como um berço cultural e econômico, um lugar de experiências impetradas em sua própria edificação. O desvendar das ruas do bairro é carregado de história e de movimentos sociais e culturais. Em relação à consideração histórica do tempo presente, da História Presente, esse lugar seria ajeitado como um palco de um grande espetáculo, o da “Resistência”. Pode-se dizer que o bairro do Anjo da Guarda edificou a comunidade feita pelos braços esquecidos daqueles que lutaram em prol de um presente. Por muitos anos, o bairro impetrou a ideia de experiências locais distantes das questões da cidade e do estado, mas hoje se propaga o inverso, em que a realidade da região está entrelaçada na História Regional e da História Nacional.

3.2 Anjo da Guarda, um lugar de História conectada a outras Histórias do eixo Itaqui-Bacanga

É notável, ao começar a andar nas avenidas e nas ruas do Anjo da Guarda, a riqueza de um povo guerreiro: o trabalho e a união que formaram e desenvolveram o bairro. No tempo presente, encontra-se um novo mapa daquilo que se formou no passado. Todavia, infelizmente, carregada com os traços da violência que amargou a História de uma sociedade de lutas e positivas conquistas desse povo e de toda a área Itaqui-Bacanga. Isso é fruto da promoção de uma mídia capitalista que em um mercado competitivo estigmatiza uma sociedade como um pesado de violência e marginalização.

A teatralização cotidiana das reportagens de crimes violentos, portanto, contribui diretamente para a cristalização de um imaginário social da periferia como espaço criminalizado, concentrando tudo o que há de desprezível do ponto de vista da sociedade dita “normal” e “de bem”. A estigmatização social, assim, é a consolidação imagética dos estereótipos amplamente difundidos pela mídia, em que pese sua poderosa influência no imaginário social (Miranda, 2019, p. 19).

Não se nega, aqui, a existência da violência, fruto de uma cultura aprofundada no homem, porém, em uma política de venda de notícias, despreza-se outras histórias que construíram a beleza da região do Itaqui-Bacanga, a qual o regresso marcado pela ideia construída por um discurso hegemônico carregado de imposições estereotipadas e visões agregadas de preconceitos. De tal modo, observada cotidianamente a representação “em excesso” da deturpação da memória de um povo, produzindo paradoxalmente um desquite com

o passado rico do lugar, ou impossibilitando um novo presente, como se a realidade das periferias fosse desde sempre assinalada pela compleição implacável da violência (Miranda, 2019). A impressão marcada sobre o bairro nas tabelas das difusões das informações era que, na região habitada por uma agasalhada divisória marginalizada, que aparenta abundantemente uma longínqua população engranzada na visão que sua conjuntura estrutural armada na violência.

No entanto, nesse dilema, é exposto quando a ação popular não dá sustentação à mensagem explodida na mídia, mas que era um espaço de saber onde a História agrega outras Histórias, e como as pesquisas vêm promovendo educação, ciência, pesquisa e extensão, com resultados consagrados, notificando que este é, também, um espaço de memórias e experiências. O diálogo do presente com o passado e o com o futuro esclarecem as belezas escondidas pelos discursos criados externamente no decorrer da vivência de um povo por outros que não os conhecem ou participa de suas lutas.

Por isso, este trabalho sinaliza para a História do Anjo da Guarda, que se entrelaça com outras Histórias em uma região que é ocupada desde antes dos colonizadores. A região que abrigou com contextos históricos, realidades e experiências que formam seu acervo histórico e geográfico – o Boqueirão, a Ermida da Guia, a Colônia do Bonfim e o Sítio do Tamancão – assim como com as intervenções urbanas e industriais na região, que foram fundamentais para as mutações, de tal maneira, a constituir o atual lugar agrupando múltiplos usos e atividades distintas.

Toda a história é bem contemporânea, na medida em que o passado é apreendido no presente e responde, portanto, aos seus interesses, o que não é só inevitável, como legítimo. Pois que a história é duração, o passado é ao mesmo tempo passado e presente. Compete ao historiador fazer um estudo "objetivo" do passado sob a sua dupla forma. Comprometido na história, não atingirá certamente a verdadeira "objetividade", mas nenhuma outra história é possível (Le Goff, 1924, p. 52).

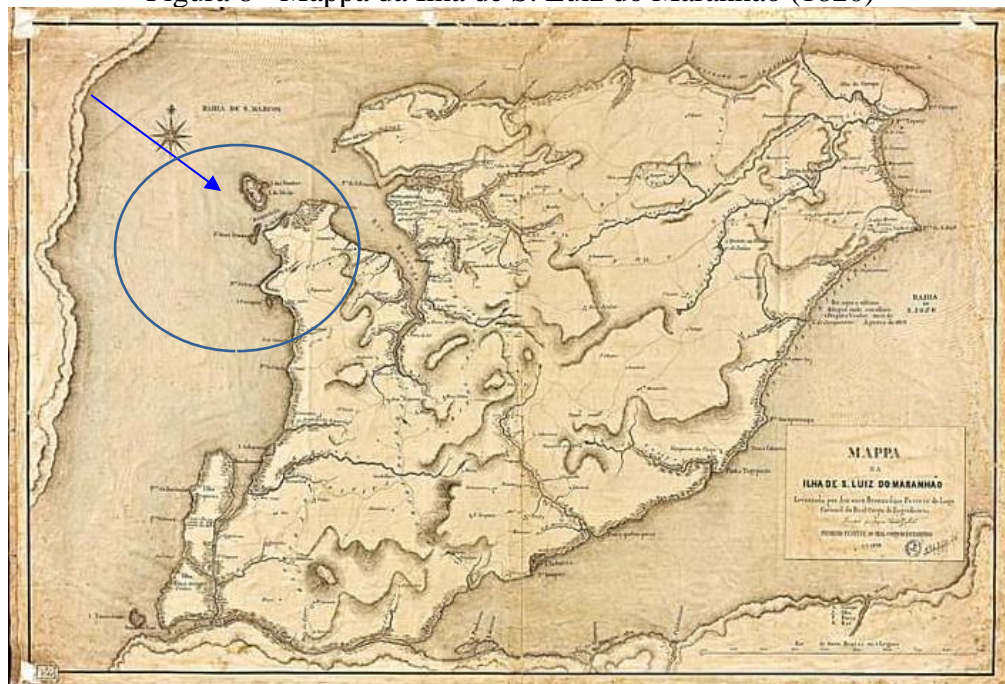
Para Le Goff, fará progressos na compreensão da história quando esforçar-te-á a colocar em causa, no seu processo de apreciação, tal como um observador científico. Analisar a História do Anjo da Guarda tem que levar em conta as modificações que eventualmente introduzem no seu objeto de observação. Le Goff (1924, p. 52) assinala que “os progressos da democracia nos levam a procurar mais o lugar dos "pequenos" na história, a colocarmo-nos ao nível da vida cotidiana”. Aproveita-se para dizer que esses espaços de memórias e amarrações com a constituição do bairro são fontes de pesquisa dos alunos-pesquisadores que atuam por meio do Projeto SEMIP.

Assim, levar os alunos a compreenderem a realidade de forma interdisciplinar amplia os meios de adquirir o conhecimento ofertando a vivenciar estudos sobre a contemporaneidade

e o passado. Tais relações têm sido suporte para a compreensão das mudanças significativas no cenário do bairro, tanto no que se refere ao modo de percepção da realidade atual do Anjo da Guarda quanto à forma de compreender como espaço de história e memória. Agregam, aqui, inúmeras atividades de pesquisa e de extensão que laboram como caminhos escancarados para o saber interdisciplinar, oportunizando aos educandos novas probabilidades de reflexão e de compreensão do mundo em que vivem. E, como resposta social, a comunidade e, conseqüentemente, os que estão por vir.

Resgatar algumas considerações se faz necessário no que se refere à História do Anjo da Guarda, um recinto que reúne o acervo patrimonial esquecido em uma região extremamente rica, porém segregada das obrigações de conservações do poder público, da consciência das pessoas e, sobretudo, os impactos causados pela segregação dos pesquisadores que desconhecem a História e a diversidade encontrada nesse lugar.

Figura 8 - Mappa da Ilha de S. Luiz do Maranhão (1820)



Fonte: Acervo BNDIGITAL (2004)

Quando se adentra o bairro do Anjo da Guarda, há um desenho no espaço urbano que permite a caracterização de espaços de moradias e espaços industriais. As áreas centrais possuem uma forte relação com a Avenida José Sarney, que é o principal meio de acesso à área e a todos os bairros que estão nas extremidades (Fumacê, Gancharia, Vila Mauro Fecury I, Vila Ariri, Vila São Luís, Mauro Fecury II, Vila São Mateus, Ilha da Paz Vila Nova, Bonfim), além de conectar as Praias da Guia ligando a Trilha da Guia, o Morro do Coiote e a Praia do Amor,

que possuem uma relação forte histórica com o processo colonial e a presença dos carmelitas na região, mas conhecidos por poucos.

Figura 9 - Avenida José Sarney

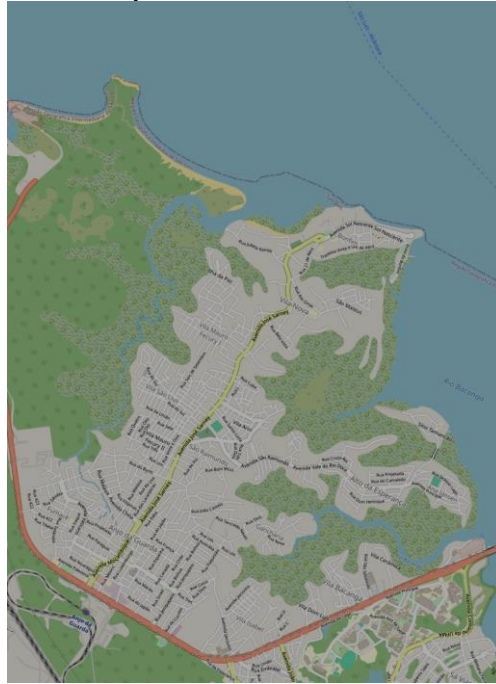


Fonte: Acervo do autor (2023)

A avenida que se apresenta como um grande centro econômico do bairro, com grandes comércios, bares, farmácias, postos de saúde e patrimônios históricos da região, conecta o bairro a dois lugares de História importantíssimos, também considerados lugares para trilhas, turismo e lazer da população: as ruínas da Ermida de Nossa Senhora da Guia e a antiga Colônia do Bonfim. Esses dois pontos históricos são dotados por um conjunto de patrimônio que encosta o processo histórico da área Itaqui-Bacanga a todo o centro de São Luís.

Pode-se afirmar que a Avenida José Sarney, no Anjo Guarda, é uma via de conexão da história do presente e do passado e um extenso centro econômico da região do Itaqui-Bacanga. A Avenida José Sarney (figura 10), frisada em uma linha amarela, é conhecida com diversos nomes, entre os quais se destacam Avenida Moçambique e Avenida Odillo Costa Filho.

Figura 10 - Mapa da extensa avenida José Sarney



Fonte: LiveEarthMap (2024)

É possível observar pelo mapa que o trajeto final da Avenida se ancora entre dois pólos fundamentais da região, iniciando em frente à Estação Ferroviária de São Luís com a notável presença de um símbolo do bairro do Anjo, e chegando até o Bonfim com duas vias intermediárias ligando a Praia da Guia, utilizado comumente na atualidade para fazer trilhas e apreciar o Morro do Coiote e o Boqueirão, além de ter a completa visão do Centro de São Luís e da nova cidade com seus prédios de alto padrão seguindo uma extensa orla urbanizada da capital.

É importante salientar que esse espaço, culturalmente, é um canto de Histórias que, em seu entorno, encontra outras Histórias silenciadas pelo tempo ou, simplesmente, pelo desconhecimento da riqueza histórica contida no lugar, o Bacanga, palco de inúmeras histórias, que trazem uma perspectiva do processo colonial em São Luís do Maranhão. Sobre essa afirmativa, inicia-se a discorrer nas palavras do padre jesuíta José Moraes. Em 1754, o referido padre cita, em seus escritos, que um trecho histórico reflexivo sobre a real importância da região no passado e utilizando da consciência histórica de acordo com Rüsen.

Figura 11 - Morro do Coiote com vista a nova São Luís



Fonte: Acervo do autor (2022)

Ao apresentar a região, assinala que, entre a Ilha do Medo e o Bonfim, encontra-se o Boqueirão, que, na atualidade, boa parte da nossa população desfruta de parte da Praia limitada, pela Marinha ou pelas grandes indústrias que ocupam o espaço. O padre, ainda em seus escritos, trata de um naufrágio ocorrido em 1535, explicando que a navegação, ao avistarem a Ilha do Maranhão, sem perícia dos práticos, causou um infortúnio à Coroa Portuguesa.

Pode-se complementar com as informações trazidas pelo historiador César Marques, em sua obra, *Dicionário Histórico e Geográfico da Província do Maranhão*, ao afirmar que, no Boqueirão, caíram casuais navios em naufrágios onde há de ter se perdido grandes fortunas.

Ali têm se perdido muitas fortunas nos repetitivos naufrágios, que se davam quando a navegação para o interior eram feitas em canoas, mal construídas, fracas e ainda em cima dirigidas por raras exceções, por homens ignorantes, não poucas vezes escravos imprudentes e ébrios (Marques, 1970, p. 157).

Nesse ensejo, emprega-se a apresentação da Ermida de origem Carmelitas, ordem que se destacou em ocupações na região do Itaqui-Bacanga. Para Mota e Mendonça (2022, p. 188), a “historiografia ressalta a contribuição das ordens religiosas no processo de colonização no Novo Mundo, seu importante papel de coadjuvante nas ações do Império português na América”. Os historiadores complementam afirmando que “embora a historiografia oficial dê um enfoque especial às ações da Companhia de Jesus, muito por sua atuação política, são poucos os estudos que detalham e analisam as outras ordens nesse período, como os capuchinhos, os mercedários e os carmelitas.” (Mota; Mendonça, 2022, p. 188). Dessa forma, Império português teve o êxito necessário para a ocupação em tão vastas regiões impondo seu domínio.

Figura 12 - Ermida Guia



Fonte: Acervo do autor (2024)

José Moraes relata, ainda, que, nas proximidades do Boqueirão, existe a presença de uma edificação diferente de tudo erguido na cidade de São Luís do período. Afirma-se que, ao adentrar a mata, bem à beira do morro, é possível destacar a belíssima ruína de uma igreja com altares, na qual acredita-se que seja da Ermida de Nossa Senhora da Guia. Isso, conforme a observação do autor-pesquisador, bem como fora também registrado pelo jesuíta.

Forma-se este Boqueirão de uma ponta de terra, a que chamam Bonfim , e da ilha chamada do Medo a oeste da mesma barra. Nesta ponta se descobriram depois de muitos anos alguns vestígios de fortificação por umas pedras de cantaria, que se acharam e as não há em todo o Estado junto da qual pelo decurso do tempo erigiram os religiosos Carmelitas Calçados uma pequena ermida a que deram o título de Nossa Senhora da Guia (Moraes, 1987, p. 22).

O padre apresenta a construção da Ermida de Nossa Senhora da Guia, que, provavelmente, é do século XVII, como obra inigualável em todo o território do Maranhão Colonial. Nessa lógica, traz-se para discussão uma pesquisa recente, a qual se tornou proveitosa por relacionar o ensino de História, Patrimônio Histórico e a pesquisa sobre a Ermidada Guia. Os historiadores Antonia Mota, do Departamento do Curso de História do Maranhão e pesquisadora sobre Educação Patrimonial, e Flaviomiro Mendonça, seu orientando discorrem que:

A povoação com o nome de Nossa Senhora de Nazaré pode ter perdurado até 1538. Não se sabe o motivo dela existir por tão pouco tempo, porém “os portugueses abandonando Nazaré, teriam se embrenhado nas matas, entre o Munin e o Itapecuru, dando origem à chamada tribo dos Barbados, aldeados entre Peritoró e Pirapemas”.

Controvérsias à parte, no século seguinte, em 16162 , os carmelitas frei Cosme da Anunciação e frei André da Natividade, ergueram uma pequena ermida, capela distante de uma povoação, sob a evocação de Nossa Senhora da Guia (Mota; Mendonça, 1989).

É oportuno trazer Michel de Certeau quando afirma que a relação que congrega “as discussões aos lugares” é uma ação propriamente do historiador. Em suas expressões, “o gesto que liga as ‘ideias’ aos lugares é, exatamente, um gesto encontrado no historiador. Envolver, para esse profissional, é apreciar, em termos localizáveis, o material que cada método apostou inicialmente segundo seus métodos” (Certeau, 2007).

As ruínas da Ermida, defendidas como patrimônio histórico da região pelo trio de historiadores locais, em destaque, o professor Flaviomiro Mendonça, o professor Roberto Rodrigues Lima e o já mencionado professor Welton Vale Pereira, buscaram encontrar o lugar em 2021, atravessando a este lugar de História e memória atividades de reconhecimento como passeios históricos, trilhas e apresentando a comunidade como um dos principais atrativos da área Itaquí-Bacanga, erguido no período Colonial pelos Carmelitas. Os historiadores citados, moradores do complexo do Anjo da Guarda, referem-se a esse espaço como uma sala de aula, ou centro de saberes, e lutam pelo tombamento do espaço.

Figura 13 - Ruínas da Ermida da Guia



Fonte: Acervo do autor (2021)

É bom frisar que o professor Flaviomiro Mendonça se destacou ao apresentar as Ruínas da Guia nas redes de jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), cuja

reportagem o fez receber premiação, a rede de televisão filiada à Globo, TV Mirante e também ao Instituto Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Além de outras instituições de grande relevância para a comunidade, de acordo com Mota e Mendonça:

Uma pesquisa documental e dos artefatos encontrados fortalecerão os grupos de defesa do ambiente e da herança cultural da área Itaqui-Bacanga, como a Academia de Letras, Artes, Ciências e Agremiações Culturais da Área Itaqui-Bacanga – ALEART, e a Associação Comunitária do Itaqui-Bacanga – ACIB. Adiantamos que profissionais do Instituto Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN - já estiveram na área da Ermida de Nossa Senhora da Guia e comprovaram sua relevância histórica, iniciando os trâmites burocráticos para tombamento da ruína e seu entorno. Os resultados da pesquisa, também beneficiarão as ações de Educação Patrimonial que vamos desenvolvendo na escola e nas plataformas digitais (Mota; Mendonça, 2022, p. 194-195).

É fundamental ocorrer que esse possui rico acervo, desponta de outro contexto histórico e arqueológico produzido pelos povos nativos indígenas. Para o padre José Moraes (1987), no lugar a que hoje chamam “Itaquy”, entrando pelo Boqueirão em uma grande distância da cidade, estavam os infelizes Guajajaras, que viviam ainda de formas bárbaras. Os portugueses colonizadores, ao chegarem a essas terras, encontraram um grande desafio, a resistência e a força dos indígenas expostos pelos católicos como infelizes devido aos seus modos não convincentes da sociedade colonial.

Nesse berço histórico, quanto mais se mergulha, mais se debruça com espaço de saberes, isso, referindo-se à presença dos indígenas extremamente fortes na região do Itaqui-Bacanga; povos que desenvolviam suas atividades, contrários ao ideal colonial da Europa, marcado pela visão mercantilista. Os colonos portugueses em contato com os nativos adotaram a ação de subversão desses povos, assim como a visão eurocêntrica que predominou no período colonial e se mantém viva no processo educacional. Com esse pretexto, o SEMIP é aplicado como um processo de investigação das ações do sujeito em sua sociedade, configurando, em suas pesquisas, valor e importância aos estudos sobre as sociedades indígenas, observando suas organizadas estruturas e relação social, compreendendo sua eficiente forma de vida em comunidade.

Enquanto historiador e professor de História, o resgate não simbólico, mas vivo da memória desse povo, tornou-se essencial para reconhecer a área e proteger sua História e dos povos que aqui viveram. Nessa perspectiva, Le Goff (1924, p. 9) afiança a “idéia da história como história do homem foi substituída pela idéia da história como história dos homens em sociedade”, sendo assim, buscar em um processo educativo agregar a formação do sujeito consciente da História, da relação do passado como presente do ambiente, ou seja, a História de Hoje se tornou basilar em um ensino de História que entende que o sujeito interfere no processo histórico e em sua comunidade.

É um avanço para a historiografia brasileira reconhecer as sociedades indígenas enquanto protagonistas capazes de traçar a sua própria história. No entanto, é necessário considerar que a conjuntura pós-contato, a catástrofe demográfica que se abateu sobre as sociedades indígenas, relacionadas às estratégias militares, evangelizadoras e econômicas dos europeus, deixou um quadro de constante inconstância e fragmentação das sociedades indígenas. Diante de condições crescentemente desfavoráveis, as lideranças nativas esboçavam respostas das mais variadas, frequentemente lançando mão de instrumentos introduzidos pelos colonizadores. A resistência, neste sentido, não se limitava ao apego ferrenho às tradições pré-coloniais, mas, antes, ganhava força e sentido com a abertura para a criatividade e inovação (Monteiro, 2001, p. 8).

Dessa forma, torna-se imprecendível apresentar a presença indígena que se fez presente e o seu legado no presente, como é possível observar nas Camboas de Pedras, presentes no Litoral entre a Praia do Amor e a Ponta do Bonfim. Essas técnicas de pesca extremamente consciente de produção alimentar na qual consome apenas o necessário, sem desperdício, sem comercialização e sem conflitos. Em narrativa de vida que revela diferenças profundas entre humanidades – nativos e colonizadores - que assimilavam a natureza como parte da humanidade e as outras humanidades, aquelas visionando o mercantilismo separando a natureza dotado da falsa visão de privilégio sobre o todo.

Adverte-se que as Camboas de Pedras ainda resistem ao tempo e ao desfavorecer da ignorância somada à falta de conhecimento. Ao secar das marés, deslumbram belezas e a reflexão histórica a respeito dos povos que se concentraram em parte do Litoral da Ilha, sendo um acervo arqueológico inegável a olho nu.

Figura 14 - Vista da Camboa de Pedras



Fonte: Acervo do autor (2021)

Silva (2021) afirma que os cronistas mencionaram a existência das Camboas, desenvolvidas pelos Tupinambás marcando sua existência, acrescenta-se que tais tecnologias estão presentes até os dias atuais e são utilizadas por pescadores e coletores em São Luís, garantindo ao perpetuamento de uma estratégia de pesca e coleta ancestral ainda existente na Ilha e em todo litoral norte da Amazônia.

Figura 15 - Camboas de Pedras na Praia da Guia



Fonte: Acervo do autor (2020)

A identidade da população implicando pela memória sobre esse espaço social, sem dúvida, também deve se ocupar da formação de uma consciência histórica, e isso por meio dos estudantes (Rüsen, 1992). As ações de preservação e valorização desse patrimônio histórico está em ameaça de se perder com o processo da urbanização acelerada da área Itaqui-Bacanga e a especulação imobiliária devido ao porto do Itaqui e de toda a área costeira que vem transformando o espaço dado nas últimas décadas (Mota; Mendonça, 2022).

Outro lugar de História e memória da região é o Bonfim, conectado, diretamente, ao bairro do Anjo da Guarda, como já mencionado. A antiga Colônia de tratamento iniciou como um dos produtos da ordem dos Carmelitas no Maranhão. Na obra de Cesar Marques (1970, p. 156), há um trecho que abre os olhos sobre o Bonfim: “Cabo fronteiro à capital do Maranhão, na Margem esquerda do rio Bacanga, cercado por um banco de areia que é coberto inteiramente pela enchente da Maré”. O historiador maranhense complementa que, nesse espaço, existia um hospício na segunda década do século XVIII, construído por volta do século anterior, dispendo entre este um convento no qual seria dos Carmelitas.

Está situado defronte a capital sôbre um breve dorso da pequena montanha que o

constitui. Em 1718 foi levado ali pelo ex-provincial Frei Antônio de Sá, um Hospício pertencente à Ordem Carmelita, desta Província, o qual acha-se hoje, e é pena, em completa ruína. Foi em seu princípio governado por um presidente vitalício, sem sujeição ao convento da cidade e com rendas separadas. Jerônimo de Albuquerque, já nomeado pela portaria de 20 de fevereiro de 1616, concedeu duas léguas de terras neste cabo para a edificação do hospício (Marques, 1970, p. 156).

O Padre Jesuíta José Moraes confirma a existência do convento Carmelita no Bonfim, conciliando a informação prestada. Em seus registros, diz que “orna-se com um colégio dos religiosos Carmelitas Calçados, cuja igreja é o mais nobre templo da cidade, e defronte da mesma cidade, passado o rio Bacanga, outro conventinho, que chamam de Bonfim” (Moraes, 1987, p. 17).

Figura 16 - Rampa de passagem dos Carmelitas na Ponta do Bonfim



Fonte: Acervo do autor (2024)

Atualmente, o lugar se encontra condicionado a casas modernas, restaurantes e pontos de lazer, que somaram a contribuição para a ruína já mencionada pelo historiador. Em frente à rampa, encontra-se um restaurante/bar, cujos donos nunca tiveram acesso à História Local, apesar de terem recordado vagamente os pais já terem falado da rampa e sua importância aos católicos que desciam no local. O “Hospício Senhor do Bonfim – vide Bonfim” (1970, p. 376), abrigado pelo Bacanga, assim como a Ermida e outras grandes construções ou heranças indígenas, na cidade patrimônio cultural da humanidade se perde sem nenhum memorial ou quaisquer símbolos que resgatem a memória do lugar. O historiador notou isso ainda em seu tempo. Até o final do século XX, o Bonfim tinha a marca da exclusão e do preconceito por ali

abrigar no passado uma colônia de leprosos, podendo-se notar com a realidade de hoje que todo aquele espaço sofreu grandes transformações, deixando poucos vestígios aos nossos tempos. Sobre o tal preconceito citado, foi construído no decorrer do tempo.

3.3 O Anjo da Guarda, um lugar de pesquisa e pesquisadores

Atua-se, nesse espaço, os pesquisadores do Instituto Educacional Menino Jesus, cientes que o bairro do Anjo Guarda versa, em sua soma histórica, como berço de formação de pesquisa; desafiam-se a si próprios e evidenciam os impactos e são arrebatados com “descobertas”, o que é notável em seus olhares. Muito importante assinalar que as transformações derivadas das múltiplas vivências no projeto podem ser percebidas até no modo das colocações de suas falas no cotidiano.

Levar os alunos-pesquisadores a olhar o seu próprio espaço como lugar de memória e identidade, com o entendimento de que os sujeitos históricos interferem no lugar em que vivem, é o dever do ensino de História. As experiências construídas pelos habitantes transformam o espaço, trazem por meio saber outros olhares aos alunos-pesquisadores, adicionando uma reflexão sobre o que se tem no tempo presente e o esquecimento sobre passado, criando a responsabilidade e o sentimento de resgate e propagação da História silenciada. O trabalho do professor de História, cruciforme no procedimento da construção histórica dos acontecimentos local, regional, nacional ou global e na organização de atividade que traçam.

Assinala-se que:

O professor pode deslocar o ângulo de percepção movido pelo fundamento básico da Ciência Histórica ao compreender que as experiências são singulares no tempo e no espaço. Que a construção histórica dos acontecimentos da rua, do bairro ou da cidade não está determinada pelas forças externas de uma história supostamente nacional ou global. Pode potencializar a interpretação mostrando que os homens e mulheres que habitam os espaços onde as histórias são construídas são sujeitos que atuam e interferem na construção e nos desdobramentos das experiências. Que fazem escolhas, constroem redes de sociabilidades, criam sindicatos, associações de bairro, que têm poder e tensionam as relações, interferindo no processo de construção das histórias (Cavalcanti, 2008, p. 288).

Propõe-se, de forma assertiva, uma reflexão sobre as ações do professor e sua atribuição para confecção da História do Lugar, sendo uma história pequena de uma rua, das singularidades do sujeito, da memória ou de todo o bairro. Emprega-se, na ocasião, a exposição de atividades produzidas no SEMIP sobre o espaço onde o próprio sujeito está inserido, seja como morador ou vizinho, seja como pertencente da História. Entre as analisadas, encontra-se a pesquisa sobre o Bonfim, realizada no ano de 2023, na VI edição do Projeto pela turma do 9º matutino do Instituto Educacional Menino Jesus.

Figura 17 - Pesquisa sobre o Bonfim

INSTITUTO EDUCACIONAL "MENINO JESUS"
"FAMÍLIA - ESCOLA EM LUGAR DE CRESCIMENTO"
"FORÇA EDUCATIVA EM DEFESA DO CRIANÇA"

DEPARTAMENTO PEDAGÓGICO: ENSINO FUNDAMENTAL II
COORDENADOR: PROF.ª PEREIRA, Welton Vale
PROF.ª ORIENTADOR: AGUIAR, Caroline

ALUNOS - PESQUISADORES: ARAÚJO, Aletia Maize; CUNHA, Edson Lucas dos;
FERREIRA, Maria Victória Ferraz; FERREIRA, Thiago Collens ; MIRANDA, Luis Henrique de; NOGUEIRA, Carlos Hernandes Mota; REIS, Mariana Pedrosa dos; SILVA, Ester de Jesus Silva e.

ESTUDO SOBRE A COLÔNIA DO BONFIM

INTRODUÇÃO

A Colônia do Bonfim incluiu-se a ser um contexto por ser um hospital antigo, entre outros, localizada no capital maranhense. Atualmente, é mais conhecida como Hospital Aquino Lobo, especializada no tratamento dos portadores de Hanseníase, que remete o contexto histórico do local, a qual foi criada com o intuito de abrigar pessoas leprosas. Desses antigos que essa pesquisa trata como respeito ao Nosso Senhor do Bonfim, outro diz que era pelo fato das pessoas serem internadas naquele local para ter um bom fim de vida. Entretanto, deve-se ao Cabelo do Bonfim.

Colônia Interdisciplinar, a qual originou do nome Colônia do Bonfim é porque ela foi construída para "abrigar leprosus", no Povo do Bonfim, sendo criada no centro do cidade pelo Sr. Bonfim. O local foi escolhido estrategicamente por ser bem afastado e de difícil acesso, para evitar a rápida forma de infecção que através da pele. Assim, tornou-se ideal para o isolamento de "leprosus", como forma de afastar os defensores da sanção de violência social.



Apresentar essas informações se faz importante, pois com isso temos ter um embasamento para a compreensão do todo a qual abordaremos, sendo como principal objetivo fazer compreensão sobre um espaço histórico, e que esse, a qual temos esta Colônia, devemos ter um certo conhecimento, para sabermos todo aquele envolvido, e todos os envolvidos no histórico. Tanto como área abordar esse tema para trazer uma questão ao presente, a valorização do local a qual temos, e também por sua história de grande relevância por nós.

Muitas pessoas são presenciam por aqueles que não alguns diagnósticos de enfermidade, e essas sofrem de discriminação por parte da sociedade, enquanto existe entre parcela da população que apresenta diferentes dificuldades que não se caracterizam como "perigo" por um indivíduo presente.

No Estado brasileiro, a atividade de encarceramento tem sua origem no período do séc. XV e seguiu-se lentamente até 1960. No Maranhão, se estabeleceu auto-culária por volta do ano de 1917, que hospital, até 1980, muitas que incluem hanseníase e que nem mesmo região. (CAMARA, 2009).

OBJETIVO

Apresentar a importância de compreendermos a maneira como se deu a Colônia do Bonfim, localizada em São Luís. A história por trás de um ambiente visual, e sua principal característica que garante continuidade em se abordar esse espaço, que há de se ter, de alguma forma, uma história a ser contada.

METODOLOGIA

As pesquisas foram realizadas em publicações, periódicos, artigos científicos e outros que utilizam este trabalho no contexto quantitativo e qualitativo, assim como em alguns sites de fornecimento de pesquisa Google, sendo tomado também por sites, o Google acadêmico, fazendo pesquisa de artigos e conteúdos relacionados. Usando grupo de trabalho para a formação de texto, sendo no aplicativo documentar WhatsApp, a qual discutimos sobre o tema, sobre a qual abordaremos, a história de pessoas e o que cada um tem para o embasamento.

RESULTADOS/CONCLUSÃO

Hoje, pouco são as lembranças de um lugar que já foi palco de terríveis "casos isolados pelo preconceito. O que trouxe não só pela paisagem e sua praia um cenário de sempre, mas, e inclui conhecido atualmente como "Praia" que para os artigos era uma forma de mostrar. Os "Praia" são conhecidos também como São Francisco. Entretanto, além da parte histórica da cidade, moradores do regime preso e sua rotina a partir da realidade das ilhas.

Primeira coisa tinha e sentida, dependendo da maré, são retirados nos primeiros horas do dia e se entendem para a substituição das banheiras. Atualmente ela foi toda afastada se tornando um novo ponto turístico de São Luís, sendo uma atração à parte para os moradores do regime.

O novo cartão postal possui cenário calçadão, quiosque, área de caminhada, praça com playground, sistema de iluminação LED, equipamentos de ginástica, quadra poliesportiva, playground para eventos.



Implicava ainda afirmar que como resultado se faz importante a interação, uma conexão com pensamentos, a realidade, e uma discussão a partir das informações deste período, levando em contexto a questão do tema pesquisado em relação a hanseníase, sendo até mesmo a questão de isolamento e governo não deve necessariamente, e mantiver os direitos para manter no Bonfim, e nem mesmo a família deixar sua visita.

Hoje é totalmente diferente por causa da evolução da medicina, e a tecnologia, cada vez mais desenvolvida, há grande facilidade na cura de hanseníase, sendo o tratamento de grande duração para os presos.

Referências:

SERAFIM, Mariana. Design: Manual Educacional. [s.l.]. Disponível em: <https://mondoeducacao.com.br/serafim/>. Acesso em: 10/05/2023.

CAMARA, Celsa Silva. O COMÉDIO E O FIM DO MUNDO: estigmatização e exclusão social de internos da colônia do Bonfim. Universidade Federal do Maranhão. Maranhão. p. 147. 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufma.br/2019/questao/147/147.pdf>.

<https://www.institomj.com.br/boas-praticas/colonia-do-bonfim-e-lado-b-da-historia-maranhense>

<https://www.sociedade.org.br/boas-praticas/colonia-do-bonfim-e-lado-b-da-historia-maranhense>

Fonte: Acervo do Projeto (2023)

A pesquisa sobre o Bonfim valoriza a História Local ou a História do Lugar, no qual, por meio da Interdisciplinaridade, reuniram as disciplinas de História, Português, Produção Textual, Matemática, Ciências e Geografia. A pesquisa fez um levantamento populacional, aplicando o uso da porcentagem, discutindo, inclusive, conteúdos matemáticos importantes, segundo a afirmação do professor de matemática, debruçando-se no contexto histórico juntamente com a professora de Ciências.

A discussão apregoeou a questão sanitária e de saúde apresentado no trabalho. A interdisciplinaridade promovida nesta atividade é um instrumento do Projeto, atribuindo um diálogo orientado pela professora de Língua Portuguesa com as demais disciplinas. Junto ao professor de História, passaram a analisar a memória dos que vivem ainda naquele espaço considerado como fonte de pesquisa e identidade da população local.

Pode-se dizer, mais propriamente que os diferentes modos relacionam-se, sim, com momentos históricos em que foram predominantes, mas relacionam-se muito mais com contextos e situações até a atualidade, em que são demandados conforme as características do quadro que nos cerca em momentos específicos (Cerri, 2011, p. 100).

A pesquisa apresentou o Bonfim como ponto geográfico e histórico no período colonial. Dando como resultados a afirmação sobre Bonfim como um importante centro de tratamento de saúde da área Itaqui-Bacanga, e, assim como no passado, atende toda São Luís e pessoas do interior do Maranhão. O hospital presente já realizou mais de dez mil atendimentos. As

atividades resgataram os estudos sobre a lepra e o preconceito, infelizmente, ainda presente sobre alguns moradores que vivem em torno do hospital. Os alunos pesquisadores acrescentaram uma nova visão sobre o lugar, destacando-o como um ponto de turismo e lazer para a comunidade.

Os pesquisadores do Menino Jesus produziram inúmeros trabalhos científicos que já os agenciaram à continuidade no mundo da pesquisa. Para os alunos que participaram do Projeto, o Seminário teve um papel de veículo condutor do sujeito para o campo de pesquisa. As pesquisas sempre favorecem o bairro do Anjo da Guarda e concede respostas sociais importantes no campo da saúde, da História, da Educação e da conscientização ambiental.

Contextualizando a questão ambiental, destaca-se que, nas sete edições existentes, foram umas das temáticas mais provocantes, na qual o trabalho interdisciplinar promoveu o movimento de diversas disciplinas. No trabalho desenvolvido pelos alunos do 9º B, do ano letivo de 2022, com a temática “Discussão sobre a prática e ação da arborização no bairro do Anjo da Guarda: criação de Projetos sustentáveis para a área do Anjo da Guarda”, a pesquisa expôs sobre o mapeamento arborizado do bairro do Anjo da Guarda e os pontos que ocorreram arborização, adotou a ideia do Projeto Plante uma Vida e o definiu. Os alunos expuseram suas ideias na culminância em modelo de banners com a ideia de resgatar a importância da reorganização urbana arborizando o bairro. A estrutura da pesquisa apresentou as problemáticas de uma comunidade sem área de conservação ou espaço verde e trabalhou a história do lugar e a interferência do sujeito histórico como agente ativo tanto na arborização quanto na poluição e na provocação da mazelas do espaço.

Figura 18 - Banner sobre a pesquisa ambiental



INSTITUTO EDUCACIONAL "MENINO JESUS"
FAMÍLIA - ESCOLA EM LUGAR DE CRESCIMENTO
DEPARTAMENTO PEDAGÓGICO: ENSINO FUNDAMENTAL II
COORDENADOR: PEREIRA, Welton Vale
PROF. ORIENTADOR: SOARES, Billie Jean Gatimbo;
ALUNOS - PESQUISADORES: ABREU, Caleb; FERREIRA, Enzo; GARROS, André; MARTINS, Thiago; RIBEIRO, Luis; SILVA, Arthur.



Discussão sobre a prática e ação da arborização no bairro do Anjo da Guarda: criação de Projetos sustentáveis para a área do Anjo da Guarda

INTRODUÇÃO

As questões ambientais, mediante a sua relevância global, gera inúmeras discussões em como amenizar estes impactos no meio ambiente ao longo de décadas. A atual conjuntura de urbanização mundial indica que mais da metade da população, ou seja, 54 por cento (54%) da população mundial vive em áreas urbanas, estabelecendo uma projeção de aumento para 66 por cento (66%) em 2050, segundo dados obtidos pelo relatório "World Urbanization Prospects", produzido pela Organização das Nações Unidas (2019).

A problemática social gerada no ambiente, poluição/ contaminação dos corpos hídricos e do solo, desmatamento em grande escala, contaminação e estresse nos ecossistemas, em decorrência da ausência primordial de infraestrutura e saneamento básico relacionado com a falta de planejamento ocupacional, aspectos que se tornam cada vez mais presentes no território brasileiro. No Ilha do Marabão os problemas ambientais são vivenciados e presentes no cotidiano dos moradores locais, desde ao crescimento das áreas urbanas e o incremento dos setores industrial e de serviços, tendo a urbanização como um dos principais vetores de eliminação de florestas nativas.

Nesse sentido, compreende-se assim, a necessidade da arborização urbana, Ribeiro (2009) discorre que a presença de árvores desempenha funções essenciais nas áreas urbanas, sendo responsável por benefícios ambientais e sociais que proporcionam uma melhoria na qualidade de vida, além de melhorar na saúde física e mental da população, ou seja, um espaço arborizado traz consigo qualidade de vida.

Uma boa qualidade destes espaços deve favorecer a permanência processiva e tranquilidade dos usuários, possibilitando o desenvolvimento de atividades sociais e consequentemente a vitalidade urbana. Contudo, alguns fatores físicos e ambientais podem influenciar negativamente no posicionamento na qualidade desses espaços, o que está de forma interligada a qualidade de vida da população, sem vez que a convivência social e expectativas cotidianas se concretizam nesses espaços (SIAMAS, ET AL, 2009, p. 6).

A vegetação possui vários benefícios que pode proporcionar ao meio urbano, tem um papel muito importante no restabelecimento do vínculo entre o homem e o meio natural, garantindo melhor qualidade de vida (PINHEIRO, 2009). Todavia deve-se considerar os pontos positivos e negativos que podem ocorrer devido as implantações de árvores nos espaços e deve ser um processo planejado, cuidadoso e cuidadoso, para que de fato, possa ser positivo e trazer qualidade de vida. Pavia (2009, p. 19) segue afirmando que "Arborização urbana não significa apenas plantar árvores em via pública, mas integrá-las ao ambiente urbano, compatibilizando-as com os espaços restritos e demais equipamentos públicos", ou seja, arborizar uma cidade não se limita apenas no fazer plantar árvores em ruas, jardins e praças, ou em criar áreas verdes, mas também, é necessário compreender as problemáticas e a forma coerente de plantar de árvores, como aponta Ribeiro (2009, p. 254).

OBJETIVOS:

Objetivo Geral:
 Analisar a importância da arborização nas áreas urbanas.

Objetivos Específicos:

- Verificar como acontece a arborização paisagística urbana no bairro Anjo da Guarda;
- Perceber como é a relação da população do bairro Anjo da Guarda com os espaços de arborização;
- Validar a importância das árvores urbanas para a qualidade de vida humana, bem como sua preservação.

METODOLOGIA:

Os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento deste trabalho pelos alunos-pesquisadores do Instituto Educacional Menino Jesus, ocorreram da seguinte forma: levantamento e análise do material bibliográfico por meio do Google Acadêmico para selecionar artigos, monografias, teses, livros, sites, reportagens disponíveis na internet sobre a temática desenvolvimento urbano e ambiental, desenvolvendo assim a fundamentação teórica, por meio de reuniões semanais em sala de aula, aplicativo instantâneo de mensagens e áudio para análise das informações obtidas, discussões e debates sobre a temática. Posteriormente, houve o desenvolvimento do banner que será utilizado na apresentação oral, o desenvolvimento do folder explicativo que será entregue juntamente com as sementes, a compra e separação destas em saquinhos para serem distribuídas, como forma de sensibilização a respeito da nossa responsabilidade sobre as questões ambientais.

RESULTADOS:

Segundo Pippi (2011) as florestas são espaços de liberdade, claramente caracterizadores de Unidades de Paisagem. Florestas urbanas são aquelas localizadas em áreas territoriais pertencentes ao perímetro de áreas urbanas e urbanas. Então, portanto, floresta é significativa influência e intervenções do ser humano. O conceito engloba não apenas as florestas nativas, mas também as plantadas na alameda e abrange tanto propriedades públicas quanto particulares.

As árvores urbanas contribuem para a boa qualidade de vida nas cidades, por meio de inúmeros serviços ou processos ecológicos. Moscatelli et al (2019), aborda alguns destes benefícios:

- Valor econômico (segurança, saúde, bem-estar, desenvolvimento econômico urbano).
- Redução do efeito de ilha de calor urbana.
- Manutenção da umidade relativa do ar em nível adequado, por meio de vaporização de água e evitam elevação muito brusca da temperatura, reduzindo amplitude térmica. São raras absoveram diariamente quantidade de água e lançam na atmosfera pela transpiração (NSCODEMO, Maria, PRIMAVERI, Cássio, 2009).
- Todos os climas locais contém o chamado microclima, que é a relação das mudanças de temperatura nos centros de ar, na umidade relativa do ar e na radiação solar. Assim, a arborização no meio urbano atua diretamente na melhoria da qualidade climática local, conforme figura 1.



Figura 1 - Benefícios das Árvores urbanas

REFERÊNCIAS

ABREU, C. A. B. (2019). *Arborização urbana: um estudo de caso no bairro Anjo da Guarda, Florianópolis, Santa Catarina*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina.

ABREU, C. A. B. (2020). *Arborização urbana: um estudo de caso no bairro Anjo da Guarda, Florianópolis, Santa Catarina*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina.

ABREU, C. A. B. (2021). *Arborização urbana: um estudo de caso no bairro Anjo da Guarda, Florianópolis, Santa Catarina*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina.

ABREU, C. A. B. (2022). *Arborização urbana: um estudo de caso no bairro Anjo da Guarda, Florianópolis, Santa Catarina*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina.

ABREU, C. A. B. (2023). *Arborização urbana: um estudo de caso no bairro Anjo da Guarda, Florianópolis, Santa Catarina*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina.

ABREU, C. A. B. (2024). *Arborização urbana: um estudo de caso no bairro Anjo da Guarda, Florianópolis, Santa Catarina*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina.

Fonte: Acervo do Projeto (2022)

Salienta-se, aqui, que o ensino por pesquisa valoriza o olhar do alunado sobre o seu espaço. Isso é viável destacar quando se observou o desenrolar dos trabalhos e a exposição dos seus resultados que não inventam fatos novos, mas apresentam as problemáticas e as possíveis ações. Nota-se isso na pesquisa apresentada por esta turma em questão, pois percebe-se que extrapolou os limites da defestação da área verde, localizando apenas em quatro lugares: a) na Avenida José Sarney/Moçambique, apenas um trecho; na Rua Suécia em frente ao Menino Jesus; o entorno da via dupla da Praça do Anjo da Guarda; e na Rua Dinamarca, em um trecho da via. Como resposta, os alunos propuseram a ação *Plante uma Vida*; um projeto que adota a ideia de plantação em outras áreas do bairro. Observa-se um mapeamento feito pelos alunos, cujos interesses dos pesquisadores estabeleceram polos de replantio, somando às poucas áreas existentes:

Quadro 3 - Espaços de possível plantio no Anjo da Guarda

Bairro	Rua/Avenida	Ação
Fumacê/Anjo da Guarda	Rua Tailândia	Replântio, plantio de árvores (mangueiras) e palmeiras para embelezamento da via e o resfriamento do espaço.
Fumacê/Anjo da Guarda	BR 135 Avenida dos Portugueses.	Replântio de árvores e urbanização com o objetivo de eliminar.
Praça da Ressurreição/Anjo da Guarda	Entrono da Praça da Ressurreição	Favorecer a Praça com arborização e melhorar a estética do espaço.
Fronteira entre o bairro do Anjo da Guarda e o bairro da Vila Mauro Fecury II	Avenida José Sarney	Ampliar pequena área já existente para melhorar a questão climática.
Anjo da Guarda	Avenida José Sarney	Ampliar os pontos verdes para inibir os pequenos lixões formados na extensão da avenida.

Fonte: Acervo do Projeto (2022)

A pesquisa tem como foco trazer os resultados para a comunidade do Itaqui-Bacanga, os alunos se veem pertencentes à comunidade e a ela desejam o melhor nos contextos ambientais e sociais. A visão se concentra em conhecer o espaço - o bairro - abarrotado de lugares que expõem a um amplo espectro temporal de experiências individuais e coletivas; obviamente, conferindo sentidos a essa vivência que podem ou não ser compartilhadas por outros moradores (Miranda, 2019). Nessa empreitada, “desvelar os meandros das interrelações simbólicas construídas entre a escola e o ambiente social que a cerca – e no qual está inserida”. (Miranda, 2019, p. 44).

A pesquisa procura respostas, podendo encontrá-las ou não. As chances de acertos aumentam à medida que é enforcada como um procedimento, e não como uma simples coleta de dados ou informações (Prodanov, 2013). Na atuação do SEMIP, esse princípio se baseia em uma lógica. Decisivamente, a constituição de identidades dos alunos-pesquisadores perpassam pela formação da consciência histórica. As identidades são resignadas num processo que nunca está acabado (Miranda, 2019). Pode-se afirmar que a consciência histórica organizada no entendimento humano coopera, precipuamente, na edificação da identidade humana; trata que os sujeitos são adequados de experienciar o tempo de forma funcional delimitando sua vivência no mundo e seu ambiente nele (Rüsen, 2010).

A sensibilidade ambiental aos alunos-pesquisadores está relacionada com as

características intrínsecas do ambiente, ou seja, do lugar. A capacidade de resposta a um determinado problema interno, de acordo com suas próprias características físicas e biológicas, faz do aluno um sujeito histórico de saberes para atuar dentro de sua comunidade. Não se impõe a interferência; na verdade, aqui, constitui-se novos meios para que o sujeito possa intervir através da pesquisa, e aprofundar seus saberes e fazeres sobre seu local de moradia.

Dessa forma, pode-se inferir que o Bairro Anjo da Guarda poderá, no futuro, ser visto como um berço de pesquisadores de suas origens e lutas pela própria sobrevivência. A seguir, será tratado do lugar da pesquisa, onde foi possível intermediar a relação ensino e aprendizagem partindo do problema prático relevante para a comunidade ou o contexto de estudo, estabelecendo objetivos claros que incluíssem tanto a resolução do problema quanto a geração de conhecimento, permitindo o envolvimento ativo de todo o alunado na pesquisa-ação para capturar as perspectivas e experiências dos participantes.

Destarte, técnicas qualitativas foram utilizadas para coletar dados detalhados e contextuais com narrativas e observações para documentar as interações, reflexões e mudanças ao longo do processo, assegurando que suas vozes fossem representadas na interpretação dos resultados e compartilhando os resultados com a comunidade e outros sujeitos de maneira acessível e relevante.

Refletindo criticamente sobre o trabalho, torna-se possível perceber sucessos e dificuldades que impulsionam para aprimorar, continuamente, as ações e gerar um entendimento mais profundo do problema estudado.

4 UM OLHAR SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DE PESQUISA NO ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS

Este capítulo apresenta, metodologicamente, o lugar da pesquisa configurado para aproximar a pesquisa qualitativa do procedimento pesquisa-ação envolto às peculiaridades e aos escopos das abordagens alegadas, procurando situar um arrolamento com uma ação ou um problema coletivo (Prodanov, 2013). É conveniente enfatizar que, divergente da arte e da poesia que se arquitetam no entusiasmo criador, a pesquisa é um “labor artesanal” que se não abstrai da inventividade, desempenha-se, essencialmente, por uma linguagem fundada em conceitos, proposições, métodos e técnicas, tal linguagem que se edifica com um compasso próprio e particular.

A esse compasso ou ritmo, denominou-se o ciclo da pesquisa, ou seja, um procedimento de trabalho em espiral que dá início com um problema ou uma pergunta e termina com um produto transitório capaz de dar ascendência a novas interrogações (Minayo, 2001). E isso balizou a escrita metodológica desta dissertação na perspectiva de que o conhecimento não é um instrumento para ser individualizado tampouco transportado sem apreciação dos seus fundamentos; cabendo, assim, a justificativa da ideia de pensar um projeto de formação para professores com o objetivo de fundamentá-los, instrumentalizá-los para a construção de novas ideias com a aplicação da interdisciplinaridade.

Ao apresentar um trabalho com a disciplina de História em uma escola de cunho comunitário em São Luís, sendo nessa instituição aplicado o Seminário Interdisciplinar de Incentivo à Pesquisa (SEMIP), o que se percebe é que, para alguns professores, um trabalho que instiga o aluno a ser pesquisador é extremamente exaustivo e fora de sua realidade.

Além disso, não se estruturaram para essa nova modalidade, de modo que este trabalho poderá ser uma ferramenta que venha a contribuir para a reflexão desta prática. Torna-se, portanto, evidente a necessidade de discutir novas perspectivas do ensino. Por ser algo atual e inovador, o ensino que intenciona formar o sujeito histórico pesquisador está diretamente relacionado à interdisciplinaridade e provoca um novo contexto histórico mundial que apresenta o negacionismo científico e a necessidade dos estudos científicos, concomitantemente.

4.1 O Instituto educacional Menino Jesus, uma escola de Projetos, um espaço de formação de pesquisadores

Figura 19 - Fachada do Instituto Educacional Menino Jesus



Fonte: Acervo do autor (2024)

Para ter como experiência e norte, analisou-se o Instituto Educacional Menino Jesus (IEMJ), que tem referencial na região do Itaqui-Bacanga como uma instituição de ensino que visa uma educação responsável, atuando em projetos fundamentados em pesquisas. Uma escola comunitária, de caráter privado, localizada no bairro do Anjo da Guarda, na periferia da cidade de São Luís do Maranhão. Utiliza-se, assim, o que assinala Minayo (2001), definindo bem o campo de interesse para que seja possível partir para um rico diálogo com a realidade. Assim, ao analisar o lugar da pesquisa, encontra-se configurado em um trabalho de campo ligado ao anseio e a uma identificação com o tema estudado.

Assim, buscou-se identificar o Instituto Educacional Menino Jesus, uma escola comunitária, prevista e garantida na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, especialmente, no Art. 213, e na Lei n.º 9.394/96, Art. 20, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), apresentando-se como uma via entre o público e o privado, como um meio termo, um elemento de ligação entre a comunidade e a educação (BRASIL, 1996). Na realidade da educação brasileira, o comunitário se esmiuça na nova relação entre o público e o privado, colocando-se como uma extensão entre um e outro, sendo uma terceira via, uma terceira opção, para justificar determinadas prerrogativas, como o acesso aos recursos públicos. (Silva, 2001).

Acrescenta-se que, na região do Itaqui-Bacanga, foi decisivo o papel do terceiro setor e das instituições que mais compõem o terceiro setor no bairro do Anjo da Guarda, são as escolas comunitárias, que são frutos de uma intensa necessidade de educação de qualidade no bairro do

Anjo da Guarda. Para Silva (2001), no novo arrolamento entre público e privado prepondera o privado nas suas formas lucrativas e não lucrativas, inserindo-se, nessas últimas, o comunitário. Isso é fruto da política neoliberal abraçada pelo Brasil no final do século XX.

As escolas comunitárias no bairro do Anjo da Guarda se entrelaçaram com a História do lugar; faziam desfiles, ações sociais, atividades culturais e poliesportivas. Ainda hoje, as escolas comunitárias são uma das principais extensões educacionais que fomentam o desenvolvimento científico e educacional do bairro; uma comunidade periférica da cidade de São Luís, no seu campo urbano, onde requer profundas ações do Estado.

O Instituto Educacional Menino Jesus não deixa de estar relacionado a essas funções, atrelando-se às necessidades da comunidade e de uma educação de qualidade. Desde a sua fundação na data do dia quinze do mês de abril de 1996, no domicílio da professora Altamires Rosa Rabelo Mendonça, no bairro do Anjo da Guarda, o Instituto Educacional Menino Jesus (IEMJ) continua de forma coerente os seus princípios, consciente do seu papel e das suas funções no campo da Educação (Pereira, 2021). A escola que iniciou como uma casa de reforço escolar, hoje, é uma das instituições mais importantes no campo educacional da região do Itaqui-Bacanga.

Inicialmente, as atividades, do que mais tarde se tornaria o Instituto Educacional Menino Jesus – IEMJ deram-se como um reforço escolar, sob a regência da Professora Altamires. Motivada pela solicitação das mães e pais, pelo desejo de melhor contribuir com o aprendizado e ensino na região do Anjo da Guarda e bairros vizinhos, a professora Altamires deu continuidade à função educacional ampliando o seu propósito, não mais com aulas de reforço, mas sim como Centro Educacional no âmbito de escola comunitária (Pereira, 2021).

O Instituto Educacional Menino Jesus, após ser regularizado como escola, mantém-se determinado, de modo que cumpre as exigências legais expressas na LDB n.º 9394/96. Assim, define, na natureza do papel socioeducativo, cultural, político e ambiental, considerando a trajetória da sua comunidade, a sua história e a sua cultura, garantindo um percurso formativo de sucesso para os estudantes e cumprindo o seu compromisso com a sociedade.

Nesse sentido, a proposta educacional da instituição enfatiza a formação de um sujeito que venha a ser autônomo, criativo, ético, crítico, assim como, comprometido com a sociedade que se encontra em permanente transformação. Pontua-se, ainda, que a Proposta Pedagógica do Instituto Educacional Menino Jesus adota um modelo de ensino segundo as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como um dos seus principais documentos.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define

o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996)¹, e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN) (BRASIL, 2018, p. 5).

A escola segue, diariamente, retratando a função cultural, sociopolítica, delineando o horizonte da caminhada do seu alunado, visando sempre manter um diálogo constante entre a teoria e a prática, promovendo um desenvolvimento das capacidades e potencialidades das crianças e adolescentes que estudam nesse espaço. Isso pautada em uma educação que investe no desenvolvimento das vivências e interações dos alunos com o mundo das descobertas.

O Projeto Pedagógico (PP) do Instituto Educacional Menino Jesus pauta-se pelas diretrizes do Plano Municipal de Educação de São Luís 2015-2024 de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases- LDB 9394/96. O Regime Escolar (RE) é pautado na missão é de proporcionar uma educação com qualidade permeada de ações que incluam valores éticos e cristãos, que possibilitem a formação integral do aluno (a), bem como formar cidadãos críticos conhecedores dos seus direitos e deveres (Soares, 2021, p. 39-40).

No que se refere à estrutura organizacional, o Instituto Educacional Menino Jesus detém de um amplo quadro de funcionários qualificados para o exercício de suas atividades, todos ocupando funções de acordo com suas respectivas formações, estando distribuídos entre os turnos de funcionamento da escola, matutino e vespertino. A escola é estruturada em 22 (vinte e duas) salas de aula com estrutura física para atender o número satisfatório de aluno em cada segmento.

Figura 20 - Parte interna da escola



Fonte: Acervo do autor (2024)

Já no que concerne somente aos docentes do Ensino Fundamental – Anos Finais (6º ao 9º Ano), têm-se um total de 19 docentes qualificados, com professores graduados em suas áreas de atuação, sendo estes docentes especialistas e alguns Mestres em Educação, Geografia e História.

A escola, além disso, no Ensino Fundamental – Anos Finais (6º ao 9º Ano), conta com o suporte pedagógico de um coordenador escolar para o segmento, uma psicopedagoga e um psicólogo escolar, o qual tem um papel essencial para a orientação dos alunos que apresentam transtornos globais do desenvolvimento, Transtorno do Espectro Autista (TEA), altas habilidades e outros (Soares, 2021). Com o corpo administrativo de diretores e coordenadores atuando, diretamente, para a melhoria da relação professor/aluno.

Esses olhares da escola fizeram-na uma instituição de ensino de referência na comunidade do Itaqui-Bacanga, no que diz respeito à qualidade de ensino, adquirindo prêmios no âmbito educacional como “Melhores do Ano 2019”, organizado pelo Jornal Itaqui-Bacanga (JIB), de acordo com Soares (2021). Pode-se salientar que a instituição não é de grande porte, mas atua com seriedade e valorizando a educação.

Em seu plano de ensino, a instituição inovou a partir do ano de 2022, montando um quadro que compreende a disciplina de Educação financeira e socioemocional, que não faziam parte da grade curricular. A justificativa da escola é a necessidade de seguir as competências da BNCC, entrando como uma nova disciplina em 2023, apresentando uma nova perspectiva para a discussão do processo de ensino/aprendizagem em 2024.

Quadro 4 - Disciplinas do IEMJ

Áreas do Conhecimento	Componentes curriculares
Linguagem	Língua Portuguesa Arte Educação Física Língua Inglesa
Matemática	Matemática
Ciências da Natureza	Ciências
Ciências Humanas	História Geografia Socioemocional Educação Financeira/Empreendedorismo Filosofia
Ensino Religioso	Ensino Religioso

Fonte: Acervo do Projeto Pedagógico (2023)

No que diz respeito à relação de introdução da disciplina de Socioemocional, a escola busca desenvolver atividades em que os alunos possam conhecer suas emoções e, a partir dela, começar a trabalhar seus medos e frustrações. A escola justifica que não acredita que não pode

haver uma “boa sala de aula” com uma “boa aula” sem uma relação saudável do sujeito com ele mesmo e com o próximo (Pereira, 2021). Para isso, a escola, evidentemente, baseia-se nas Competências da BNCC.

[...] Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. [...] Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta. [...] Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas. [...] Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. [...] Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários (BRASIL, 2018, p. 7-8).

Além dessas disciplinas, destaca-se, na escola, um trabalho que aponta a interdisciplinaridade como parte da grade curricular, isto é, de modo que seja desenvolvida por todos os professores em sua sala de aula, a fim de que atenda os anseios de formar pequenos pesquisadores no Brasil, ou seja, o corpo discente. Sobre o corpo discente, afirma-se que característica principal do corpo discente do Instituto Educacional Menino Jesus é a condição de alunos-pesquisadores. A escola atende a um público de entorno de um total de mil (1.000) alunos, que compreendem os segmentos da educação Infantil e Ensino Fundamental – Anos Iniciais e Finais da Educação Básica.

Destaca-se que, no segmento do Ensino Fundamental, o trabalho desenvolvido implica em um trabalho direcionado a uma educação com base em pesquisa. Trata-se de se posicionar com um diferencial na comunidade, busca a implantação de um trabalho de iniciação científica ou alfabetização científica; tornando-se essencialmente positivo, principalmente, para uma geração tão tecnológica como a atual.

Quadro 5 - Metas da escola

INSTITUTO EDUCACIONAL MENINO JESUS
Quadro de Metas da instituição referente a sua Proposta Pedagógica
• Transformar a unidade de ensino em um amplo espaço de pesquisa e formação de alunos-pesquisadores.
• Ser referência municipal no campo de ensino por projetos e ensino por pesquisa.
• Ser organizadora de ações metodológicas de ensino para os segmentos da educação Infantil e Ensino Fundamental nos segmentos de Anos Iniciais e Finais.
• Ampliar sua atuação pedagógica na região do Anjo da Guarda e de todo o Eixo Itaqui-Bacanga.
• Ser organizadora de atividades sociais referenciais para contribuir com a comunidade carente no entorno da escola.
• Ser promotora de atividades de conscientização ambiental e de saúde na região do Itaqui Bacanga.
• Atuar significativamente desenvolvendo ações e projetos para mudar as adversidades diárias, pontuando sempre a inclusão, se tornando referência no atendimento com os alunos com autismo - TEA, Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade – TDAH. Sendo assim, a escola contribui positivamente para a inclusão social e educacional na comunidade.
• Ser promotora de atendimentos psicopedagógicos com a comunidade escolar local.
• Torna uma instituição apta para produção científica com alunos-pesquisadores, promovendo apostilas adaptadas, dependendo das necessidades dos alunos que na instituição se encontram.
• Ser referência em uma educação com princípios humanos e sociais, promovendo ao aluno exemplos significativos de humanidade e respeito ao próximo.

Fonte: Acervo do Projeto Pedagógico (2023)

Para cumprir suas metas, a escola promove um ensino por projetos baseados em teóricos como Paulo Freire, Jörn Rüsen, Nilbo Nogueira, Welton Pereira, Moacir Gadotti e outros. Atuando na organização de formações pedagógicas com base em metodologias de ensino para os segmentos da educação Infantil e Ensino Fundamental – Anos Finais e Iniciais. A escola também promove ações de acordo com as suas atribuições de instituição educadora e promotora de espaços de saberes seguindo o regimento e os fundamentos internos.

Assim, o Instituto Educacional Menino Jesus oferece aos seus alunos-pesquisadores projetos flexíveis, sendo assim, promove o Seminário Interdisciplinar de Incentivo à Pesquisa com os discentes e professores do 6º ao 9º ano, com a finalidade de ser uma instituição transformadora de espaços e formadora de alunos pesquisadores, dando respostas sociais e científicas na comunidade em que está inserida, considerando, assim, sua vivência e sua interação com o espaço.

As experiências das crianças em seu contexto familiar, social e cultural, suas memórias, seu pertencimento a um grupo e sua interação com as mais diversas tecnologias de informação e comunicação são fontes que estimulam sua curiosidade

e a formulação de perguntas. O estímulo ao pensamento criativo, lógico e crítico, por meio da construção e do fortalecimento da capacidade de fazer perguntas e de avaliar respostas, de argumentar, de interagir com diversas produções culturais, de fazer uso de tecnologias de informação e comunicação, possibilita aos alunos ampliar sua compreensão de si mesmos, do mundo natural e social, das relações dos seres humanos entre si e com a natureza (BRASIL, 2018, p. 54).

É importante ressaltar o papel da escola na comunidade, entendendo a relação existente entre elas. A história local faz parte da escola; a escola aprende à medida que ensina; e ensina à medida que aprende, acompanhando o que afirma Gadotti (2006, p. 134): “a cidade, como espaço de cultura, educando a escola e todos que circulam em seus espaços, e a escola, como palco do espetáculo da vida, educando a cidade numa troca de saberes e de competências”. Nesse contexto, a escola terá a responsabilidade frente ao educar com ouvidos para aprender. Assim, a escola propõe formar pesquisadores que interacionem com a história local para que seus alunos-pesquisadores entendam o seu papel na comunidade.

Nesse sentido, a concepção da escola é marcada pelo progressivo reconhecimento de que para ensinar participam, constantemente, do aprender para propor ações que garantam cidadãos que observem, questionem, levantem hipóteses detendo de conclusões, fazendo valores. Sujeitos que constroem conhecimentos e se apropriam de novos conhecimentos que são sistematizados pela escola, pela comunidade, pela cidade ou, simplesmente, pelo espaço que está inserido; um sujeito que interage e julga ações nos contextos sociais, ambientais e políticos. A escola passa a ser um espaço científico e transformador em uma sociedade onde a velocidade das informações ultrapassam as paredes das escolas.

Na sociedade da informação, o papel social da escola foi consideravelmente ampliado. É uma escola presente na cidade e que cria novos conhecimentos, sem abrir mão do conhecimento historicamente produzido pela humanidade, uma escola científica e transformadora (Gadotti, 2006, p. 138).

A partir disso, compreende-se que a escola é um instrumento ativo que não vê o alunado como meros receptores de informações. Ou seja, ver os alunos como inventores, produtores e que estabelecem relações sociais. Além disso, a escola acredita que os alunos-pesquisadores têm papel ativo no seu processo de formação e, por meio das pesquisas, interagem socialmente com a comunidade, concebendo respostas sociais e interpretando-a.

É pertinente afirmar que a existência histórica e social do Instituto Educacional Menino é impulsionado por um referencial criado ao longo da sua trajetória. Todavia, o modelo Pedagógico de escola de pesquisadores de sujeitos-históricos que têm, em pleno processo de formação, a autonomia e o desejo de interagir com sua comunidade, criou novas expectativas frente aos desafios do processo de ensino-aprendizagem, e sua expressão é percebida na medida em que a sociedade do bairro do Anjo da Guarda volta o seu olhar para esse tipo de ensino na comunidade. Portanto, é preciso pensar em espaços escolares que pensam sobre a realidade ou

a História Local, pois “a educação e a cultura não podem tudo porque existem outros componentes que são os sociais, políticos e, sobretudo, econômicos. Mas a escola pode contribuir para a construção de uma sociedade saudável, tornando-se amiga e companheira” (Gadotti, 2006, p. 138).

É nesse contexto que a instituição aproveita o Ensino fundamental; etapa que propicia uma educação para toda a vida, que prepara o estudante para o exercício da cidadania, garantindo o desenvolvimento de competências e habilidades, e aplica o incentivo à pesquisa com valores e atitudes, a fim de enfrentar os desafios da realidade vivida, respeitando as limitações de seus alunos. Uma vez que eles passam a compreender a importância da reflexão da atividade de pesquisa.

Ao longo do Ensino Fundamental – Anos Finais, os estudantes se deparam com desafios de maior complexidade, sobretudo devido à necessidade de se apropriarem das diferentes lógicas de organização dos conhecimentos relacionados às áreas. Tendo em vista essa maior especialização, é importante, nos vários componentes curriculares, retomar e ressignificar as aprendizagens do Ensino Fundamental – Anos Iniciais no contexto das diferentes áreas, visando ao aprofundamento e à ampliação de repertórios dos estudantes (BRASIL, 2018, p. 58).

O Instituto Menino Jesus oferece condições de aprendizagem para que o alunos-pesquisadores venham resignificar e ampliar seus repertórios, bem como desenvolver a capacidade de aprender por meio de situações motivadoras e das intervenções de qualidade dos professores das diferentes áreas do conhecimento, despertando as capacidades intelectuais, o pensamento autônomo, a construção da própria identidade e a consciência crítica. E isso acontece com este sendo inserido no espaço onde vive.

Ainda, complementando a discussão quanto à organização do percurso formativo na escola, em seu regimento deve ser construída em função das peculiaridades do meio e das características, dos interesses e das necessidades dos alunos, incluindo as suas experiências, não só os componentes curriculares centrais obrigatórios que estão previstos na legislação e nas normas educacionais, mas outros, também, de modo flexível e variável incluir o espaço, a comunidade e a sua História.

Não existe, portanto, experiência/acontecimento fora de um espaço, fora de um lugar, fora de um local. Talvez o fato de que a expressão “história local” contenha uma palavra que é sinônima de espaço (“local”) direcione certa concepção que atribui àquele conceito uma dada interpretação que o institui de maneira que a chamada história local seja tutelada ou condicionada pela dimensão espacial. Entretanto, o que institui que um acontecimento seja considerado local não é a dimensão do espaço, nem a dimensão do tamanho, pois quem institui a dimensão, a legitimidade, o reconhecimento e a representação é a dimensão política do acontecimento (Cavalcanti, 2018, p. 282).

Dessa forma, a instituição por meio de seu projeto pedagógico define um conjunto de saberes obrigatório para comunidade escolar, pois visa, por meio de sua proposta, servir de

instrumento para intervenção e mudança da realidade local, tendo como objetivo construir um universo de experiências através do processo de ensino-aprendizagem que compreendem projetar e pesquisar favorecendo a relação teoria e prática. Nessa perspectiva, a metodologia de ensino da escola que integra as estratégias, as técnicas e as diferentes situações didáticas da escola, que servirá como norte para a função principal da entidade, é o pesquisar e o projetar, formulando sempre a ideia que o sujeito intervém, significativamente, em sua sociedade.

O Instituto Educacional Menino Jesus aplica um movimento revolucionário na educação por acreditar que, no que foi socialmente edificado, poderá ser socialmente desconstruído e também reconstruído. A contradição social é existente; por isso, encontram-se motivos para a promoção do otimismo, apresentando um deles o surgimento de movimentos de renovação pedagógica (Gadotti, 2006).

A apresentação da escola neste capítulo é importante para reforçar que uma instituição escolar disposta a novas mudanças poderá inserir o desejo em seu alunado de querer mudanças. A escola não é um espaço mágico e cheio de magias, mas sim um espaço com inúmeros desafios que busca enfrentar constantemente, apropriando-se de estratégias que visam transformar a realidade de sua comunidade com as ações que iniciam pelo seu trabalho que relaciona a família, a comunidade e todo o corpo escolar.

A escola prepara o cidadão para interagir na sociedade de maneira consciente, crítica e coerente para agir diante das diversidades encontradas em sua comunidade, integrando-os às dimensões do pensar cientificamente, sentir-se sujeito histórico e agir como interventor social. Para que isso se torne realidade, a educação por pesquisa deve se pautar como uma fonte de oportunidade para todos, propondo que o trabalho veicule o conhecimento numa perspectiva histórica e social, que relacione o sujeito ao seu papel na História Local, entendendo que o aluno como pesquisador é um ser humano ativo e determinante em seu processo de formação constante.

A visão da instituição sobre educação por pesquisa propõe que o processo de ensino na deve criar possibilidades para desenvolver habilidades e competências segundo as orientações da BNCC, numa articulação entre a História Local com a História Regional, Nacional e Global. Durante todo o processo de ensino-aprendizagem com base em pesquisa, o aluno é induzido a compreender o seu espaço e se relacionar com ele.

4.2 Experiências na aplicação do Seminário Interdisciplinar de Incentivo a Pesquisa

Para entender a necessidade da educação que forma cidadãos pesquisadores com autonomia e cheios de desejos de mudança em sua comunidade, a partir das experiências desenvolvidas na disciplina de História, no ano de 2015, o Seminário Interdisciplinar de Incentivo à Pesquisa, o SEMIP, foi apresentado ao Instituto Educacional Menino Jesus, localizado em uma das comunidades de maiores vertentes históricas do Itaqui-Bacanga, uma rica região da cidade de São Luís.

Figura 21 - Autor do Projeto



Fonte: SEMIP (2022)

Para isso, realizou-se uma pesquisa-ação quando arquitetada e desempenhada em estreita agregação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo. Os pesquisadores e os partícipes representativos da conjuntura ou do problema estão envolvidos de caráter cooperativo ou participativo (Prodanov, 2013). O SEMIP, trabalho de autoria do professor de História e pesquisador em Metodologia de Ensino, Welton Vale Pereira, no qual coordena o Projeto, configurando a pesquisa-ação.

Com o grande desafio de contribuir no processo de ensino-aprendizagem e envolver os alunos no mundo da pesquisa; o SEMIP carrega a proposta de incomodar o conformismo alojado pela cultura predominante, mas tal desafio configurado como uma nova

responsabilidade que objetiva promover a educação tem como principal eixo destacar o aluno-pesquisador como protagonista do seu processo de ensino, adotando a autonomia do sujeito.

O professor ou coordenador da oficina não ensina o que sabe, mas vai oportunizar o que os participantes necessitam saber, sendo, portanto, uma abordagem centrada no aprendiz e na aprendizagem e não no professor. Desse modo, a construção de saberes e as ações relacionadas decorrem, principalmente, do conhecimento prévio, das habilidades, dos interesses, das necessidades, dos valores e julgamentos dos participantes (Paviani; Fontana, 2009, p. 79).

As atividades do SEMIP fazem ligação entre teoria e prática e consideram o aluno-pesquisador não somente aquele que é capaz de decorar conteúdos e oferecer informações após a aplicação de uma atividade considerada avaliativa. As oficinas em questão consideram o sujeito como histórico; por isso, todas as necessidades têm que ser avaliadas e analisadas pelo coordenador e professores que participam do Projeto. Para compreensão da ação do Seminário Interdisciplinar de Incentivo à Pesquisa, pesquisas foram investigadas mediante as experiências no Projeto. A pesquisa realizada para este trabalho surge em inúmeras falas com os professores-orientadores, com os ex-alunos da instituição que participaram como monitores.

Figura 22 - Professores e monitores no IV SEMIP em 2019



Fonte: Portal da UFMA (2019)

O objetivo se dá em aprofundar o conhecimento sobre a vivência no SEMIP, entendendo que somente a partir da coleta de dados que se pode chegar próximo à compreensão dos aspectos problemáticos e, ao mesmo tempo, aos resultados positivos produzidos pelo Projeto, elencando diversas indagações a respeito de como tem se processado a formação dos professores-

orientadores e quais relações têm estabelecido entre o SEMIP e suas práticas pedagógicas que atuam em uma visão da educação que trabalha com pesquisas para o processo de ensino-aprendizado.

O uso sistemático do testemunho oral possibilita à história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que às vezes não têm como ser entendidos ou elucidados de outra forma: são depoimentos de analfabetos, rebeldes, mulheres, crianças, miseráveis, prisioneiros, loucos... São histórias de movimentos sociais populares, de lutas cotidianas encobertas ou esquecidas, de versões menosprezadas; essa característica permitiu inclusive 20 que uma vertente da história oral se tenha constituído ligada à história dos excluídos (Ferreira, 1998, p. 14).

Inicialmente, foram ouvidos os professores que disponibilizavam suas falas com vivências e relatos. Vale frisar que todos se dispuseram a participar das coletas dos dados através de entrevista ou de questionário, visto como outro meio foi a opção escolhida por alguns professores e ex-alunos que participaram do Projeto cederam relatos dos seus testemunhos. As alternativas viabilizavam a participação de todos e permitiam conhecer o perfil do professor e identificar certas concepções acerca de seu olhar sobre o SEMIP. No referido Projeto, o ouvir das experiências seria “uma oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas, baseada no tripé: sentir-pensar-agir, com objetivos pedagógicos” (Paviani; Fontana, 2009, p. 78).

Dessa forma, foram organizadas as atividades de aplicação da ouvidoria de experiências dos professores. É importante ressaltar que os professores se sentiram livres para explicar suas reflexões que detêm um valor inestimável para o conhecimento do Projeto SEMIP, assim como para que novas instituições possam conhecer o trabalho e desenvolver projetos de pesquisas em suas escolas com a finalidade de proporcionar a melhoria do processo pedagógico de ensino-aprendizagem. Afinal, o processo de reflexão da prática dos professores que já vivenciaram esse ensino cria um sentimento de inovação, recriação e identificação com qualquer projeto que seja aplicado, em especial, no SEMIP.

O papel do professor nessas atividades é de suma relevância, pois ele atua como um orientador, um mediador que vai propondo ideias e discussões ao longo da realização da mesma. Em muitos momentos atendendo a demandas dos estudantes, que à medida que vão construindo seus trabalhos e vão surgindo dúvidas, precisam de mais suporte e quando não conseguem sanar no seu próprio grupo de colegas, recorrem ao professor que deve estar disponível para auxiliar. Certamente, podem surgir momentos em que nós professores não tenhamos uma resposta pronta para estes estudantes, e nesse momento devemos aproveitar a oportunidade e buscar meios para aprender junto com os alunos (Souza, 2021, p. 102).

Logo, ouvi-los é mais do que aceito para entender o Projeto. Para aplicar o SEMIP, é preciso conhecê-lo; para isso, deve-se valorizar, inicialmente, as vivências dos que estão no campo de ensino por Projeto participando do chão escolar que introduz a pesquisa como base de seu ensino: os professores. Ressalta-se que a experiência dos professores que vivenciam o

cotidiano escolar possui olhar a partir de seus saberes consolidados alinhados à sua prática, apresentando elementos capazes de refletir sobre o processo de ensino-aprendizado que está sendo realizado.

Confirma-se, ainda, essa colocação ao ouvir a professora Caroline Aguiar, de Língua Portuguesa, que pontua, em sua fala, muito sobre os seus alunos em uma perspectiva de reconhecimento destes em seus trabalhos de pesquisa nos quais foram orientados. A professora deleita suas perspectivas a respeito do Projeto para a formação do professor e sobre como o projeto atribui benefícios e desenvolvimento ao aluno que trabalha com a pesquisa.

O SEMIP, para os alunos, é algo muito significativo para formação e aprendizado. Mas também é um projeto importantíssimo para o professor, pois a partir dele, nós educadores, podemos ajudar mais na educação de nossos alunos, orientando-os nas mais diversas áreas de conhecimento. Além de nos proporcionar experiência de orientar uma pesquisa científica, o SEMIP é uma porta de entrada para abordar variados assuntos, mesclando conteúdos escolares com múltiplos temas. Desde que comecei a fazer parte dessa proposta de ensino, percebi o quanto o discente aprende e desenvolve algumas habilidades essenciais, como a leitura, escrita e pesquisa, porque com ela, esse se sente estimulado e envolvido a sempre buscar informações, desenvolvendo melhor seu senso crítico e claro, apresentando uma pesquisa que faça a diferença para sua comunidade (Aguiar, 2024).⁴

Destarte, é capaz de proporcionar possíveis avanços através de novas perspectivas construídas por meio da colocação dessa profissional. O SEMIP efetiva no professor a sua essência como pesquisador, apresentando aos protagonistas - o aluno - a responsabilidade que a orientação possui. O professor se percebe e se reconhece como sujeito ativo, que muda e inova, entendendo o seu papel naquele espaço como pesquisador e sujeito-histórico. Assim, a opção de ouvir o profissional teve a intenção de entender, também, o seu processo formativo dentro do Projeto. Concomitante, apresentar a Educação por pesquisa configura na possibilidade de inovar no processo de ensino-aprendizagem em uma sociedade tão confrontada pelas novas tecnologias.

Destaca-se, aqui, que é a vivência da professora, pelo uso cotidiano da prática de pesquisa, em que tal sempre repensa o ensino e os sujeitos historicamente envolvidos. Fortalece a necessidade de ouvir o professor para o aplicar de novas propostas a partir das reflexões, salientando que o que tem de ser refletido são as práticas e as experiências e como essas resultam em uma sociedade.

Quando refletimos sobre nossas experiências pessoais, compartilhamos necessidades e perspectivas de trabalho. Refletimos sobre a nossa prática, nossas ações e condições de trabalho, apontando para intenções que se resumem na busca da inovação, da concretização dos projetos pessoais, no interior do projeto mais amplo profissional, e/ou do projeto concreto da escola, com a qual trabalhamos (Abdalla, 2003, p. 78).

⁴ Professora de Língua Portuguesa, do Instituto Educacional Menino Jesus, formada em Letras - Português e Pós-graduada em Educação para o EJA e Literatura e Ensino.

No convívio na instituição entre discussões nos encontros pedagógicos e pela entrevista realizada, percebeu-se que os professores sentem a necessidade de angariar algo a mais na sua formação, inclusive com mais disciplinas pedagógicas voltadas para a formação do professor-pesquisador. Ocorre a necessidade de plano de especialização que trabalhe com o professor que busca atuar no ensino por pesquisa de leis nacionais que regulamentem esse modelo de ensino-aprendizagem; que propicie atender a construção de novas atitudes, posturas e habilidades, e não somente o conhecimento técnico ou específico de sua área de atuação.

Não haverá espaço para o professor que trabalha numa abordagem pedagógica tradicional, que enfatiza a transmissão, a cópia de cópia, onde conteúdos e informações são passados diretamente do professor para o aluno, mediante um processo reprodutivo (Morais, 1996, p. 65).

Ao lançar mão da educação por pesquisa como método de ensino e aprendizagem, o professor ressignifica as formas de trabalhar; os conteúdos ganham novos significados para os alunos, que ganham novos significados como pesquisadores (Pereira, 2021). Todavia, isso não é uma novidade, visto que tal discussão já existe há décadas, pois o aprendizado é permeado pela participação, pela tomada de decisões, pela discussão de problemas nos quais professores, escolas e pesquisadores vêm apresentando propostas ao longo do tempo. Justifica-se a utilização do Projeto SEMIP, tornando-o mais atrativo e despertando a curiosidade do saber nos arrendamentos do professor Anderson Alves, professor de Educação Física.

Em uma opinião geral, acredito que mesmo em meio aos desafios propostos, os resultados são muito relevantes tanto para professores quanto para alunos e eleva principalmente o Instituto Educacional Menino Jesus - IEMJ, diante da comunidade do Anjo da Guarda, apresentando-lhes o que produzem docentes e discentes. O envolver dos professores de diversas áreas do ensino e cada um poder trabalhar um tema de sua escolha com as turmas pré-definidas e também a escolha de locais fora do ambiente escolar para apresentação é muito bom, pois saímos da zona de conforto e expomos para visitantes, o que realmente produzimos no IEMJ (Alves, 2024).⁵

Partindo desses pressupostos, com a interpretação e a preocupação sobre o processo de ensino-aprendizagem, a construção dos olhares dos profissionais são fundamentais, pois permite a reflexão crítica sobre os conhecimentos por eles aprovados e as metodologias necessárias para a compreensão de suas práticas. No tocante ao posicionamento do professor em relação ao Projeto e à metodologia empregada, percebe-se a provocação do Seminário Interdisciplinar de Incentivo à Pesquisa salientando uma transformação de hábitos. Um Projeto provoca certo incômodo naquilo que já se faz naturalmente; logo, ao revelar que apesar de não atender todas as demandas dos alunos, o simples fato de estar funcionando uma ação escolar que promove a comunidade já se configura uma conquista, visto que há escolas que não detêm

⁵ Professor da Educação Básica de Ensino, graduado em Educação Física – Licenciatura, pesquisador na área da Educação, professor do 6º e 7º ano do Instituto Educacional Menino Jesus

de grandes suportes e a área é considerada periférica.

A maioria dos professores entrevistados em uma roda de conversa responderá que está satisfeita com o Projeto, denotando nas falas até certo apreço e o sentimento de pertencimento ao SEMIP. Com a ouvida das experiências dos professores, passa-se a avaliar a concepção dos alunos da escola sobre o Projeto, iniciando uma meditação em algumas turmas do Instituto Educacional Menino Jesus.

Para a superação dos obstáculos que a educação do tempo atual enfrenta, os professores precisam produzir novos pontos de vista, isto é, produzir novas maneiras de se ensinar e aprender, um novo método ou novas técnicas; enfatizando o ouvir das experiências que residem no espaço entre teoria e prática. Para o professor de Matemática, Alcino Barbosa Silva, participante do SEMIP por seis edições consecutivas, o Projeto é um instrumento de desenvolvimentos dos alunos.

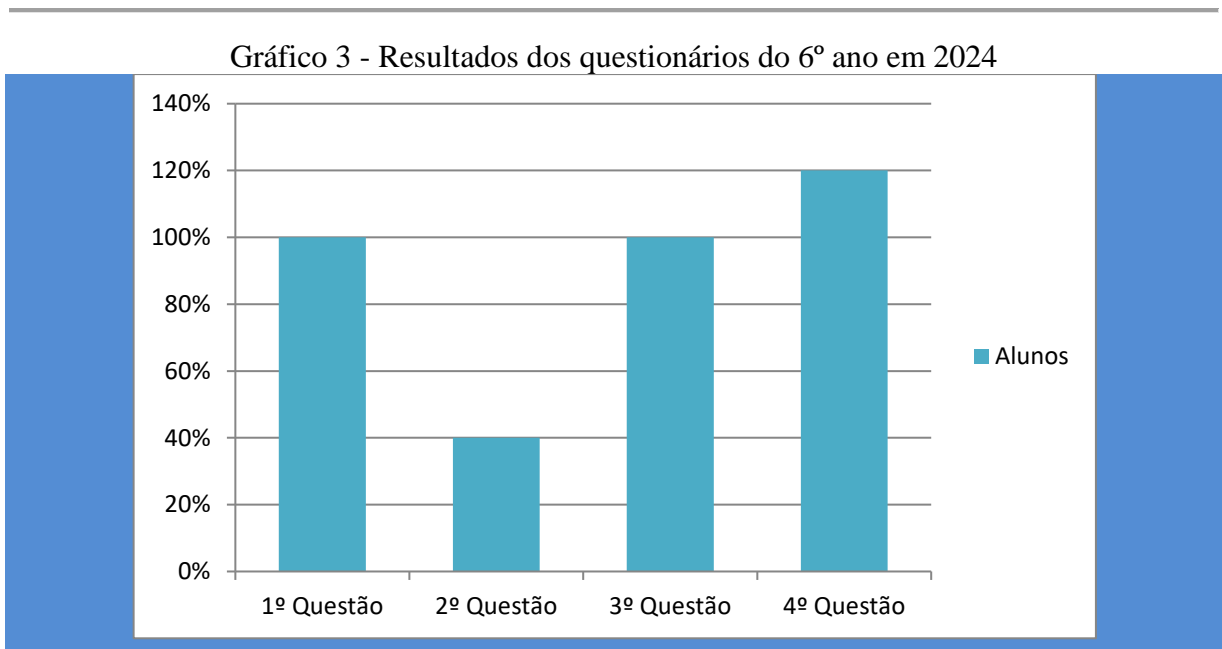
O SEMIP tem sido cada ano de grande importância para o desenvolvimento dos alunos no âmbito educacional, pois tem buscado conhecimento fora das salas de aula, no âmbito social, pois tem sido expostas suas pesquisas não só para os docentes, como também para os discentes tanto locais como de outras regiões, familiares, amigos etc. Esse projeto tem feito transformações nas nossas vidas profissionais, pois também acompanhamos as pesquisas com os alunos e ao mesmo tempo temos aprendido e compartilhado tais conhecimentos, desse modo só temos a agradecer, mesmo sendo cansativo o projeto, como qualquer um, porém tem sido muito positivo, trazendo resposta a sociedade, mudando vidas (Silva, 2024).⁶

Os estudos sobre o SEMIP têm demonstrado que maioria dos professores confirmam a alta estima pelo Projeto, o que não foge ao quadro avaliativo do projeto realizado anualmente, promovido pelo Instituto Educacional Menino Jesus, desde 2018, em razão do crescente número de alunos e turmas na escola. A repercussão do Projeto foi grande, visto que há uma visibilidade bem maior nas últimas edições quando as autoridades de vários lugares da cidade se fizeram presente. Isso acompanha a visão do professor sobre o crescimento profissional, o que impacta diretamente no marketing da escola. Assim, pensou-se em uma proposta para analisar as expectativas dos alunos para tal prática. Foi aplicado o seguinte questionário inicial em duas turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental – Anos Finais. Tais atividades foram realizadas entre os períodos de março a abril do ano de 2024.

Entre as diversas formas de abordagem técnica deste trabalho, avivou-se a entrevista e a observação participante de acordo com Minayo (2001), por se tratar de relevantes elementos da prática da pesquisa qualitativa. As entrevistas e a observação do participante são aspectos que abarcam a coleta de dados qualitativos. Assim, iniciou-se com os alunos dos sextos anos,

⁶ Professor de matemática do 8º e 9º ano, do Instituto Educacional Menino Jesus, desde 2017, matemático e especialista em ensino de matemática.

que compreendem um total de cinco turmas, limitando-se o número de apenas 30 alunos para participarem do processo investigativo, isso de forma aleatória. Com os alunos dos sextos anos que ainda irão participar pela primeira vez do Projeto, os questionamentos se davam sobre as expectativas em participar do SEMIP, dessa forma, as questões se baseavam nas expectativas dos alunos. Foram produzidas quatro interrogações com o objetivo de entender a realidade dos alunos e seus anseios em ter essa nova experiência: a) Você conhece o Projeto Seminário Interdisciplinar de Incentivo à Pesquisa – SEMIP?; b) Você sabe explicar o seu significado?; c) Você tem expectativa em participar do SEMIP?; d) O nervosismo faz parte da sua expectativa em participar do Seminário Interdisciplinar de Incentivo à Pesquisa?



Fonte: Acervo do autor (2024)

Dos 30 alunos avaliados, a maioria dos investigados denotava estar ansiosa para participar do Projeto. Os relatos são que muitos desejavam participar quando faziam o 3º ano do Ensino Fundamental-Anos Iniciais, acentuando os resultados da entrevista. Isso equivale dizer que é necessário reconhecer que a educação por pesquisa sustenta uma canalização metodológica específica, que respeite o aluno independentemente de sua faixa etária em seu processo formativo, não o infantilizando.

As atividades desenvolvidas devem ser direcionadas aos alunos-pesquisadores, compreendendo os limites do sujeito, mas não o limitando, assim também como a apresentação dos conteúdos propostos por suas pesquisas e os assuntos discutidos não poderão ser inferiorizados, mas sim serem aplicados nos mesmos moldes das demais turmas.

Nas turmas de 7º ano, as questões classificavam a experiência dos alunos-pesquisadores no SEMIP com um questionário de classificação de 01 a 05, categorizando como: excelentes (1); positivas (2); regulares (3); frustrantes (4); péssimas (5). A estratégia utilizada possibilita analisar um ensino próximo do mundo real que esses estudantes vivem, fomentando um ensino em diálogo com o presente, em uma pedagogia que compreende os estímulos do sujeito. Foram avaliadas quatro turmas, sendo duas no turno matutino e duas no turno vespertino. As primeiras turmas avaliadas foram do turno vespertino, as do 7º ano C – composta por 17 alunos, sendo que, destes, dois alunos nunca tiveram participação em projetos de incentivos à pesquisa.

Posteriormente, aplicaram-se os questionários no 7º C, cuja turma era composta por 19 alunos, sendo que somente dois alunos são recém-chegados na escola e não puderam contribuir com o questionário. Os resultados são considerados satisfatórios, visto que 70% consideram o Projeto uma experiência excelente. Os outros 30% acreditam que o SEMIP se deu como uma experiência positiva. Em diálogo, os alunos puderam dizer alguns pontos negativos que o SEMIP poderia melhorar ou se adequar a turma/alunos. Quando perguntado se o projeto deveria ser encerrado, todos deram uma resposta negativa, desejando a sua continuidade.

Assim, o Seminário Interdisciplinar de Incentivo à Pesquisa é um instrumento de incentivo à formação de alunos-pesquisadores, de modo que o alunado se reconhece como pesquisador e gosta de atuar com o trabalho de pesquisa. Os alunos entrevistados, além de participar das atividades de pesquisa, recusam-se a não participar dos ensinamentos promovidos pelo Projeto, principalmente quando os temas trabalham sobre o racismo, a tecnologia e a economia. Os alunos-pesquisadores apresentam satisfação em ter participação em Projeto. Deve-se compreender que a noção dos fatos e saberes e as experiências prévias dos alunos são proeminentes na medida em que eles podem relacioná-los aos temas que serão objetos de estudos promovidos (Berutti; Marques, 2009).

Em uma avaliação conjunta com os alunos do 8º e 9º anos, de ambos os turnos (matutino e vespertino), foram obtidas respostas significativas para a apresentação do Projeto. Nessa perspectiva, ocorreu a reflexão inicial que levou à elaboração do quadro de questionário, explorando as experiências e as vivências dos alunos no SEMIP, bem como as inquietudes diante dos múltiplos desafios encontrados pelos sujeitos no cotidiano escolar, enquadrando a ideia do Seminário Interdisciplinar de Incentivo à Pesquisa.

Quadro 6 - Questionário Avaliativo do Seminário Interdisciplinar de Incentivo à Pesquisa

Questionário	Resultados concedidos
O SEMIP contribui com índice de desenvolvimento educacional dos alunos/participantes?	Com 90% dos alunos, o SEMIP os mantém com o desejo de elaborar trabalho de pesquisas. E promove a reflexão sobre a importância do aluno como sujeito histórico para atuar dentro da comunidade
	Aumento de 80% no desenvolvimento educacional dos alunos. A maioria afirma que o SEMIP, contribuiu para a mudança de comportamento.
O SEMIP atende as expectativas dos alunos-pesquisadores?	90% dos alunos-pesquisadores entrevistados afirmam se sentirem privilegiados a serem vistos/atendidos na categoria de pesquisadores; 90% afirmam que superaram as expectativas, 8% afirmaram que supriu o esperado e 2% acreditam que o Projeto precisa de revisão.
As pesquisas são importantes como resposta social a comunidade?	100% dos alunos-pesquisadores confirmam que apresentação dos resultados realizados a partir de estudos teóricos com base e fundamentos científicos têm sido um instrumento importante para projetos realizados em uma escola comunitária do Anjo da Guarda.
	70% afirmam que a comunidade deve ter acompanhado as atividades educacionais do SEMIP
O SEMIP contribui para um efetivo acompanhamento dos pais na vida educacional do educando?	Participação de 40% dos pais em atividades e reuniões durante as ações do projeto.

Fonte: Acervo do autor (2023)

Foram entrevistados/ouvidos mais de 100 alunos, nos turnos matutinos e vespertinos. As discussões resgatadas pelos alunos são relevantes para a melhoria do Projeto. O SEMIP aufero o conhecimento científico aos alunos, tal qual a maioria aprova o Projeto como excelente e, principalmente, defendem sua continuidade. A maioria dos alunos já participou em duas ou mais edições e pretendem continuar como monitores após concluir o ciclo do Ensino Fundamental – Anos Finais. Os alunos apontam a necessidade de expansão do SEMIP para outras escolas, em especial, as escolas do Ensino Médio da região, acreditando que iriam os favorecer em suas atividades futuras na universidade.

Desde suas primeiras edições, o Projeto tem a participação dos ex-alunos que atuam como monitores. Precisa-se ouvi-los para nos ensinar a olhar, a descobrir novas metodologias para a aplicação do SEMIP a fim de poder compreender os espaços das diferenças dos que passaram pelo processo de pesquisa e, hoje, vivem outras realidades, porém complementadas pelos aprendizados obtidos pelas atividades do SEMIP. É considerada, neste trabalho, uma riqueza as experiências dos monitores, a maioria já no segmento do Ensino Médio ou nas Universidades, destacam os aprendizados que tiveram no Projeto; ao ouvir alguns alunos pesquisadores entenderem suas perspectivas sobre o SEMIP.

A história oral e as memórias, pois, não nos oferecem um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias. A dificuldade para organizar estas possibilidades em esquemas compreensíveis e rigorosos indica que, a todo momento, na mente das pessoas se apresentam diferentes destinos possíveis. Qualquer sujeito percebe estas possibilidades à sua maneira, e se orienta de modo diferente em relação a elas (Portelli, 1996, p. 71).

A história oral é um artifício de estudo do historiador, pois, dessa forma, recupera e recria, por intermédio da memória dos informantes; a instância da memória passa, necessariamente, a orientar as reflexões históricas, acarretando desdobramentos teóricos e metodológicos significativos para a compreensão do entendimento da perspectiva do sujeito. (Ferreira, 1998). Enraizado nessa ideia, procurou-se ouvir os monitores ou pesquisadores que trabalham, anualmente, como voluntários no SEMIP. Um desses foi o ex-aluno que participou de três edições do Projeto, o monitor Davisson Lima Costa.

Como aluno, mudou totalmente minha perspectiva do que é elaborar e apresentar uma pesquisa científica, e como monitor, me mostrou a grandeza e a dificuldade de desenvolver um projeto como esse. O senhor está de parabéns por conseguir manter um projeto como esse durante todo esse tempo (Costa, 2024).⁷

Ao revelar suas experiências como monitor e como pesquisador, o sujeito revela as vivências e como os esforços para a manutenção do SEMIP renderam lucro, abriram caminhos para os atuais alunos-pesquisadores e outros monitores. Com essa fala, pode-se analisar que o trabalho que é executado pelo Projeto dá reconhecimento ao sujeito e aos que não dão medidas de esforços para a sua sustentação.

Figura 23 - Atuação da Monitoria no processo avaliativo



Fonte: Acervo do SEMIP (2022)

Outro monitor escutado foi a pesquisadora Myrlla Matos Ribeiro, que trouxe suas

⁷ Graduando em Licenciatura Educação Física na Universidade do Maranhão – UFMA, empresário, monitor do SEMIP (2019-2024). Aluno – pesquisador (2016-2018), egresso do Instituto Educacional Menino Jesus (2015 - 2018).

reflexões sobre o Projeto SEMIP, a qual participou de todas as edições como aluna-pesquisadora ou como monitoria. A reflexão que sugere que o modelo educacional formulado pelo SEMIP pode causar a edificação de saberes múltiplos na vida do aluno com a promoção da interação e autonomia. O Semário contribui de forma significativa para o desenvolvimento do sujeito na visão da pesquisadora.

Sou Myrlla Ribeiro, uma estudante de graduação em Ciência da Computação, e tive a honra de participar do SEMIP durante o Ensino Fundamental II, nos anos de 2017 e 2018, inicialmente como aluna-pesquisadora e, posteriormente, como monitora. Essa experiência foi profundamente transformadora para mim. Uma das mudanças mais significativas que o SEMIP trouxe para minha vida foi o desenvolvimento da iniciativa e das habilidades de comunicação. Embora sob a orientação de um professor, as atividades de pesquisa de campo, redação de textos e outras tarefas criativas eram, em sua maioria, conduzidas pelo grupo de alunos. Essa autonomia permitiu-me explorar minhas habilidades individuais e destacar-me em apresentações e na produção de materiais. Além disso, o SEMIP ofereceu oportunidades valiosas de colaboração. Ao interagir com colegas e professores, pude participar em projetos multidisciplinares, enriquecendo minha formação acadêmica e preparando-me para minha futura carreira. Outro aspecto crucial foi o desenvolvimento de uma postura profissional e habilidades de gestão de imagem. Aprendi a expressar minhas ideias e a mim mesma de forma elegante em eventos acadêmicos e científicos. Essa experiência contribuiu para o fortalecimento de minha confiança e aprimoramento de minha imagem como estudante e, futuramente, como profissional. Em resumo, o SEMIP desempenhou um papel fundamental em minha jornada acadêmica, proporcionando oportunidades de aprendizado, crescimento pessoal e desenvolvimento profissional que continuarão a influenciar minha trajetória por muitos anos.⁸

O SEMIP proporciona valiosas oportunidades ao sujeito, segundo a visão da monitora, além de produzir o desenvolvimento de habilidades e competências – defendido na BNCC –, os alunos trabalham com a autonomia e são condicionados a expressarem seus pensamentos e construir significativas experiências. As valiosas contribuições sempre no sentido de refletir a respeito da própria prática como professor da disciplina de História e no que poderia contribuir com ainda mais a mesma. Diante disso, acender a reflexão dos monitores abarcando as possibilidades de ampliação visualizadas a partir do SEMIP junto ao ensino de História promove ações motivadoras não somente ao ensino, mas também para a trajetória de vida.

E porque a memória é mutante, é possível falar de uma história das memórias de pessoas ou grupos, passível de ser estudada por meio de entrevistas de História Oral. As disputas em torno das memórias que prevalecerão em um grupo, em uma comunidade, ou até em uma nação, são importantes para se compreender esse mesmo grupo, ou a sociedade como um todo (Alberti, 2005, p. 167).

Trazer a presença, neste trabalho, dos olhares dos monitores para as relações de ensino-aprendizagem em sala de aula envolvendo diferentes linguagens que possam estimular a criatividade dos alunos, acaba estimulando, de maneira mais efetiva, um lugar sincero de trocas saberes fundamentais de uma relação saudável do ensino-aprendizagem e do desenvolvimento

⁸ Graduanda em ciência da Computação na Universidade Federal do Maranhão, Pesquisadora, Monitora do SEMIP (2019 -2023), Ex-aluna do Menino Jesus (2017-2018).

da consciência crítica e histórica. E isso é notável na entrega de informações do alun-pesquisador Nycolas Ramon Texeira Silva:

Ser pesquisador, especificamente no Instituto Educacional Menino Jesus, atuando no Seminário interdisciplinar de incentivo a pesquisa (SEMIP), permitiu-me desenvolver competências de observação e conhecimento avançado em diversas áreas, como a matemática, humanas, ciências e outras. Impulsionado pelo professor Welton Vale, realizamos um trabalho, em 2021, com a temática "Machu Picchu: legado histórico e arqueológico emblemático do turismo cultural na humanidade", com realização de artigo científico e apresentação em banner, além disso, outras apresentações foram realizadas nos anos anteriores onde cada edição do projeto um tema distinto era escolhido para ser pesquisado e exposto os resultados ao final. Toda essa junção de aprendizado ao longo dos anos, fez com que houvesse a evolução dos meus conhecimentos dentro das áreas estudadas, além de melhorar o domínio das regras da ABNT, uso do PowerPoint e Word. Atualmente estudo no Instituto Federal do Maranhão, onde já tive a oportunidade de participar de projetos que exigiram conhecimentos específicos, e graças ao que aprendi no ensino fundamental através do SEMIP consegui me sobressair e desenvolver com êxito tudo que foi proposto, até por que nos dias atuais e no ensino atual é de extrema importância ter domínio e noção das plataformas do pacote office e principalmente das normas da ABNT.⁹

A experiência do aluno-pesquisador apresenta um ponto estratégico do SEMIP, a formação de indivíduos históricos que continuam atuando com o trabalho de pesquisa, o que pode enfatizar como um dos princípios do Projeto é conduzir essa continuidade sem se eximir das obrigações diante da comunidade local. Dessa forma, para implantação de um ensino por pesquisa, não sobra apenas sentimento de gratidão, mas a eficiência de um trabalho interdisciplinar que busca formar cidadãos críticos e conscientes, os quais têm um dever a cumprir, aprendendo e colocando em práticas pesquisas e atividades que trazem um retorno à sociedade científica, local e escolar.

Percebe-se que os estudantes têm acrescido o interesse pela escola, pelas aulas da disciplina de História com uma abordagem que apresenta dados com a própria vida e da comunidade. O aumento do desemprego, as questões de saúde têm reservado espaço para o relacionamento do passado com o tempo presente; e isso não somente na disciplina de História, mas com as demais disciplinas através da metodologia interdisciplinar, levando esse espaço de interação para a vida, e, principalmente, praticando o aprendizado como monitores ou pesquisadores.

O SEMIP me incentivou a aprofundar meus estudos, aprimorar minhas habilidades de pesquisa e a formular questionamentos relevantes, contribuindo para o desenvolvimento da minha postura reflexiva e crítica diante dos desafios atuais. Através dessa experiência enriquecedora, fui capacitada a pensar de forma mais analítica e a buscar soluções inovadoras para os problemas que me cercam, me preparando para enfrentar os desafios do mundo acadêmico e profissional com maior assertividade e confiança (Berredo, 2024).¹⁰

⁹ Aluno do Instituto Federal do Maranhão –IFMA, pesquisador PIBIC, 3º ano do Ensino Médio. Monitor do SEMIP, ex-aluno do Instituto Educacional Menino Jesus (2009-2021).

¹⁰ Pesquisadora, estudante do Ensino Médio, Presidente do Grêmio Escolar do Centro de Ensino Liceu Maranhense, Monitora do SEMIP, ex-aluna do Instituto Educacional Menino Jesus (2020-2021).

O SEMIP é um símbolo de continuidade e um verdadeiro ponto de partida para uma formação crítica e consciente. A pesquisadora apresenta uma perspectiva que justifica a continuidade do Projeto, como instrumento que condiciona o sujeito a aderir mudanças no contexto de vida. As experiências vividas em duas edições do Seminário foram determinantes para a mudança de comportamento e a continuidade do desejo de ser pesquisadora. O que foi exposto em breves palavras implica em dizer que, ao longo deste trabalho, tem se tornado possível romper os empecilhos, apesar de resistências e algumas dificuldades impostas por diversos fatores, entre os quais a visão tradicionalista e eurocentrada predominantemente mantida pelo conformismo.

Porém, a despeito dessa questão, que não é uma tarefa fácil, mas que permite a felicidade de professor da disciplina de História e autor do Projeto transbordar. É viável replicar, satisfatoriamente, que o SEMIP produz grandes resultados, construindo caminhos no transcorrer do tempo com os pesquisadores e monitores considerando outras dimensões e propostas na construção do conhecimento histórico.

A subjetividade, o trabalho através do qual as pessoas constroem e atribuem significados à própria existência e à própria identidade, constitui por si mesmo o argumento, o fim mesmo do discurso. Excluir ou exorcizar a subjetividade como se fosse somente uma fastidiosa interferência na objetividade factual do testemunho quer dizer, em última instância, torcer o significado próprio dos fatos narrados (Portelli, 1996, p. 60).

Por isso, escolheu-se realizar este trabalho ouvindo aqueles que o constroem; a subjetividade de cada personagem reafirma o compromisso do SEMIP, dando satisfação em escrever esta dissertação. O reconhecimento da validade dos saberes construídos para além do ensino, baseados na percepção dos indivíduos. Diante de tal a questão, novamente, coloca-se em observação o papel que o ensino de História irá desempenhar na vida de alunos e qual resposta estes darão para a sociedade local nas trocas de saberes e na desconstrução de mitos sociais que deturpam os saberes históricos. Aborda-se que legitimar a perspectiva pedagógica defendida para o ensino de História com a Interdisciplinaridade aciona a consciência histórica, a ser construída em sala de aula, obtendo o produto final de um processo; o reconhecimento por parte do aluno. Assim, elenca-se os pressupostos do ex-aluno Jhony Christyan Medeiros de Sousa, em uma atividade conjunta aos alunos atuais da escola. As palavras do pesquisador foram as seguintes:

Fui aluno do professor Welton Vale e do Instituto Educacional Menino Jesus, onde cursei todo o meu ensino fundamental II. Tive a honra de participar do semip, inclusive de sua primeira edição. O semip me proporcionou uma experiência extremamente gratificante, maravilhosa e enriquecedora. Foi de suma importância para minha introdução à ciência, área na qual trabalho até os dias de hoje. Não contribuiu apenas para a fundamentação de uma pesquisa, mas também despertou meu interesse pela ciência, gerando dúvidas e desejos de saber mais sobre o vasto mundo

científico. Isso me levou a buscar respostas para diversas questões e é incrível ter essa base desde jovem, saindo do Instituto Educacional Menino Jesus. Cursei meu ensino médio no Instituto Federal do Maranhão, onde fiz o curso técnico em aquicultura. Durante o ensino médio, participei do (NUMAR) Núcleo de Maricultura, onde tive diversas oportunidades, como ser bolsista (PIBIC) júnior. Nesse trabalho, fiz uma caracterização socioeconômica dos piscicultores das comunidades quilombolas do estado do Maranhão. A base que adquiri no semip contribuiu para que eu realizasse um bom trabalho, integrado a outros projetos, resultando na publicação de um livro. No (IFMA), fui premiado com o prêmio (FAPEMA), recebendo o primeiro lugar na categoria de (PIBIC) júnior, graças ao trabalho que realizei. Tudo isso foi possível graças ao professor Welton Vale, que teve a ideia de introduzir conhecimento científico nos jovens estudantes do (IEMJ) através do semip. Depois disso, ingressei no curso de Engenharia de Aquicultura, onde atualmente estou na sétima fase na (UFSC). Assim que cheguei em Santa Catarina, ingressei em um laboratório e continuei na área científica, no laboratório de Moluscos e Marinhos da (UFSC), referência em produção de sementes e cultivo de ostras na América Latina. Atualmente, trabalho no Laboratório de Camarões Marinhos (LCM), também da (UFSC), que é referência e tem parceria com países como Alemanha e Austrália. Tudo isso foi possível graças ao semip. Portanto, deixo aqui meu muito obrigado ao professor Welton Vale e a toda equipe do Instituto Educacional Menino Jesus, não apenas por me proporcionarem um trabalho de cunho científico, mas também por me estimularem a buscar ciência.¹¹

O pesquisador se tornou um símbolo exemplar das atividades de pesquisas, apreciado por muitos alunos como referência. Suas palavras são a verdadeira representação do que o Ensino de História, que trabalha a pesquisa, deseja efetivar, a consciência histórica e a continuidade do sujeito histórico no campo de pesquisa. Para o pesquisador, o mundo da pesquisa lhe abriu novas portas e o Ensino de História o estimulou à circulação dessas ideias. Desse modo, é compreendido que o interesse da frente pioneira do SEMIP, estruturado pela disciplina de História, criando a dinâmica para que a frente de expansão faça a abertura de novos espaços de pesquisa, ou seja, ressignificar o papel de cada sujeito histórico em seu respectivo cenário.

A formação de novos pesquisadores conscientes do seu papel possibilita o rearranjo do processo de ensino-aprendizagem, agregando a Histórica Local e a consciência histórica. Conclui-se que cada experiência ouvida neste trabalho validaram a ação do SEMIP, defendido como um projeto expansivo para outras instituições.

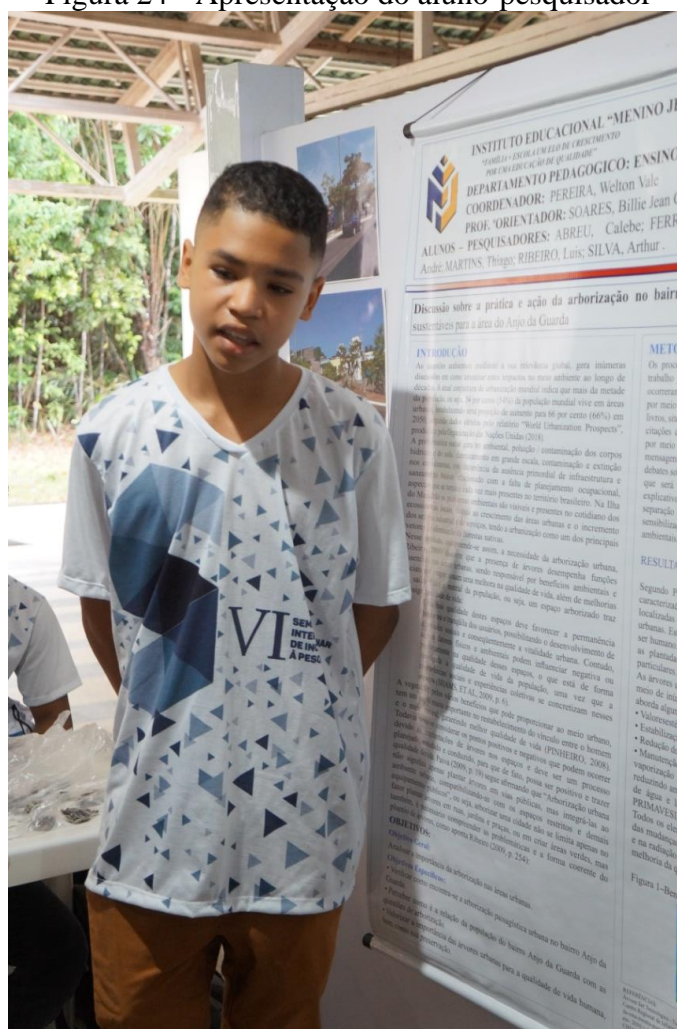
4.3 Conhecer para semear o Projeto Seminário Interdisciplinar de Incentivo à Pesquisa

Se tomar como alusão a educação protocolar recebida nas escolas, em uma lógica única, pode-se perceber que o ser humano é ensinado e se acostuma a promover o ensino da mesma

¹¹ Acadêmico universitário em Engenharia de Pesca pela Universidade Federal de Santa Catarina, Pesquisador, Premiado Fapema em 2021 – Ensino Médio pelo Instituto de Ciência E Tecnologia (IFMA), Monitor do SEMIP (2021), Pesquisador do SEMIP (2016-2017), ex-aluno do Menino Jesus (2014-1017).

forma, sem promover o sujeito e sua autonomia. A sala de aula deve ser imaginada, destarte, como espaço em que o professor edifica as condições e possibilidades do aluno, compreender-se como sujeito condutor de sua própria história (Souza, 2021). Para que isso se efetive, compreendendo que é fundamental trabalhar a autonomia do sujeito, levando a este a considerar o espaço social entendendo sua responsabilidade com a comunidade, eles não podem ser excluídos do processo de ensino-aprendizagem com projetos. A introdução do Seminário Interdisciplinar à Pesquisa se tornou um instrumento utilizado na escola Instituto Educacional Menino Jesus (IEMJ).

Figura 24 - Apresentação do aluno-pesquisador



Fonte: Acervo do Projeto (2022)

Nessa breve exposição, discutir-se-á algumas dessas importantes etapas do Seminário Interdisciplinar de Incentivo à Pesquisa (SEMIP), destrinchando-o com a finalidade de que novos projetos de incentivo à pesquisa sejam semeados no Ensino Fundamental ou no Ensino Médio. Acrescenta-se que no mundo pós-covid, os avanços das mudanças climáticas, a

necessidade de reavaliar as extrações dos recursos naturais se mostrou fundamental em um ensino por pesquisa. Para isso, seguiu-se, metodologicamente, a pesquisa-ação, em que, segundo Prodanov (2013, p. 66), “não se refere a um simples levantamento de dados ou de relatórios a serem arquivados. Com a pesquisa-ação, os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados”.

Nessa perspectiva metodológica, deu-se início apresentando a pesquisa com a proposta de levar o Projeto como uma alternativa de ensino para as demais escolas que desejam aplicar uma educação por pesquisa. Nesse sentido, afirma-se que o olhar do professor é fundamental, considerando os pontos negativos e positivos sobre o projeto. Dessa forma, o professor tem autonomia e liberdade para expor seus anseios e suas frustrações sobre um Projeto com uma escala de expectativa e abrangência tão grande quanto o SEMIP.

Figura 25 - Alunos-pesquisadores apresentando sua pesquisa



Fonte: Acervo do SEMIP (2022)

A pesquisa-ação percorreu o histórico do Projeto, apresentando-o desde o ano de surgimento, em 2016. Nessa exposição, o Projeto SEMIP é configurado como fruto das atividades da disciplina de História, como mencionado anteriormente, e encontra-se ancorado na BNCC como instrumento para a condução do aluno à pesquisa. O Seminário de História, implantando na escola no ano de 2014, trouxe uma nova perspectiva para a escola, todavia, apenas uma disciplina era mobilizada.

Visando uma discussão entre todas as disciplinas, a edição do II Seminário de História provocou uma interdisciplinaridade entre todas as disciplinas da escola. Com o resultado positivo, os professores aderiram à ideia, desejando a participação nas próximas edições; dessa forma, o Seminário Interdisciplinar de Incentivo à Pesquisa se transformou em um projeto mais amplo. Por meio do SEMIP, projeta-se uma escola cidadã que ensina e promova momentos de discussões nas mais variadas áreas do conhecimento e que os projetos criam oportunidades de construir possibilidades interdisciplinares de ensino-aprendizagem (Pereira, 2021).

A experiência de ver a disciplina de História florescer, que alunos que saíram do Ensino Fundamental – Anos Finais estão seguindo o caminho da pesquisa, alguns se formando professores e um grande número retornando à escola e participando como monitores e auxiliares no campo de pesquisa dos atuais da escola traz à reflexão sobre o histórico das sete edições concretizadas com resultados externados para toda a comunidade local e também do estado do Maranhão.

Ao formar um aluno pesquisador, como propõe o SEMIP, o lugar estático de ouvinte desestimulado e apático dá lugar a um aprendizado ativo marcado pela satisfação e envolvimento. Clarifica-se a importância de se ensinar História a partir de projetos nos anos do Ensino Fundamental, como exercício de aproximação dos alunos, desde pequenos, a conhecimentos históricos. Isso possibilita, entre outros, o alargamento da compreensão que aquelas crianças têm sobre o mundo, desenvolvendo a partir do seu olhar, a sua percepção de elementos que estruturam as Ciências Humanas (Pereira, 2021, p. 29).

O Projeto dá a característica para a escola como instituição formadora de alunos-pesquisadores; a escola que opera com uma educação por pesquisa, contribuindo para que os alunos aprendam a gerenciar as informações disponíveis e se constituam de forma dinâmica, autônoma, com novas informações e conhecimentos que cooperam para a ampliação do saber científico. Dessa forma, a escola é reconhecida por instituições de diversas áreas do Estado do Maranhão, tais como a Polícia Militar; a PROEN, da Universidade Federal do Maranhão; a Secretaria do Meio Ambiente do Município de São Luís; a Secretaria de Estado de Educação do Maranhão; e, destacando-se na área Itaqui-Bacanga, a Associação Comunitária do Itaqui-Bacanga.

Figura 26 - A Diretoria e os convidados do SEMIP



Fonte: Acervo do SEMIP (2022)

Dá-se, nesse contexto, a apresentação das características do SEMIP, de modo que se observou que, em sua estrutura, utilizou-se da pesquisa qualitativa. Minayo (2001, p. 32) afirma que “quando tratamos da pesquisa qualitativa, freqüentemente as atividades que compõem a fase exploratória, além de antecederem à construção do projeto, também a sucedem”. Ressalta, ainda, que, muitas vezes, por exemplo, é necessária uma aproximação maior com o campo de observação para melhor delinear outras questões, tais como os instrumentos de investigação e o grupo de pesquisa. Assim, a ação presente consiste em observar a organização do Projeto, suas adoções e características que se assimilam e diferenciam de outros.

Balizado nesse ponto de vista ao analisar o SEMIP, deslumbra-se um cultura privilegiada materializada na participação dos ex-alunos que atuam como monitores das atividades do Projeto, a fonte de tal performance principiou em projetos anteriores; no caso, o Seminário de História, posteriormente, levado pelo professor de História ao Projeto. Os monitores se destacam na organização e na montagem das equipes, auxiliando nas montagens das estruturas do espaço.

Os ex-alunos que, outrora, eram os pesquisadores do Projeto, ao deixarem a escola, no Ensino Médio ou no Ensino Superior, consistem em desempenhar suas atividades como monitores, o que sempre foi visto por eles mesmos como desejável. Outro ponto em destaque é o fato em que os monitores incentivam e promovem o reconhecimento dos alunos como pesquisadores, levando-os a se sentirem assim e propagarem o seu desejo de pesquisador.

Salienta-se, nesse contexto, que tanto os alunos que atuam como pesquisadores quanto os monitores devem ser classificados e suas participações aparecerem na estrutura do Projeto. Destaca-se que, na última edição do SEMIP, houve a participação de 300 pesquisadores no ano de 2023 e cerca de 50 monitores inscritos de acordo com o constatado na tabela de organização do público alvo do Projeto; um instrumento estrutural para compreender os participantes do projeto.

Quadro 7 - Quadro dos beneficiários

Características: O projeto beneficiará os alunos participantes e suas famílias, assim como a comunidade em geral.					
Crianças (10–14 anos)	Adolescentes (15–17 anos)	Jovens (18–29 anos)	Adultos (30–59 anos)	Idosos (60 - +)	Total
300+ Visitantes	25+ Visitantes	25+ Visitantes	80+ Visitantes	8+ Visitantes	438+ Visitantes

Fonte: Acervo do Projeto (2023)

Para a construção de todo projeto, torna-se de suma importância pontuar quem são os seus beneficiários diretos no intuito de apresentar o grupo que participar e para quem são as respostas sociais entregues pela ação do projeto. No SEMIP, os beneficiários direto são crianças e adolescentes, professores e pais da Comunidade Escolar do IEMJ, mas acrescenta-se que toda comunidade local recebe o benefício por meio das pesquisas e da devolução dos seus resultados.

Dessa forma, com o quadro de beneficiários definidos, o Projeto Seminário Interdisciplinar de Incentivo à Pesquisa (SEMIP) é defendido e aprovado pela administração escolar. Na defesa do Projeto, apresenta-se a estrutura de trabalho, no qual tem duração de seis meses, compreendendo em seu cronograma a sistematização de informações em relatórios, digitalização e organização de documentos para, posteriormente, serem encaminhados para a elaboração de banners, slides e folders. Pois, simultaneamente a esse processo, deve-se ter noção do acompanhamento do rendimento escolar dos alunos, conforme a resolução da Educação Básica do Ensino Fundamental – Anos Finais.

Com noção dos alvos e participantes do Projeto, despontar o arcabouço necessita de um olhar conectado com o chão escolar, para que não se perca a noção que o SEMIP pertencente à realidade da escola. Assim propomos gráficos que permitam entender o esqueleto do Projeto, permitindo conhecer o prosseguir das atividades. Na edição do ano de 2023, o corpo estrutural do SEMIP se deu em sete fases harmonicamente programadas e direcionadas com eficiência. Para propor este Projeto em outros espaços, professores, coordenadores e alunos devem acompanhar as fases e entender o andamento que compreende cada uma das tais.

Quadro 8 - Quadro de fases

Nº	Atividades
1º	Abertura do Projeto
2º	Organização dos professores-orientadores e os alunos-pesquisadores em grupo
3º	Início das pesquisas
4º	Confecção da redação dos artigos (resumos expandidos)
5º	Revisão textual
6º	Confecção dos banners
7º	Apresentação dos trabalhos

Fonte: Acervo do SEMIP (2023)

A primeira fase se dá com a abertura. Nessa fase, os alunos são reapresentados à direção escolar, à coordenação e ao corpo pedagógico como alunos-pesquisadores, e também conhecem, de fato, o professor-orientador que dará segmento às atividades que irá durar um período de seis meses. Dessa forma, o corpo escolar tem a dimensão do Projeto e, de forma direta e indireta, entende a responsabilidade de sua participação.

Comumente, a abertura acontece a partir do mês de março, estando os seis meses posteriores destinados ao desenvolvimento das pesquisas. Ainda nessa etapa, o aluno decide de qual das pesquisas propostas irá participar. A partir de então são realizados encontros entre professores e alunos nos intervalos das aulas, nos horários vagos, e até mesmo em alguns sábados (Pereira, 2021, p. 57).

Ainda sobre a fase da abertura, emprega o momento para apresentar o Quadro de Dados da Organização Escolar, no qual constam as informações da escola/organização visando a legitimidade do Projeto, assim como garantindo que a Instituição se firma compromissada a ele, viabilizando meios para aderir novos parceiros e os eixos temáticos.

Quadro 9 - Dados da Organização Escolar

Razão Social da Instituição:		
CNPJ:	Caráter/ setor da Instituição:	
INEP:	Setor/Segmento de Atuação:	
Inscrição Estadual:	Inscrição Municipal:	
Endereço:		
Estado:	Cidade:	CEP:
Homepage:		Email:
Telefone: ()		WhatsApp: ()
Representante Legal:		
Função do Representante Legal:		
CPF:	Identidade/Órgão Emissor:	

Fonte: Acervo do Projeto (2023)

O Quadro de Dados da Organização Escolar se configura como um instrumento inicial do Projeto, caracterizando a instituição de ensino com informações sobre o gestor responsável; o número de registro da instituição; o caráter da instituição preponente, informando se a instituição é pública, privada, comunitária, comunitária privada; o endereço da escola, localidade, redes sociais e contatos; cujos itens são fundamentais para referenciar o espaço onde

o Projeto é inserido. Após o quadro citado, o SEMIP, na exposição dos eixos temáticos, aborda questões da comunidade, entre os quais estão Saúde, Educação, Empregabilidade, Meio Ambiente, Mobilidade Urbana e Turismo. Salientando a possibilidade dos professores e alunos trabalharem a interdisciplinaridade em quaisquer dos eixos.

Quadro 10 - Eixos Temáticos

Educação	Esportes	Empregabilidade	Meio ambiente	Mobilidade Urbana	Saúde	Turismo

Fonte: Acervo do Projeto (2023)

Os professores-pesquisadores possuem autonomia para adotarem os eixos e definir a linha de pesquisa que desejam abordar com os alunos no Projeto conforme sua disciplina. Acrescenta-se que o professor-orientador tem um papel fundamental em todo processo de formação do aluno-pesquisador. No SEMIP, o aluno-pesquisador olha para si como indivíduo histórico e social, como sujeito de escolhas, produtivo e quando inseridas as discussões da comunidade não se ausenta, e, principalmente, desenvolve habilidades e competências e a consciência histórica. Não tem como visão unicamente uma formação para si, mas uma educação mais ampla, autônoma e que possibilite a inserção de entender e compreender o outro, no mundo em que o sucesso ainda está aliado aos privilégios. Nessa lógica, o professor-orientador deve considerar que o sujeito não é uma tábula rasa, mas detém de conhecimentos que podem ser usados como base para as pesquisas.

Em relação aos conhecimentos prévios, é importante considerar que são representações do mundo social, e tais representações emanam do conhecimento prático, das vivências compartilhadas com seus grupos de referência, daquilo que circula na sociedade como senso comum nos mais diferentes temas e acontecimentos (Berutti; Marques, 2009, p. 23).

Os conhecimentos já existentes servem para a edificação de um diagnóstico elaborado, rápido, participativo, tal qual reconhece a realidade individual e das turmas e os pontos de melhoria a serem desenvolvidos com os alunos-pesquisadores das séries do Ensino Fundamental – Anos Finais. Percebe-se o protagonismo do discente perante a esse processo, visto que não é algo mecânico, pois o aluno-pesquisador se envolve expondo as particularidades individuais. Ressalva-se que, para que o Projeto ainda ocorra bem, o pesquisador/o educando precisa ter, necessariamente, pré-disposição para querer aprender e ativar esses seus subsunçores e buscar utilizá-los (Souza, 2021). Todavia, nessa avaliação, deve-se considerar os aspectos culturais, sociais e humanos de cada aluno, para ouvi-lo e entendê-lo melhor, objetivando a compreensão de leitura do mundo através do conhecimento.

Após isso, inicia o processo de divisão das turmas, ou seja, a segunda fase do Projeto, dando esclarecimento sobre cada ponto do SEMIP, para que todos sejam cientes da responsabilidade com as ações futuras com a comunidade escolar e local, assim como com o Projeto. Também, são apresentadas áreas das pesquisas, nas quais são articuladas em conformidade com a disciplina e o professor, pois este é insubstituível nesse processo e precisa estar de acordo com a organização do trabalho que viabiliza interdisciplinaridade. Para isso, institui-se o quadro organizacional de turmas e equipes de pesquisas.

Quadro 11 - Distribuição das Turmas e Equipes

Turma	Área de pesquisas	Organização das turmas e equipes
6° A	Estudos da Língua Inglesa	3 equipes e trabalhos de pesquisas
6° B	O estudo de Ciências em uma nova Perspectiva	3 equipes e trabalhos de pesquisas
6° C	O estudo da Matemática	3 equipes e trabalhos de pesquisas
6° D	O Esporte como alternativa para uma vida saudável	3 equipes e trabalhos de pesquisas
7° A	Política e Geografia do Itaqui-Bacanga	3 equipes e trabalhos de pesquisas
7° B	Discussão da Língua Portuguesa	3 equipes e trabalhos de pesquisas
7° C	Discussão da Língua Portuguesa	3 equipes e trabalhos de pesquisas
7° D	História e Arte	3 equipes e trabalhos de pesquisas
8° A	Geografia e Turismo no Itaqui-Bacanga	3 equipes e trabalhos de pesquisas
8° B	A filosofia	3 equipes e trabalhos de pesquisas
8° C	História, Memória e Discussão Patrimonial	3 equipes e trabalhos de pesquisas
9° A	Literatura e sociedade	3 equipes e trabalhos de pesquisas
9° B	Socioemocional e atividades de valorização do estudante	3 equipes e trabalhos de pesquisas
9° C	O ensino da Matemática	2 equipes e trabalhos de pesquisas

Fonte: Projeto (2023)

Com compromisso de elaborar e dar andamento da melhor forma à pesquisa escolhida são formados e consolidados, nessa fase, os grupos de estudos e pesquisas, organizados pelo professor-orientador. Cada turma do sexto ao nono ano torna um grupo de estudo regido por um professor orientador, que subdivide as equipes determinando pesquisas e os seus temas.

Portanto, o SEMIP é um projeto que, pelo viés dos grupos de estudo e de pesquisa, buscar conduzir o aluno a realizar o trabalho coletivo, desenvolvendo o seu potencial individual na desinibição e segurança ao apresentar os trabalhos, no encorajamento de exercer sua autonomia, na determinação e no estímulo de enfrentar a timidez (Pereira, 2021, p. 55).

Os grupos de estudos fazem parte do SEMIP, assim como da vida dos estudantes da escola do Instituto Educacional Menino Jesus, pois os grupos são usados também para estudos das disciplinas; e nos períodos de provas são usados para intensificar os estudos para os seletivos escolares do Ensino Médio, em especial, os nonos anos. Pontua-se que ocorre um trabalho que está centralizado no desenvolvimento da autonomia do sujeito. Os grupos de estudos formados eram conforme as disciplinas e as turmas; são organizados por nomes e siglas e utilizam de ferramentas digitais para realizarem seus encontros. Isso dá maior agilidade na comunicação para o desenvolvimento das atividades.

Quadro 12 - Grupos de estudos do SEMIP

NOMES DOS GRUPOS – SIGLAS
Grupo de Estudos e Pesquisa em Linguagem, Produção e Cultura GEP-LINPEc
Grupo de Estudos e Pesquisa em Língua Inglesa e suas Culturas GEP-LINCULT
Grupo de Estudos e Pesquisa em Diversidade Linguísticas e suas Tecnologias GEP- DILINT
Grupo de Estudos e Pesquisa Em Atividades Físicas - GEPEAF
Grupo de Estudos e Pesquisas em Artes e Cultura - GEPEART
Grupo de Estudos e Pesquisa e Extensão em Matemática - GEPEX-MAT
Grupo de Estudos e Pesquisa em Matemática - GEP-MATEMÁTICA
Grupo de Estudos e Pesquisa em Ciências e Biodiversidades - GEP-ECOBIO
Grupo de estudos e pesquisa e de extensão- experimentos tecnológicos e científicos - GEPEX-SCIENSE
Grupo de Estudos e Pesquisa em Geografia e suas atribuições GEPGEO
Grupo de Estudos e Pesquisa de Extensão em Geografia GEPEX-GEO
Grupo de Estudos e Pesquisa em História, Indústria, Sociedades e Memória GEPHIS
Grupo de Estudos e Pesquisa GEP-FILO
Grupo de Estudos e Pesquisa em Religiões e suas influências – GEP-REI

Fonte: Acervo do Projeto (2023)

A tabela 9 mostra a organização das turmas em grupos de estudos e pesquisas com formatos e funções em que os alunos e professores buscam preservar a ideia central. Assim, cada professor trabalha com uma turma, que forma subgrupos com linhas de pesquisas organizadas pelo professor-orientador. Nos grupos de estudos, os professores expõem ações e produções realizadas em conjunto com os seus alunos, que foram construídos com a utilização dos conteúdos dos livros didáticos, conciliando a proposta de sua equipe. O professor, em seu planejamento, trabalha o livro didático com a sua pesquisa, fazendo, assim, um trabalho conjugado do conteúdo, tempo e o desejo de construir um resultado social na comunidade.

Salienta-se dizer que o Projeto requer de atrativos, tantos aos alunos quanto aos professores, e para executar tal missão. Diante disso, entende-se que se faz necessário um amplo planejamento da coordenação do projeto, dos orientadores, e do aluno quanto pesquisador e

alvo principal de um projeto pedagógico. Inserir na escola um projeto interdisciplinar que objetiva um ensino por pesquisa significativa, para os envolvidos, tirá-lo do ensino comumente aplicado e conceder domínio da construção de saberes, além dos desígnios acima descritos, também inclui a função de alocar o sujeito a tomar posse de uma nova perspectiva.

A armação das equipes alçadas, o planejamento dos professores organizados, o projeto segue para a terceira fase, propondo aos alunos que façam visitas externas em diversas instituições, lugares da região de acordo com sua linha de pesquisa e eixo temático, para que observem, levantem e busquem artigos e sites vinculados ao tema da pesquisa. As visitas nos espaços fazem parte do reconhecimento da região, nas quais ocorrem sempre com a presença do professor de História, coordenador do Projeto, com o intuito maior de discutir a formação e a história do lugar.

Outro ponto trabalhado é o ensino científico que transporte o aluno à captação do saber da produção científica como resposta à sua comunidade, não apenas como um conhecimento isolado. Dessa forma, o ensino trabalha com algumas orientações básicas sobre o que diz a ABNT, explicando o que são pesquisas, pesquisas científicas, citações, modelos de citações, referências, como fazer as referências, fontes e fontes históricas. Para viabilizar esse conhecimento nessa etapa do Projeto, o trabalho desenvolvido é destacar os elementos da pesquisa bibliográfica, apontando alguns itens essenciais que se caracterizam como imprescindíveis para a sua realização.

Quadro 13 - Dados da Pesquisa Bibliográfica

1) escolha do tema
2) levantamento bibliográfico preliminar
3) formulação do problema
4) elaboração do plano provisório do assunto
5) busca das fontes
6) leitura do material
7) fichamento
8) organização lógica do assunto

Fonte: Acervo do Projeto SEMIP (2023)

O Projeto SEMIP está baseado na Metodologia do Trabalho Científico, dialogando com Prodanov (2013) para aplicar o ensino por pesquisa consistente e fundamentado. As pesquisas são desenvolvidas por coletas de dados ou como revisão bibliográfica, elaboradas a partir de material já publicado com a finalidade de colocar o aluno-pesquisador em contato direto com

todo material já produzido (artigos, monografias, dissertação e livros) de acordo com o assunto da pesquisa.

Também, salienta-se como grande destaque na pesquisa a História Local, o próprio bairro é um instrumento utilizado como fonte e espaço de trabalho. Logo, o bairro do Anjo da Guarda, já apresentado nesta dissertação, é uma das principais fontes de pesquisa do aluno-pesquisador do Menino Jesus, para que o aluno possa se identificar com as problemáticas, as Histórias, as belezas e as necessidades do espaço onde está inserido, propondo suas ideias corroborando com inovações à sociedade local. Nesses termos, entende-se que:

O exercício da história local vincula-se a processos de identificação, relacionados a um determinado sistema cultural que enfatiza as relações de vizinhança, contiguidade territorial, proximidade espacial. Essa ética de pertencimento é mais um elemento constitutivo desse sujeito fragmentado, múltiplo e instável. [...] o exercício da memória, o desejo da convivência e a perpetuação de símbolos e imagens. A história local não deve ser projetada como um valor superior para a admiração e valorização da pequena pátria – no estilo ‘eu me ufano da minha terra’ - mas como a ‘costura’ de um retalho dos processos de identificação do sujeito (Reznik, 2002, p. 3).

Logo, afirma-se que a disciplina de História se tornou fundamental, pois essas atividades ocorrem e são desenvolvidas pelo professor de História, complementam com o conteúdo e com o trabalho da consciência histórica; afinal, o que o aluno precisa é relacionar o passado com o presente, observando a História em sua vida, dentro e fora do conteúdo exposto no livro didático, adquirindo suas próprias conclusões com relação ao que foi visto e vivenciado com o aprendizado. Mas é função não só do professor de História, mas de todo professor, ser baluarte desse ensino, promover a democracia, a cidadania e, acima de tudo, a responsabilidade dos alunos enquanto sujeitos-históricos.

No SEMIP, o livro didático se torna uma fonte, talvez seja ou não, uma forma experimental mais concreta para a aplicação desse modo de ensino, pois auxilia com seu conhecimento acrescentado com novas fontes. O professor aplica atividades de leitura e fichamentos dos conteúdos dos livros didáticos utilizados no espaço escolar, induzindo os alunos pesquisadores a obterem posicionamento e reflexão sobre o conteúdo didático. Ao mesmo tempo, os alunos aprendem a fazer os fichamentos, colocando em prática nas leituras dos textos, artigos científicos já produzidos conforme a sua pesquisa.

Após a leitura dos textos relacionados à área temática investigada, o pesquisador deverá elaborar fichas no computador ou mesmo à mão, anotando a síntese dos conceitos e pressupostos sobre o tema abordado, os quais são apresentados pelos autores estudados. O fichamento é uma forma de investigar que se caracteriza pelo ato de fichar (registrar em fichas) todo o material necessário à compreensão de um texto ou tema. É uma parte importante na organização da pesquisa de documentos, permitindo um fácil acesso aos dados fundamentais para a conclusão do trabalho (Prodanov, 2013, p. 133).

Os fichamentos contribuem para que os alunos possam entender os conteúdos dos livros didáticos, mas também a participarem das discussões em sala de aula. O fichamento facilita no desenvolvimento das aulas com a participação dos alunos, cujo instrumento favorece o pesquisador ao alcance das informações coletadas, organizando-as. Observou-se a facilidade de muitos alunos compreenderem com muito mais facilidade para efetuar essas atividades. Nas aulas dissertativas, colocam-se em práticas as interpretações dos textos acrescentando os autores com citações de formas diretas e indiretas.

A quarta fase se dá com as confecções das redações dos artigos, de modo que pesquisas são aprofundadas e tomam forma de um resumo expandido. Ocorre um crivo dos dados e são selecionadas de forma cuidadosa as informações de todas as fontes, iniciando a escrita do resumo expandido. O Projeto alterou essas etapas a partir do V edição, transformando essa fase em uma das mais longas, compreendendo em torno de quatro meses do SEMIP. Os alunos-pesquisadores, ao construírem suas pesquisas, combatem algo que está enraizado em nossa sociedade e vem sendo replicada por vários momentos, em incansáveis trabalhos, narrativas e atividades, os alunos por vezes copiam inúmeros textos da internet e de livros sem dar a menor referência ou interpretar. Ao contrário, apenas continuam gerando um estereótipo de pesquisa que se resume em copiar o que já foi produzido.

A quinta fase é marcada pelas revisões dos resumos expandidos, destaca-se a fiel atuação da professora de português, que trabalha na revisão ortográfica dos resumos. Também ocorrem as revisões das normas da ABNT. Para isso, o professor de História conta com uma equipe contratada, a qual realiza as análises técnicas dos resumos; as correções são discutidas em classe juntamente com o professor-orientador e o coordenador. Os alunos precisam ter consciência de erros e acertos, ambos fazem parte da avaliação e valorizam os discentes.

Na sexta fase, os alunos passam a organizar seus trabalhos em uma estrutura de banners. A estrutura é preparar os alunos-pesquisadores para as apresentações dos trabalhos de pesquisa. É importante que todos tenham conhecimento dos itens necessários para apresentação nessa modalidade.

Quadro 14 - Modelo os itens dos pôsteres

Modelo de Pôsteres de apresentações de pesquisas do SEMIP
I – Cabeçalho padrão;
II – Título;
III – Nome do aluno (seguido de parêntese com a sigla do grupo ao qual está vinculado, por exemplo, GEFIL, GEPENF, GEPSI, GEPHIS etc.)
IV – Introdução;

V – Objetivo,
VI -Metodologia;
VII – Resultados;
VIII– Conclusão ou Considerações;
IX– Referências (usar somente as referências necessárias).
As informações que compreendem os itens IV a VIII poderão ser usadas figuras, mapas, tabelas, gráficos e outros recursos visuais que se fizerem necessários. Esses pôsteres concorrerão

Fonte: Acervo do Projeto SEMIP (2023)

As apresentações à comunidade dos resultados das pesquisas se dão em banners, de modo que, ao organizá-los, deve-se valorizar a estética e todos os elementos da pesquisa, pois esses instrumentos são comestíveis aos olhos daqueles que vão apreciar as entregas dos resultados sociais. As escritas têm de conciliar suas informações com as imagens que estão disponíveis em uma relação harmoniosa para defesa da ideia proposta. Na pesquisa, deve-se usar uma “perspectiva científica crítica” que, em primeiro lugar, busca dinâmicas da interdisciplinaridade para a construção contínua pesquisa.

Ao final da realização de todo o trabalho e das apresentações, temos um momento que, assim como os demais, é em suma relevante. Esse momento do depois das apresentações é um espaço de reflexão sobre toda a realização do trabalho, das dificuldades e facilidades encontradas pelos estudantes e também de reflexão acerca dos conteúdos e discussões trazidas pelos educandos através de seus corpos para o ambiente escolar. É um momento de debatermos sobre questões que, podemos por assim dizer, não foram abordadas de forma apropriada perante as discussões realizadas sobre os conteúdos em estudo, dessa maneira alinhamos alguns pontos e questões necessárias (Souza, 2021, p. 111).

Na última etapa, ou seja, a sétima fase, os resultados são entregues à comunidade no dia da culminância do Projeto, rematando o ciclo de seis meses de trabalhos. Todos os envolvidos finalizam as atividades com a participação da população da área Itaqui-Bacanga, onde a escola se localiza. Na entrega dos resultados, a comunidade participa ativamente, questiona e se emociona, interage com os alunos sobre a História do Local e o aprendizado. A sociedade se posiciona atenta para a qualidade e a importância das informações apresentadas pelos alunos-pesquisadores, considerando que ainda estão no Ensino Básico.

Para a organização desse dia, conta-se com a participação especial dos ex-alunos, que atuam como monitores e contribuem para o processo de avaliação, planejamento. Estes, por já terem participado das atividades como alunos-pesquisadores, estimulam os que estão no processo no dia da culminância das atividades. A maioria está no Ensino Médio; outros estão no Ensino Superior, entre a Universidade Federal do Maranhão, a Universidade Estadual do Maranhão, no IFMA ou bolsistas das faculdades particulares da cidade. Alguns já estão

formados e participam resgatando o aprendizado que tiveram com o antigo Seminário de História, além de dar continuidade às suas experiências como monitores.

Figura 27 - Apresentação do SEMIP



Fonte: Acervo do SEMIP (2022)

Após as apresentações dos resumos expandidos em moldes de posters, o Projeto realiza um grande cerimonial de agradecimento e entrega da premiação aos alunos-pesquisadores, em que alunos, professores, direção escolar, pais, comunidade, convidados e os alunos acompanham, em projeções, os melhores momentos do Seminário Interdisciplinar de Incentivo à Pesquisa (SEMIP). O evento é um momento simbólico de reflexão e satisfação pelas respostas concedidas por meio de suas pesquisas. Os alunos-pesquisadores e monitores recebem seus certificados, aproveitando o momento para conceder homenagens aos professores-orientadores. O sentimento de gratidão e a convicção de um trabalho bem elaborado com dedicação e responsabilidade são evidenciados por todos que participam daquele momento, inclusive com o seu professor-orientador.

Figura 28 - Entrega da Placa de Gratidão ao professor-coordenador do SEMIP

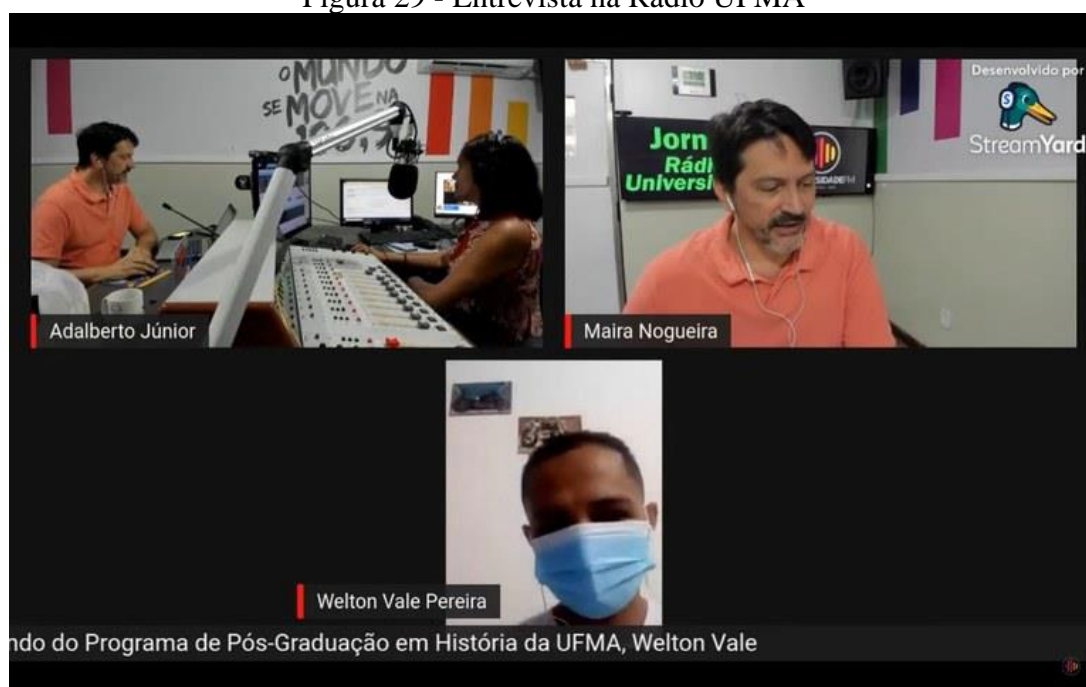


Fonte: Acervo do SEMIP (2022)

A organização do Projeto analisa os resultados e realiza o balanço anual do Seminário. Como um dos principais resultados é que ao longo das sete exitosas edições do SEMIP, os alunos comprovam; terem alcançado o entendimento da consciência histórica, reconhecer a história local, entenderem-se como sujeitos históricos, obterem domínio das formas de encaminhar uma investigação; serem capazes de interrogar informações; saberem usar a sua autonomia para expressar seus pensamentos; apresentar ou questionar conceitos; e, acima de tudo, mostram reconhecer a si mesmos como sujeitos históricos, cidadãos imbuídos de direitos e deveres capazes de intervir em sua sociedade.

No entanto, não foi viável a publicação dos Anais dos resumos expandidos e dos trabalhos em outros moldes, sendo este um dos maiores déficits do Projeto. Espera-se que, na próxima edição do evento, a estrutura montada e a questão dos recursos financeiros possam garantir a concretização dessa meta tão desejável do Projeto. A Coordenação propõe parceria com novas instituições visando possibilidades para que este considerável item do Projeto se torne realidade e esteja disponível para a sociedade científica e, principalmente, local.

Figura 29 - Entrevista na Rádio UFMA



Fonte: Jornal Rádio Universitário (2022)

Enfatiza-se que o SEMIP é um dos projetos reconhecidos pela Universidade Federal do Maranhão, com inúmeras entrevistas e abordagens pela Rádio Universitária, a TV UFMA e os outros meios de comunicação da Instituição de Ensino Superior citada, discutindo sobre a prática de formação de pesquisadores aplicada pelo Seminário. O Projeto considera a Universidade como uma parceira. Ressalta-se que a universidade é um grande centro de pesquisa e extensão do Maranhão, localizada na região do Itaqui-Bacanga, espaço de atuação das pesquisas do SEMIP. Conclui-se que o Projeto se tornou uma fonte de pesquisa para educadores e pesquisadores da UFMA, assim como de outras IES do Maranhão.

Por fim, conclui-se este capítulo afirmando que faz parte do trabalho do professor saber qual o conteúdo e os saberes que deseja ensinar, além de diagnosticar o que os alunos já sabem e pensam sobre o tema de estudo proposto, definindo suas intenções de ensino, escolhendo as atividades pedagógicas adequadas e o material didático pertinente para cada situação/aula, avaliar as repercussões de suas interações e quais as dificuldades dos alunos no processo de ensino e aprendizagem (BRASIL, 1998).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Salienta-se que o ensino de História consiste em um canal para incidir a relação do sujeito com sua função na sociedade, ou seja, desvendar os olhares do indivíduo e seu papel como interventor e provedor de ações e saberes como um partícipe ativo da História, não um mero complementar. O contrário disso, um ser anexado às problemáticas sociais com capacidades para exprimir-se em contextos de esfera local, municipal, estadual, regional e nacional.

Ao longo deste trabalho, reiterou-se, por diversas vezes, a importância do Ensino de História que desenvolve uma educação por meio da pesquisa, buscando consolidar a afirmação apresentando dados que apontam os potenciais resultados dessa metodologia, proporcionando a formação de alunos-pesquisadores e sujeitos históricos com autonomia para participar da sua formação, além desse sujeito ser argumentativo e capaz de interpretar a História Local e o tempo presente, entendendo-se como uma parte construtora.

Rüsen (2004) pontua que trabalhar com a temporalidade no ensino da História não expressa que o tempo seja em si próprio o conteúdo a ser trabalhado, mas implica, sim, em uma pressuposição metodológica fundamental para a captação de conhecimentos e o raciocínio histórico. Prontamente, a compreensão da História e a interpretação do tempo presente são elementos cruciais para a construção autônoma de o sujeito agir em relação às ações que ocorrem em sua sociedade, inovando em incluir o espaço-tempo e a História Local como objetos para a pesquisa e do reconhecimento histórico por parte dos alunos, afirmando que os pesquisadores podem buscar resgatar a História do lugar onde estão enquadrados como moradores e discutir como foi constituído o desenvolvimento da região pelos braços da comunidade. Isso reconhecendo personagens e sujeitos que contribuíram no passado de forma significativa para a formação histórica do eixo Itaqui-Bacanga, sua realidade social, econômica e cultural, aplicando uma avaliação das consequências no presente e como as suas próprias ações irão prover o futuro.

Schmidt (2017) trata do ensino-aprendizagem ser um procedimento indispensável da produção do conhecimento histórico. Revela-se, aqui, um importante instrumento de ensino para a formação cidadã do ser pensante e crítico capaz de compreender as ações que contribuem para a resolução de problemáticas culturais, sociais e políticas do passado que influenciam no presente relacionando com o futuro, despertando no indivíduo a consciência histórica, a produção do ensino por pesquisa.

Rüsen (2006) soma a isso introduzindo considerações às reflexões sobre o processo específico a respeito do ensino-aprendizagem em sala de aula, a didática da história pode eleger os subsídios da pedagogia conexos à peculiaridade da consciência histórica. É sob esse viés que a metodologia de ensino e o incentivo à pesquisa desenvolvidos pela disciplina de História, no Instituto Educacional Menino Jesus, voltado aos saberes históricos e ao desenvolvimento das habilidades e competências dos alunos-pesquisadores proporcionam a vivência e o desejo de estabelecer um ensino protagonizador.

Partindo desses pressupostos, os alunos-pesquisadores e os docentes que propiciam o surgimento de caminhos para a construção de uma sociedade marcada pela investigação científica e o reconhecimento histórico da região, promovendo diálogo e respeito pelos diferentes saberes por meio da interdisciplinaridade, utilizado na construção de conhecimento com participação dos demais professores que compreendem os componentes curriculares da Educação Básica. Dessa forma, esta pesquisa foi construída partindo do pressuposto de contribuir, significativamente, para a formação do sujeito histórico cidadão.

Nessa perspectiva, tal qual afirma Rüsen (2006), o que deve ser rememorado nessa ocasião é que o ensino de história afeta o aprendizado de história e o aprendizado de história configura a destreza de orientar a vida do sujeito e de cultivar uma identidade histórica coerente e durável. Diante dessa conjuntura, a interdisciplinaridade atrelada ao ensino por meio da pesquisa como instrumentos de ensino de História com o objetivo de contribuir para a formação do aluno-pesquisador, considerando a visão do educando e em como ele vê seu processo de formação, são um dos principais pontos defendidos e utilizados em todo o trabalho, buscando o desenvolvimento da consciência histórica.

Ademais, entre as diversas táticas pedagógicas que poderiam transformar as aulas de História, o ensino por meio de pesquisa se diferencia, pois sugere que a sala de aula se converta em espaços de debate, reflexão e questionamento da realidade, em especial, a que vivem os alunos, ou seja, o uso da História local. Isso acontece não exclusivamente no contexto histórico, mas sim no contexto histórico relacionado com dados econômicos utilizando a Matemática, no debruçar em discussões da História da Saúde, o avanço urbano desorganizado e outros pontos que relacionam a ciência, caminhando na biologia, na física, na geografia, na sociologia, na filosofia e nas demais disciplinas. Assim, entende-se que todo ensino tem História; toda sala de aula, toda escola é composta por indivíduos que respiram e fazem a História, e tal coisa do comum não pode sofrer com o negacionismo tampouco com a ausência de ser um fator importante.

Como forma de contribuir com o Ensino de História, ao longo dos três capítulos desse trabalho, buscou-se construir uma teia de relação entre a História Local, a interdisciplinaridade e a Pesquisa, entremeando os cabos conectados à teoria com a prática aplicada em sala de aula, de modo a discorrer os fundamentos da pesquisa em História, na qual permite a interpretação, principalmente quando o professor de História assume o papel de pesquisador, e como professor é exemplo para ser o professor orientador.

Dessa forma, o trabalho alerta para a metodologia de ensino em educação por pesquisa que favoreça o professor a adaptar-se continuamente a novas tecnologias e aos novos contextos que surgem de tal forma sem perder a noção do entendimento histórico, pois este se encontra em constante ato de descobrir. Assim, incentivar o aluno a ser pesquisador, posteriormente o professor-orientador, proporcionando respostas sociais a partir de questões dentro e fora da realidade de sala de aula, englobando a comunidade, o bairro e a região. De certo, o ensino de História é apresentado nesta dissertação como um meio promotor nos anos iniciais do Ensino Fundamental, na escola Instituto Educacional Menino Jesus, para o reconhecimento do aluno como sujeito histórico com capacidade de participar e interferir no processo da construção da História, de modo que o sujeito se encontra construindo novas experiências, especialmente pela participação em projetos de incentivo à pesquisa, como o SEMIP.

O Projeto Seminário Interdisciplinar de Incentivo à Pesquisa, em que o aluno-pesquisador é visto primeiramente na sala de aula, por ser um lugar de construção constante de conhecimento desde que o professor conheça o chão dela, e também, onde o aluno pode atuar como um “ator central” com a orientação do professor-pesquisador; um ser que busca e cria estratégia para o processo de aprendizagem e de ensino do próprio aluno que aprendeu a transmitir o conhecimento adquirido por meio da pesquisa. Por outro lado, conforme aponta Pereira (2021), isso não é tão simples. Em verdade, o SEMIP é uma grande provocação ao desafio no âmbito escolar e requer esforço, porém o impacto educacional que pode abrolhar é, sobremaneira, expressivo tanto para o ensino de História quanto para a sociedade e ao país. Assim, um projeto na disciplina de História que envolve outras disciplinas pode apresentar-lhes facetas desconhecidas e inesperadas de descobertas e reconhecimentos, sentidos e significados.

Nesse panorama apresentado, salienta-se dizer que ser professor-orientador é ser provocador. Nesse sentido, o professor-orientador deve compreender as bases epistemológicas do processo de ensino que deseja aplicar em sua sala de aula, e no caso do bom emprego do SEMIP, a interdisciplinaridade. Pois, conforme Santos (2019), na medida em que a interdisciplinaridade tem sua essência compreendida, melhor equivalerá sua utilização e contextualização, seja na pesquisa dos alunos envolvidos, no ensino de História, na extensão

com as demais disciplinas integralizadas, seja nos resultados que alcançam as diversas e surpreendentes respostas sociais e pessoais aos envolvidos. No entanto, estimular o aluno propondo a interdisciplinaridade e colocar essas determinações em prática requer muita ousadia por parte do professor-pesquisador, bem como terá que ser algo com atitude, planejamento e o desejo de mudança nas atividades realizadas em sala de aula (Bascheira, 2016).

Nesse contexto, a escola terá o encargo frente ao desenvolvimento de oportunidades e meios para que ocorra o educar para aprender. Assim, a escola deve ter, em seu plano pedagógico, a inclusão de ações e propostas que integralizam o que propõe. Nesse caso, formar pesquisadores que interacionem com a História Local, objetivando aos seus alunos-pesquisadores o entrosamento com sua comunidade, atuando ou respondendo com atividades de pesquisas. A escola tem um papel social consideravelmente expandido, a qual deve ser presente na cidade e designar elementos para novos conhecimentos sem acender o conhecimento historicamente produzido pela humanidade; logo, uma escola científica e transformadora não existe (Gadotti, 2006). A História Local faz parte da escola e aprende à medida que ensina; e ensina em uma realidade do lugar onde está inserida.

Assim, o bairro do Anjo da Guarda se tornou um berço de pesquisa e pesquisadores, pois os alunos são induzidos a compreenderem a realidade de forma interdisciplinar, ampliando o conhecimento conteudista, catalogando informações do próprio bairro com a finalidade de relacionar o conhecimento e ofertar aos alunos-pesquisadores a vivência aos estudos sobre a contemporaneidade e o passado provendo o futuro, adotando a consciência histórica. Tais relações expostas têm sido baluarte para a compreensão das alterações significativas no cenário do bairro, tanto para a percepção da realidade do Anjo da Guarda quanto para abarcar o ensino de História e das demais disciplinas que compreendem a interdisciplinaridade.

Esta dissertação busca a forma de compreender o espaço de História e memória, atrelando as atividades que promovam o ensino de História em sala de aula, agregando atividades de pesquisa e de extensão que laboram como passagem escancaradas para os saberes da interdisciplinaridade, oportunizando aos alunos e professores novas probabilidades de reflexão e de compreensão do espaço onde se encontram e o seu tempo.

Esse olhar entende que professor e alunos têm vontade e veleidade no processo de ensino-aprendizagem, que devem ser consagrados dentro de uma sala de aula e além-mundo dela. No que tange a respeito do SEMIP, desvenda-se em toda sua circunstância uma forte relação com a disciplina de História (Pereira, 2021), provocando nos sujeitos inquietações e questionamentos, ainda que estes sejam professores ou principalmente nos alunos, que ao

pesquisarem itens matemáticos, filosóficos e geográficos, assimilem o seu papel como sujeitos históricos do tempo presente e pertencentes da História do Lugar.

Pereira (2021) afirma o notável destaque do Projeto SEMIP ao dizer que este traz para a comunidade local respostas sociais por meio de informações que outrora eram escondidas ou desconhecidas, como os estudos apresentados sobre a História do bairro do Anjo da Guarda, dados a respeito da saúde local, dos lixões feitos pelos próprios moradores em alguns canteiros de quase toda região do Bacanga, o resgate histórica da Ermida de Nossa Senhora da Guia situada entre as praias do Amor e da Guia, exposição dos sítios da região do Itaqui-Bacanga, a discussão sobre a indústria e economia local e outras pesquisas.

Entre os resultados mais evidentes, nota-se que os alunos se reconhecem como sujeitos históricos, interventores na sociedade, além de se verem como participantes da História Local. Assim, mantêm-se o desejo pelo estudo da História, contendo afinidades a outras disciplinas, além de que a maioria se entende como pesquisador e continua no campo da pesquisa, como o caso de vários ex-alunos que participam de grupos de estudo e pesquisa em instituições como IEMA, IFMA e COLUN, sendo bolsistas e até premiados pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Maranhão (FAPEMA). Nota-se, claramente, a perspectiva adotada por muitos dos alunos e ex-alunos sabendo do seu poder de inferir e produzir conhecimento e também repassá-los à comunidade.

O Projeto SEMIP, além de produzir atividades que aguçam a autonomia do sujeito, promove, no eixo Itaqui-Bacanga, um berço de Pesquisadores, que trabalham as suas pesquisas buscando obedecer às normas científicas vigentes para a regulamentação de pesquisas, ainda que sejam jovens ou até mesmo crianças. Assim, esta dissertação traz, à luz dos olhares atentos e em busca de uma nova realidade para sua sala de aula, um projeto que tem como pressuposto o ensino de História e a consciência histórica como forma de resgatar a História Local, a memória e a oralidade, assim como defender o patrimônio histórico e cultural. Vida longa ao SEMIP!

REFERÊNCIAS

- ACERVO digital. Mappa da Ilha de S. Luiz do Maranhão. **OBJ Digital**, [s.d]. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart176750/cart176750.jpg. Acesso em: 12 fev. 2024.
- ALBERTI, Verena. Fontes orais: histórias dentro da história. *In*: PINSKY, Carla *et al.* (Orgs.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 155-202.
- ALGAVE, Andressa. Aluno da Licenciatura em História realiza projeto para incentivo da pesquisa científica em escola comunitária de São Luís. **Gov.br**, 2021. Disponível em: <https://portalpadrao.ufma.br/site/noticias/aluno-da-licenciatura-em-historia-realiza-projeto-para-incentivo-da-pesquisa-cientifica-em-escola-comunitaria-de-sao-luis>. Acesso em: 12 jan. 2024.
- ALVES, Ronaldo Cardoso. **Aprender História com sentido para a vida**: consciência histórica em estudantes brasileiros e portugueses. 2011. 322 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da USP, São Paulo, 2011.
- ARAÚJO, Ed Wilson Ferreira *et al.* A emergência da comunicação comunitária no bairro Anjo da Guarda. **Cambiassu: Estudos em Comunicação**, São Luís, p. 92–106, 2022. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cambiassu/article/view/18943>. Acesso em: 9 abr. 2024.
- BATISPTA, Adolfo Eugênio Ferreira. **Caixa de história local e a construção da identidade dos alunos da educação de jovens e adultos**. 2016. 129 f. Dissertação (Mestrado profissional em Ensino de História) – Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, Rio de Janeiro, 2016.
- BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. *In*: **Para uma educação de qualidade**: Atlas da Quarta Jornada de Educação Histórica, Universidade do Minho, 2004. p. 131–144.
- BARROS, José D’Assunção. **A expansão da História**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BARROS, José D’Assunção. Ensino de História, memória e história local. **Diálogos – Revista de Estudos Culturais e da Contemporaneidade**, Recife, n. 8, fev./mar. 2013.
- BARROS, José D’Assunção. Ensino de História, memória e história local. **Revista de História**, Goiânia, v. 1, n. 3, 2013.
- BARROS, José D’Assunção. **Teoria da História**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BASCHEIRA, Deise Angélica Pasquali. **Ensino de História e projeto integrado**: possibilidades para a geração de aprendizagens significativas no ensino médio. 2015. 135 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, 2015.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BERUTTI, Flávio; MARQUES, Adhe. **Ensinar e aprender História**. Belo Horizonte: RHHJ, 2009.

BIBLIOTECA Nacional Digital Brasil. Disponível em: <https://acervobndigital.bn.gov.br/sophia/index.html>. Acesso em: 12 fev. 2024.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 1997.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. p. 292.

CAIMI, Flávia Eloísa. Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 17-32, 2007.

CAVALCANTI, Erinaldo. História e história local: desafios, limites e possibilidades. **Revista História Hoje**, [s. l.], v. 7, n. 13, p. 272–292, 2018. DOI: 10.20949/rhhj.v7i13.393. Disponível em: <https://rhhj.emnuvens.com.br/RHHJ/article/view/393>. Acesso em: 5 abr. 2024.

CERRI, Luis Fernando. O historiador na reflexão didática. **História & Ensino**, Londrina, v. 19, n. 1, p. 27-47, jan./jun. 2013.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

COSTA, Fernando. Saiba como surgiu o bairro Anjo da Guarda. **O Imparcial**, 2017. Disponível em: <https://oimparcial.com.br/cidades/2017/08/saiba-como-surgiu-o-bairro-anjo-da-guarda-2/>. Acesso em: 12 fev. 2024.

COSTA, Marcelo. São Luís em tempos de “milagre”: modernização urbanística, autoritária e inacabada sob o governo de José Sarney (1966-1970). **Revista Veredas da História**, v. 16, n. 1, p. 8-26, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rvh/article/view/52019>. Acesso em: 12 fev. 2024.

COSTA, Wagner Cabral da. Do Maranhão Novo ao Novo Tempo: A Trajetória da Oligarquia Sarney no Maranhão”. *In*: BARROS, Antônio Evaldo Almeida *et al.* (Orgs.). **Histórias do Maranhão em Tempos de República**. 1. ed. São Luís/MA; Jundiá/SP: EDUFMA; Paco Editorial, 2015, v. 1, p. 189-235.

DA CONCEIÇÃO, Valdirene Pereira; COSTA, Maurício José Moraes. A Biblioteca Semente Social da Área Itaqui-Bacanga em São Luís do Maranhão: bases para a organização da memória, identidade, produção cultural e desenvolvimento comunitário da região. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, p. 1993-2007, 2017.

DE PAULA, Adriana Chilante; HARRES, João Batista Siqueira. Teoria e Prática no “Educar Pela Pesquisa” Análise de Dissertações em Educação em Ciências. **Contexto & Educação**, Editora Unijuí, ano 30, n. 96, maio/ago. 2015.

DEMO, Pedro. **Atividades de aprendizagem**: sair da mania do ensino para comprometer-se com a aprendizagem do estudante [recurso eletrônico]. Campo Grande, MS: Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso do Sul – SED/MS, 2018.

DEMO, Pedro. **Desafios modernos da Educação**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

DEMO, Pedro. **Educar pela Pesquisa**. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 10. ed. São Paulo: Autores Associados, 2015.

DEMO, Pedro. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

DEWEY, John. **Democracia e Educação**. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

DIKEL, Adriana. **Que sentido há em se falar em professor-pesquisador no contexto atual?** Contribuições para o debate. Cartografias do trabalho docente, Campinas: Mercado das Letras, 1998. p. 33-72.

DOSSE, François. História do tempo presente e historiografia. **Tempo e Argumento – Revista do Programa de Pós – Graduação em História**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 5-22, jan./jun. 2012.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

FERNANDES, Aurélio Silva. **As concepções de ensino de História e a consciência histórica**. Um estudo com alunos do 3º ano do Ensino Médio Regular, 2016.

FERNANDES, Cícera Tamara Graciano Leal da Silva. **Pesquisa e ensino na história escolar**: o contexto urbano da Escola Terezinha Paulino em Natal-RN, 2019.

FERREIRA, Marieta de Moraes.; AMADO, Janaína. *In*: **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. Getúlio Vargas, 1998. p.7-15.

FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da História ensinada**. Campinas: Papyrus, 1995.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino em História**: experiências, reflexões e aprendizagens. Campinas: Papiros, 2003.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino em História**: experiências, reflexões e aprendizagens. 2. ed. Campinas: Papiros, 2004.

FONSECA, Selva Guimarães. **Fazer e ensinar História**. Belo Horizonte: Dimensão, 2010.

FORTUNATO, Raquel Paula; CONFORTIN, Renata. Interdisciplinaridade nas escolas de educação básica: da retórica à efetiva ação pedagógica. **Revista de Educação do Cogeime**, v. 22, n. 43, p. 75-89, 2013.

FREIRE, Paulo. 1921-1997. **Educação e mudança**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1997.

GALVÃO, Jerônimo Adelino Pereira Cisneiros. Entre efemérides e histórias de grandes vultos: a presença das “trajetórias de vida” (biografias) nas aulas de História do Ensino Médio. **Revista História Hoje**, v. 9, n. 18, p. 34-54, 2020.

GIL, Antônio Carlos *et al.* **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2018.

GADOTTI, Moacir. A escola na cidade que educa. **Cadernos Cenpec**, [S.l.], v. 1, n. 1, maio 2006. ISSN 2237-9983. Disponível em: <https://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/160/189>. Acesso em: 16 abr. 2024.

HOBBSAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KOSELLECK, Reinhart (1923-2006). **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 132-135, 1992.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LOPES, José Antônio Viana (Org). **São Luís Ilha do Maranhão e Alcântara**: guia de arquitetura e paisagem. Sevilha: Consejería de Obras Públicas y Transportes, Dirección de Arquitectura y Vivienda; Ed. Bilingüe, 2008.

MALERBA, Jurandir. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 37, n. 74, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1806-93472017v37n74-06>. Acesso em: 12 mar. 2024.

MARQUES, César Augusto. **Dicionário histórico e geográfico da Província do Maranhão**. Rio de Janeiro: Fon-Fon e Seleta, 1970.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. História oral como fonte: problemas e métodos. **Historiae: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, FURG, Rio Grande do Sul, v. 2, n. 1, p. 95-108, 2011.

MILENA, Jarina. Rádio Opinião recebe o mestrando do PROFHISTORIA Welton Vale, que fala sobre o SEMIP. **Gov.br**, 2022. Disponível em: <https://portalpadrao.ufma.br/site/noticias/radio-opinio-recebe-o-mestrando-do-profhistoria-welton-vale-que-fala-sobre-o-semip>. Acesso em: 12 fev. 2024.

MIRANDA, Peterson Passion Birino. **Identidades estudantis**: narrativas de estudantes sobre o bairro Vila Embratel. 2017. 105 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Ensino e Narrativas, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2017.

MONTEIRO, John. Tupis, Tapuias e Historiadores Estudos de História Indígena e do Indigenismo. Campinas. UNICAMP, 2001.

MORAES, José. **História da Companhia de Jesus na Extinta Província do Maranhão e Pará**. Rio de Janeiro, RJ: Editorial Alhambra, 1987 [1759].

NASCIMENTO, Senhorinha Silva do. Ensino de História em Escolas Públicas e Particulares de Belém Pará: encaminhamento pedagógico e comprometimento ideológico. 2015. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) - Universidade de Évora, Évora, 2015.

MOTA, Antônia da Silva; MENDONÇA, F. S. Educação patrimonial na área Itaqui-Bacanga (MA), conscientizar para preservar. *In*: TOURINHO Júnior, Washington; REINALDO, Telma Bonifácio dos Santos. **Aprendizagem histórica entre conceitos e aplicabilidades**. Ponta Grossa: Atena, 2022.

MOURA, Daniela Pereira de. Pedagogia de Projetos: contribuições para uma educação transformadora. **Só Pedagogia**, 2010. Disponível em: <https://www.pedagogia.com.br/artigos/pedagogiadeprojetos/index.php>. Acesso em: 9 ago. 2023.

OLIVEIRA, Milena Conceição. **O Nordeste de Amaralina na visão de seus jovens moradores**: a influência da mídia no processo de construção social do bairro. 2006. 77 f. Monografia (Graduação em Comunicação – Relações Públicas) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2006.

OLIVEIRA, Vera Lúcia Silva de Almeida. **Ensino de História, Educação de História, Educação Patrimonial de Lugares de Memórias – Cáceres/ MT**. 2021. 116 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação/Mestrado) - Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu Profhístória, Faculdade de Ciências Humanas, Câmpus de Cáceres, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2021. Disponível em: https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/649758/2/Dissertao_Vera_Lcia_Silva_de_Almeida_Oliveira.pdf. Acesso em: 12 fev. 2024.

PAVIANI, Neires Maria Soldatelli; FONTANA, Niura Maria. Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. **Conjectura**, Caxias do Sul, v. 14, n. 2, p. 77-88, mai./ago. 2009.

PEREIRA, Welton Vale. **Métodos e Práticas de Ensino em História**: aplicação do Projeto Seminário Interdisciplinar de incentivo à Pesquisa SEMIP em uma escola comunitária no âmbito do Ensino Fundamental II em São Luís do Maranhão. 2021. Monografia (Graduação em História), Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2021.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**. Rio de Janeiro, n. 2, p. 59-72, dez. 1996.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

REZNIK, Luís. Qual o lugar da História local?. *In*: TALLER INTERNACIONAL DE HISTORIA REGIONAL Y LOCAL. 5., Havana: Cuba, 2002.

RÜSEN, Jörn. Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p. 07–16, jul./dez. 2006.

RÜSEN, Jörn. A Função da Didática da História: a relação entre a didática da História e a Meta-História. *In*: SCHIMIDT, M. A.; MARTINS, E. R. **Jörn Rüsen, Contribuições para uma Teoria da Didática da História**. Curitiba: W.A. Editores Ltda., 2016. p. 13-42.

RÜSEN, Jörn. **Teoria da História**: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: UNB, 2001.

RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica**: Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: Unb, 2010.

SANTOS. Genário dos. **Interdisciplinaridade**: concepções e práticas de docentes em um instituto da Universidade Federal da Bahia. 2019. 103 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

SANTOS, Graciane Pereira. Questão urbana e serviço social em São Luís (MA): o processo de expansão urbana e a experiência de remanejamento de populações para o Anjo da Guarda. *In*: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 9., 2019, Brasil, **Anais...** 2019.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos; GARCIA, Tânia Maria F. Braga. A formação da consciência histórica e o cotidiano nas aulas de História. **Caderno CEDES**, Campinas, v. 25, n. 67, p. 297-308, set./dez., 2005.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos. Concepções de Aprendizagem Histórica presentes em propostas curriculares brasileiras. **História Revista**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 203-213, jan./jun. 2009.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos. Cultura Histórica, Ensino e Aprendizagem de História: questões e possibilidades. *In*: OLIVEIRA, Carla Mary S.; MARIANO, Serioja

Rodrigues Cordeiro. (Orgs). **Cultura Histórica e Ensino de História**, João Pessoa: Ed. UFPB, 2014. p. 39-64.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos. **Ensinar história**. São Paulo: Scipione, 2004.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos. História com Pedagogia: a contribuição da obra de Jonathas Serrano na construção do código disciplinar da História no Brasil. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 24, n. 48, p. 189-211, 2004.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos. JörnRüsen e sua contribuição para a didática da história. **Intelligere**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 60-76, 2017. DOI: 10.11606/issn.2447-9020.intelligere.2017.127291. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistaintelligere/article/view/127291>. Acesso em: 21 set. 2023.

SILVA, Fabiana Janaína Maciel. **Eu me abraço à clepsidra, pois o tempo foi e ainda é: consciência histórica e narrativas de estudantes e docentes do Ensino Médio das escolas estaduais de Exu-PE**. 2021. 193 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – PROFHISTÓRIA, Universidade Regional do Cariri, Crato-CE, 2021.

SILVA, Marcos Tadeu Nascimento da. **Educação patrimonial: Arqueologia no ensino da História Antiga de Upaon Açú (São Luís – MA)**. 2021. 100 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIST), Universidade Estadual do Maranhão, 2021.

SOARES, Nelton Messias. **Uma proposta didática para o ensino de história de Pontes e Lacerda-MT**. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em História) - Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História, Universidade Estadual de Mato Grosso, Cáceres, 2018.

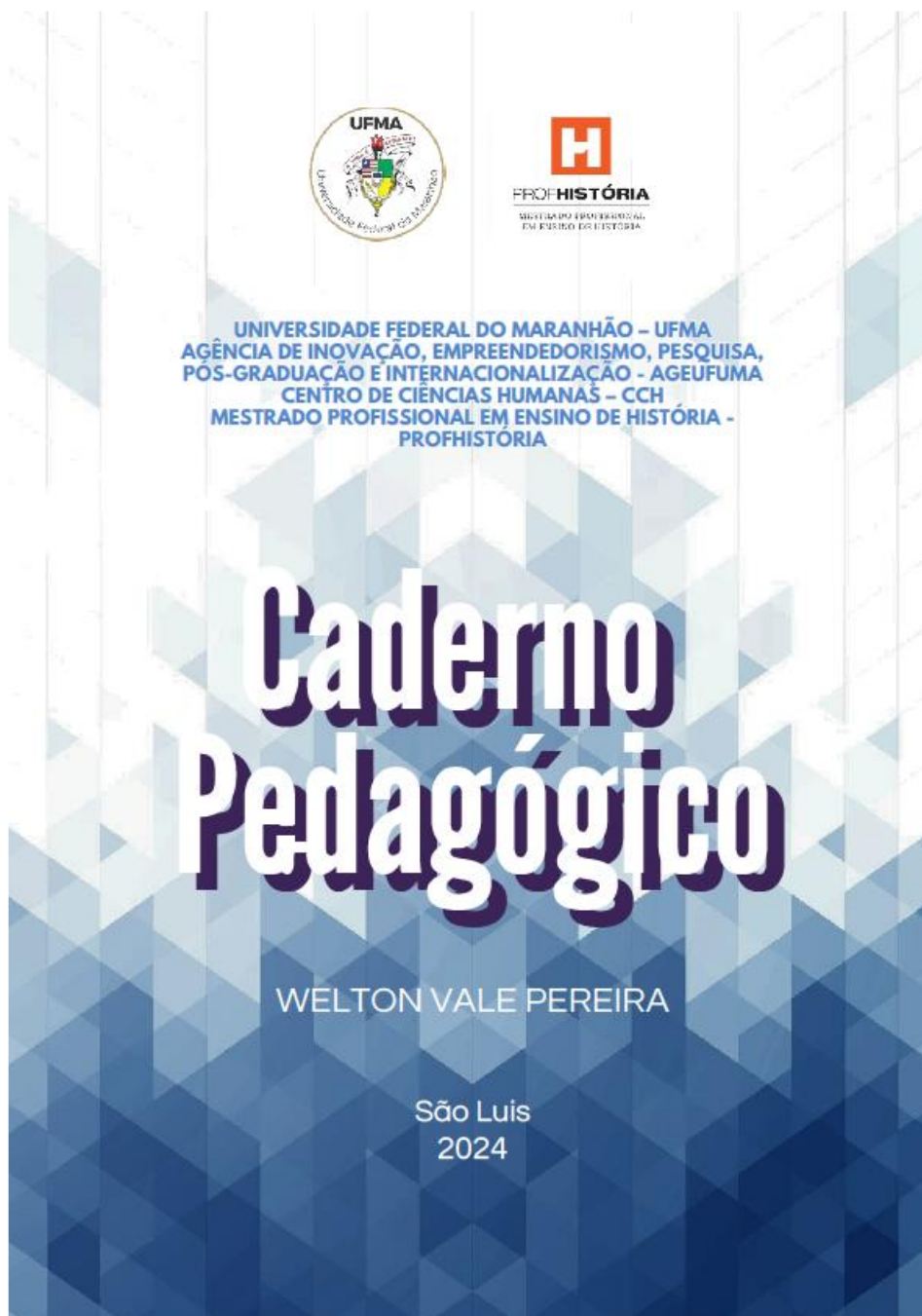
STIVANELLO, Adriana. **O educar pela pesquisa: a construção do conhecimento histórico através da metodologia de projetos em uma escola pública no município de Ponta Porã-MS**. 2020. 147 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História)– PROFHISTÓRIA, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Amambai/MS, 2020.

VASCONCELOS, Bruna Montor. **História Ambiental e Ensino de História através da Teoria da Complexidade de Edgar Morin**. 2018. 195 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – PROFHISTÓRIA, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2018.

VIA-Sacra do Anjo da Guarda emociona público em São Luís. **G1 MA**, 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2013/03/sacra-do-anjo-da-guarda-emociona-publico-em-sao-luis.html>. Acesso em: 12 fev. 2023.

ANEXOS

ANEXO A - Caderno pedagógico – Formação de professores para a aplicação do seminário de incentivo a pesquisa



CADERNO PEDAGÓGICO



Universidade Federal do Maranhão
Reitor Prof. Dr. Fernando Carvalho Silva

Agência de Inovação, Empreendedorismo, Pesquisa, Pós-Graduação e
Internacionalização

Profa. Dra. Flávia Raquel Fernandes do Nascimento

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Ensino de
História (PROFHISTÓRIA) - Nacional

Prof. Dr. Marcelo de Souza Magalhães (UNIRIO) - Coordenação Nacional

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Ensino de
História (PROFHISTÓRIA) - Maranhão.

Prof.º Dr.º WASHINGTON TOURINHO JUNIOR - Coordenação Maranhão

Prof.º Dr.º ANTONIA DA SILVA MOTA - Vice-Coodenadora Maranhão

Orientador do Produto: Educacional

Prof. DR.º Marize Helena de Campos.

Autor do Produto Educacional:

Welton Vale Pereira



PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA



CADERNO
PEDAGÓGICO

CADERNO PEDAGÓGICO

Autor: Welton Vale Pereira

Orientadora: Profa. Dra. Marize Helena de Campos

FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A APLICAÇÃO DO SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO À PESQUISA.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Maranhão.
Mestrado Profissional em Ensino de História - PROFHISTÓRIA/
UFMA. 2024

São Luís - MA
2024



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.. 2

"PELOS OLHARES DO ENSINAR E APRENDER HISTÓRIA A PARTIR DA PESQUISA"

INTRODUÇÃO.. 6

OBJETIVOS ESPECÍFICOS. 9

METODOLOGIA. 9

DOCUMENTOS A SEREM ANALISADOS. 21

SISTEMATIZAÇÃO: LEVANTAMENTO DAS IDEIAS QUE FORAM APRESENTADAS INICIALMENTE PELOS ALUNOS EM CONFRONTO COM AS IDEIAS CONSTRUÍDAS PELOS ESTUDANTES AO LONGO DO PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DA OFICINA HISTÓRICA

NOTAS. 24

HISTÓRIA LOCAL: MEMÓRIAS QUE ENSINAM A APRENDER.. 24

INTRODUÇÃO.. 24

OBJETIVOS. 25

METODOLOGIA. 26

DOCUMENTOS ANALISADOS. 31

SISTEMATIZAÇÃO: LEVANTAMENTO DAS IDEIAS APRESENTADAS INICIALMENTE EM CONFRONTO COM AS IDEIAS CONSTRUÍDAS AO LONGO DA OFICINA HISTÓRICA PELOS ESTUDANTES E PROFESSORES.

NOTAS. 33

IMPLANTAÇÃO DO PROJETO-AÇÃO MUSEU EM SALA.. 33



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..	33
METODOLOGIA..	35
DOCUMENTOS ANALISADOS.	42
SISTEMATIZAÇÃO: LEVANTAMENTO DAS IDEIAS APRESENTADAS INICIALMENTE EM CONFRONTO COM AS IDEIAS CONSTRUÍDAS AO LONGO DA OFICINA HISTÓRICA PELOS ALUNOS-PESQUISADORES.	23
NOTAS.	43
APLICAÇÃO DO SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR DE INCENTIVO À PESQUISA -SEMIP .	44
INTRODUÇÃO..	44
METODOLOGIA..	45
DADOS DA ORGANIZAÇÃO PROPONENTE..	45
INFORMAÇÕES DO PROJETO..	46
RESUMO..	47
EIXO TEMÁTICO..	48
PÚBLICO-ALVO DO PROJETO SOCIAL (número de beneficiados direto)	48
OBJETIVOS..	49
Objetivo Geral	50
Objetivos Específicos e Resultados Esperados.	50
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA..	51
ESTRUTURA METODOLÓGICA DO SEMIP..	53
QUADROS DAS FASES DO PROJETO..	54
REFERÊNCIAS	39



SUMÁRIO

AÇÕES E BREVE CONCEITUAÇÃO DE PESQUISA DE CAMPO..	58
PESQUISA BIBLIOGRÁFICA..	58
SOBRE A AVALIAÇÃO..	64
CRONOGRAMA..	66
DOCUMENTOS..	66
NOTAS..	38



APRESENTAÇÃO

Queridos(as), professores e professoras!

Este caderno pedagógico tem o objetivo de auxiliá-los a introduzir a participação dos alunos como pesquisadores de forma ativa nas aulas de História. Nas páginas seguintes, apresentarei para os professores do Ensino Fundamental - Anos Iniciais cinco oficinas para aplicação do Projeto Seminário Interdisciplinar de Incentivo à Pesquisa; um projeto que atua incentivando à pesquisa para a formação do aluno-pesquisador. Além disso, também daremos sugestões de ferramentas para a formação do aluno-pesquisador enquanto sujeito histórico.

O caderno foi pensado para o Ensino Fundamental - Anos Finais da Educação Básica, mas pode ser facilmente adaptado para o Ensino Médio, oportunizando o desenvolvimento da compreensão da História, do ensino de História e o reconhecimento histórico da região pela pesquisa.

A justificativa para a confecção deste guia vem da observação dos desafios encontrados na disciplina de História que são viabilizados, atualmente, com a negação da História. Destarte, o caderno pedagógico foi pensado e elaborado com a intenção de minimizar a ausência dos alunos nas participações das aulas de História e contribuir para uma educação que pense em todos como sujeitos da História e partícipes do processo de ensino-aprendizagem.



Nessa ótica, a proposta do Projeto Seminário Interdisciplinar de Incentivo à Pesquisa (SEMIP), criada em 2016 pelo então professor de História, Welton Vale Pereira, sendo a mesma regulamentada nos parâmetros da educação, e também das normas educativas, tem se mostrado, em seu diagnóstico, durante os dois anos no qual o evento ocorreu, com uma positividade extremamente importante na formação do aluno-pesquisador ao se postar diante da sociedade em todos os contextos.

O Projeto tem a visão de incentivador de pesquisa e extensão do Ensino de História, respeitando e respondendo sua função social que compõe os pilares para a instituição com princípios, valores e missão do aluno como pesquisador no sentido de contribuir para o desenvolvimento humanitário, social e científico. O Seminário Interdisciplinar de Incentivo à Pesquisa atravessa a interdisciplinaridade, voltando-se para relacionamento das questões históricas e socioculturais do lugar onde está situado o sujeito, ou seja, observando a História local e o tempo presente.

Faz uso como justificativa para a elaboração deste Projeto sobressair o ensino-aprendizagem do aluno/pesquisador sobre as deficiências causadas a partir de diversas situações, não somente na relação professor/aluno e mediante problemas culturais do ensino, mas também ampliar positivities já existentes constituindo na inserção do aluno como sujeito histórico



e o protagonista no processo de sua formação, entendendo que ele é um indivíduo pensante, capaz de produzir e dar resultados satisfatórios do seu aprendizado.

O projeto busca, em sua ação, sanar as deficiências no eixo da formação do pesquisador estreitando a relação professor-aluno, apresentando-a como uma das provedoras do bom convívio e de resultados no processo de ensino-aprendizagem, relacionando a autoridade e o respeito impostos pelo professor ao aluno não como reflexos do medo, e sim enquanto uma mudança completa em suas relações sociais, como obrigações e compromissos em seu processo de formação como aluno/pesquisador.

A ação do projeto requer mudanças por parte do aluno e provoca em si o desejo de investigação e incômodo, de modo que o discente busca, de forma independente, expor suas subjetividades e mostrar seu olhar mediante contextos históricos, geográficos e culturais que são apresentados para a sociedade. Dessa forma, o projeto se volta para uma ação que propõe ao sujeito uma formação que garanta a autonomia e o indicia a conhecer e a responder a sua comunidade por meio de uma atividade humanizada de aprendizagem e ensino capaz de ver como pessoa o sentido de educar e aprender.



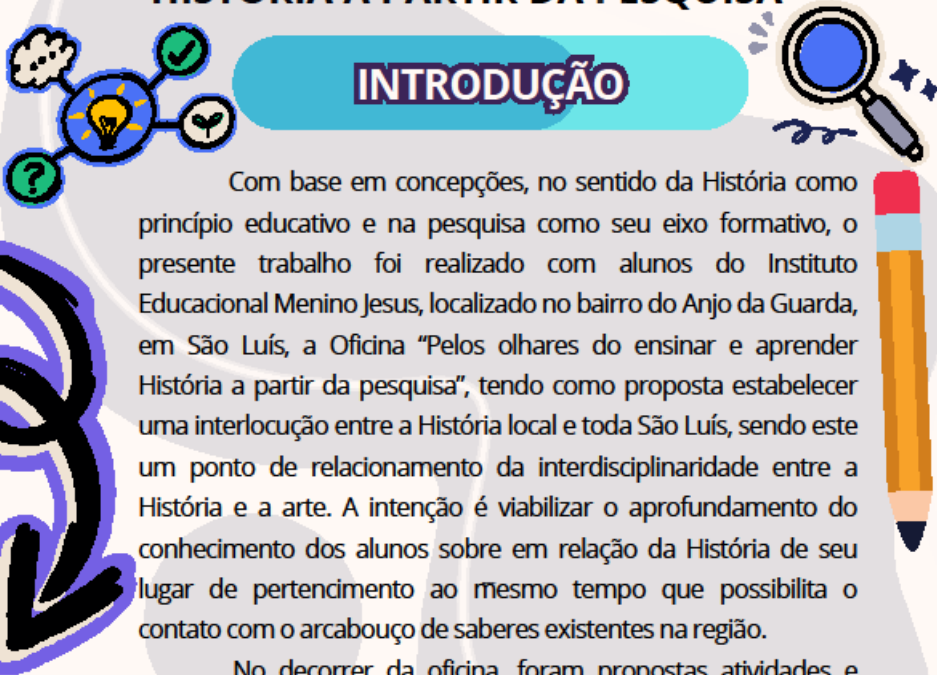
Os professores que participaram do projeto de caráter interdisciplinar, que observaram de forma extremamente satisfatória o desempenho dos alunos e seus compromissos com os seus relativos trabalhos, além da produção eficiente de atividades não peculiares do seu cotidiano. Assim, espero ajudar a enriquecer as aulas de História com a formação de alunos comprometidos com a pesquisa e contribuir com uma educação mais plural



Welton Vale Pereira




Oficina Histórica 1

**“PELOS OLHARES DO ENSINAR E APRENDER
HISTÓRIA A PARTIR DA PESQUISA”****INTRODUÇÃO**

Com base em concepções, no sentido da História como princípio educativo e na pesquisa como seu eixo formativo, o presente trabalho foi realizado com alunos do Instituto Educacional Menino Jesus, localizado no bairro do Anjo da Guarda, em São Luís, a Oficina “Pelos olhares do ensinar e aprender História a partir da pesquisa”, tendo como proposta estabelecer uma interlocução entre a História local e toda São Luís, sendo este um ponto de relacionamento da interdisciplinaridade entre a História e a arte. A intenção é viabilizar o aprofundamento do conhecimento dos alunos sobre em relação da História de seu lugar de pertencimento ao mesmo tempo que possibilita o contato com o arcabouço de saberes existentes na região.

No decorrer da oficina, foram propostas atividades e dinâmicas estimulando a participação e o questionamento dos alunos-pesquisadores com base em conceitos definidos sobre os questionamentos básicos, a saber: Sobre o que é História? Qual seu objetivo? O que são fontes históricas?



No final, os alunos produziram uma narrativa com os conceitos previamente obtidos.

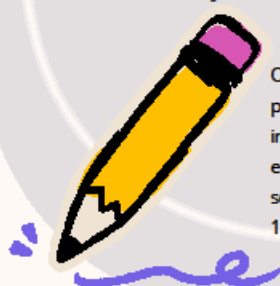
Rüsen (2016, p. 45) afirma que “a história está em todo lugar. Não existe nenhuma disciplina científica que não possua um elemento de história”. Entender o que os alunos pensam sobre a História e seu entendimento como sujeito histórico é fundamental para estabelecer o ensino de História. Dessa forma, o professor deve ser consciente de como introduzir a pesquisa como instrumento de formação do aluno-pesquisador em sala de aula, relacionando com os assuntos do livro didático.

[...] o professor seleciona um conteúdo, pergunta aos alunos o que eles sabem a respeito e, então, seleciona as fontes históricas pertinentes para a aula. Em seguida, ele deve orientar os estudantes a analisarem os materiais, fazer inferências e comparações. Todos se envolvem no processo e produzem conclusões históricas, que podem ser mais ou menos válidas e mais ou menos próximas às dos historiadores. No entanto, elas devem sempre ser valorizadas, avaliadas e reconceitualizadas com a ajuda do educador. Assim, os educandos tomam consciência do que aprenderam, do que falta saber e do que mais gostariam de conhecer (Barca, 2013, p. 1).

Diante disso, acreditamos que o estudo acerca do ensino de História pela pesquisa deve ser feito de modo que ocorra antes, por parte do(a) professor(a), o reconhecimento da sua sala de aula e a subjetividade dos seus alunos.



Assim, saberá como atuar e propor as atividades desta oficina histórica, que visa romper com a noção equivocada de um ensino de História preenchido apenas com a lousa, o(a) professor (a) e o livro didático sem a presença do aluno que busca para reforçar o processo de ensino-aprendizagem, mas um aluno que é depósito de informações.



O conhecimento inovador, de ponta, está fugindo da universidade, porque esta não sabe desconstruir-se, ou seja, inovar e educar a inovação. O mercado fica apenas com a qualidade formal, enquanto a universidade deveria agregar a qualidade política, sobretudo porque esta é o fim e a Ética do conhecimento (Demo, 1998, p. 90).





Nessa perspectiva de inovar na educação, que esta oficina propõe o uso das normas da ABNT, trabalhando com citações e fundamentações teóricas. O conhecimento e as práticas da pesquisa saem dos muros das universidades e adentram a escola, e isso não somente em um Ensino Médio/Técnico, mas iniciando no Ensino Fundamental - Anos Finais. Para a aplicação desta oficina, recomendamos que a atividade seja realizada em três aulas devido à quantidade de objetivos específicos a serem contemplados.



OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Refletir sobre o sentido de compreender a História, o conhecimento histórico e a relação entre passado, presente e futuro por meio das fontes utilizadas na oficina;
- Identificar as transformações históricas da região por meio de pesquisas;
- Conhecer e reconhecer-se como sujeito histórico da região.

METODOLOGIA



A realização da Oficina Histórica 1 se deu na constituição de atividades de acordo com o livro didático. O estudo terá como consistência uma busca de referências teóricas para somar com o trabalho já realizado no Instituto Educacional Menino Jesus. Levando em consideração esses aspectos da escola e dos educandos do 9º Ano, que estão dentro da faixa etária entre 13 e 15 anos; por conseguinte, estão em processo de transição entre as fases de criança para a adolescência. A Oficina prosseguiu com três etapas significativas, as quais foram denominadas de aulas formativas.



Na primeira aula formativa, a Oficina Histórica 1 terá início com uma discussão sobre a História e o seu conceito, apresentando uma outra fonte além do livro didático. Então, pontuamos uma frase do historiador alemão Jörn Rüsen, sobre o passado e o conhecimento do passado como elementos constituintes do presente e do futuro, para que os alunos a interpretem e, principalmente, consigam realizar ligações com a sua vivência e o cotidiano. Em seguida, o(a) professor(a) realizará o levantamento prévio das ideias e as opiniões dos estudantes acerca da temática.

O passado e o conhecimento do passado são elementos fundamentais para a constituição histórica de sentido do presente e do futuro. Desempenham um papel estratégico na aquisição da consciência histórica e, em conjunto com a experiência do presente, constituem a matéria prima do pensamento histórico (Rüsen, 2016, p. 45).

Com a reflexão exposta, busca-se explicar sobre o que é a História em uma interrogação bastante simples, escutando todos os alunos. Após isso, o(a) professor(a) explica a citação pontuando características da consciência histórica, apresentando a relação da História com o homem, os conteúdos com a sala de aula presente concomitante ao dos alunos com a sala de aula e com os conteúdos presentes no livro didático, da relação dos alunos com a História, reforçando o que afirma Isabel Barca (2013).



É importante que o aluno entenda que faz parte da História como sujeito histórico, protagonista da própria História, resultado e provavelmente promotora de muitas outras. Para isso, o professor precisa compreender os objetivos de forma cautelara, analisar os conteúdos; um instrumento que equivale à total qualidade do ensino e estes devem ser redimensionados e revistos (Nascimento, 2015). As observações do(a) professor(a) devem valorizar as subjetividades dos sujeitos, investigando o conhecimento por meio da participação de cada um sobre a História de acordo com as apresentações. Terminando esse primeiro ciclo, o professor propõe uma nova reflexão sobre a História.



Esquema 1 - A relação do homem com a História



Fonte: Acervo da Oficina (2023)

O(a) professor(a) expõe aos alunos que a ação do homem e sua relação do espaço e da sociedade faz parte da História, surpreendendo-o com a afirmativa que ele intervém em sua sociedade que o passado está relacionado com a sua vida presente, cabendo a ele entender o presente por meio do passado e entender as questões do futuro. A partir de então, propõe aos alunos conhecer a história a partir da pesquisa, montando um esquema para que seja instituído o ensino de História relacionado à pesquisa, implantando um trabalho com base em um quadro de fases que será trabalhado a partir da segunda aula/ação.



É importante ressaltar que as aulas/ações devem estar dentro do plano de aula do(a) professor(a) e intercalado com os conteúdos do livro didático, o qual será uma das principais fontes utilizadas pelo aluno-pesquisador. O(a) professor(a) tem um conteúdo programático e este deve ser seguido; assim, a pesquisa deve ter uma conexão com a realidade da sala de aula. O aluno não copia o livro didático, descobre que é o autor o responsável por desenvolver aquela fonte.

As atividades que serão desenvolvidas na segunda e na terceira aula/ação estão expostas dentro do quadro de fases a seguir.



Quadro 1 - Quadro Das Fases

Primeira Fase: conhecendo as citações.


Primeiro, apresentamos a ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT) com o intuito de explicarmos as seguintes definições:

- Citação: menção de uma informação extraída de outra fonte;
- Citação de citação: citação direta ou indireta de um texto, sendo que não tivemos acesso ao original (apud);
- Citação indireta: texto baseado na obra do autor consultado;
- Citação direta: transcrição textual de parte da obra de um autor consultado;

• A citação direta pode ser curta no texto, de até três linhas, na qual deve estar contida entre aspas duplas. Ex.: O ensino de História deve se posicionar como um instrumento na arte que constrói a aquisição da consciência crítica no sujeito como aluno-pesquisador, tornando-a prazerosa e ao mesmo momento se apresentando mais significativa; para tanto, o professor é um instrumentador do ensino.



• A citação direta pode ser curta no texto, de até três linhas, na qual deve estar contida entre aspas duplas. Ex.: O ensino de História deve se posicionar como um instrumento na arte que constrói a aquisição da consciência crítica no sujeito como aluno-pesquisador, tornando-a prazerosa e ao mesmo momento se apresentando mais significativa; para tanto, o professor é um instrumentador do ensino.



Bascheira (2016, p. 22) enfatiza que “compete à atividade docente, a partir do ato de reflexão, identificar e aplicar metodologias que atendam às necessidades que surgem no/do contexto escolar. Cabe ao professor fazer essas escolhas [...]”, logo, não podemos pensar em um ensino sem pensar no professor, sem pensar no aluno, sem discutir a construção de uma consciência crítica. Essa postura deve ser efetiva para a formação integral do educando, implicando na criação de condições para o desenvolvimento cognitivo e social do ser.

• A citação direta (longa): no texto, com mais de três linhas, deve ser destacada com recuo de 4 cm da margem esquerda, com letra menor que a do texto, no tamanho 10, sem aspas e com espaçamento simples entrelinhas (Prodanov, 2013, p. 192).



É importante que o(a) professor(a) destaque, após cada conceito, exemplos para que o aluno compreenda e passe a compreender as pesquisas. Neste momento, a aula/ação sustenta o desenvolvimento e as habilidades de pesquisas dos alunos-pesquisadores, concedendo a eles a oportunidade de conhecer os autores dos livros que trabalham o ano inteiro.

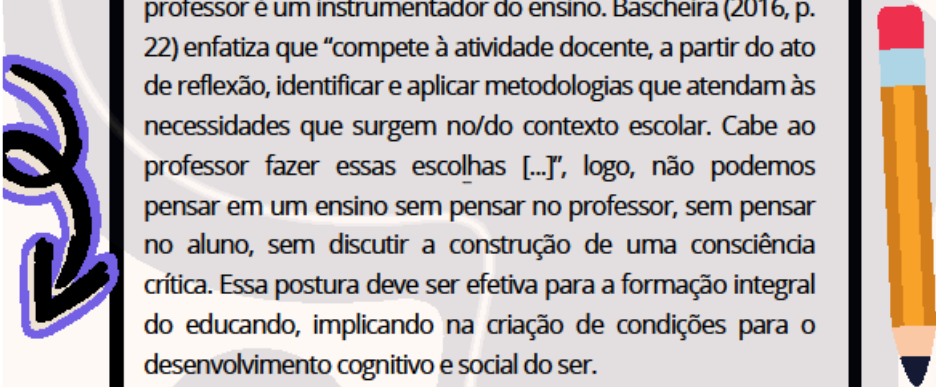

Quadro 1 - Quadro Das Fases

Primeira Fase: conhecendo as citações.

Primeiro, apresentamos a ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT) com o intuito de explicarmos as seguintes definições:

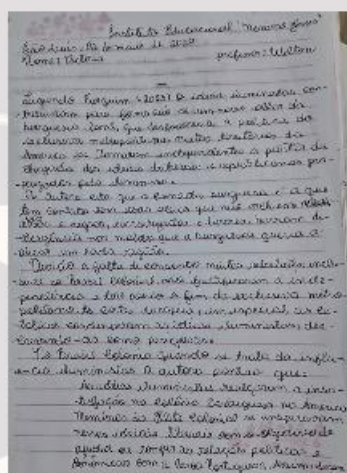
- Citação: menção de uma informação extraída de outra fonte;
- Citação de citação: citação direta ou indireta de um texto, sendo que não tivemos acesso ao original (apud);
- Citação indireta: texto baseado na obra do autor consultado;
- Citação direta: transcrição textual de parte da obra de um autor consultado;



- 
- A citação direta pode ser curta no texto, de até três linhas, na qual deve estar contida entre aspas duplas. Ex.: O ensino de História deve se posicionar como um instrumento na arte que constrói a aquisição da consciência crítica no sujeito como aluno-pesquisador, tornando-a prazerosa e ao mesmo momento se apresentando mais significativa; para tanto, o professor é um instrumentador do ensino. Bascheira (2016, p. 22) enfatiza que “compete à atividade docente, a partir do ato de reflexão, identificar e aplicar metodologias que atendam às necessidades que surgem no/do contexto escolar. Cabe ao professor fazer essas escolhas [...]”, logo, não podemos pensar em um ensino sem pensar no professor, sem pensar no aluno, sem discutir a construção de uma consciência crítica. Essa postura deve ser efetiva para a formação integral do educando, implicando na criação de condições para o desenvolvimento cognitivo e social do ser.
 - A citação direta (longa): no texto, com mais de três linhas, deve ser destacada com recuo de 4 cm da margem esquerda, com letra menor que a do texto, no tamanho 10, sem aspas e com espaçamento simples entrelinhas (Prodanov, 2013, p. 192).
- 

É importante que o(a) professor(a) destaque, após cada conceito, exemplos para que o aluno compreenda e passe a compreender as pesquisas. Neste momento, a aula/ação sustenta o desenvolvimento e as habilidades de pesquisas dos alunos-pesquisadores, concedendo a eles a oportunidade de conhecer os autores dos livros que trabalham o ano inteiro.

Quadro 1 - Quadro Das Fases



Fonte: Acervo do autor (2023)



1) Elaboração dos planos de ensino a partir do diagnóstico:

Será elaborado um diagnóstico rápido participativo sobre a realidade das turmas e os pontos de melhoria a serem desenvolvidos com os alunos-pesquisadores das atividades que lhes foram atribuídas. Os professores-pesquisadores irão considerar os aspectos de aprendizagem observando questões sociais e subjetivas dos alunos objetivando a compreensão do conhecimento adquirido e as limitações dos alunos-pesquisadores.

Utiliza-se do que aponta Freire ao assinalar que o conhecimento faz sentido para o estudante quando o transforma em sujeito que pode transformar o mundo, sendo, então, a educação uma forma de “libertar” o aluno. Os temas transversais serão incluídos para enriquecer os conteúdos trabalhados em sala de aula, como cidadania, literatura e consciência histórica. Após essa fase, busca-se a promoção de trabalho de pesquisa em grupos que venham introduzir o aprendizado dos alunos à prática.



Segunda Fase: Acompanhamento das atividades educacionais e avaliação de desempenho.

Nesta fase, continuará acontecendo em todas as aulas, aplicando as metodologias de pesquisas de acordo com os parâmetros normativos segundo a ABNT com a finalidade de produzir um artigo a partir do conhecimento obtido na disciplina de História. Durante esta fase, os(as) professores(as) observam e acompanham o processo de ensino-aprendizagem baseados nos seguintes norteadores:

- Eixo de pesquisas: desenvolvem pesquisas de campo, revisão bibliográfica, análises de dados;
 - Eixo discussão e apresentação: realizam apresentações, organização, análise de posturas, atividades diversas;
 - Eixo artes visuais: demonstram habilidade e competências com autonomia nas produções artísticas;
 - Eixo linguagem oral e escrita: desenvolvem habilidade de interpretação condicionada pela leitura, reconhecem a literatura científica em diversos contextos;
- Eixo sociedade e patrimônio: conscientização e preservação do patrimônio



DOCUMENTOS A SEREM ANALISADOS

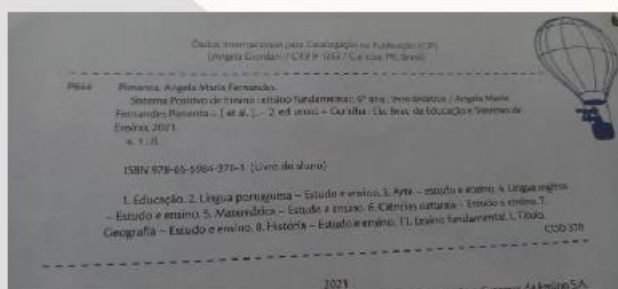
Documento I: Livro Didático.

Figura 2 - Livro Didático adotado

Fonte: Acervo do autor (2023)



Figura 3 - Livro Didático adotado



Fonte: Acervo do autor (2023)

Documento II: Metodologia do trabalho científico - métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.

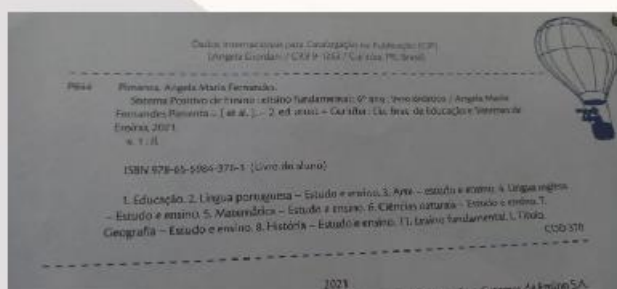
Link de atividade: <https://wordwall.net/pt/resource/57810769>

Sistematização: Levantamento das ideias que foram apresentadas inicialmente pelos alunos em confronto com as ideias construídas pelos estudantes ao longo do processo de constituição da oficina histórica

- Com base na leitura dos documentos, trabalhe metodologias de pesquisa aplicando citações diretas e indiretas;
- Proponha jogos criados com a finalidade de incentivar a pesquisa;
- Responda: Como sujeito histórico, qual seria a importância da consciência histórica?
- Qual a sua visão sobre o livro didático?
- Qual é a importância de trabalhar a pesquisa como instrumento de busca do conhecimento?



Figura 3 - Livro Didático adotado



Fonte: Acervo do autor (2023)

Documento II: Metodologia do trabalho científico - métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.

Link de atividade: <https://wordwall.net/pt/resource/57810769>

Sistematização: Levantamento das ideias que foram apresentadas inicialmente pelos alunos em confronto com as ideias construídas pelos estudantes ao longo do processo de constituição da oficina histórica

- Com base na leitura dos documentos, trabalhe metodologias de pesquisa aplicando citações diretas e indiretas;
- Proponha jogos criados com a finalidade de incentivar a pesquisa;
- Responda: Como sujeito histórico, qual seria a importância da consciência histórica?
- Qual a sua visão sobre o livro didático?
- Qual é a importância de trabalhar a pesquisa como instrumento de busca do conhecimento?
- Como o ensino de História é importante para a formação cidadã e crítica? Justifique sua resposta.



NOTAS

Por fim, professores (as), percebam a importância de um ensino que é moldado pela pesquisa na busca da construção de um sujeito com consciência histórica. Para isso, deve-se haver a necessidade de o(a) professor(a) ser como um pesquisador, investigador de sua sala, para propor ações que possam favorecer o processo de ensino-aprendizagem. Não precisamos ir muito longe, podendo-se, inicialmente, realizar com a turma a análise dos livros didáticos como documentos/fontes; o que eles narraram e como isso interfere no conhecimento histórico para o aluno. Em seguida, desenvolvemos a atividade por meio de um jogo digital que trabalha a História e seus conceitos, além da própria pesquisa científica para a realização das atividades e avaliação que se fizeram presentes no segundo documento, o qual faz uma apresentação mais detalhada e crítica sobre o conceito e os fundamentos de pesquisa. E esse ponto é preciso ser destacado na formação do aluno-pesquisador.

Oficina Histórica 2
HISTÓRIA LOCAL: MEMÓRIAS QUE ENSINAM A APRENDER
INTRODUÇÃO

O ensino de História é um desafio, entretanto, não devemos nos deter nas problemáticas, e sim questioná-las e lançarmos soluções, pois esse ensino estabelece um diálogo com o processo de construção da consciência histórica implicando no reconhecimento do indivíduo enquanto sujeito histórico. E, claro, com elementos que permitam a melhor compreensão da realidade em que nós estamos inseridos e também a sociedade em que vivemos.

Considerando o princípio de que a memória e a oralidade são fontes históricas, desenvolvemos esta oficina de modo a ressaltar a contribuição da memória e da oralidade no processo de compreensão da História Local.



No que aponta Le Goff (1924), o conceito de memória é apresentado como ponto crucial, tal como propriedade de conservação de determinadas informações, afirmando ainda que "remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas" (Le Goff, 1924, p. 423).

Em suas discussões, o autor supracitado aguça nossas atenções ao vínculo entre a memória e a história, ou seja, como uma chave importante do processo da construção historiográfica, a memória, onde dar-se-á o crescimento da história, que, por sua vez, a alimenta. Ela busca salvar o passado para dar o servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.

Nesse sentido, fazer o resgate da história local, a partir da memória de quem vivenciou, é fundamental para entender o papel do outro como sujeito histórico daquele espaço. Circe Bittencourt (2004) condiciona a memória como um aspecto de relevância na configuração de uma história local voltada tanto para historiadores, quanto ao ensino, pois ensinar dessa forma é conduzir o ensino com noção de aprendizagem. Para Le Goff (1924, p. 424), "é tão importante na fase de aquisição da memória, desperta o interesse pelos diversos sistemas de educação da memória que existiram nas várias sociedades e em diferentes épocas: as mnemotécnicas".

OBJETIVOS

- Analisar as relações entre Memória e História Local;
- Analisar as contribuições da memória na compreensão do tempo presente.



METODOLOGIA

Para a execução desta Oficina II, considerando que o ensino de História tem o intuito de provocar e possibilitar o pensamento crítico e o entendimento da formação da sociedade com o apoio e a participação do professor da disciplina de Matemática, aprofundando o ensino com a interdisciplinaridade, foi exposto aos discentes a proposta da oficina de pesquisa em fontes históricas, optando pela memória e pela oralidade dentro de uma perspectiva apontada por Freire de formação de alunos-pesquisadores capazes de construir de forma autônoma conhecimentos relevantes sob orientação do(a) professor(a) que atua tanto como orientador, quanto como pesquisador, cuja finalidade é a formação e a atuação profissional dos estudantes.

Enquadra-se, nesse contexto, a interdisciplinaridade como disciplina de Matemática e, posteriormente, de Ciências da escola. Para a efetivação da Oficina, realizou-se uma Roda de Conversa que contribuiu no processo de aprendizagem formativa dos alunos que adentraram no campo de pesquisa investigativa da comunidade local. Foram debatidas com os discentes a metodologia e as estratégias pedagógicas da oficina, principalmente sobre o respeito da memória e da oralidade do outro; como se posicionar; qual olhar se deve ter ao atribuir questionamentos, reconhecendo que o sujeito entrevistado constrói e participa da História daquele espaço.

Assim, as atividades realizadas ao longo desse processo são compreendidas pelos estudantes como uma responsabilidade com História local adquiridas a partir de narrativas dos entrevistados. Em seguida, para análise dos dados obtidos pelos feirantes foram discutidos ou auxiliados por dados bibliográficos e institucionalizados na produção de um resumo expandido. A primeira ação prática realizada com a turma foi uma atividade diagnóstica com o intuito de explorar os saberes e as experiências prévias dos discentes sobre a vida na Feira do Anjo da Guarda. Nessa atividade, os estudantes foram induzidos a relatar alguns aspectos da Feira, onde será o foco da pesquisa.



Tomando como exemplo os seguintes questionamentos: Quais experiências tiveram na Feira do Anjo Guarda? Quais possibilidades de melhorias visualizam a partir dessa experiência?

No segundo momento, propomos explicar a História da Feira do Anjo da Guarda com dados já existentes em recortes de jornais. Buscando informações sobre a Feira, principalmente relacionadas a uma das maiores angústias tanto dos moradores quanto dos que ocupam esse comércio.

Relacionado à História da Feira do Anjo da Guarda e como seria o processo, buscamos explicar o que seria a memória e o conceito de oralidade, aplicando sua importância para a construção da História local. Para isso, realizamos uma aula explicativa direcionada pelo professor de História com a presença dos professores de Ciência e Matemática.

Figura 4 - Feira do Anjo da Guarda



Fonte: Acervo da Oficina (2022)



Tabela 1 - Aula Memória e Oralidade


Fonte: Acervo da Oficina (2023)

Em seguida, para o terceiro momento, foram produzidos questionários com a finalidade de serem aplicados. É interessante que o(a) professor(a) acompanhe as produções dos questionários propondo a interdisciplinaridade, considerando sempre as observações dos alunos-pesquisadores. Nesse caso, os professores podem passar de forma individual em classe cada ponto a ser discutido em sua disciplina, cabendo ao(a) professor(a) de História relacionar as questões com os alunos. A produção dos questionários poderá ser na perspectiva de analisar as estatísticas e, quando se relaciona a Matemática à disciplina de Ciências, volta-se para a questão de saúde e salubridade. Em História, fixa-se a entender a História local por via da oralidade e da memória.



Quadro 2 - Sugestão de Atividade 1

1. Há quanto tempo você trabalha na Feira do Anjo da Guarda?
() menos de 10 anos () 10 a 20 anos () 30 ou mais anos
2. A Feira do Anjo da Guarda está relacionada à História do Bairro do Anjo da Guarda?
() Sim () Não

Poderia explicar como seria essa relação?

3. Você se vê como um sujeito histórico que intervém, participa e da História da Feira?
() Sim () Não

Qual a sua atuação como sujeito histórico nas ações de melhorias da Feira?


4. A Feira do Anjo da Guarda é um espaço histórico, quais as permanências e mudanças você percebeu no decorrer dos anos na Feira do Anjo da Guarda?
() Sim () Não




05. As condições que se encontram a feira nos quesitos sanitários são vistos como prejuízo econômico?

() Sim () Não

06. Poderia descrever a sua História na Feira do Anjo da Guarda?



Passa-se para o quarto momento, baseado nas ações desenvolvidas de entrevistas, diálogos e visitas à feira, tais quais desenvolvidas durante dois meses, podendo utilizar vídeos, gravação de voz e fotografias com a permissão do entrevistado. Para se proporcionar uma maior veracidade dos dados obtidos, podem somar com pesquisas em jornais e revistas que tratam sobre a investigação. Assim, no quarto momento, a reflexão sobre o que diziam os feirantes e sua realidade, abrangendo a discussão para um contexto de políticas de esferas municipais estaduais e nacionais. Os alunos apresentam suas ideias e seus pensamentos com base no que os dados obtidos lhes mostram. Não é apenas como ler um artigo, é vivenciar e ver a dor do outro.



DOCUMENTOS ANALISADOS

Documento I – Fragmento da Dissertação de Juliana Arruda. Os lugares de memória da cidade de Rondonópolis-MT: ensino de história nos anos iniciais, cultura e patrimônio.

Fonte: ARRUDA, Juliana Ramos de. Os lugares de memória da cidade de Rondonópolis-MT: ensino de história nos anos iniciais, cultura e patrimônio. 2018. 105 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Programa de Pós Graduação em Ensino de História, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2018.

Documento II - Capítulo I da Dissertação de Nelton Messias Soares. Uma proposta didática para o ensino de história de Pontes e Lacerda – MT.

Fonte: SOARES, Nelton Messias. Uma proposta didática para o ensino de História de Pontes e Lacerda-MT. 2018. 95 f. Dissertação (Mestrado Profissional em História) - Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino de História - PROFHISTÓRIA, Faculdade de Ciências Humanas, Universidade do Estado de Mato Grosso, Cárcere, 2018. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/431767/3/UMA%20PROPOSTA%20DID%C3%81TICA%20PARA%20O%20ENSINO%20DE%20HIST%C3%93RIA%20DE%20PONTES%20ELACERDA-MT.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2023.



SISTEMATIZAÇÃO: levantamento das ideias apresentadas inicialmente em confronto com as ideias construídas ao longo da oficina histórica pelos estudantes e professores

- Com base na leitura dos documentos, os alunos-pesquisadores orientados pelos pesquisadores elaboram questionários a partir dos debates ocorridos com base nos documentos I e II.
- Explique qual o objetivo dos estudos da História local com a memória? Isso contribui para uma nova maneira de pensar que não seja puramente ilustrativa, mas um momento reflexivo e crítico de aprofundamento da história.
- Indiciamento da interdisciplinaridade. Dessa forma, podem ser instrumentos importantes para estimular os discentes a refletirem sobre diversos assuntos. Isso se dá analisando as respostas diretas (Sim/Não), constituindo os resultados com gráfico que sugerem porcentagem para a Matemática. Com base na análise do espaço, os alunos-pesquisadores de trabalhos sobre questões sanitárias, por ser uma pesquisa na Feira do Anjo da Guarda, acaba sendo um ponto chave da interdisciplinaridade com Ciências.
- Explique a importância do estudo da memória para constituição da História local.
- Como forma de fixação das atividades, os alunos-pesquisadores deverão realizar a construção de um resumo expandido identificando a abordagem da História, da memória e da oralidade aferidas à interdisciplinaridade.



NOTAS

Utilizaremos esse final para uma nota sobre os documentos como forma de conclusão dessa oficina. Os alunos-pesquisadores deverão realizar um trabalho que relacione os moldes da pesquisa científica trabalhando os dois documentos citados, ou seja, um resumo expandido. Para a apresentação dos resultados, realiza-se, em equipe, a confecção de um banner que contenha Introdução, Objetivos, Metodologia, Resultados e Referências. A utilização de banners para apresentação como recurso didático pode facilitar as discussões de uma determinada temática, possibilitando que os alunos-pesquisadores se encontrem como sujeitos históricos que transmitam mensagens que traduzem valores sociais e culturais da sociedade na qual pertencem.

Oficina Histórica 3**IMPLANTAÇÃO DO PROJETO-AÇÃO MUSEU EM SALA****INTRODUÇÃO**

A realização da ação “Museu em sala” se deu na constituição de atividades de acordo com o livro didático. O estudo terá como consistência em uma busca de referências teóricas para somar com o trabalho já realizado no Instituto Educacional Menino Jesus, do bairro Anjo da Guarda, da cidade de São Luís do Maranhão. Levando em consideração esses aspectos, da escola e dos educandos de 6º e 7º Ano, que estão dentro da faixa etária entre 10 e 15 anos, por conseguinte, estão em processo de transição entre as fases de criança para adolescência.



O projeto-ação prosseguiu com três etapas significativas que foram denominadas de Ação.

Na instituição em que foi aplicada a proposta, devido uma determinada idade (10-15), os alunos-pesquisadores têm uma certa liberdade obtida por parte dos pais e responsáveis, ou seja, uma maior autonomia quanto ao uso e o acesso das ferramentas digitais e da internet. Assim, nesta fase, os alunos adquirem o hábito de consumir o tempo em maior parte de forma online, visto que irá se reproduzir ao longo da sua maturidade de vivência (Soares, 2021).

Por essa razão, a aplicação dessa Oficina trabalha com os instrumentos digitais para facilitar no processo educativo e de formação do sujeito para dar respostas à seguinte questão: Como colocar a história do bairro alinhada ao conteúdo do livro didático? Para tal, a proposta da oficina deu como resposta a reprodução de fatos arqueológicos da Pré-História feitos pelos próprios alunos. Por outro lado, uma galeria de quadros que mostrem pontos considerados importantes e estratégicos pelos discentes para que eles pudessem se reconhecer como sujeitos históricos pertencentes àquele lugar.

O objetivo é a montagem de um museu e a afirmação que antes da formação do bairro Anjo da Guarda, antes da formação da cidade, antes de colonizadores chegarem aqui em nossa região, já existia história. Logo, pontuando um pouco sobre o bairro de forma bastante sucinta e juntando os dados organizados pelos alunos-pesquisadores como base para a montagem de uma exposição em moldes de um museu. Assim, o intuito é de compreender e analisar a história do espaço geográfico onde a escola está inserida. Nesse sentido, as pesquisas e o projeto-ação estão voltados, em grande parte, para a região do Itaqui-Bacanga. Isso se dá, em larga medida, pela vontade manifestada pelos alunos em pesquisarem e discutirem sobre o seu lugar de vivência e pertencimento.



METODOLOGIA

Para a execução deste trabalho, considerando que o ensino de História tem como objetivo provocar e possibilitar o pensamento crítico que contribui no processo de formação de alunos para a sociedade a partir de suas próprias reflexões, buscou-se organizar as turmas em equipes e, posteriormente, em uma roda de diálogos para a obtenção do conhecimento prévio dos alunos-pesquisadores. Assim, o primeiro momento se dá como uma roda de bate-papo para entender como os alunos do 6º e 7º anos, que estão dentro da faixa entre 10 e 15 anos, por conseguinte, estão em processo de transição entre as fases de criança para adolescência.

O projeto-ação prosseguiu com três etapas significativas que foram denominadas de ação. A primeira ação se deu por meio do reconhecimento do espaço-local da comunidade onde os alunos estão inseridos e da história do bairro. Sendo assim, propusemos uma ação investigativa na internet, na própria ferramenta do Google. Nessa roda, ainda na primeira ação, os fundamentos do trabalho são apresentados, ou seja, como edificar o trabalho; como realizar a pesquisa em material que já tenha sido constituído, principalmente de livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos e outros.

Poder-se-á dizer, uma vez mais, que tudo isto requer tempo. Que não há tempo a perder, visto que existe um programa que deve ser cumprido. E uma vez mais, em nome do tempo que não se deve perder, o que se faz é perder tempo, alienando-se a juventude com um tipo de pensamento formalista, com narrações quase sempre exclusivamente verbalistas. Narrações cujo conteúdo "dado" deve ser passivamente recebido e memorizado para depois ser repetido (Freire, 1986, p. 53).



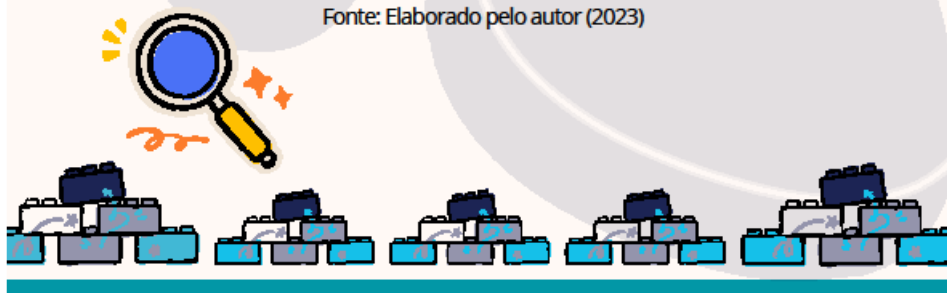
Nessa perspectiva, utilizando a pedagogia freiriana, o projeto-ação prosseguiu com três etapas selecionando os instrumentos digitais para a investigação a fim de facilitar no processo educativo, tais como celular, tablets, computadores e notebooks; assim, buscou-se realizar pesquisa online sobre o bairro do Anjo da Guarda. Por conseguinte, passamos para as coletas de dados, adquirindo-se informações importantes sobre o bairro do Anjo da Guarda.

É importante montar um cronograma para seguir as etapas.

Quadro 3 – Cronograma com etapas e atividades

ATIVIDADES	ANO: 2020 MESES	
	ABRIL	MAIO
Levantamento bibliográfico	x	
Elaboração do Projeto	x	
Apresentação do Projeto		x
Redação do Trabalho	x	x

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)



Como segunda etapa, levantou-se o conteúdo do livro didático adotado na escola na qual trabalhava as temáticas do período da Pré-História para relacionar o ensino de história com a investigação do bairro. Em seguida, propondo a participação ativa dos alunos-pesquisadores, a promoção do patrimônio local foi escolha pessoal dos alunos que fizeram uma galeria de quadros no intuito de promover o projeto-ação de pesquisa. Essa estratégia permite a utilização e a problematização de textos historiográficos na sala de aula. Então, passamos a apresentar trechos de textos de dissertações do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História - PROFHISTÓRIA. Para proporcionar um modelo a ser seguido, instituiu-se um painel enumerado, o qual poderá ser usado para a aplicação em qualquer escola do Ensino Básico.



Quadro 4 - Informações do Projeto

Nome do Projeto:
Cidade/Estado/Comunidade/ escola onde o projeto será efetuado
ORGANIZAÇÃO DA AÇÃO PROJETO <ul style="list-style-type: none">• A Ação Museu em Sala organiza suas ações e atividades de pesquisa por meio dos seus alunos, realizando a análise do livro didático do 6º e 7º anos do Ensino do Fundamental – Anos Finais.
Figura 5 –  Fonte: Acervo da Oficina (2022)



Em seguida, como proposta, a confecção e a Fonte: Acervo da Oficina (2022)

- apresentação das figuras da Prê-história para constituirmos o Museu em Sala. Os alunos passaram a efetuar em casa, trazendo os resultados para promover em classe a implantação do Museu em Sala.

TESE DE DOUTORADO EM CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO

Figura 6 - Produção artística de réplica



Fonte: Acervo da Oficina (2022)

- Após as ações de pesquisa direcionadas para a confecção dos quadros e objetos relacionados com o livro didático.



Na terceira etapa, seguindo da produção, ocorre uma apresentação em classe para o refinamento do conhecimento. A apresentação dos dados da pesquisa ocorre em um dia de culminância quando os alunos pesquisadores explanam o aprendido e os resultados em cada pesquisa.

Quadro 5 – Apresentação dos trabalhos

APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS

Seguindo a seguinte divisão:

- Leitura do projeto e abertura oficial das apresentações;
- As apresentações são divididas entre manhã e tarde;
- Cada turno tem as apresentações em dois grupos, onde se revezam durante duas horas de apresentação, sendo uma hora para o Grupo A e uma hora para o grupo B.

Exposição das produções dos alunos-pesquisadores.

Figura 7 - Exposição



Fonte: Acervo da Oficina (2022)



Figura 8 - Resultados dos trabalhos

Fonte: Acervo da Oficina (2022)

Figura 9 - Exposição dos resultados

Fonte: Acervo da Oficina (2022)



DOCUMENTOS ANALISADOS

- Documento I: Livro didático da Conquista
- Análise dos trabalhos da Professora de História Adriana Negreiros Campos, que fez uma exposição com objetos pessoais para chamar a atenção dos estudantes.

Figura 10 -

Fonte: Acervo da Oficina (2022)

- Link do vídeo que trata sobre a implantação do Museu na Obra de Tarsila do Amaral: <https://www.youtube.com/watch?v=RqpLoWtMb1E>.
- Documento II: Recortes de jornais do bairro do Anjo da Guarda, no Google.

Figura 11 -

Fonte: Pereira (2021)



SISTEMATIZAÇÃO: levantamento das ideias apresentadas inicialmente em confronto com as ideias construídas ao longo da Oficina Histórica pelos alunos-pesquisadores

- Com base nos documentos estudados, conseguem interpretar a importância do bairro Anjo da Guarda como um lugar histórico de São Luís?
- De que forma as evidências presentes nos documentos ajudam você a entender a luta dos moradores do bairro a resistirem e transformarem esse bairro no presente relacionado ao passado?
- Como a implicação de um museu poderá valorizar positivamente a região em conhecimento e em ações?
- Como as informações dos jornais podem contribuir como fontes bibliográficas?

NOTAS

Essa oficina-escola sempre será vista como um centro de educação primordial para a existência da sociedade, sendo um espaço de familiarização do sujeito com a História. A oficina propõe que o sujeito inove e busque conhecimento, conseguindo relacionar as fontes, e produzir a arte de forma sistemática para explicar a importância de criar neste tempo presente.

Para o professor, indica-se após a ação em sala, a produção de um artigo voltado para o ensino e apresentar à sociedade, referindo-se ao papel da escola na formação social e de conhecimento do sujeito, e como é importante no ambiente escolar.

No que concerne a adoção de estratégias didático-pedagógicas diversificadas, recorrendo a ritmos diferenciados e a conteúdos complementares. Os alunos conseguem relacionar fontes diversificadas à medida que são orientados, estimulados e indicados a suportar a tarefa. Nesse caso, é essencial apresentar-lhes, antes de tudo, o seu papel como sujeito do tempo presente e como ele transforma a sociedade que está inserido.



Oficina Histórica 4

APLICAÇÃO DO SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR DE INCENTIVO À PESQUISA -SEMIP
INTRODUÇÃO

No decorrer da segunda metade do século XX, o eixo Itaqui-Bacanga vem ampliando em diversos contextos, sendo no campo demográfico, cultural, político e educacional. Nesse espaço geográfico tão rico do Maranhão que encontramos a Escola pioneira quanto ao incentivo científico no segmento do Ensino Fundamental - Anos Finais: o Instituto Educacional Menino Jesus. A instituição preza pela observação e pelo acompanhamento das mudanças temporais, em especial, as que venham a refletir na formação profissional do ser, aplicando essa visão em seus projetos educacionais de acordo com a sua proposta pedagógica, respeitando a BNCC e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), com projetos de pesquisa voltados para a compreensão do espaço onde os discentes da escola estão inseridos.

Dessa forma, o ato de propor trabalhos eficazes de pesquisa materializa a perspectiva em oportunidades e, ao mesmo tempo, propicia ao alunado escolar o valor à sua autônoma forma de trabalhar, pensar e agir. Nessa ótica, tem-se a proposta de Projeto Seminário Interdisciplinar de Incentivo à Pesquisa (SEMIP), criado em 2016, pelo então professor de História, Welton Vale Pereira, nos parâmetros da educação. O Projeto tem mostrado, em seu diagnóstico, durante todas as suas edições, uma positividade extremamente importante na formação do aluno-pesquisador ao se postar diante da sociedade em todos os contextos por meio da interdisciplinaridade. No ano de 2023, o SEMIP tem uma marca propagada com a publicação de um livro e e-book reconhecidos em todo territorial nacional e, também, em uma esfera internacional. O Projeto busca pesquisar com a proposta de valorizar a relação professor/aluno dentro do eixo Itaqui-Bacanga.

A grande questão do Projeto é a resposta dada à sociedade. Tal resultado é analisado pela população que participa com uma estimativa de aprovação, dando, assim, caráter afirmativo para a sua continuidade, para os alunos e no olhar dos professores da instituição. Com a visão mais técnica e prendida nas próprias subjetividades, o projeto recebe um caráter fundamental, de modo que a análise foi baseada em dados de entrevistas, conversas e debates com alunos, pais, professores e a sociedade.



METODOLOGIA

Em sua ação, o Projeto busca sanar as deficiências no eixo da formação do pesquisador, estreitando a relação professor-aluno com a pesquisa, apresentando-a como uma das provedoras do bom convívio e de resultados no processo de ensino-aprendizagem. A ação do projeto requer mudanças por parte do aluno e provoca no discente o desejo de investigação, buscando expor suas subjetividades e mostrar seu olhar mediante contextos históricos, geográficos e culturais que são apresentados para a sociedade.

Dessa forma, o Projeto se volta para uma ação que propõe no sujeito uma formação que garanta a autonomia, indiciando-o a conhecer e a responder a sua comunidade por meio de uma atividade humanizada de aprendizagem e ensino capaz de ver como pessoa o sentido de educar e aprender. Para termos experiência e norte, analisamos o Instituto Educacional Menino Jesus, que tem referencial na região do Itaquí-Bacanga como uma escola de pesquisas, obtendo grandes resultados desde o ano de 2014 até ao presente ano letivo.

DADOS DA ORGANIZAÇÃO PROPONENTE

Quadro 6 – Dados da Organização proponente

• Razão Social:		
1.2 CNPJ:	1.3 Data de constituição:	
1.4 Inscrição Estadual: —	1.5 Inscrição Municipal:	
1.6 Endereço:		
1.7 Estado:	• Cidade:	• CEP:
1.11 Homepage:	E-mail:	1.12
• Representante Legal:		
• CPF:	• Identidade/Órgão Emissor:	

Fonte: Pereira (2021)

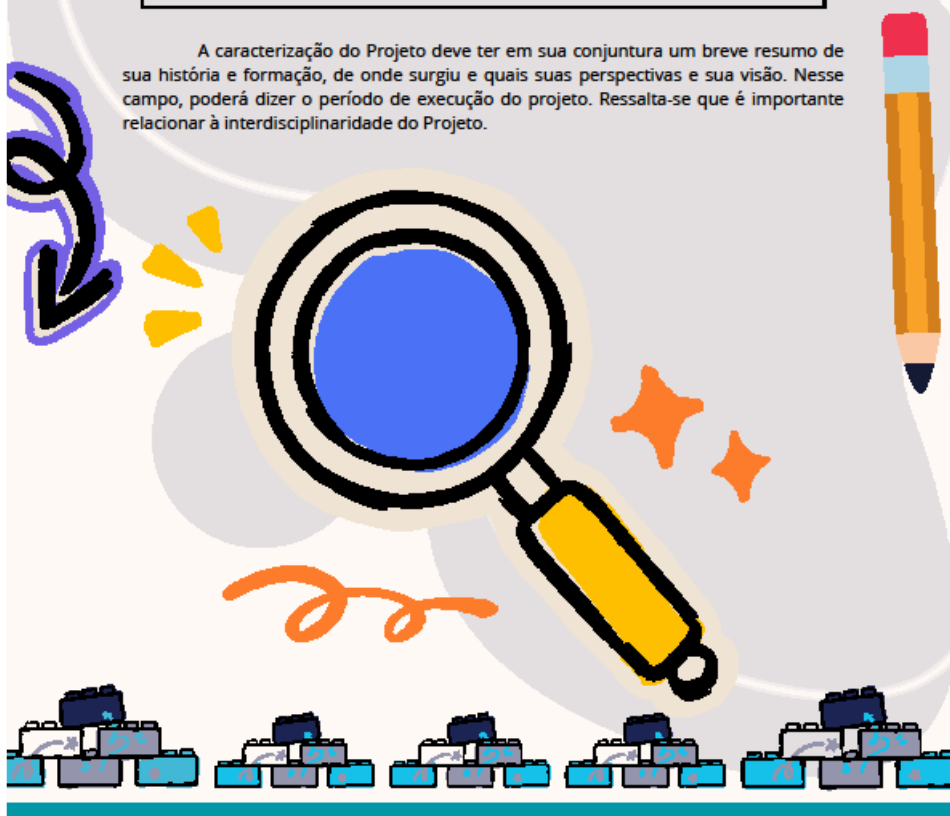


O primeiro passo para articular o Projeto Seminário Interdisciplinar de Incentivo à pesquisa é identificar a Instituição Proponente; aquela que propõe espaço e meios para que o trabalho seja executado; nesse caso, a escola. Após isso, é importante caracterizar o projeto.

INFORMAÇÕES DO PROJETO

- Nome do Projeto: Seminário Interdisciplinar de Incentivo à Pesquisa (IEM)- Anjo da Guarda)
- Cidade/Estado/Comunidade onde projeto será realizado: São Luís - MA, Comunidade do Anjo da Guarda, Escola Instituto Educacional Menino Jesus

A caracterização do Projeto deve ter em sua conjuntura um breve resumo de sua história e formação, de onde surgiu e quais suas perspectivas e sua visão. Nesse campo, poderá dizer o período de execução do projeto. Ressalta-se que é importante relacionar à interdisciplinaridade do Projeto.



RESUMO

O Instituto Educacional Menino Jesus, em suas atribuições como instituição educadora, realiza, em teor científico, o Seminário de Interdisciplinar de Incentivo à Pesquisa. Esse projeto ocorre anualmente, sendo dividido por classes e professores orientadores, bem como editado e coordenado pelo professor Welton Vale Pereira desde o princípio. O Projeto surgiu no ano de 2016, da compreensão entendida desde a fundação que a escola é um espaço transformador e necessário para a edificação social e moral da sociedade, oportunizando aos seus alunos a adoção de perspectivas e percepção no campo científico. Os resultados do projeto deram a presente comprovação da necessidade de manter o evento enriquecendo a sociedade discente e docente com o conhecimento sobre a formação de pesquisas pautadas nas normas e diretrizes vigentes. Incorporando o aprendizado próprio no cotidiano, tomando o discente precursor da pesquisa contínua, apto e capaz de melhor desenvolver as futuras apresentações e adaptação científica, sendo este capaz de proporcionar outras atividades de pesquisas e trabalhos mostrando as necessidades de desenvolvê-las pautadas no desenvolvimento da região local, do município, do estado ou em que lhe fizer o devido interesse. O SEMIP tem como caráter de pesquisa as elaboradas no decorrer de seis meses, em que o aluno é orientado por um professor da área selecionada e auxiliado por demais professores. A apresentação do projeto ocorre em um dia culminante no qual os alunos-pesquisadores explanam o aprendizado e os resultados em cada pesquisa. O projeto conclui com as premiações de pesquisas em um dia posterior, reconhecendo os esforços e trabalhos realizados de cada aluno-pesquisador. O gigantesco resultado obtido é visto até pelos ex-alunos que, hoje, detêm-se no Ensino Médio e nas faculdades de São Luís; caracterizando mais ainda o prestígio proveniente da elaboração e da fixação do projeto

A caracterização do eixo temático é fundamental e isso é definido pelo(a) professor (a) que coordenará o projeto. Nesse ponto, o(a) professor(a) identifica os eixos que o Projeto poderá trabalhar.



EIXO TEMÁTICO

X	Saúde	X	Educação	X	Pesquisas
	Outro:	Detalhes:			

Ainda na organização do Projeto, é importante que o(a) professor(a) caracterize o público-alvo. Nesse ponto, o(a) professor (a) identifica o público que participará das atividades mesmo que de forma indireta, caso queira.


PÚBLICO-ALVO DO PROJETO SOCIAL (número de beneficiados direto)

Características:						
O projeto beneficiará os alunos participantes e suas famílias, assim como a comunidade em geral.						
Crianças (0 - 9 anos)	Crianças (10 - 14 anos)	Adolescentes (15 - 17)	Jovens (18 - 29)	Adultos (30 - 59)	Idosos (60 - +)	Total
	300	50	50	80	10	500

Definição dos Beneficiários diretos: crianças e adolescentes, professores e pais da comunidade escolar. E isso contribui para organizar os objetivos do trabalho, como este estará instituído como geral e específicos.



OBJETIVOS**Objetivo Geral**

Apresentar a importância da formação do sujeito como histórico e pesquisador, responsável pelas transformações, os impactos e a História ocorridos em sua sociedade local, sendo estes protagonistas do seu processo de ensino-aprendizagem. Para organizar os objetivos específicos, o Seminário Interdisciplinar de Incentivo à Pesquisa propõe que seja articulado um gráfico apresentando os resultados esperados para que os professores que atuam no projeto tenham expectativas em cada ação constituída.



OBJETIVOS

Objetivos Específicos e Resultados Esperados

Objetivos Específicos	Resultados Esperados
<ul style="list-style-type: none"> Contribuir com índice de desenvolvimento educacional dos alunos participantes. 	Permanência de 80% dos alunos no trabalho de pesquisas na Educação Básica e no Ensino Superior, além de promover a reflexão sobre a importância de projetos no ambiente escolar com a finalidade de contribuir para a constituição projetos no ensino de História.
	Aumento de 80% na avaliação de desenvolvimento educacional dos alunos por meio de relatórios individuais
<ul style="list-style-type: none"> Aumentar o número de alunos atendidos. 	Elevação de 20% dos alunos atendidos para categoria de pesquisadores.
<ul style="list-style-type: none"> Capacitar professores em metodologias de ensino. 	Apresentação de métodos pedagógicos realizados a partir de estudos teóricos com base em projetos realizados em uma escola comunitária do Anjo da Guarda.
	Acompanhamento das atividades educacionais.
<ul style="list-style-type: none"> Contribuir para um efetivo acompanhamento dos pais e/ou cuidadores na vida educacional do educando. 	



Busca-se, em todas as edições, alcançar os objetivos na esperança significativa de formarmos e influenciarmos na formação de pesquisadores que se interessem em promover a nossa região. Assim, o aluno é visto como sujeito-histórico capaz de contribuir com o processo formativo próprio e da comunidade local. O próximo passo do trabalho é a fundamentação teórica do Projeto. Se vai aplicar a pesquisa com base teórica, os fundamentos do trabalho devem respirar o que incentiva, o que produz. O professor é o pesquisador que orienta, ensina e aprende a fundamentar; é ele que, inicialmente, busca para aplicar em sala.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No SEMIP, os participantes são agentes ativos e construtores e fazem parte de todo o percurso de construção do conhecimento científico como, por exemplo, pesquisas feitas sobre a feira do Anjo da Guarda; a degradação ambiental do entorno, como a poluição em trechos importantes do bairro e as praças como pontos para utilização de drogas. Esses temas e conteúdos tiveram como resultados diretos: a limpeza diária da feira e a coleta do lixo jogado nas proximidades do Hospital da Mulher e margens da BR-135 (Pereira, 2021, p. 51).

Para que esses resultados continuem positivamente firmes, este trabalho terá consistência em estudos pautados ricamente em referências teóricas somadas com o trabalho investigativo na comunidade. Todos os estudos são organizados, metodologicamente, na dinâmica escolar e buscam na arquitetura metodológica.

Nessa perspectiva, o Projeto busca analisar estudos já existentes, hipóteses, teorias e a estas contrapor e construir reflexões e informações alternativas e questionadoras (Pereira, 2021). Isso, por meio de coleta de dados (artigos, monografias, dissertação e livros) que discorram sobre as temáticas em questão, caracterizando o estudo como uma revisão bibliográfica de acordo com o que diz Prodanov (2013). Segundo Gil et al. (2018), o Projeto de Incentivo à Pesquisa trabalha, em grande parte, com revisão bibliográfica, na qual o estudo pauta.





A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas (Gil et al., 2018, p. 44).

Assim, este Projeto realiza um levantamento na base digital de dados da CAPES e nas instituições de ensino superior brasileira. Como prioridade, uma abordagem metodológica focada na pesquisa bibliográfica, consistindo em uma revisão da literatura especializada sobre o tema. Nessa perspectiva, buscou-se identificar artigos publicados em Língua Portuguesa, indexados acerca do tema no Brasil. Também propõe uma discussão qualitativa e descritiva, ressaltando o que fala Minayo (2010).

A coleta de dados ocorre para a obtenção de base teórica, no qual para este Projeto foram utilizados os estudos que continham os descritores e se situavam como os temas foram incluídos e fora dele excluídos. Como mecanismo de seleção bibliográfica, utilizou-se o fluxograma. O fluxograma utilizado é baseado no que pontua o de Steffen (2011), considerado como uma documentação dos passos consideravelmente necessários para possamos constituir a execução do procedimento em estudo, permitindo, assim, uma fácil visualização e, também, maior compreensão do processo como um todo.



Fluxograma

Fonte: Acervo da Oficina (2022)

A partir da elaboração da síntese da pesquisa, procede-se com o processo de redação e sistematização do que será tratado nos artigos. O estudo vem apresentar as ideias e descrições do material já selecionado. Assim, o Seminário Interdisciplinar de Incentivo à Pesquisa tem como principal objetivo formar alunos-pesquisadores. Pereira (2021, n.p.) afirma que "o SEMIP propõe ao aluno pesquisador o exercício de "cientificar as coisas", em lugar de falar o que lhe é imposto, formular suas próprias verdades, já que pesquisadores são cientistas livres". Ou seja, o Projeto vem resgatar a visão que o aluno é um protagonista; e, ainda que coordenados pelos seus professores/orientadores, eles têm autonomia para traduzir a realidade em que estão enquadrados.

O Projeto não precisa ser extenso em sua fundamentação, mas coerente e preciso o suficiente para que esteja de acordo com a Estrutura Metodológica inserida em seu corpo, contemplando como o Seminário Interdisciplinar de Incentivo à Pesquisa em sua busca por inovar em ciência e produção as realizações das pesquisas e as apresentações.

ESTRUTURA METODOLÓGICA DO SEMIP

Para a estrutura metodológica do projeto, utiliza-se do que aponta Freire ao assinalar que o conhecimento faz sentido para o estudante quando o transforma em sujeito que pode transformar o mundo, sendo, então, a educação uma forma de "libertar" o aluno. Os temas transversais serão incluídos para enriquecer os conteúdos trabalhados em sala de aula, como cidadania, literatura e consciência ecológica, apresentarão as atividades em banners, slides, mesas redondas, rodas de debates, promovendo às crianças relacionar-se com a coletividade e consigo mesmo, além de promover o incentivo à pesquisa.

O Seminário Interdisciplinar de Incentivo à Pesquisa se encontra organizado em uma divisão de fases, sendo cinco fases que compreendem do início das pesquisas à culminância do evento de acordo com o quadro programático.



QUADROS DAS FASES DO PROJETO
Quadro 7 – Fases do projeto
Primeira Fase: Abertura e realização das pesquisas.

• A abertura do projeto, realizada no dia 15 de março de 2023, deu-se com a leitura do projeto e a apresentação dos professores/orientadores sobre as pesquisas e os seguintes grupos de estudos e pesquisas que serão orientadas pelos seguintes professores nas respectivas turmas.

Turma	Professor – Orientador	Áreas de pesquisas	Organização das turmas e equipes
6º A	Elizama Rocha	Estudos da Língua Inglesa	3 equipes e trabalhos de pesquisas
6º B	Josilene Araújo	O estudo de Ciências em uma nova Perspectiva	3 equipes e trabalhos de pesquisas
6º C	Benegilson Silva Ferreira	O estudo da Matemática	3 equipes e trabalhos de pesquisas
6º D	Anderson Luiz Rocha Alves	O Esporte como alternativa para uma vida saudável	3 equipes e trabalhos de pesquisas
7º A	Billie Jean Gatinho Soares	Política e Geografia do Itaqui-Bacanga	3 equipes e trabalhos de pesquisas
7º B	Tânia Maria	Discussão da Língua Portuguesa	3 equipes e trabalhos de pesquisas
7º C	Angela	Discussão da Língua Portuguesa	3 equipes e trabalhos de pesquisas
7º D	Francilene Chaves	História e Arte	3 equipes e trabalhos de pesquisas
8º A	Alpha Barros	Geografia e Turismo no Itaqui-Bacanga	3 equipes e trabalhos de pesquisas
8º B	Alcino Silva	A Matemática	3 equipes e trabalhos de pesquisas



Turma	Professor – Orientador	Áreas de pesquisas	Organização das turmas e equipes
8º C	Welton Vale Pereira	História, Memória e Discussão Patrimonial	7 equipes e trabalhos de pesquisas
9º A	Caroline Aguiar	Literatura e sociedade	5 equipes e trabalhos de pesquisas
9º B	Gleison Ribeiro	Socioemocional e atividades de valorização do estudante	3 equipes e trabalhos de pesquisas
9º C	Moisés Rodrigues	Estudo filosóficos	3 equipes e trabalhos de pesquisas

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

- O Projeto é anunciado com duração de 6 (seis) meses, porém o último mês será para sistematizar informações em relatórios, digitalizar e organizar documentos para encaminhá-los para a elaboração dos banners e folders.

Segunda Fase:

- Início das atividades de pesquisas;
- Os professores passam a discutir nas salas os temas pré-selecionados;
- Simultaneamente a este processo, outra atividade metodológica a ser realizada é o acompanhamento do rendimento escolar dos alunos através de aplicação de avaliação, reunião com pais e professores;
- Elaboração dos planos de ensino, a partir do diagnóstico;
- Será elaborado um diagnóstico rápido participativo sobre a realidade das turmas e os pontos de melhoria a serem desenvolvidos com os alunos-pesquisadores das séries do Ensino Fundamental – Anos Finais.
- Os professores-pesquisadores irão considerar os aspectos culturais, sociais e humanos de cada aluno, para ouvi-lo e entendê-lo melhor, objetivando a compreensão de leitura do mundo através do conhecimento.



- O professor de História, coordenador do projeto, contempla 20 minutos de suas aulas com a introdução de metodologia à pesquisa e trabalhando com os alunos da região do Itaqui-Bacanga, em especial o bairro do Anjo da Guarda.
- Passa-se a ensinar o que são os objetivos, segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 124):

“Os objetivos devem ser sempre expressos em verbos de ação. Esses objetivos se desdobram em: a) Geral: está ligado a uma visão global e abrangente do tema. Relaciona-se com o conteúdo intrínseco, quer dos fenômenos e eventos, quer das ideias estudadas. Vincula-se diretamente à própria significação da tese proposta pelo projeto. Deve iniciar com um verbo de ação. b) Específicos: apresentam caráter mais concreto. Têm função intermediária e instrumental, permitindo, de um lado, atingir o objetivo geral e, de outro, aplicar este a situações particulares”.

• Em seguida, propõe que os alunos em equipes criem seus objetivos com base nas pesquisas. Após essa etapa finalizada, discutimos como se produz a citação já trabalhada com os alunos na disciplina de História, nos trabalhos e nas aulas

Terceira Fase: Constitui do que foi realizado a partir da primeira etapa em um acompanhamento do professor de História e os demais professores que seguem as atividades de explicação e orientação sobre o que é pesquisa, citação direta e indireta; Tema; Objetivos; Fundamentação Teórica; Metodologia Resultados; Conclusão e Referências.

O acompanhamento e a orientação por parte do professor de História é fundamental, não somente pela coordenação do Projeto, mas para formação do sujeito como sujeito histórico, que trabalha a partir dessa disciplina novos meios de atribuir suas ações na sociedade local



Quarta Fase:

Nesta fase, o acompanhamento educacional continuará acontecendo de segunda-feira a sexta-feira no contraturno dos alunos-pesquisadores, aplicando as metodologias de pesquisas de acordo com os parâmetros normativos segundo à ABNT, que todos os professores-pesquisadores passaram em seu processo de formação na formação, relacionando o aprendizado na faculdade com sua atuação na escola.

Durante esta fase, os professores observam e acompanham o processo de ensino e aprendizagem baseados no processo de pesquisas nos seguintes eixos norteadores:

- Eixo de pesquisas: desenvolvem pesquisas de campo, revisão bibliográfica, análises de dados;
- Eixo discussão e apresentação: realizam apresentações, organização, análise de posturas, atividades diversas;
- Eixo artes visuais: demonstram habilidade e competências com autonomia nas produções artísticas;
- Eixo linguagem oral e escrita: desenvolvem habilidade de interpretação condicionada pela leitura, reconhecem a literatura científica em diversos contextos;
- Eixo da matemática: compreendem as noções de grandeza, medida, posição, capacidade e estatística;
- Eixo natureza e sociedade: conscientização e preservação do meio ambiente, ações e estudos na região, discussões e propostas de intervenção.

As pesquisas, nesta etapa, passam para a estrutura de resumo expandido seguindo as normas da ABNT, tem que ser firmado, obrigatoriamente, em fundamentações teóricas, podendo ser apresentada em duas formas: pesquisas de campo e pesquisas bibliográficas.



AÇÕES E BREVE CONCEITUAÇÃO DE PESQUISA DE CAMPO

Sabe-se que, na Pesquisa de Campo, o pesquisador realiza a observação de forma bastante cautelosa do objeto de estudo e como caracteriza a forma que esse objeto se comporta no seu ambiente real inserido.

O professor de História propõe oficinas e aulas/ação para coleta de dados referentes ao objeto de campo para que os alunos-pesquisadores efetuem a análise e a interpretação desses dados. É importante ressaltar que é considerada de boa qualidade a pesquisa que busca retratar o contexto histórico em que se encontra o objeto de estudo. Para isso, o professor busca primeiro definir em classe os conceitos; em seguida, que seja realizada uma pesquisa de campo no próprio ambiente escolar (entrevistas, análise de gravuras e do espaço, observar as permanências e as mudanças). Após isso, busca relacionar com as informações do que diz Prodanov e Freitas (2013).

PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Para a Pesquisa Bibliográfica, o Pesquisador tem que fazer a delimitação do que será pesquisado. Definir a pesquisa é fundamental para poder levantar os dados dos conteúdos ou as temáticas disponíveis para realizar leitura com a finalidade de organizar os materiais para o encontro. É importante salientar que o pesquisador diversifique as fontes de pesquisas. Nesse sentido, o material adquirido tem que ser rico em informações para a refinação dos resultados que são solicitados nos objetivos.

Tudo deve ser analisado de forma crítica e pontual, logo, o pesquisador deve, cientificamente, basear-se em teóricos e demais pesquisas já existentes, confrontando ideias ou complementando a partir de uma nova perspectiva ou visão. O Pesquisador deve ser minucioso na seleção dos artigos já existentes para consolidar a sua visão em torno do objeto de pesquisa. Uma atividade recomendada é que se escolha um assunto do livro que está sendo abordado em classe e buscando várias fontes que possam relacionar e realizar uma rápida pesquisa em classe com o uso de definições da pesquisa científica.



Quinta Fase - Exposição dos trabalhos científicos:

Todos os trabalhos no Projeto Seminário Interdisciplinares deverão conceituar, em sua edição, a Fundamentação Teórica em sua estrutura, relacionando as fontes em busca de um resultado ou conclusão. Assim, as pesquisas devem, obrigatoriamente, obter: Tema/linha de estudo ou da Pesquisa; Resumo; Abstract; Introdução (neste ponto da pesquisa, apresentam-se os Objetivos - Geral e Específicos); Fundamentação Teórica; Metodologia; Conclusão e Referências. Alguns trabalhos poderão apresentar Resultados, cujo ponto dependerá do que apresenta o pesquisador, não será um item obrigatório.

Todas as pesquisas são apresentadas nos moldes dos Banners que detém de prazo para a impressão na gráfica. O professor-orientador poderá, junto à sua turma, após as ações de pesquisas, direcionar ao coordenador do projeto o banner montado no powerpoint para que este seja impresso para a apresentação final dos dados da pesquisa que ocorrem em um dia de culminância quando os alunos pesquisadores explanam o aprendizado e os resultados em cada pesquisa. Para a apresentação em moldes de banners, terão que apresentar os seguintes pontos de acordo com o gráfico:

Quadro 8 - Gráfico Estrutural dos Banners

Elementos pré-textuais	<ul style="list-style-type: none"> • Título do Evento ou da Instituição de Ensino; • Nome(s) do(s) autor(es); • Nome dos orientadores; do orientador responsável pelo trabalho
Linha de Estudo e Pesquisa	Título e subtítulo do trabalho (se houver)
Elementos textuais	<ul style="list-style-type: none"> • Introdução; • Objetivos (Geral e específico); • Fundamentação teórica • Material e Métodos; • Resultados; • Conclusão
Elementos pós-textuais	• Referências



Figura 10 - Banners de Apresentação



INSTITUTO EDUCACIONAL "MENINO JESUS"
 "VALORES SÓCIO-CIVIS E CIDADÃOS ORGANIZADOS"
 "PROFUNDIDADE DE DEBATE"

DEPARTAMENTO ENSINO FUNDAMENTAL II
COORDENADOR: PEREIRA, Welton Yzle
PROF. ORIENTADOR: SOARES, Dillie Jean Gatinho;
ALUNOS-PESQUISADORES: ARAÚJO, Renner; CORDEIRO, Larissa;
MARQUES, Aery; MESQUITA, Maryanny; OLIVEIRA, Mariã; SILVA, Samhi;
SOUSA, Liz.



RECICLAGEM NO MEIO AMBIENTE

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, inicialmente feito em grupo, acabou-se após a realização do Lúmen (2005) e só o aluno Aço da Guarda ficou em processo de articulação no São Luis, no ano seguinte ao grupo de Inglês, Ciências, e que foi produzido nos dois campos (União, Barrocas, Lorena, Montanhas, 2006). Não obstante, além de contribuir "idade industrial" (Lima, 2006), também estimulou a integração do Lúmen da Guarda e procura a integração, através de textos, imagens e outros meios gráficos de construção conceptual e surgiu os estudantes foram os primeiros passos no processo de organização e comunidade de estudantes para o grupo acadêmico (União, Barrocas, Ciências, Montanhas, 2006).

Diante da necessidade de atuação no comunidade, a população, sob influência da igreja católica iniciou a criação comunitária. Foram realizados diversos "encontros", visando a organização dos moradores em vários lugares. Como resultado, surgiram algumas reuniões para ajudar pessoas, como ajuda na construção e reparo de casas, organização de atividades e em geral, dando-se início de formação do núcleo de moradores que atualmente atua no bairro de São Luis.

A falta de Aço da Guarda, sendo um lugar bastante frequentado apresenta diversos problemas, principalmente que prejudicam o ambiente de diversos bairros.

Com isso, nosso grupo de estudantes pesquisadores, realizamos um levantamento, abordando os principais problemas e possíveis soluções para a melhoria da favela Aço da Guarda.

PROBLEMATIZAÇÃO

Foi possível observar que no Favela de Aço da Guarda existem os seguintes problemas: Higienização, menor tempo em ônibus, falta, sem ônibus, falta de água potável, falta de infraestrutura social e urbana, pouco ou nenhuma disponibilidade de alimentos, necessidade de melhorias, melhoria de infraestrutura, aumento de crimes no local, entre outros.

OBJETIVOS

Analisar a comunidade de Favela de Aço da Guarda para a comunidade visando sua problemática e suas causas adjacentes.

DESENVOLVIMENTO

Na prática, após observação e análise de informações coletadas no favela Aço da Guarda, abordando as seguintes questões e aspectos:

- Investigar se a favela de Aço da Guarda atende as demandas da comunidade;
- Investigar como é realizado o abastecimento das famílias, bem como a disponibilidade de alimentos;
- Alertar os moradores quanto ao desperdício de alimentos e descartar irregularidades em relação a resíduos sólidos na favela ou no proximidade desta.

METODOLOGIA

Foram realizadas levantamentos bibliográficos por meio de artigos disponíveis no Google acadêmico. Além disso pesquisas em campo foi realizada através de entrevistas de pesquisadores públicos sobre a questão apresentada no texto. Em seguida, foram feitas entrevistas com moradores de favela e as favelas, em seguida partimos para elaborar material representativo.

REFERÊNCIAS Dantas, Leidy da Silva. Niterói: público. Anápolis, terra e comunidade: espaço urbano região Inapi - Itaboraí. São Luis (MA) / Lado de São Luis - São Luis, 2011.

RESULTADOS



Foram feitas uma amostra de 18 pessoas, porém foram de 12 pessoas, segundo os resultados. Observamos que 80% das entrevistadas tinham projetos acadêmicos criados a partir dos estudos. Mas a maior organização é a possibilidade de fazer parte e ajudar aos idosos e frequentadores da favela.

CONCLUSÃO

Depois de uma série de possibilidades de Aço da Guarda, do trabalho pelo trabalho de favela, não é mais uma comunidade. Além de diversos frequentadores de favela, a cidade também não atende as necessidades da comunidade há muito tempo, de acordo com moradores e frequentadores da favela, por exemplo, não se tem feito investimentos no âmbito social em outras partes. A situação é mais complicada ainda no Aço da Guarda, São Luís. A vida está praticamente parada, pelo fato de não ter investimento. Um trabalho realizado para a melhoria, não tem muito espaço. A maioria está dentro e outros, que podem ser melhor de dentro.

Além de resultados positivos por parte da população, a população comunitária realizou que tem que ser feita a educação por parte de melhorar o nível de vida. As pessoas não possuem local para jogar e relaxar no meio da favela. Não possuem um espaço para jogar, além de melhorar o nível de vida, dentro da favela, de outros lados de fora, não tem espaço que possam para isso. Quando chegar a situação, que podem ser melhor de dentro.

Quando chegar a situação, que podem ser melhor de dentro. Todos colaram foto aqui, se fizeram, receberam aqui de fora.

Mesmo, com todos os resultados de melhorias, não é possível a União de favelas. Quando chegar a situação, que podem ser melhor de dentro. Quando chegar a situação, que podem ser melhor de dentro.

Por meio de observações, a população realiza a construção de projetos de ajuda, (até que se dispõem recursos a ser aberto, a implementação de uma rede de água sanitária para atender as necessidades da comunidade e a melhoria de favelas internas para evitar a situação de favela sem condições, que sejam mais elevadas e mais melhores". Estes são frutos das relações sociais e morais de Aço da Guarda.

Fonte: Acervo do Projeto (2022)



O processo de organização, no decorrer de um Projeto, não é uma tarefa fácil, pois requer bastante cautela e habilidade por parte de quem irá executar tal missão. Diante disso, entende-se que é necessário um amplo planejamento da coordenação do projeto e todos que o apoiam, assim como dos orientadores e do aluno enquanto pesquisador e alvo principal de um projeto pedagógico. Então, ressalta-se a importância do planejamento sobre todos os custos, toda a equipe e a estrutura do evento. Nesse sentido, expõe-se, nos seguintes quadros organizacionais, alguns pontos fundamentais sobre a estrutura do Projeto Seminário Interdisciplinar de Incentivo à Pesquisa (SEMIP).



Quadro 9 - Funcional I

Material ou serviços pedagógicos	O material escolar e os materiais ou serviço para atividades de pesquisa será adquirido de acordo com a demanda descrita após o planejamento do professor/orientador.
Assessoria de comunicação	Será a responsável pelo material e os insumos da comunicação interna e externa do projeto.
Analista financeira	É responsável pelo gerenciamento financeiro do Projeto e auxiliará nas atividades da área financeira de conciliação bancária do Projeto.
Os professores/orientadores	Os responsáveis pelo acompanhamento e ensino dos alunos-pesquisadores juntamente com a coordenação do Projeto.
Direção escolar e Coordenação Pedagógica	Os responsáveis por toda estrutura de apoio pedagógico, psicopedagógico e administrativo juntamente ao coordenador do Seminário Interdisciplinar de Incentivo à Pesquisa.
Coordenação do Projeto	Responsável pela edição, organização e estrutura do projeto, assim como avaliar e revisar as pesquisas, somando ao firme papel de orientação e pesquisador.

Fonte: Acervo da Oficina (2023)



Para a sua manutenção, o projeto está condicionado a ações de custos financeiros, a fim de conciliar os seus fundamentos com a necessidade de ampliar o campo de pesquisa. Para melhor estrutura, organizar as etapas, o processo avaliativo e orçamentos do Projeto, produzimos as seguintes fichas catalográficas e planilhas indicando o público e as ações que fazem parte do corpo estrutural do SEMIP.

Quadro 10 - Disposições de custos

Recurso	Valor unitário	Quantidade	Valor total
Computadores			
Banners			
Certificados			
Microfone			
Camisas			
Filmagem			
Iluminação e produção			
Água			
Copos descartáveis			
Compra/aluguel: Estrutura de som			
Lanche			
Almoço			
Chaveiros, adesivos e copos			
Pesquisas de campo (passagem, lanches, água)			
Soma total	_____	_____	_____

Fonte: Acervo da Oficina (2023)



No decorrer das seis edições, o Projeto foi sustentado por uma rifa que continha doces e itens eletrônicos. Mas, à medida que o projeto crescia, surgia novos parceiros, tais como a Minenadora Vale, a Universidade Federal do Maranhão, o terceiro setor ACIB e outros, visto que os resultados são dados a todo o eixo do Itaqui-Bacanga em uma estrutura de grande porte no campo escolar/científico.

Outra alternativa para manter o projeto é incentivar para que os alunos efetuem uma taxa de contribuição, todavia ocorre um déficit financeiro devido à extensão do projeto. Para a organização financeira do Projeto, o coordenador de disciplina Inaldo Garcia de Melo ficará responsável pela contabilidade e arrecadação dos recursos, sendo nomeado o técnico financeiro do Projeto.

SOBRE A AVALIAÇÃO

A avaliação se estende por todo o projeto e acompanha, continuamente, seu andamento, bem como identifica as ações adequadas em situações em que o desempenho do projeto desvia significativamente do plano. Assim, é entendida como ferramenta de gestão que possibilita analisar em que medida as ações desenvolvidas estão sendo efetivas. Realizada de forma colaborativa, a avaliação permite acompanhar e aprimorar as ações desenvolvidas; construir metodologias; mensurar e comunicar resultados dos projetos em execução, corrigir rumos e planejar o futuro.

Nesse sentido, o processo de acompanhamento e avaliação se baseia nos objetivos e indicadores de resultados do projeto. Para organizar as informações e alinharmos o processo de avaliação do projeto, a equipe deverá apresentar um plano de avaliação de acordo com o modelo de matriz avaliativa (marco lógico). A avaliação no Projeto é aproveitada como nota mensal de 7,0 a 10 pontos. As notas serão cabíveis a todos os professores sem que possam ser alteradas. A notas do SEMIP serão aplicadas pelo professor-orientador, sendo a seguinte soma:



Quadro 12 – Soma das notas

Aluno	Nota de Participação e pesquisa	Nota de organização da equipe	Nota de Apresentação: Oralidade, domínio do conteúdo.	Total:
André Henrique	2,0	10	10	7,0
Júlia Azevedo	10	10	10	10

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Nesse caso, o avaliador tem que ter seriedade e respeito, sem bandeiras, partidos ou preferências, para o processo de efetuação de notas. Caberá a nota de apresentação e desenvolvimento do aluno, no decorrer do processo de pesquisa, além da desinibição do aluno para com o processo. É necessário, sempre independente da relação do aluno com a disciplina ou o professor, ter seriedade no processo de avaliação e confirmação das notas, levando-se em consideração o esforço pleno do aluno e do desempenho de suas habilidades técnicas e, principalmente, cognitivas. Para isso, o professor não poderá deixar de organizar o planejamento das pesquisas e dos resultados juntamente com seus alunos, assim, pontuará, de fato, de forma justa e eficaz o seu aluno-pesquisador.



CRONOGRAMA

ATIVIDADES	ANO: 2020				
	Meses				
	JUN	JUL	AGO	SET	NOV
Levantamento bibliográfico	x				
Elaboração das atividades	x	x	x	x	
Atividades de pesquisas					x
Redação do Trabalho	x	x	x	x	x
Entrega do Artigo					x

DOCUMENTOS

DOCUMENTO I: Trechos do livro de Cleber Cristiano Prodanov (2013).

Referência: PRODANOV, Cleber Cristiano. Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.



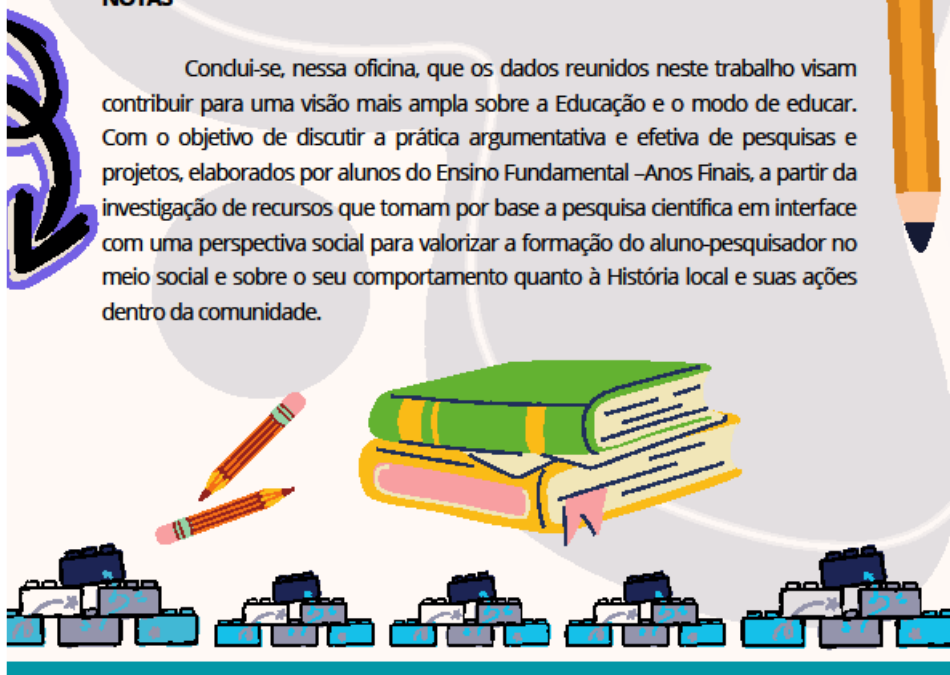
DOCUMENTO II: Monografia de Welton Vale Pereira.

Referência: PEREIRA, Welton Vale. Métodos e Práticas de Ensino em História: aplicação do Projeto Seminário Interdisciplinar de incentivo à Pesquisa SEMIP em uma escola comunitária no âmbito do Ensino Fundamental II em São Luís do Maranhão. 2021. 89 f. Monografia (Graduação em História) - Curso de História, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2021.

DOCUMENTOS III: Imagens localizadas em jornais, revistas e publicações sobre o Itaqui-Bacanga e o bairro do Anjo da Guarda.

NOTAS

Conduziu-se, nessa oficina, que os dados reunidos neste trabalho visam contribuir para uma visão mais ampla sobre a Educação e o modo de educar. Com o objetivo de discutir a prática argumentativa e efetiva de pesquisas e projetos, elaborados por alunos do Ensino Fundamental –Anos Finais, a partir da investigação de recursos que tomam por base a pesquisa científica em interface com uma perspectiva social para valorizar a formação do aluno-pesquisador no meio social e sobre o seu comportamento quanto à História local e suas ações dentro da comunidade.



Por via de observação do andamento da pesquisa, da responsabilidade do aluno-pesquisador e seu empenho no trabalho e da avaliação por parte dos pais e responsáveis do desenvolvimento e da aprendizagem notória dos alunos; e, principalmente, pelo viés dos resultados encontrados nas pesquisas e seus destaques elaborados pelos alunos-pesquisadores. Com este projeto, é possível aprender a trabalhar de forma mais equilibrada e eficaz todos os campos do conhecimento incentivando o aluno a dar resposta social à comunidade em que vive, transformando-a em um verdadeiro berço do saber e de oportunidades, criando estratégias para promover determinadas saídas para certas problemáticas que surgem e intervêm no benefício de todos.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. Escola reflexiva e nova racionalidade. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ARAUJO, Ulisses. Temas transversais e a estratégia de projetos. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do projeto à avaliação. In: Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga: Centro de Investigação em Educação (CIED)/Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004. p. 131-144.

BARCA, Isabel. Isabel Barca fala sobre o ensino de História. Revista Nova Escola, 2013. Entrevistada por: Bruna Nicolielo. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/930/isabel-barca-fala-sobre-oensino-de-historia>. Acesso em: 02 out. 2023.



BASCHEIRA, Deise Angelica Pasquali (1966). Ensino de história e projeto integrado possibilidades para a geração de aprendizagens significativas no ensino médio. 2015.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/96, de 20/12/1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394. Acesso em: 02 out. 2023.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução. 3. ed. Brasília: MEC/SEF, 2001.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro051.pdf>. Acesso em: 02 out. 2023.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente e ensino de História. Revista História Hoje, v. 2, n. 4, p. 19-34, 2013.

FARIAS, Walkiria Cléa da Silva. A construção do PPP na pré-escola em Picuí-PB. João Pessoa: UFPB, 2014.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, Antônio Carlos et al. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2018.



GRAMSCI, Antônio. Os Intelectuais e a organização da cultura. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

HOBBSBAWM, Eric J. (1917). Sobre História. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais, Ciências Humanas e suas Tecnologias. Brasília, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/CienciasHumanas.pdf>. Acesso em: 02 out. 2023.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente e ensino de História. Revista História Hoje, v. 2, n. 4, p. 19-34, 2013.

FARIAS, Walkiria Cléa da Silva. A construção do PPP na pré-escola em Picuí-PB. João Pessoa: UFPB, 2014.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, Antônio Carlos et al. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2018.

GRAMSCI, Antônio. Os Intelectuais e a organização da cultura. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.



HOBBSAWM, Eric J. (1917). Sobre História. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais, Ciências Humanas e suas Tecnologias. Brasília, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/CienciasHumanas.pdf>. Acesso em: 02 out. 2023.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: História e Memória. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.

LE GOFF, Jacques (1924). História e memória. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1990.

MINAYO, M. C. S. (Org). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MONTENEGRO, Ana Maria da Costa. Ensino de História: Das Dificuldades e Possibilidades de um Fazer. In: DAVES, N. (Org). Para Além dos Conteúdos no Ensino de História. Niterói: Eduff, 2000.

NASCIMENTO, Senhorinha Silva do. Ensino de História em escolas públicas e particulares de Belém Pará: encaminhamento pedagógico e comprometimento Ideológico. 2015. Tese (Doutorado em Ciências da Educação), Universidade de Évora, Évora, 2015.



NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. *Pedagogia dos projetos: etapas, papéis e atores*. 4. ed. São Paulo: Érica, 2008.

PEREIRA, Welton Vale. *Métodos e Práticas de Ensino em História: aplicação do Projeto Seminário Interdisciplinar de incentivo à Pesquisa SEMIP em uma escola comunitária no âmbito do Ensino Fundamental II em São Luís do Maranhão*. 2021. 89 f. Monografia (Graduação em História) - Curso de História, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2021.

PRODANOV, C. C; FREITAS, E. C. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

STEFFEN, Roberto Fernandes. *Análise da implantação do Macroprocesso do Crédito Tributário como uma ferramenta de redução de custos e otimização da receita tributária*. 2011. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

TIBA, I. *Disciplina: limite na medida certa*. São Paulo: Integrare, 2006.



Welton Vale Pereira (Autor)

Mestrando em Ensino de História pelo programa PROFHISTÓRIA, graduado em Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal do Maranhão; Especializando em Educação a distância e Tecnologias Aplicadas pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão - IFMA. Pesquisador na Linha de Estudo e Pesquisa em Educação e Metodologias de Ensino; História Local do Bacanga, Política e Sociedade, Educação Financeira e desenvolvimento de Projetos. Desenvolve palestras, formações pedagógicas, consultoria educacional e de projetos. Autor e coordenador do projeto Seminário de Incentivo a Pesquisa - SEMIP.



<http://lattes.cnpq.br/5151025069593926>

Marize Helena de Campos (Orientadora)

Professora Associada III do Departamento de História da Universidade Federal do Maranhão - UFMA e do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória - UFMA) Área de concentração: Ensino de História - Linha de pesquisa: Saberes Históricos em Diferentes Espaços de Memória. Possui graduação em História pela Universidade de Mogi das Cruzes - UMC, mestrado em História Social e doutorado em História Econômica pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH / Universidade de São Paulo - USP. Realizou Doutorado Sandwich - SWE - CNPq e Estágio Pós Doutoral - CAPES no Instituto de Ciências Sociais - ICS da Universidade de Lisboa - UL. Em 2017, permaneceu como Investigadora Visitante no Centro de Humanidades (CHAM) da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, Centro no qual, desde 2020, passou a integrar o corpo de Investigadores Colaboradores, vinculada ao Grupo de Investigação Dinâmicas Sociais, Económicas e Políticas, coordenado pela Dra. Nunziatella Alessandrini. Em 2022, desenvolveu a pesquisa "Mulheres no santo ofício: elementos para a compreensão do trabalho feminino nos séculos XVI e XVII em Lisboa segundo a documentação inquisitorial? no âmbito do Estágio Pós Doutoral no Centro de Humanidades (CHAM). Também integra o Projeto Internacional TraPrinq "TRANSCREVER OS PROCESSOS DA INQUISIÇÃO PORTUGUESA (1536-1821) TRANSCRIBING THE COURT RECORDS OF THE PORTUGUESE INQUISITION (1536-1821)" FCT PROJECT REFERENCE: EXPL/HAR-HIS/0499/2021 (FCT PORTUGAL UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA - CHAM). Suas áreas de atuação versam especialmente sobre História das Mulheres, História da Inquisição e Ensino de História. ORCID ID 0000-0002-9501-6237 / CIÊNCIA ID 9814-0970-5990.

